



# MALDIÇÕES E SANGUE

LIVRO QUATRO

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*  
KIM RICHARDSON

MALDIÇÕES  
E  
SANGUE

ARQUIVOS SOMBRIOS

LIVRO QUATRO

KIM RICHARDSON



KR PUBLISHING

Esta é uma obra de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas ou locais reais são usadas de forma fictícia. Os demais nomes, personagens, locais e acontecimentos são um produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com eventos factuais, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Maldições e Sangue, Arquivos Sombrios, Livro Quatro  
Copyright © 2022 por Kim Richardson  
Traduzido por Ana Paula Moreira Maia  
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução,  
em todo ou parte, sob qualquer forma.

# CONTENTS

[Title page](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Caçada Sombria](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)

MALDIÇÕES  
E  
SANGUE

ARQUIVOS SOMBRIOS

LIVRO QUATRO

KIM RICHARDSON



KR PUBLISHING

O sangue formava uma poça ao redor da cabeça do homem, vazando do único buraco de bala localizado bem no meio da testa dele. Seus olhos estavam arregalados e fixos no teto. Seu rosto estava pálido devido à perda de sangue. O ar cheirava a uma mistura de fluidos, concreto e ovos podres, com um leve odor subjacente de bengalinhas de açúcar.

Contudo, havia algo mais na brisa, algo quase abaixo do meu limiar da consciência. Algo antigo, sombrio e mortal: a energia das Trevas e a magia selvagem dos feéricos.

A julgar pela cor cinzenta e cerosa de sua pele, o roxo nas pontas dos dedos e os lábios pálidos, o corpo ainda estava “fresco”, não havendo iniciado o segundo estágio de decomposição, o que significava que sua morte tinha acontecido de seis a doze horas atrás.

Feéricos eram uma das outras raças mestiças que podiam conjurar magia, além dos elfos e de nós, bruxas. Embora a magia deles fosse poderosa e complexa, era mais selvagem, mais feroz que a nossa e mais próxima do poder de um demônio. E pela agitação da energia ainda pairando no ar, o feérico morto com certeza tinha um caminhão cheio de magia.

Tendo em vista que seu cabelo castanho flácido estava ficando grisalho e que seus olhos eram marcados nos cantos por pés de galinha, imaginei que ele estava na casa dos cinquenta, mas eu poderia estar enganada. Afinal, feéricos não envelheciam como o resto de nós, mestiços. Sortudos. Eles envelheciam mais devagar, suas vidas se estendendo pelo menos cinquenta anos a mais do que a vida de uma bruxa. Totalmente injusto.

Feéricos não eram minha raça mestiça favorita. Eu gostava deles tanto quanto gostava de um mosquito. Ainda assim, apreciava suas orelhas pontudas. Eu sempre achei que ficaria incrível com um par de orelhas fofas e pontudas como as deles.

Porém, deixando isso de lado, a cena tinha sido, claramente, uma execução. O feérico não tivera nenhuma chance.

Movi-me ao redor do corpo, mas não consegui ver nenhum sinal de luta. Sem feridas que indicassem uma tentativa de defesa, sem hematomas em sua pele. Suas mãos eram delicadas e limpas, como as mãos de um

banqueiro ou de alguém que passara a maior parte de sua vida manuseando papel ou apertando teclas em um computador, sentado em cadeiras imponentes em reuniões de conselhos importantes. Suas unhas estavam curtas, limpas e bem-feitas. Estas não eram as mãos calejadas de um guerreiro feérico.

Respingos de sangue tingiam a frente de seu manto cinza em manchas marrom-escuro. O padrão denunciava que a fonte era apenas o tiro na testa, que o matara instantaneamente. Todavia, a vítima não era um feérico comum. Ele possuía um assento no Conselho Cinzento, nosso governo paranormal.

No momento, eu me encontrava dentro de um dos muitos cofres secretos da organização.

— *Quem atirou no feérico?* — cantou uma voz na mesma melodia da canção de Bob Marley, *I Shot the Sheriff*.

Virei-me, vendo Faris mover os ombros no ritmo.

— *Mas eles não atiraram no delegado* — ele continuou, alterando a letra da música.

Revirei os olhos. Demônios intermediários. Era impossível viver com eles, assim como era impossível matá-los.

Faris, uma entidade intermediária do Submundo, era meu mais novo familiar. Esta fora a única maneira que havíamos encontrado para mantê-lo deste lado do mundo, garantindo, assim, que ele ficasse seguro... e vivo. Se Faris voltasse à sua terra natal, suas entranhas seriam arrancadas pela boca, como o próprio demônio havia descrito com tanta eloquência.

Faris era alto, estava em forma e possuía um rosto agradável e impressionantes olhos escuros emoldurados por cílios grossos sobre uma pele morena. Esta noite, ele usava sua habitual camisa preta e calças combinando. O visual fora completado com sapatos pretos de aparência cara nos quais eu praticamente podia ver meu reflexo.

A entidade tinha um talento para o drama. Sempre tivera, desde o primeiro dia em que eu o havia convocado a aparecer em seu triângulo. Em vez de ficar furioso comigo, como qualquer demônio normal ficaria ao ser preso em um triângulo de invocação, Faris, bem... ele ficara animado. Até batera palmas e se curvara em forma de saudação. Sim, Farissael era estranho.

Fiel à sua natureza de demônio intermediário, ele gostava de estar na companhia de mulheres humanas, de gin, de vender almas e, é claro, de se

divertir por aqui, deste lado dos planos; passatempos estes que só pareciam ter aumentado desde que eu o havia reunido com sua tataraneta Cassandra. Algo estava visivelmente diferente nele. Parecia que uma ferida profunda havia sido tratada e curada, como se o demônio tivesse recebido uma segunda chance na vida para corrigir os erros do passado. A felicidade combinava com ele, mas também o tornava insuportavelmente irritante.

Um mês havia se passado desde que Vossler e seus magos haviam envenenado e matado alguns mestiços em uma tentativa de culpar as bruxas. No final, eu conseguira matá-lo, porém, suas ações haviam deixado uma marca. A ferida na comunidade paranormal ainda era profunda e recente. Eu sabia que ela levaria tempo para cicatrizar, só então as raças poderiam confiar umas nas outras novamente.

Era exatamente por isso que eu ficara preocupada ao ver o feérico morto. Primeiro, perguntei-me se poderia ser uma retaliação das bruxas. Talvez a animosidade tivesse aumentado novamente. Contudo, ao ver o furo de bala na cabeça da vítima, descartei a possibilidade. Isso era algo completamente diferente.

— O coitado orelhudo tem nome? — questionou Faris ao meu lado. O cheiro de sua colônia, uma mistura de almíscar e lavanda, era uma distração bem-vinda em meio ao fedor de sangue. — Posso chamá-lo de Spock?

— Não.

— *Não*, ele não tem nome? Ou *não*, não posso chamá-lo de Spock?

— Não.

Faris soltou um ruído descontente.

— Espaço, a fronteira final — começou ele enquanto se movia ao redor do corpo. — Explorar novos mundos, pesquisar novas vidas e novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum homem jamais esteve.

Droga, o demônio realmente estava irritante esta noite.

— Não comece, Faris — resmunguei.

Olhei por cima do ombro, vendo os dois oficiais do Conselho parados do lado de fora da porta de aço do cofre, observando-nos com testas franzidas como se pensassem que íamos roubar alguma coisa. Identifiquei-os como um vampiro e um lobisomem a partir do cheiro de sangue velho e de cachorro molhado.

Os oficiais estavam vestidos com uniformes cinzas que os faziam parecer demais com os oficiais de *Star Trek*, daí o amor repentino de Faris por todas as coisas do universo fictício.

Os bastardos não eram oficiais ou agentes comuns. Eles eram Oficiais Superiores de Segurança Tática Sobrenatural do Conselho Cinzento, conhecidos como GHOSTS. Um título bastante exagerado, não acha? De qualquer forma, a dupla fazia parte do esquadrão de polícia paranormal do Conselho Cinzento.

GHOSTS eram compostos por mestiços de todas as raças. O Conselho Cinzento não discriminava quando se tratava de escolher novos oficiais. Seu lema era “Quanto mais cruel, melhor”. Eles eram brutais e era sua função fazer cumprir nossas leis. Ser parte do esquadrão significava que se estava a poucos passos de estar no Conselho, envolto em um pesado manto cinza. Isso fazia com que eles se sentissem superiores, para não mencionar violentos e desagradáveis.

Os oficiais adoravam mandar em mim e eu adorava brigar com eles. A julgar pela forma como a dupla estava olhando para Faris e para mim, eu diria que a oportunidade estava se aproximando rapidamente.

Olhei ao redor do cofre. Estávamos em uma caixa de concreto de três por três com prateleiras ao longo de três paredes. Elas estavam repletas de caixas, potes de vidro com partes de corpos, recipientes com uma vasta gama de ingredientes mágicos, bolas de cristal, cartas de tarô, pingentes encantados, coleções de varinhas de todos os tamanhos, esculturas de vários deuses cristãos e pagãos nus, espadas longas e reluzentes, punhais cravejados de joias, dois diabretes empalhados (verdadeiramente assustadores), vários ossos esbranquiçados, crânios de lobisomem e incontáveis livros, diários e pergaminhos velhos e mofados. Até localizei alguns notebooks e uma caixa cheia de pen drives.

Alguns livros antigos com lombadas sem nome despertaram meu interesse, mas não o suficiente para me aventurar em um pequeno roubo. Além disso, eu estava aqui a mando da Corte, não por diversão.

— O nome dele... era Sarek — informei à entidade, depois de um momento. — Ele era um membro nomeado do Conselho Cinzento.

— Ah, sim. A elite dirigente dos mestiços e dos nascidos-anjos. — Faris colocou as mãos nos quadris. — Acho que, agora, ele está arrependido de sua decisão de ter se juntado ao Conselho.

— O feérico está morto.

— Precisamente. — Farissael se ajoelhou ao lado da cabeça de Sarek, examinando o furo em sua testa. — Ainda posso ver a bala. Parece ser uma de nove milímetros.

Inclinei-me sobre o corpo, impressionada.

— Como você sabe?

— Porque está escrito 9MM LUGER nela.

Certo.

— Nada mal para um demônio. Mesmo assim, não vou lhe pagar.

Merda. Eu deveria ter percebido aquele detalhe.

Faris se endireitou. Um sorriso de autossatisfação cresceu em seu rosto, fazendo-me querer socá-lo.

— Se eu fosse adivinhar, diria que usaram uma pistola semiautomática. Possivelmente, uma SIG Sauer nove milímetros.

Levantei uma sobrancelha.

— Você entende de armas?

Faris nunca deixava de me surpreender, mas ele não precisava saber disso.

A entidade virou seus olhos escuros para mim, seu sorriso se tornando diabólico.

— Eu entendo de *muitas* coisas.

Não isso de novo.

— O feérico era poderoso. Pela quantidade de magia residual que estou sentindo, diria que ele era mais um Thor do que um Super-Homem, mas ainda assim, *muito* poderoso.

— Está comparando o cadáver com personagens de quadrinhos da Marvel e da DC?

— Estou — eu respondi. — Acho que quem fez isso o pegou de surpresa. Ele não percebeu nada até que fosse tarde demais.

— Por que o mataram? — perguntou Faris.

Boa pergunta.

— Não sei. É por isso que estou aqui. Para investigar.

— Fatos insuficientes sempre levam ao perigo — expressou o demônio intermediário. — O perigo de termos um caso impossível de solucionar.

Verdade. O assassino não deixara nenhuma pista, além do feérico morto com o buraco de bala na cabeça, é claro.

— Porém, não foi pessoal. A forma como ele foi assassinado não indica isso. Sem falar que há poucos mestiços que usam armas.

— Bruxas não usam.

— Exatamente — concordei. — Usamos nossa magia. Não engenhocas de metal nada confiáveis e projetadas por humanos. Uma bruxa não seria pega com uma arma, mas vampiros e lobisomens ocasionalmente as usam. Certa vez, vi um *troll* usar uma espingarda. Ele estourou o braço de um duende quando o pegou trapaceando no pôquer. — Olhei para o corpo do feérico. — A maneira como a vítima foi morta foi fria. Significa algo. Só não sei o quê ainda.

— Nascidos-anjos usam armas — comentou Faris. Sua voz estava carregada de acusação.

Ele estava certo. O arsenal dos nascidos-anjos estava repleto de todos os tipos de armas, espingardas, rifles e qualquer outra coisa que explodisse. Será que um deles poderia ter feito isso?

Como se fosse uma deixa, meu telefone tocou dentro da minha bolsa. Eu o puxei e sorri. O nome de Logan brilhava na tela. Recusei a ligação, colocando-o de volta no lugar. Eu ligaria para ele mais tarde.

— Deixe-me adivinhar — disse Faris. — Era o escoteiro?

— Sim. — Desviei os olhos da expressão condescendente do demônio.

— Então, as coisas estão indo bem entre vocês dois? Você e seu *amour*?

Suspirei, lançando um olhar para ele.

— Não que seja da sua conta, mas sim. Já tivemos três encontros.

Três encontros de *verdade*, com um jantar e muito, muito vinho. Logan havia escolhido três restaurantes humanos diferentes, todos com comidas maravilhosas, mas nada muito extravagante, já que eu não curtia esse tipo de coisa.

O único problema é que todos os locais estavam *fora* da nossa comunidade paranormal. Na primeira vez, não me incomodei. Inferno, eu até gostei e bebi uma garrafa inteira de Pinot Noir sozinha. No segundo encontro, pensei que não fosse nada. Talvez todos os melhores restaurantes em *Mystic Quarter* estivessem reservados. Contudo, depois do terceiro encontro em um restaurante humano semelhante em *Manhattan*, comecei a me perguntar se Logan estava envergonhado de ser visto comigo. Talvez ele não estivesse pronto para contar ao mundo sobre nosso relacionamento. Não gostei nada disso.

O sorriso de Faris se alargou. Havia um brilho curioso em seus olhos.

— Teve *sobremesa* depois? Você nunca trouxe o escoteiro para casa. Fiquei me perguntando se se *divertiu* com ele. A menos que a *sobremesa*

tenha sido na casa dele? Foi... não foi? Sua bruxinha safada. O colchão do cara tinha molas o suficiente? Onde o escoteiro mora, afinal?

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer com isso.

— Não vou discutir minha vida sexual com você.

O caldeirão que me ajudasse se eu tivesse, em algum momento, que procurar os conselhos de um demônio intermediário viciado em sexo. Eu não estava tão desesperada assim. Bem, ainda não.

Faris riu.

— Como quiser, Sammy, querida. Porém, como seu familiar... — O resto de suas palavras morreu em sua garganta.

— O que foi?

O olhar da entidade se moveu para algo atrás de mim com cautela.

— Achei que tinha dito que decidi trabalhar para a Corte das Bruxas de novo?

— Sim.

Eu não era boba. O salário era bom. E como bruxa, eu não tinha tantas opções disponíveis. Meu orgulho podia se ferir um pouquinho. Sem problemas. Especialmente levando em conta que eu tinha bocas para alimentar e contas para pagar. Além disso, a Corte pagava bem. Embora eles tivessem sido completos idiotas comigo, acho que acabei provando ser mais do que capaz de lidar com os trabalhos que me ofereciam.

Faris soltou um grunhido profundo.

— Então por que *aquele cara* está aqui?

Assim que me virei, um rosnado me escapou.

Um homem entrou no cofre e a luz do teto refletiu em sua careca. Ele usava *jeans* escuros e uma camisa por baixo da jaqueta de couro preta que envolvia seus ombros largos. Suas mãos eram grandes e fortes com cicatrizes marcando seus dedos. Sua barba por fazer de quatro dias era escura, exceto por alguns fios brancos salpicados que anunciavam que o homem estava em seus quarenta e tantos anos e em seu auge físico e mental. Mesmo com suas roupas, era possível ver que ele mantinha seu corpo em boa forma. Suas feições eram regulares e ásperas, embora ele não fosse, de forma alguma, bonito. Seus olhos claros projetavam força e competência como se o sujeito estivesse acostumado a dar ordens.

O odor de vinagre e terra misturado com uma pitada de colônia barata que emanava dele o denunciava como um bruxo, mas não qualquer um. Este era o bruxo conhecido como Raynor.

O meu concorrente.

Faris se inclinou ao lado do meu ouvido e murmurou:

— Nós gostamos dele?

Contraí minha mandíbula com força.

— De jeito nenhum.

O demônio sorriu.

— Excelente — disse, esfregando as mãos lentamente.

Por algum motivo, o gesto me lembrou de um médico louco se preparando para realizar um procedimento experimental em um paciente sem sedação.

Isso ia ficar interessante.

Meus olhos seguiram Raynor enquanto ele se aproximava do corpo do feérico morto, vendo seus músculos rígidos se moverem sob sua calça *jeans*. Como sempre pensei, o cara era mais lobisomem do que bruxo. Eu o odiava. Ele me lançou um olhar desdenhoso, mal reconhecendo a presença de Faris enquanto se movia pelo cofre.

Deparara-me com o bruxo grandalhão em várias ocasiões e, em todas elas, ele tentara me minimizar e me dominar, como se estivesse em seu papel de bruxo alfa. Tenho uma novidade para você, idiota, eu também sou uma bruxa alfa; ou, pelo menos, gosto de pensar que sim. Talvez seja por isso que nunca nos demos bem.

Todavia, não explicava o que ele estava fazendo aqui.

Um besouro preto do tamanho da minha mão estava em seu ombro direito. Seus dois olhos brilhavam com uma energia demoníaca azulada. Malark. Seu familiar.

Faris se moveu antes que eu pudesse impedi-lo. Ele ficou na frente de Raynor, parando o bruxo ao colocar uma mão em seu peito. Droga. Isso não era bom.

— Esta é uma festa íntima — afirmou o demônio intermediário. — Não me lembro de ter convidado o Mr. Clean.

Cordões negros de magia demoníaca surgiram nas mãos e nos dedos de Faris. O pouco ar que tínhamos no cofre ficou denso com o frio formigamento da energia demoníaca. Merda. Eu não queria que meu familiar fritasse o bruxo. Bem, talvez um pouco. Eu tinha tido tempo para

explicar a Faris detalhadamente que, como meu novo familiar, ferir mestiços e humanos estava fora de questão, porém, acho que poderia abrir uma exceção para Raynor.

— Faris, deixe-o em paz — avisei, sabendo que ele me conhecia bem o suficiente para perceber, apenas pelo tom da minha voz, que devia relaxar. — Há espaço suficiente para Raynor aqui. Embora eu ache que o ego dele não caberá em um espaço tão apertado.

O sorriso que Faris abriu era verdadeiramente diabólico.

— Tem certeza? — perguntou o demônio intermediário. A esperança de uma luta transparecia em sua voz.

— Tenho certeza — respondi.

Faris afastou a mão. Uma onda de energia pulsou, pressionando a bolha de força que emitia dele e, então, desapareceu.

Raynor olhou para a entidade com um sorriso superior, do tipo que os ricos e poderosos reservam para aqueles que acreditam estar abaixo deles por causa de alguns dígitos extras em suas contas bancárias. Suas sobrancelhas estavam altas e seu rosto estava cheio de deboche quando ele se virou e passou por Faris.

A tensão deixou meus ombros contraídos. Eu odiava aquele desgraçado, mas odiava ainda mais que ele estivesse aqui, mijando pela cena do crime e poluindo o ar com aquela colônia.

Movi-me, ficando cara a cara com Raynor. Ele era dois centímetros mais alto do que eu e muito mais forte.

— Este é o meu caso — praticamente rosnei. — O que diabos você está fazendo aqui?

Um sorriso apareceu no rosto do bruxo ao passar por mim e se ajoelhar ao lado do feérico.

Desgraçado. Um lampejo de irritação surgiu dentro de mim. Tive que me conter para não dar um chute nele.

— Não tem nada aqui para você, Raynor. Dê o fora antes de contaminar a minha cena do crime.

E antes que eu jogue um feitiço para que ervas daninhas comecem a nascer da sua careca.

Raynor riu. Assim como Malark. Bizarro.

— Sua cena do crime? — indagou o bruxo. — Não vejo seu nome nela. — Sua fala era tingida por um leve sotaque estrangeiro que não consegui identificar.

Que idiota.

— Se você não sair nos próximos segundos, terei que denunciá-lo à Corte.

*Que tal isso?* O cara não seria o menino de ouro deles por muito tempo se soubessem o que ele estava fazendo ao se esgueirar em lugares aos quais não pertencia.

Faris se inclinou na minha direção, sussurrando:

— Suas agressões verbais precisam dar uma melhorada, Sammy, querida. Tente atacar a aparência física dele. Sempre funciona para mim.

Lancei um olhar duro para o demônio, meu humor azedando a ponto de senti-lo pulsando contra minhas têmporas. Esta era minha primeira missão desde o fiasco com os magos. Não deixaria Raynor estragar tudo. Eu tinha que colocar comida na mesa. Precisava do dinheiro. Ele não ficaria entre mim e minha pizza vegetariana com queijo extra.

— Estou trabalhando — disse o bruxo.

Eu quase me engasguei com minha própria saliva.

— Como é?

Raynor se inclinou sobre a cabeça do feérico até que seu nariz estava quase tocando o corpo.

— Estou aqui para investigar o assassinato do membro do Conselho Cinzento.

Malark pulou do ombro do bruxo e rastejou sobre a vítima, parando aqui e ali, suas grandes mandíbulas se contorcendo como se ele estivesse reunindo evidências. Se eu fosse humana, provavelmente já teria saído gritando com a visão do inseto gigantesco. Como uma bruxa das Trevas, eu só achava que ele era irritante, além de estar contaminando minha cena de crime com suas patinhas de inseto.

— Hum. Muito legal. Bem, eu conheço minha própria raça — falei. — Afinal, sou uma bruxa. Por isso, sei que quando queremos muito algo, muito mesmo... nós mentimos.

— Não estou mentindo — respondeu o bruxo.

Levantei uma sobrancelha.

— Você está trabalhando para o Conselho Cinzento?

Isso era novidade, mas não inédito. Às vezes, o Conselho Cinzento contratava mercenários e outros mestiços como *freelancers*.

— Para a Corte das Bruxas Sombrias — informou Raynor, depois de um momento.

Senti como se tivesse levado um tapa na cara. Meu estômago se apertou.

— *Eu* estou trabalhando no caso para a Corte das Bruxas Sombrias. Eles *me* enviaram. Você não deveria estar aqui. Isso é obviamente um engano.

Malark riu, soltando um ruído estridente e agudo que me fez querer esmagá-lo com minha bota. Eu me aproximei um pouco.

— Não é um engano — disse o bruxo. — A Corte me colocou neste caso.

— Sammy. — Faris cruzou os braços sobre o peito. — Do que o filho da mãe careca está falando? Eu pensei que eles tinham dado este caso de assassinato para você?

Mostrei meus dentes, sentindo minha pulsação subir enquanto acessava a magia dos meus anéis. Não pude evitar.

— Sou perfeitamente capaz de trabalhar em um caso de assassinato sozinha.

*Pode ir vazando.*

Raynor se virou e olhou para mim com um misto de irritação e de desprezo.

— Bem, se isso fosse verdade, eles não teriam me mandado, não é mesmo? Acho que você não é tão boa quanto pensa que é.

Meus lábios se separaram. A sala oscilou. De repente, as paredes do cofre pareciam muito mais próximas, o interior ficando menor. Fui atingida por uma sensação de claustrofobia. Os mesmos sentimentos de fracasso, de incompetência e de decepção que eu sentira quando havia descoberto que a Corte me contratara apenas por pena voltaram a tomar conta de mim. Eles ainda não confiavam em minhas habilidades e, agora, tinham designado dois bruxos para o mesmo caso, porque *alguém* achava que eu não conseguiria lidar com ele. Alguém que atendia pelo nome de Tran.

Com dois membros da Corte das Bruxas Sombrias mortos após os ataques dos magos e o desaparecimento de seu recém-nomeado Arthur Barlow, também conhecido como meu querido papai, eles estavam com três membros a menos. Tran conseguira colocar o assunto em votação e, provavelmente, ganhara.

Eu tinha certeza de que ainda tinha meu emprego, do contrário, Raynor teria me informado sobre a demissão no momento em que entrara no cofre. Ainda assim, o fato de que outro bruxo estava se intrometendo no caso

tornava as coisas muito mais complicadas. Além disso, eu odiava compartilhar.

Malark estava ao lado do buraco de bala na testa do feérico. Seus olhos brilharam com energia demoníaca azulada no exato momento em que vi a mesma luz desaparecer dos olhos de Raynor. Eles estavam se comunicando. Quando terminou, o besouro rastejou de volta para o ombro do bruxo, até sua orelha. O escaravelho desgraçado estava sussurrando alguma coisa, eu sabia.

Raynor se endireitou, seus olhos claros se fixando nos meus.

— Por que a cara? Se você for legal, posso até te dar algumas dicas. Afinal, vai precisar.

Meus dedos formigaram com magia.

— Eu deveria ter sido informada.

— Você não é tão importante assim.

— E você é?

— Mais do que você — respondeu o bruxo, ganhando um gorjeio alegre de seu besouro.

Enrijeci, não gostando de que ele estava insinuando que eu não era forte ou inteligente o suficiente para resolver o caso sozinha. O fato de o brutamontes estar aqui era um grande golpe para o meu ego de bruxa. Ele sabia disso, contudo, eu estava decidida a não mostrar o quanto sua presença me afetava. Relaxei minha postura, tentando não colocar nada de beligerante ou desafiador nela.

Raynor tinha uma boa reputação. Sua proporção de casos resolvidos provavelmente era maior que a minha, admito, mas ele não era o bruxo mais forte do planeta. Sem dúvida, tinha talentos e habilidades mágicas além de sua experiência, caso contrário, ele não estaria aqui. Ainda assim, eu nunca os havia testemunhado.

O sujeito estava invadindo meu território, e como a mulher alfa que eu era, iria defendê-lo. Todavia, não seria com golpes de magia. Eu não queria lutar com ele. A última coisa que eu precisava era que a Corte me removesse do caso por cortar acidentalmente a cabeça de Raynor e enfiá-la em sua bunda. Sem mencionar que, ser conhecida como uma bruxa que não conseguia trabalhar em um caso com outras pessoas, poderia arruinar minha reputação. Eu não precisava gostar de sua presença, mas podia entrar no jogo. Era só resolver esse assassinato antes de Raynor. E pode ter certeza de que é isso o que eu faria. *O jogo começou!*

Faris rodeou o bruxo, inclinando-se, a cada poucos passos, mais perto, até que estava próximo o suficiente para invadir seu espaço pessoal. Foi uma visão incrível de se ver.

O aborrecimento lampejou no rosto de Raynor, removendo, temporariamente, seu sorriso arrogante.

— O que ele está fazendo?

Percebi que o bruxo não estava disposto a se dirigir diretamente ao demônio.

— Algum problema? — Não consegui esconder meu leve sorriso ao sentir minha tensão diminuir com o nível crescente de irritação que podia ver no homem.

Círculos vermelhos mancharam seu rosto.

— Ele... ele acabou de me cheirar?

Meu sorriso se ampliou.

— Ele gosta de você — respondi, vendo a carranca de Raynor se aprofundar, o que me deixou tonta de felicidade.

— Pode-se dizer muito sobre uma pessoa apenas pelo cheiro dela — respondeu Faris. Ele olhou para mim. — Bem, veja a Sammy aqui, por exemplo. Ela tem o aroma da primeira chuva de outono. — O demônio se virou para o bruxo. — Fico feliz em informar que você, senhor, tem cheiro de merda.

Segurei uma risada. *O caldeirão que me ajude.*

Um som sibilante veio da garganta de Malark.

— Continue assim, *tar'khydae*. Posso pensar em alguns demônios que adorariam saber onde você esteve se escondendo por todo esse tempo — o besouro falou.

Eu não tinha ideia do que era aquela palavra demoníaca, mas pela expressão assassina de Faris, definitivamente era um insulto. Teria que perguntar a ele sobre isso mais tarde.

Senti a pontada fria de sua magia demoníaca roçar na minha pele. Faris ia fritar aquele besouro. Todavia, uma bruxa esperta sempre sabia quando lutar. Este não era o momento.

Dei um passo à frente, agarrei o cotovelo do demônio e o puxei para trás.

— Não — sussurrei, vendo um músculo se contrair em sua mandíbula. Raiva intensa coloriu seu rosto.

Eu ainda não tinha registrado Faris como meu familiar. A última coisa que nós dois precisávamos era que a Corte me forçasse a quebrar nosso vínculo, enviando-o em um voo direto de volta ao Submundo para morrer. Eu também não precisava ter Raynor enfiando seu nariz gigante onde não deveria. Infelizmente, tinha a sensação de que essa não era a última vez que o veria.

— Quem é você? — exigiu o bruxo, finalmente reconhecendo a presença de Faris.

O cheiro fraco de enxofre subiu no ar, e um arrepio frio de magia ondulou sobre minha pele, deixando-a arrepiada. Raynor estava acessando sua magia. *Ah, até parece.*

— Ele é um demônio intermediário — respondeu Malark ao passo que seus olhos azuis piscavam com raiva. — Um pária em sua terra natal. Ele não deveria estar aqui. — O resto de suas palavras se perdeu, pois o familiar as sussurrou no ouvido do brutamontes.

Observei o sorriso do bruxo retornar. O que quer que o besouro tivesse lhe dito, certamente era algo que eu odiaria.

Como é que aquela droga de inseto sabia sobre Farissael? Havia alguma rede social do Submundo que eu não conhecia?

Raynor se levantou com um sorriso arrogante no rosto.

— Nunca deveriam enviar uma garota para fazer o trabalho de um homem — disse ele.

Malark deu uma risadinha.

Ele. Não. Disse. Isso.

Apertei meus lábios, furiosa e frustrada, enquanto mantive minha magia acessível. O desgraçado estava pedindo por uma surra.

Faris estalou a língua, observando o bruxo grandalhão.

— Tão bravinho e tão tenso. Ah-h-h-h-h, eu já sei — a entidade intermediária falou lentamente, arregalando os olhos. — Está precisando de um pouco de amor? Conheço um monte de acompanhantes baratas. Elas são seu tipo, não são?

O rosto de Raynor ficou completamente vermelho, incluindo sua careca. Ele se virou para mim.

— Você não tem ideia no que está se metendo.

Fitei-o, sem saber se ele se referia a este caso ou a Faris.

— Estou realmente ficando cansada de ouvir essa mesma ladainha.

A boca de Raynor se curvou novamente em uma expressão de diversão cautelosa.

— Melhor se acostumar.

— Trabalho sozinha — falei, odiando ver o sorriso no rosto dele. — Não espere que eu compartilhe nada com você.

Não é como se eu tivesse alguma informação para compartilhar, tudo o que sabia até agora era sobre a bala de nove milímetros que estava alojada na testa do feérico morto, ainda assim, blefar não fazia mal a ninguém.

Raynor me deu aquele sorriso desdenhoso novamente, como se ele estivesse a par de algum segredo que eu não conhecia.

— Não quero nada vindo de você. Tenho tudo que preciso. — Ele cuspiu algumas palavras baixinho e saiu do cofre.

— Fedorento desgraçado — amaldiçoou Faris. A raiva ainda pesava sobre ele. — Os carecas são sempre tão sensíveis e nervosos — acrescentou com a voz alta e zombeteira. — É todo aquele ressentimento reprimido, sabe? Não se pode nem fazer uma piada. Ele estava com ciúmes.

Eu levantei uma sobrancelha, cética.

— Com ciúmes?

O demônio passou os dedos pelos seus cabelos negros.

— Olhe para mim. Sou praticamente um deus andando deste lado do mundo. Irresistível a todas as mulheres. — Ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente.

Ai, ai. Esfreguei minhas têmporas.

— Eu preciso de uma bebida.

— Somos dois. — A entidade sorriu.

Pressionei minhas mãos em meus quadris.

— Não vou embora até que eu tenha mais informações para poder continuar.

O demônio intermediário parou perto do cadáver.

— Não se preocupe, Sammy. Vamos descobrir quem atirou em Spock.

— Eu sei. — Olhei ao redor da sala, deixando minhas habilidades investigativas me conduzirem. — O corpo é uma das evidências do assassinato.

— Uma das grandes.

Balancei a cabeça.

— Mas deve haver algo mais aqui. Algo que estamos deixando passar.

*Muito provavelmente por causa da interrupção de Raynor.* Sua presença tinha destruído meu foco.

Faris me encarou fixamente por um momento.

— Como o quê? Bolor? Ar estagnado? Cocô de inseto?

Que nojo.

— Por que matar o feérico *aqui*? — Encontrei os olhos escuros do demônio. — Por que não em algum lugar menos vigiado... como na casa dele? Ou lá fora, no estacionamento? Porque há algo importante nesse local. É um cofre, certo?

— Sua perspicácia me surpreende.

Soltei um suspiro.

— Cofres são onde as pessoas guardam segredos e objetos de valor. Se você tem algo a esconder, é aqui que o coloca, pois espera que ninguém o encontre.

— E?

— Procure algo que está faltando.

Um sorriso puxou os cantos dos lábios de Faris.

— A-há. Você está usando seu chapéu de Sherlock de novo. Contudo, tenho que dizer que, se vamos usar fantasias... prefiro vê-la em uma roupa de empregada francesa.

— Cala a boca e começa a procurar, demônio — avisei.

A entidade intermediária se curvou.

— Sim, senhora.

Eu me movi para o lado esquerdo do cofre assim que Faris se moveu para a direita.

— O que estamos procurando exatamente? — perguntou o demônio depois de um momento.

— Não sei. Algo que não está aqui.

— Bom saber.

Exalei alto, então, estudei a primeira prateleira da esquerda para a direita, meus olhos rolando sobre os livros e potes empilhados enquanto eu tentava assimilar tudo de uma vez. Nada parecia estar faltando. Fui para a prateleira de cima e fiz o mesmo, examinando ossos esbranquiçados, mais potes com massas flutuantes questionáveis, livros, pergaminhos e, depois, mais livros...

Um espaço vazio estava visível ao lado de uma fileira de livros antigos. Inclinei-me para frente. Um retângulo perfeitamente recortado e

sem poeira estava na prateleira. Bingo.

— Aqui. Bem aqui — falei, apontando para o local e sentindo meu coração bater com entusiasmo.

Com um salto, Faris se colocou ao meu lado.

— O que é que estou olhando? Ar?

— Algo está faltando. Perceba a forma como a poeira se acumulou ao redor. Viu? Um livro costumava ficar naquele local, entre essas duas obras. E parece que ele estava aqui há muito, muito tempo. Foi *isso* o que levaram. Foi por isso que mataram o feérico.

Analisei as lombadas das duas obras ao lado do espaço aberto.

— *Angeli ex Horizon* — li em latim. Anjos e Horizonte. — *Magicae et Origins*. — Magia e suas origens. — Hum. Não há muito em comum. Eles não me dizem muito sobre o livro que está faltando.

O demônio intermediário deu de ombros.

— Além de que precisam contratar um serviço de faxina melhor?

Meu pulso disparou por ter encontrado aquela pista.

— Certo. Até agora, sabemos que eles pegaram um livro antigo e mataram um feérico por isso.

— Porém, não sabemos *qual* livro antigo.

— Não, mas talvez eles saibam. — Saí do cofre e caminhei até os dois oficiais parados no corredor. — O que está faltando? — perguntei.

A dupla trocou um olhar.

— Não sei o que você quer dizer — respondeu o vampiro, com a mandíbula contraída. Ele estava mentindo.

— *Minha* bruxa lhe fez uma pergunta, sanguessuga — avisou Faris enquanto se movia e parava ao meu lado. — É melhor você responder.

Por Deus, isso de novo não.

Os oficiais ficaram em silêncio, seus rostos estavam firmes com determinação. O lobisomem exibiu discretamente a arma em sua cintura.

GHOSTS também carregavam armas. Interessante.

Passei meu olhar entre os dois.

— Então, vocês não negam que algo *está* faltando, certo? Que quem matou o membro do Conselho levou alguma coisa?

Eles permaneceram em silêncio. Era bom o suficiente para mim. Sequer tive que lançar um feitiço da verdade para poder ler seus rostos. Agora, eu estava de muito bom humor. Tinha notado a falta do livro, enquanto tudo o que Raynor possuía era seu mau hálito.

— Eles levaram um livro. — Tentei de novo, falando devagar. — Um muito *antigo*. Qual foi? Hum?

Silêncio.

— Não acho que esses brutamontes saibam ler — comentou Faris. — Eles são mais do tipo manual.

— Nós *sabemos* ler — rosnou o vampiro.

Mordi a língua para não rir. Depois, inclinei o quadril.

— Excelente. Vocês têm habilidades básicas. Que bom. Qual era o título do livro?

— Não sabemos o que há no cofre — respondeu o lobisomem. — Nosso trabalho é vigiar o prédio e o Conselho.

— Bem, vocês falharam nisso — murmurou Faris, ganhando duas carrancas dos oficiais.

Esforcei-me para não rir deles. Felizmente, consegui manter meu olhar firme.

— Então, quem saberia o que está faltando? A quem posso perguntar? O lobisomem deu de ombros.

— Qualquer membro do Conselho Cinzento.

— MUITÍSSIMO obrigada. — Agarrei Faris pelo cotovelo e o guiei em direção às escadas que levavam para o nível superior.

Meu humor estava muito melhor. Ver Raynor abalara meu ânimo e minha fé em minhas habilidades investigativas. Porém, por conta de sua maneira pomposa e excessivamente confiante de ser, ele perdera uma pista crucial: o motivo do assassinato, a evidência que culminara na morte do membro do Conselho.

Eu, contudo, a encontrara. E, sem dúvida, descobriria o que aquele livro era antes de Raynor. Sorri. Isso, por si só, era uma vitória colossal.

Um ponto para Samantha.

Zero para a Sua Alteza, o rei dos babacas, Raynor.

Conseguir uma audiência com o Conselho Cinzento exigira habilidades consideráveis de negociação, para não mencionar o uso de todos os favores que me restavam (que eram um total de dois). No fim, obtive uma resposta positiva da Corte das Bruxas Sombrias, já que eu não era VIP o suficiente para me comunicar diretamente com o todo-poderoso Conselho Cinzento.

— Pronto — Poe cantara alegremente, duas horas atrás.

Olhando para ele do balcão da cozinha, não encontrei nenhuma evidência das penas do pombo-correio em seu bico ou em seu corpo. No entanto, ainda não estava convencida de que ele não havia atacado o pombo e roubado a mensagem do pobre pássaro à força. Conhecendo meu familiar, ele provavelmente fizera exatamente isso.

— Esta noite, à meia-noite. Não se atrase. — Poe foi até a fruteira e passou a bicar uma maçã.

Eu mal conseguia me conter. Estar diante do Conselho Cinzento era uma parada séria. Para conseguir um encontro com eles, você tinha que ter um assento na sua Corte, ser um chefe de uma das casas dos nascidos-anjos, ou estar a caminho da cadeia. Eu ainda não estragara as coisas o bastante para justificar ser enviada a *Grimway Citadel*, a prisão bruxa. Isto é, até agora.

Tudo estava sendo muito fácil, o que nunca tinha acontecido antes. Parecia que o universo finalmente decidira me dar uma trégua. Uma das grandes. Aceitei a dádiva com prazer.

— Seria um problema se eu fosse com você? — Faris indagou, ao meu lado.

Agora, caminhávamos pelo estacionamento subterrâneo reservado para os inquilinos do prédio, lotado de sedãs, SUVs, BMW e Audi, quase todos em cores escuras. O ar fedia a concreto e a óleo de motor. O Conselho Cinzento realizava suas reuniões em um arranha-céu na cidade de Nova York, próximo ao *Central Park*. Era uma vasta estrutura construída com muito metal e vidro. Exibidos.

— Acho que não.

Mentira. Claro que sim.

Eu ainda não havia registrado Faris como meu familiar, o que era proibido na comunidade bruxa e provavelmente uma ofensa ainda pior no Conselho Cinzento. Todavia, eu estava me sentindo ousada e rebelde esta noite. As coisas finalmente estavam indo do meu jeito, portanto, uma coisinha pequena como não registrar meu familiar não me impediria. No entanto, se estivéssemos falando de um hambúrguer vegetariano com batatas fritas e queijo extra... a situação seria diferente.

— Você teria ficado em casa se eu tivesse pedido?

Faris riu. As luzes fracas do estacionamento subterrâneo sombreavam seu rosto.

— Tente me impedir, minha bruxinha. — Sua voz suave veio acompanhada pelo brilho perverso em seus olhos. — De vez em quando, alguém extraordinário entra em sua vida... portanto, aqui estou eu. De nada.

— Ah, por favor.

— Eu vou onde você for. Pense em nós como gêmeos siameses, Sam. Você e eu somos gêmeos.

Aquela era uma imagem perturbadora.

— Apenas tente não ser morto. Estes são os membros com as posições mais altas e respeitadas da nossa comunidade. Não quero que nada de ruim aconteça com nenhum de nós, entendido?

— Não se preocupe. Não vou colocar em risco sua reputação.

— Obrigada.

— Ela é ruim? — perguntou Faris alegremente. — Você é conhecida como uma bruxa safada? Por favor diga que sim.

— Tire esse sorriso do seu rosto antes que eu faça isso por você.

Diante da ameaça, o demônio soltou uma gargalhada. Sim, conhecer Cassandra definitivamente o mudara. Não tenho certeza se eu gostava deste novo Faris. Ele era feliz demais. Pessoas felizes me irritavam.

Se eu tivesse sorte, os integrantes do Conselho seriam velhos e enrugados, não bonitos o suficiente para representarem uma tentação ao demônio intermediário. Se ele começasse a dar em cima de qualquer uma das mulheres do Conselho, acho que eu desmaiaria. Ou vomitaria. Não necessariamente nessa ordem.

— Cadê o escoteiro? — continuou Faris. — Ele não deveria estar aqui?

— Ele está ocupado com coisas de anjo.

— Lidando com nuvens macias, auréolas e asas brancas e fofas? — provocou o demônio intermediário.

Por um momento pensei que ele estava prestes a começar a dançar. Afinal, já tinha feito isso antes.

Sorri, imaginando Logan com uma auréola brilhante sobre sua cabeça.

— Provavelmente.

— Deve ser uma chatice ser sempre perfeito, sempre puro — disse Farissael com uma amarga recriminação na voz. — Quem quer ser bom o tempo todo? É exaustivo. Eu sou péssimo em ser bom.

Dei uma pequena risada.

— Não acho que os nascidos-anjos sejam nem de longe perfeitos. E eles definitivamente *não* são puros.

— Porém, acham que são, o que é ainda pior.

Não havia como argumentar com isso.

— Acha que seu relacionamento tem futuro? — ele perguntou, depois de um momento.

De onde veio essa pergunta?

— Acho que sim. — Eu não tinha a menor ideia. — Nós amamos quem amamos, certo?

Faris fechou a boca, ficando em silêncio por um longo tempo.

— É verdade. O amor é uma fera selvagem. Às vezes, não pode ser domado.

Certo.

— Não é como se eu estivesse procurando. Simplesmente aconteceu. Não sou ingênua o suficiente para pensar em toda essa merda de “destino” e “alma gêmea”. Relacionamentos são difíceis. Precisam de esforço e compreensão de ambos os lados. Eu quero que funcione — afirmei. Ao lembrar dos nossos encontros restritos a restaurantes humanos, senti minha raiva ressurgir. — Contudo, não vou me afogar em desespero se isso não acontecer.

Faris voltou sua atenção para mim.

— O que aconteceu?

Droga, aquele demônio era perceptivo.

— Nada. Está tudo bem. Por que a pergunta?

— Você está mentindo — retrucou Faris. — Consigo notar. Não pode mentir para seu familiar, Sammy querida. Eu sei que algo a está incomodando. Vamos, conte para o tio Faris.

Eu não estava com vontade de falar sobre isso.

— Vamos só tentar chegar até o final dessa noite, de preferência sem incidentes, tá?

Meu coração bateu mais forte no meu peito enquanto eu andava mais rápido em direção ao elevador. Verifiquei a placa ao lado: A G.C. Enterprises Ltda, décimo oitavo andar. Legal. Aposto que o lugar também era luxuoso, com muito mogno, grandes portas ornamentadas, lustres de cristal e lareiras acesas.

Com um *ding*, as portas do elevador se abriram. Duas GHOSTS saíram.

Ah, não.

— Boa noite, senhoras — disse Faris enquanto se aproximava.

Os três primeiros botões de sua camisa foram misteriosamente desabotoados, revelando seu peito musculoso bronzeado e sem pelos. Ele estendeu a mão e arrastou o dedo indicador muito lentamente pelo braço da oficial mais baixa. Um rosto bonito o encarou por baixo do boné cinza enquanto suas bochechas coravam. Seu cabelo loiro estava preso em um coque baixo. Meu nariz foi assaltado pelo cheiro de sangue velho. Vampira. E uma muito bonita. Que Deus nos ajude.

— Você é Samantha Beaumont? — perguntou a mais alta das duas, aparentemente não afetada pela beleza e pelo charme diabólico de Faris.

Imediatamente, gostei dela. Sua pele escura contrastava com o cinza de seu uniforme. Ao contrário de sua companheira, a mulher não usava uma arma na cintura. Seu tom era firme e sua expressão suave. Eu sabia reconhecer uma bruxa quando via uma. As bruxas não precisavam de armas. A magia *era* nossa arma.

— Isso mesmo — falei, sentindo um lampejo de aborrecimento passar por mim. — Algum problema?

— Sua reunião com o Conselho Cinzento foi cancelada — informou a mulher de pele escura, mudando de postura por conta da tensão. Seus dedos se contraíram, preparando-se com feitiços sombrios, como se esperasse que eu a desafiasse.

Inclinei minha cabeça, puxando a magia dos meus anéis de sigilo caso a bruxa fizesse algo estúpido, como tentar me atordoar.

— Como é que é? — indaguei secamente.

Faris interveio.

— Ela disse que a reunião com o...

— Eu sei o que ela disse — retruquei, sentindo a raiva apertar meu peito. — Você sabe o motivo?

A bruxa balançou a cabeça.

— Não. Só nos mandaram vir lhe avisar.

Faris se inclinou e sussurrou algo no ouvido da vampira, fazendo-a rir. Meu Deus.

— Entendo — eu disse voltando minha atenção para a mulher de pele escura.

Excelente. Eles me fizeram vir até aqui para quê? Só para me mostrar que podiam? Eu sabia o que era isso. Esta era a maneira do Conselho de demonstrar seu poder, a forma de provar que eles estavam no controle e não eu. Contudo, havia mais. Eles não queriam que eu descobrisse o que fora roubado de seu cofre, pois era algo importante; algo que queriam manter em segredo. De qualquer forma, uma coisa estava certa: o livro roubado era muito, muito ruim. O que, é claro, acabou fazendo meu medidor de curiosidade atingir novas alturas. Agora, eu realmente tinha que saber.

E pode apostar que *encontraria* o livro.

— Está bem então. Vamos, Casanova — falei para o demônio intermediário, que estava com o braço em volta da cintura da vampira e o rosto enterrado no pescoço dela.

Excelente. Simplesmente ótimo.

Estendi a mão, agarrei seu braço e o puxei de cima dela.

— *Vamos*.

— Liguei mais tarde, Daphne — disse Faris, lançando-lhe um de seus sorrisos mais deslumbrantes; um que eu tinha certeza de que o tornava muito irresistível para qualquer mulher. Assim que estávamos longe o bastante, ele se virou para mim. — Você é tão estraga-prazeres. Não é como se ela estivesse nua ou algo assim... se bem que... se tivesse me dado mais cinco minutos, eu poderia ter feito isso acontecer.

— Tire esse sorriso demoníaco do seu rosto. Isso é sério — eu disse, ouvindo o barulho alto das minhas botas contra o chão de concreto da garagem subterrânea enquanto caminhávamos em direção à saída.

— Sei disso. Eu poderia tê-la nua em menos de cinco minutos.

— Faris, por favor.

O demônio intermediário me lançou um olhar.

— Por que você está tão tensa? Nós não íamos fazer essas coisas no elevador. Estávamos perto, mas você nos impediu. Muito legal da sua parte.

— De nada — respondi enquanto subíamos a leve ladeira e saíamos do estacionamento.

A fumaça dos escapamentos dos veículos me atingiu como se eu estivesse andando por uma névoa espessa enquanto os carros passavam. As calçadas estavam cheias de humanos, apesar de já ser tarde, e os sons da cidade se elevavam ao nosso redor como uma sinfonia grosseira de motores e buzinas.

Faris suspirou pesadamente.

— Você está agindo como uma policial em patrulha, só que sem a roupa sensual.

Cheguei ao cruzamento, virei na *West 100th Street* e fui para o leste.

— Não estamos aqui para festejar. Estamos trabalhando.

Faris puxou as mangas da camisa.

— Eu sei disso, querida, mas já que a reunião foi cancelada, pensei que poderia ter a noite de folga. Pronto. Falei.

— Você não pode tirar a noite de folga se eu ainda estiver trabalhando.

A culpa apertou minhas entranhas. O demônio não tinha tido nenhum tempo pessoal desde que vira Cassandra, há mais de quatro semanas. Ele era um saco, mas merecia uma folga de vez em quando. Familiares não eram escravos. Eles precisavam ter uma pausa de nós, bruxas, assim como precisávamos ter deles.

— Prometo que lhe darei uma folga — falei, após um momento de silêncio. — *Depois* que resolvermos o caso.

Faris parou, endireitou-se e bateu os calcanhares.

— Obrigado, mestre — disse o demônio intermediário, curvando-se em uma reverência.

Soltei um suspiro exasperado e continuei andando.

— Precisamos saber qual livro foi roubado do cofre. O Conselho Cinzento não queria que descobríssemos sobre ele, mas descobrimos. E aposto que alguém disse a eles que eu andei perguntando a respeito.

— Os GHOSTS — respondeu Faris.

— Eles cancelaram a reunião por conta disso. Que surpresa! O Conselho não quer que eu faça perguntas sobre este livro misterioso. Porém, agora, eu quero, quero muito fazê-las.

— Você quer *muito*, hein? — ronronou Faris.

Eu não gostei nada do tom sedutor em sua voz. Infelizmente, tinha armado aquela armadilha para mim mesma. *Boa, Samantha.*

— Esse livro é importante — continuei, ignorando o sorriso idiota no rosto do demônio. — Ele está ligado à morte de Sarek e eu quero descobrir o motivo.

As sobrancelhas de Faris se ergueram.

— Alguma ideia?

Meu sorriso se curvou.

— Se o Conselho não quer me deixar ir até eles, irei trazê-los até mim.

Os olhos de Faris se arregalaram de prazer.

— Parece que você está prestes a fazer algo proibido. Ser travesso é um dos muitos valores demoníacos com os quais eu, pessoalmente, identifico-me. Quando se trata de algo proibido, estou dentro.

Meu pulso disparou de animação com a perspectiva de quebrar as regras e colocar minhas mãos no precioso livro que o Conselho não queria que eu conhecesse. O fato de ser tão enigmático o tornava ainda mais desejável e atraente. Eu simplesmente tinha que tê-lo.

Sorri para o demônio.

— Acontece que eu sei onde um dos membros do Conselho Cinzento mora.

— Excelente. — Faris fez uma pausa e um brilho perigoso surgiu em seus olhos. — Tortura?

— Talvez.

A entidade sorriu.

— Sou um excelente torturador. Tenho muita experiência e conheço técnicas de alto nível.

Eu podia apostar que sim.

— Ele mora no *Upper East Side* na *5th Avenue*. Em frente ao *Central Park*. Não fica muito longe daqui.

Eu só sabia o endereço porque minha tia Evanora o havia mencionado um tempo atrás, quando estávamos discutindo melhores condições de vida para ela... Um lugar onde a mulher não tivesse que fazer sua própria faxina. Não que ela fizesse.

— Táxi? — ofereceu o demônio intermediário.

Balancei a cabeça.

— Vamos atravessar o parque. Provavelmente, será mais rápido a pé.

— Alguma ideia de por que eles estão mantendo a informação tão secreta além do óbvio “este é um livro muito maligno”? — perguntou Faris, caminhando ao meu lado.

— Não — falei enquanto meus lábios se curvavam em um sorriso —, mas pode apostar que vou descobrir.

A lua brilhava enquanto atravessávamos a *West 100th Street* e nos encaminhávamos para a entrada do *Central Park*. Uma brisa forte fez meu cabelo esvoaçar ao meu redor quando entramos no parque. Um caminho de cascalho suave ladeado por majestosos bordos e carvalhos nos recebeu. Altos postes de luz se erguiam em ambos os lados da trilha, sua luz suave e amarelada lançando longas sombras sobre a grama e o caminho como longos dedos negros rastejando em direção aos nossos pés.

— E quem é o sortudo ou sortuda cuja casa vamos invadir? — perguntou Faris, assim que passamos por dois homens em seus trinta e tantos anos que corriam no parque.

Nunca entendi o conceito de correr por prazer. Eu só me dava ao trabalho quando um demônio estava tentando me matar, o que fazia minha adrenalina borbulhar.

— Lars Woodbury — respondi. — Ele é um dos bruxos-chefe. Conseguiu seu assento no Conselho Cinzento alguns anos atrás. Você conhece o tipo: olhos enrugados, pequenos e úmidos, velho como a lua e com um cheiro estranho.

Faris entrelaçou as mãos atrás das costas, acompanhando meus passos.

— Você conhece bem esse tal de Lars Woodie?

— Woodbury — corrigi. — Não, eu não o conheço. Na verdade, nunca fomos apresentados. Apenas vi seu manto do Conselho Cinzento esvoaçando em uma das ruas de *Mystic Quarter*. Foi minha tia que apontou para ele, dizendo-me quem era.

Faris me encarou.

— Ainda assim, você sabe onde ele mora. Que *stalker*! Delícia, eu adoro.

Ri e ergui os olhos quando outra corredora, uma mulher desta vez, passou por nós. Faris se virou e começou a andar para trás, para vê-la melhor enquanto ela corria. Homens.

Revirei os olhos.

— Não fique animado demais. Ele não vai ficar feliz em nos ver.

Raiva, desdém, choque, confusão total e até medo eram algumas das emoções que imaginei que apareceriam no rosto do bruxo quando se

deparasse conosco. Porém, felicidade? Isso com certeza não.

Sim, o Conselho ter me ignorado daquele jeito afetara meu humor. Eu poderia ter feito a coisa “certa” e enviado uma mensagem à Corte das Bruxas Sombrias, informando-os sobre o livro desaparecido e a dispensa de última hora, mas por que fazer a coisa certa quando fazer algo errado era muito mais divertido?

Ter que passar pelos canais adequados também significava aguardar um ou dois dias de negociação entre o Conselho e a Corte. E eu odiava ter que esperar. Além disso, quem poderia garantir que o Conselho não faria a mesma coisa comigo novamente? Eu tinha a sensação de que era exatamente isso que aconteceria. Eles não queriam que eu enfiasse meu nariz em seus assuntos. Bem, tarde demais para isso.

De qualquer forma, eu precisava considerar que Lars era tão velho quanto o tempo e tinha uma magia antiga. Ele podia ser forte e poderoso, todavia, eu era mais jovem e mais rápida. Sem falar que tinha um demônio intermediário comigo. Embora fosse um bobão, ele ainda tinha sua utilidade. Eu não queria machucar o bruxo, é claro. Só queria que ele me falasse sobre o livro. Então, o velho poderia voltar para sua soneca.

Uma coisa era certa: antes que a noite acabasse, ele ia me contar tudo o que eu queria.

— Esse tal de Lars — disse Faris, sua voz ecoando ao nosso redor com maldade mal controlada —, acha que podemos fazer arco-íris sair da bunda dele? Sempre quis experimentar isso. Está na minha lista de desejos.

Dei de ombros.

— Se conseguirmos fazê-lo soltar a língua, você pode mandar os unicórnios saírem pela bunda dele, não me importo. Só não o mate.

Sim, eu ia direto para a prisão das bruxas depois desta noite.

— Excelente. — A entidade intermediária soltou um suspiro alto. — Eu sabia que esta seria uma noite daquelas. É por isso que estou com meus sapatos da sorte.

Olhei para seus pés.

— Eles são exatamente iguais a todos os outros pares que eu vi você usar.

— Precisamente.

O demônio devia ter esquecido de tomar seus remédios. Encarei-o por um momento.

— Do que foi que aquele besouro lhe chamou? Tarkide?

— *Tar'khydae*. — O sorriso de Faris desapareceu e ele contraiu a mandíbula.

Pela sua reação, eu soube que tinha tocado em um assunto delicado.

— Desculpa, não é da minha conta. Só estava curiosa.

— É difícil traduzir. — O demônio olhou para o caminho. — É algo como traidor. Traidor do sangue. Traidor da raça. Basicamente a pior coisa da qual se pode chamar um demônio. A pior.

— Ele o chamou assim porque você é meu familiar? — perguntei, sentindo uma bolha de culpa estourando em meu estômago.

— Esse é um dos motivos. Contudo, o maior deles é porque eu escolhi ajudar você e Logan no Submundo, quando um demônio *de verdade* teria gostado de vê-los morrer e dado suas entranhas frescas como um novo colar para nossa soberana, Vorkol.

Que visão agradável. Minha culpa redobrou.

— Sinto muito. — Eu não tinha ideia do que mais poderia dizer.

Se Malark o tratava com um preconceito tão aberto em nosso mundo, como os demônios do Submundo o tratariam? Faris nunca mais poderia retornar à sua terra natal. Não a menos que estivesse disposto a morrer.

A entidade intermediária parou, lançando-me um sorriso forçado.

— Sou um pária, Sammy querida. Porém, prefiro ser a ovelha negra da família... a cor me emagrece.

Abri um sorriso.

— Você é maluco, demônio.

Ele mostrou seus dentes brancos.

— E é por isso que você não se cansa de mim...

Uma luz incandescente, azul-esbranquiçada, explodiu ao nosso redor, cegando-me por um segundo. Então, ouviu-se um estrondo ensurdecedor como um trovão, era como se a própria terra tivesse se partido. Meus ouvidos estalaram com a mudança repentina de pressão.

No momento seguinte, a onda de choque nos atingiu.

Tanto Faris quanto eu fomos arremessados violentamente ao chão, golpeados por uma força invisível. Minha respiração me escapou quando meu peito bateu forte contra uma área de grama que parecia mais concreto sólido. Nós dois ficamos parados por um momento, atordoados. Então, a luz desapareceu e o parque ficou calmo novamente, mas não meu coração.

A adrenalina disparou, fazendo minha pulsação bater loucamente em minhas têmporas em um pânico repentino. Meus ouvidos zumbiram. Lancei

meu olhar ao redor do parque à medida que maldições sombrias se formavam em meus lábios. O cheiro de enxofre aumentou quando eu acessei minha magia, feliz por ter tido tempo para reabastecer dois dos meus anéis de sigilo.

Contudo, a onda de choque não voltou a nos atingir. Nem a luz. O caminho estava deserto. Havia apenas a escuridão, os bancos do parque vazio, árvores, grama e mais árvores. Sem magos. Sem bruxas. Ninguém.

Faris e eu nos entreolhamos.

— Tá — eu disse, recuperando o fôlego. — Que merda foi essa?

O demônio intermediário deu de ombros.

— Um peido planetário?

Um grito perfurou o ar noturno, cortando o silêncio repentino.

Eu congelei.

Outro grito soou, vindo de um aglomerado de árvores à nossa esquerda, fora do caminho. O som era tão alto, tão brutal, tão primitivo, que mal parecia humano. Os pelos da minha nuca se arrepiaram, enviando um pequeno formigamento pela minha espinha. O grito se transformou em um gargarejo, em seguida, desapareceu. A julgar pelo volume, estava muito próximo.

Faris se acomodou ao meu lado.

— Essa aí tem bons pulmões.

Fitei-o.

— Essa aí?

— Definitivamente era uma mulher.

O vento mudou, trazendo um aroma que se parecia perturbadoramente com bacon queimado.

Os dentes de Faris brilharam ao luar.

— Nada como o cheiro fresco de carne humana frita para me animar.

Tá. Nojento.

— Vamos — falei.

Com meus ouvidos ainda zunindo, coloquei-me de pé e fui na direção de onde os gritos tinham vindo, puxando a magia dos meus anéis enquanto eu forçava minhas pernas a se moverem mais rápido. Acho que era minha vez de fazer uma corrida noturna.

Com suas pernas longas, Faris estava quatro passos à minha frente. Magricelo desgraçado. Ele desapareceu atrás de um aglomerado de arbustos e freixos. Alcancei-o quando fiz a curva, parando ao seu lado.

Um corpo jazia a menos de seis metros de onde estávamos, não passando de pele queimada, enegrecida e fumegante. Não havia como dizer a diferença entre carne queimada e roupas queimadas, bem como precisar se esta realmente era a mulher que havia gritado.

Acima do corpo, estava um demônio. Porém, não qualquer um. Tratava-se de um demônio *yehnu*. A entidade inferior parecia um cruzamento entre um dragão e uma hiena. Do tamanho de um cão médio, seu corpo era coberto por escamas vermelhas, exceto por uma longa crina preta que brotava de sua cabeça e se alargava até a ponta da cauda. Pernas longas e musculosas terminavam em garras de três dedos. A entidade tinha dois pares de olhos, um branco luminescente e um vermelho-sangue. Seus lábios estavam repuxados sobre um focinho longo e estreito, revelando fileiras de dentes afiados.

A raça demoníaca gostava de assar suas vítimas antes de comê-las. Sim, encantador.

A mandíbula do *yehnu* se separou em um silvo baixo e sua garganta se contraiu estranhamente. Gotas de um líquido preto pendiam de sua boca, pingando no chão enquanto ele virava a cabeça em nossa direção. Demônios daquela espécie eram algo raro em nosso mundo. Eu só havia me deparado com dois desde que começara a patrulhar o Véu para a Corte das Bruxas Sombrias. E preferia assim. Um único daqueles desgraçados era capaz de cozinhar cem humanos antes do final da noite. Até o momento, este conseguira matar uma mulher humana, mas sua farra logo chegaria ao fim.

Abri as palmas, posicionando-as ao lado do meu corpo.

— Ele é um filho da puta bem feio. Ao menos, é apenas um.

— Hã... Sammy... À sua esquerda, querida.

Girei.

Outro demônio *yehnu* estava agachado sobre o que parecia ser um monte de restos humanos queimados. Meu coração retumbou dentro do meu peito. Droga. Dois demônios *yehnu* em uma noite? Era como ver dois Pés Grandes com cervejas nas mãos andando pelo *Central Park* em plena sexta-feira. O que diabos estava acontecendo?

Foi então que eu vi.

A menos de quinze metros de distância, serpenteando no ar como uma onda de calor em um dia quente de verão, havia uma parede ondulante de líquido negro.

Uma Fenda do Submundo.

Uma fileira de fumaça preta subia, emoldurando as bordas do portal. Ele brilhava, irrompendo em redemoinhos de névoa negra como um turbilhão de sombras. Se você o estudasse com atenção, quase poderia ver o outro lado: um mundo de escuridão, sangue, morte e dor.

— Ah, merda — sussurrei, sentindo minhas entranhas se apertarem em uma bola rígida.

— Maldita Fenda — disse Faris.

Droga. As coisas tinham acabado de ficar muito mais perigosas.

O que uma bruxa das Trevas faz quando enfrenta um dilema que envolve uma Fenda demoníaca de proporções gigantescas? Absolutamente nada.

Tudo o que eu tinha que fazer era esperar. As Fendas nunca ficavam abertas por mais do que alguns minutos. Eram lacunas no Véu, a camada invisível que nos protege e impede que as criaturas do Submundo cruzem para o nosso mundo; lacunas onde as barreiras entre as dimensões se tornaram particularmente fracas. Por isso, um portal se abria, atraindo demônios e outras criaturas sobrenaturais. Poderia se tornar um *hot spot* para atividades sobrenaturais, o que era muito ruim. Contudo, o Véu se consertaria sozinho, fortificando suas fraquezas. É o que ele fazia.

Os dois demônios *yehnu* ainda estavam agachados sobre os cadáveres, embora seus corpos estivessem posicionados em preparação para qualquer ataque repentino. Seus olhos estavam fixos em nós, provavelmente esperando para ver se iríamos atacar primeiro. Lutar contra dois demônios *yehnu* seria difícil, mas tendo Faris comigo, eu não estava preocupada.

Girando minha magia em minhas mãos, mantive-a pronta enquanto esperava a Fenda se fechar. No entanto, depois de sessenta segundos, ela ainda estava bastante aberta. Remexi-me ansiosamente, lançando um olhar ao redor do parque. Não havia nenhum humano correndo ou qualquer outro mortal que eu pudesse ver. Graças ao caldeirão.

— Faris, é impressão minha... ou esta Fenda está permanecendo aberta por mais tempo do que o normal?

O Véu já deveria tê-la fechado, visto que havia liberado dois demônios inferiores. Esquisito.

— Parece mesmo — respondeu Faris. — Que estranho. Você sabe se isso já aconteceu antes?

— Não, nunca. — Franzi o cenho, tentando evitar que o pânico aumentasse. Um movimento chamou minha atenção. O demônio *yehnu* à minha esquerda passou por cima do corpo e se agachou ao lado dele. Seus olhos estavam focados em mim com tanto ódio que eu quase podia sentir o gosto. — Não estou gostando disso. Nem um pouco.

O ar chiou com uma súbita energia fria. Fios de magia negra demoníaca escorreram dos dedos de Faris.

— Quanto mais tempo ficar aberta...

— Mais demônios vão sair.

Inferno.

Como se fosse uma deixa, a Fenda brilhou e rachou novamente. Mais três entidades atravessaram a porta ondulante, como se o próprio inferno as tivesse vomitado. Pelo cheiro repentino de podridão, de bile e de esgoto, certamente parecia vômito.

Estes não eram demônios *yehnu*. Eu não tinha ideia de que tipo de raça demoníaca eles faziam parte. Pareciam sapos gigantes do tamanho de ursos com garras e mandíbulas cheias de dentes de peixe. Suas peles negras brilhavam ao luar ao passo que um líquido preto escorria de seus corpos como óleo. Olhos vermelhos brilhavam como brasas, fixados em nós.

— Ah... Faris? — questionei, sentindo meu pulso acelerado enquanto meus dedos pinicavam com minha magia. — Quem são esses?

— Demônios mansos — respondeu o familiar. Não gostei da tensão em sua voz. — Eu os chamo de sapos. Eles vivem nos pântanos do Submundo. Se alimentam de restos. São criaturas grandes e desagradáveis que só querem matar, comer e, então, começar tudo de novo.

Excelente. Sapos gigantes famintos e fedorentos do inferno. Esta noite estava ficando cada vez melhor.

— O que *diabos* está acontecendo?

— Não sei o que dizer — comentou o demônio intermediário —, exceto, talvez, que... aí vêm eles!

Os *yehnu* atacaram.

A adrenalina me inundou.

— *Feurantis!* — gritei e estendi a mão direita para o mais próximo.

Uma bola de fogo disparou da minha palma estendida. O *yehnu* saltou para o lado, fazendo-me errar. A bola de fogo atingiu o chão onde o demônio estava um segundo antes, formando um buraco de cinzas na grama. Eu tinha esquecido como esses desgraçados feios eram rápidos. Como guepardos, só que mais sujos e nem um pouco parecidos com gatinhos gigantes fofinhos.

Senti o ar se mover ao meu lado e avistei Faris atingindo um dos demônios-sapos com uma saraivada de sua energia negra da morte. As entidades mansas uivaram de dor e cambalearam para a frente, desajeitadas e lentas. Um dos demônios-sapos cresceu em tamanho, como se alguém tivesse colocado um canudo em seu corpo e o enchido igual um balão. Ele

estremeceu, depois, explodiu como uma pinhata líquida, banhando Faris em óleo preto e tiras de carne.

O demônio intermediário gritou como uma garota que acabara de estragar seu vestido de festa por causa de um copo de suco de uva derramado.

— Eu odeio demônios-sapos! Realmente os odeio!

Totalmente compreensível. Eu adoraria continuar assistindo a Faris reclamar por causa de suas roupas estragadas, mas se não me movesse, seria uma bruxa morta.

Um som de assobio me alcançou e eu girei com as mãos no ar.

— *Vento!* — gritei, acertando o demônio *yehnu* no peito com uma rajada de vento e o jogando no chão a quinze metros de distância.

- Desgraçado.

Meu corpo tremeu com a adrenalina. Avistei o outro demônio *yehnu*, ainda agachado sobre sua vítima, com a cabeça se movendo em puxões afiados enquanto rasgava a carne humana. Parecia que ele não queria ser incomodado enquanto fazia sua refeição. Um demônio a menos para me preocupar, isto é, por enquanto. Eu fritaria sua bunda mais tarde.

Algo agarrou meu braço. Meus pés deslizaram e fui levada ao chão com um puxão poderoso. Areia e pedras roçaram na lateral do meu corpo enquanto eu era puxada pelo meu braço esquerdo. Algo estava me arrastando contra minha vontade. O pânico bateu quando vi uma língua grossa e cinzenta envolver meu braço e apertá-lo. Estendendo a mão, meus dedos escorregaram enquanto eu tentava arrancar aquela massa escorregadia do meu braço. Infelizmente, minha tentativa se provou inútil.

Quando virei minha cabeça, deparei-me com uma grande boca aberta. O sapo estava pronto para me engolir inteira.

*Só um segundo enquanto eu vomito.*

Eu não ia deixar esse sapo gigante me comer. Isso arruinaria minha reputação, para não mencionar meu novo *jeans*. Já era difícil encontrar um par que deixasse meu bumbum bonito. A entidade mansa não ia destruí-los.

Assim que estava a dois metros e meio da boca do demônio, acessei meus anéis de sigilo e gritei:

— *Fulgur chordis!*

Então, bati minha mão livre na língua que estava em volta do meu braço.

Dois metros.

Eletricidade azul disparou da minha mão, atingindo o membro escorregadio e cinza.

Um metro.

Encolhi-me ao sentir o cheiro de carne queimada, observando a língua escurecer com a minha magia. Quando eu pensei que não ia funcionar, o sapo me soltou.

— *Hasta Feuro!* — gritei, girando.

Uma lança de fogo alaranjada atingiu a boca aberta da entidade mansa. Bem no alvo. O demônio cambaleou, cuspidando sangue preto enquanto caía de costas e suas pernas se debatiam. Então, seu corpo ingurgitou como um balão.

Ah, merda.

Levantei-me assim que um balde de sangue preto e tripas nojentas de demônio me atingiu. Eu vomitei. Em seguida, vomitei novamente. O cheiro por si só era suficiente para levar qualquer pessoa sã em uma onda de vômitos. Fiquei momentaneamente cega por conta da mistura de folhas pretas que cobria meus olhos. Congelei no local. A última coisa que eu queria era tropeçar acidentalmente na Fenda e acabar no Submundo. Porque *isso sim* seria ruim.

Cuspi algo emborrachado. Nojento. Meu *jeans* estava arruinado, assim como meu orgulho.

— Rá rá. Sua vez... — Ouvi Faris rir.

Ele estava morto. Muito morto.

— Ria, demônio. — Cuspi no chão. — Sorte sua que eu não consigo ver nada, porque você não estaria rindo com minha bota enfiada na sua bunda.

Limpei o sangue dos meus olhos. Algo pesado me atingiu de lado, jogando-me contra uma árvore. A sensação era quase exatamente a mesma de ser jogada contra uma parede de concreto. Ai.

Eu não conseguia respirar. Pisquei quando algo grande e vermelho colidiu contra mim novamente. Minha cabeça bateu na árvore e estrelinhas negras dançaram em meus olhos. Senti a coisa se mover mais uma vez. Meus instintos entraram em ação.

— *Murus!* — resmunguei e um muro de proteção azul se ergueu diante de mim.

Através da parede semitransparente, pude ver o demônio *yeehnu* sibilando. Seu rosto estava a poucos centímetros do meu. Se eu não tivesse agido a tempo, ele teria devorado meu rosto. Que agradável.

O demônio espreitou ao redor da parede ao passo que a raiva ondulava sobre seu corpo. Eu podia vê-lo claramente à luz da lua, bem de perto. Era horrivelmente feio, deformado e sujo, com músculos pesados e mandíbulas fortes construídas para rasgar carne e osso. Ele olhou para mim antes de apontar sua cabeça em direção ao meu escudo e se jogar contra o feitiço de proteção. Enquanto ricocheteava em uma chuva de faíscas azuis, o *yeehnu* uivou. Era um som horrível e primitivo.

— Você não é muito inteligente, é?

Ergui o olhar e vi que Faris estava no meio de uma batalha contra o outro demônio *yeehnu*. Seus braços estavam estendidos à sua frente enquanto cordões negros atravessavam suas palmas e atingiam a outra entidade. Eu não conseguia ver onde o último demônio-sapo estava, mas esperava que Faris tivesse cuidado dele.

O *yeehnu* à minha frente rosnou novamente. Seus olhos ficaram mais amplos e redondos à medida que sua cauda se movia descontroladamente. As duas fileiras de globos oculares eram assustadoras e desconcertantes. Eu não sabia onde fixar meu olhar. O demônio se agachou e ficou me encarando, inquieto e pronto, como um gato esperando que um esquilo enfiasse a cabeça para fora da toca.

— Boa tentativa. — Ri, fazendo uma dancinha. Eu estava me divertindo. — Você é uma piada, amigo. Nunca vai conseguir passar. Pode beijar minha bu...

Minha parede caiu.

Ah, merda.

O *yeehnu* repuxou os lábios para trás no que eu só poderia descrever como um sorriso disforme e horrível. Em seguida, atacou.

— *Dis caeli!* — berrei, enviando uma explosão cinética de energia contra o demônio. Então, só para garantir, disse — *Feurantis!*

Uma bola de fogo atingiu a entidade no ar, envolvendo-a como uma bala de canhão flamejante. O demônio colidiu contra o chão, explodindo em uma nuvem de cinzas.

— Nada mal para uma bruxa. — Faris correu até onde eu estava. — Você está bem?

Minha cabeça latejava como se alguém tivesse dado uma martelada nela.

— Estou. Parece que você deu um mergulho nas entranhas do Submundo.

— Rá. Rá. — O demônio intermediário fez uma careta. — Sua aparência não está melhor, querida.

Afastei-me da árvore.

— Parece que você pegou o último sapo.

Meus olhos vasculharam o parque e encontraram a Fenda. Diante da visão, meus joelhos tremeram. Ainda estava lá, aberta. Houve um estalo repentino, então, a Fenda brilhou novamente e meu pior pesadelo se tornou realidade.

Não um, não três, mas *dez* demônios atravessaram a passagem.

Fiquei chocada quando uma horda de *ghouls*, demônios-sapos e mais demônios *yehnu* se espalhou pelo parque. As entidades lançaram um olhar para nós. Ao verem os restos de seus irmãos, pararam. No momento seguinte, correram para a noite em busca de presas mais fáceis e saborosas.

*Merda. Merda. Merda.*

— Isso não pode estar acontecendo — gritei, sentindo uma onda de pânico enrijecer meus músculos.

— acredite, porque está acontecendo, querida.

— Como é possível? Não é assim que funciona, mas parece que a Fenda... não... não vai se fechar.

Senti o sangue deixar meu rosto quando percebi o que estava acontecendo. Eu nunca tinha ouvido falar de algo assim, contudo, talvez os demônios finalmente tivessem descoberto uma maneira de manter as portas abertas para sempre. Eu precisava fazer algo.

A Fenda tremeluziu, vomitando mais três demônios das sombras. Seus corpos deformados e hediondos eram ainda mais monstruosos e malignos. Se se pudesse dar um corpo físico ao mal, seria como o deles.

Se eu não descobrisse o que fazer logo, centenas de demônios que se alimentam de humanos escapariam do Véu no meu turno e eu nunca mais trabalharia para a Corte das Bruxas Sombrias. Nunca mais trabalharia para *ninguém*.

As sobrelhas escuras de Faris se franziram.

— Podemos ficar aqui e debater o assunto a noite toda, mas se não fizermos algo, mais desgraçados vão sair. Você é uma bruxa inteligente. Seja criativa e encontre uma solução. Agora.

Olhei para a entidade intermediária, sentindo minha pressão subir.

— Você não consegue fechá-la? Afinal, é um demônio.

— Sim, se estiver precisando de alguém para explorar os prazeres ao lado de uma mulher, eu sou seu demônio. Porém, temo que, aqui, minhas habilidades sejam inúteis. A magia necessária para fechar uma Fenda está além de qualquer coisa que possuo. Sem falar que estamos do *seu* lado do mundo. Minha magia não teria nenhum efeito. O *show* é seu esta noite, minha bruxinha.

Certo. Eu tinha que fazer algo.

— Acho que conheço um feitiço para fechá-la.

Faris me lançou um olhar afetuoso.

— É isso aí, bruxa.

Corri em direção à Fenda. O ar fedia a ovos podres, a carne queimada e a sangue. Se isso não atraísse os demônios, eu não sabia o que atrairia. A passagem se moveu, e mais cinco *ghouls* saíram. Estando viva e tal, eu não era a refeição preferida deles, pois os bastados se alimentavam da carne podre dos cadáveres. Xinguei enquanto os observava correr na direção oposta.

Fiquei ao lado da Fenda com a energia pulsando ao meu redor como um zumbido constante de um fio elétrico. Eu nunca tinha estado tão perto de uma Fenda antes. O fedor de enxofre e podridão era esmagador, além disso, meus ouvidos estalavam com a mudança de pressão. Um vento poderoso soprou ao meu redor, levantando meu cabelo e fazendo os fios baterem contra meu rosto. Era antinatural, ácido e venenoso para nós, mortais. Eu o reconheci imediatamente: era o ar do Submundo.

Vasculhando minha mente, tentei me lembrar de um feitiço que eu, certa vez, encontrara em uma de minhas leituras favoritas, o *Guia das Bruxas das Trevas para o Sobrenatural*. A tarefa se provou ser extremamente desgastante diante do tempo limitado que possuía ao meu dispor.

Eu não sabia muito sobre o Véu. A única coisa que tinha certeza era que um demônio fizera um buraco nele e, por razões desconhecidas, o Véu não estava conseguindo se reparar. Eu também não tinha um diploma em Fendas, portanto, não sabia como fechar as portas do Submundo. Em vez

disso, concentrei-me no que conhecia e no que podia fazer. Eu era capaz de curar as coisas. Podia tentar ajudar o Véu, dar um impulso. Eu só tinha que ajudá-lo a se reparar, o resto aconteceria por conta própria.

Certo. Mais fácil falar do que fazer.

Um grito irrompeu de algum lugar atrás de mim. Vinha de longe, mas não havia como confundir o terror absoluto na voz. Droga. Outra vítima.

— Independentemente do que faça, querida — gritou Faris, olhando para a Fenda com a atenção focada em algo além do nosso mundo —, é melhor se apressar.

Estreitei meus olhos por causa do vento. Formas ultrapassavam os limites dos mundos. Centenas, milhares de sombras corriam em nossa direção. Em direção ao nosso plano.

Inferno, literalmente.

Se nos alcançassem, Faris e eu estaríamos mortos.

Acessando meus anéis de sigilo, peguei todo o poder que pude, então, estendi a mão direita e toquei nas bordas da Fenda. Sibilei ao senti-la queimar minha pele como se eu tivesse enfiado meus dedos em uma chama, mas não soltei.

Respirando fundo, concentrei toda a minha energia e disse:

— Do Véu ao chão. Aqui, para ficar, a magia se encerra. Para curá-lo, por meio deste feitiço, o poder se une. — Passei a pronunciar o encantamento mais rápido — Pegue minha magia para curar suas feridas. Pelas minhas palavras você será selado!

Derramei minha vontade e meu poder nas palavras enquanto as entoava. Meu corpo se inundou com a energia que jorrou do meu núcleo, formigando, correndo pelas minhas mãos e entrando na Fenda. Meu coração batia forte enquanto o feitiço se fortalecia, indo de mim à Fenda, unindo-nos como um só ao passo que sua força fazia meu coração pulsar.

E também queimar.

Gritei ao sentir uma dor repentina e lancinante correr por mim, como se minhas entranhas estivessem se liquefazendo. Tonta, meu equilíbrio oscilou quando a magia jorrou de mim como uma fonte, deixando-me completamente exausta.

— Não desista, Sammy — encorajou Faris. — Veja. Está funcionando. Você consegue. Não desista!

Fitei a rachadura negra e ondulante. A Fenda mudou e começou a encolher. Já tinha diminuído em metade do tamanho. O portal estava se

fechando. Estava funcionando!

Gritos distantes e uivos de indignação chegaram até mim. Estreitei os olhos, olhando através da Fenda. Incontáveis sombras apareceram, ficando maiores e mais próximas. Eu conseguia distinguir asas, caudas e tentáculos. Seus movimentos eram frenéticos e desesperados. Ao verem o que eu estava fazendo, os demônios começaram a correr em direção à passagem.

O feitiço vacilou quando perdi meu foco.

— Não desista! — gritou Faris atrás de mim. — Só mais um pouco. Está quase pronto.

Esforçando-me, agarrei o encantamento novamente enquanto meu coração batia forte no meu peito. Cerrei os dentes, sentindo o suor escorrer pelos meus olhos enquanto mantinha o feitiço ativo. *Fecha, droga! Você tem que se recuperar!* Se eu desistisse agora, sabia que não teria energia suficiente para conjurar o encantamento novamente. Eu tinha que aguentar. Só mais um pouco...

A energia do feitiço brilhou, como rajadas de eletricidade estática dentro da minha mente. Os uivos dos demônios se intensificaram, suas vozes ficando mais fortes e mais próximas. A cem metros de distância. Setenta. Cinquenta.

— Quase lá! — encorajou Faris. — Quase...

A adrenalina me inundou. O feitiço parecia me rasgar em milhares de pedaços, mantidos juntos apenas por minha pele e minha vontade. Uma dor lancinante explodiu em minha cabeça e a escuridão inundou meus olhos. Eu não conseguia ver, contudo, mantive-me firme.

— Bruxa! — uma voz gutural gritou, mas era tarde demais.

Os gritos de indignação aumentaram, ecoaram e desapareceram.

Minha pele formigou quando senti o feitiço deixar meu corpo. O vento ácido sumiu. Agora, só havia silêncio.

— Sammy, querida? — Faris chamou. — Você conseguiu! Sammy? Consegue me ouvir?

Todo o ar deixou os meus pulmões. Eu me senti cair.

Então, a escuridão me levou.

O som de vozes distantes me acordou. Com o coração pulando, sentei-me, piscando para tentar me livrar da visão turva. Meu pânico súbito diminuiu quando reconheci meu quarto. Eu estava na minha cama.

Levantei as cobertas e vi apenas uma calcinha preta. Eu estava praticamente nua.

— Faris — sibilei, fazendo uma careta.

O desgraçado me colocara na cama, tirara minha roupa e resolvera deixar só a roupa de baixo. É isso. Ele estava morto. *Muuuuuito* morto.

A julgar pelo céu alaranjado através da janela do meu quarto, imaginei que fosse por volta das seis da tarde. Parecia que eu tinha dormido o dia todo.

A última coisa de que me lembrava eram os gritos dos demônios furiosos quando a Fenda finalmente fechou, impedindo sua entrada. O feitiço tinha funcionado, mas eu estava fisicamente esgotada e um pouco tonta. Tudo doía. Precisei me esforçar muito para colocar minhas pernas fora da minha cama em busca de algumas roupas limpas.

Depois de tomar um banho rápido para me livrar dos restos do demônio-sapo que ainda estavam grudados no meu cabelo, escovar os dentes e vestir uma calça *jeans* limpa e uma blusa preta, aventurei-me a descer as escadas em direção às vozes.

Meu avô fechou uma das gavetas da cozinha. Seu roupão azul rodopiou quando ele se virou com uma colher de pau na mão, parecendo que estava prestes a usá-la contra Faris.

Desta vez, eu deixaria.

A tensão enrijeceu seus ombros. Seu rosto ficou tenso e suas bochechas coraram. Sua testa se franziu ao me ver. Era óbvio que eu havia interrompido alguma coisa. Eu adorava uma boa discussão.

— Finalmente a dorminhoca acordou — cumprimentou Faris, sentado na ilha da cozinha com uma bebida na mão e um sorriso malicioso no rosto.

Apertei meus lábios, frustrada. Franzi a testa, pensando se esse era o momento de usar o bendito feitiço de castração que eu estava querendo experimentar há algum tempo. Abri minha boca para repreendê-lo, mas a fechei quando vi Logan se aproximando, vindo da sala de estar.

Ele usava um par de *jeans* azul-claro em vez do preto de sempre, com uma camiseta preta. Ficava ótimo nele. Seus ombros largos eram rígidos, com músculos que sua camisa não conseguia esconder. Apostei comigo mesma que aquelas pernas eram fabulosas e me imaginei arrancando os *jeans* para dar uma espiada. Eu não o tinha visto nu. Ainda não. Contudo, tinha uma imaginação saudável e muito vívida. Além disso, não era preciso ser uma cientista para descobrir que, se ele ficava tão bem de roupa, seria espetacular sem ela. Ah, sim.

Seu cabelo castanho-escuro emoldurava sua mandíbula quadrada e seu nariz reto. Seus olhos castanhos analisavam meu rosto.

Meu coração saltou ao vê-lo. Eu não conseguia evitar. Afinal, era uma mulher de sangue quente. Eu tinha necessidades. Desviei o olhar antes de começar a babar.

— Quando você chegou aqui? — perguntei ao bonitão nascido-anjo, meu humor se elevando levemente. Mantive a voz calma, embora ainda estivesse um pouco irritada com ele. Aquela história de restaurantes humanos ainda estava me incomodando.

Fitei Faris rapidamente, lançando-lhe um olhar de “eu lido com você mais tarde”. O demônio intermediário sorriu. Ah, sim. Ele estava morto.

— Tentei ligar para você ontem à noite, mas você não atendeu — disse Logan. Senti que ele estava escondendo alguma coisa. — Na verdade, não retornou nenhuma das minhas ligações.

Faris riu.

— A maioria das pessoas entenderia isso como uma indireta.

O rosto do nascido-anjo não demonstrou nenhuma emoção, porém, seu olhar estava firme, trazendo o brilho de uma possível ameaça.

— Fiquei preocupado quando vi que não retornou minha ligação hoje de manhã — disse ele, olhando para mim. — Então, eu vim aqui.

— Estou bem — falei, encarando Faris. — Você não precisava se preocupar.

De qualquer forma, era bom saber que ele se importava, embora fosse estranho perceber que o cara se importava o suficiente para aparecer na minha casa, mas não para me exhibir para o resto da comunidade paranormal. Eu perguntaria a ele sobre isso mais tarde, não agora.

— *Bem?* Você não está bem — exclamou meu avô enquanto mechas de seu cabelo branco flutuavam no ar em uma brisa invisível. Era o que acontecia sempre que ele ficava chateado. Sua magia escorria de seu corpo

como suor, levantando seu cabelo como se ele tivesse esfregado um balão nos fios. — Você poderia ter morrido! — gritou, com as mãos no ar como se estivesse oferecendo algo para a Deusa. — O que estava pensando?

— Em salvar o mundo. Você sabe, esse tipo de coisa.

Os olhos do mais velho brilharam.

— Não banque a espertinha. Como assim você tentou fechar uma Fenda sozinha?! Isso é loucura. Um clã de bruxas deveria fazer o trabalho. Um *clã*. Eles canalizam a magia entre si, já que é preciso uma grande quantidade de energia e poder para fechar uma passagem entre mundos. Bruxas espertas não fecham Fendas sozinhas. Uma pessoa inteligente teria ido buscar ajuda. Você poderia ter morrido, Samantha. Parou para pensar nisso? Pensou como eu ficaria se a perdesse? Não, claro que não.

Aqui vamos nós.

— Eu não tive escolha. — Abri a geladeira e peguei um pote Tupperware com pequenos sanduíches cortados. Meus olhos se arregalaram ao dar uma mordida em um. — Delícia — falei, sentindo minha boca cheia salivar com a explosão de sabores na minha língua. — Amo sanduíche de ovo. Hummm. Estes estão  *muito* bons. Isso é maionese de verdade?

Meu avô soltou um suspiro.

— Charlotte que os fez. E não mude de assunto. — Ele apontou um dedo para mim ameaçadoramente, como se estivesse portando um objeto pontiagudo. — O que você fez foi muito imprudente.

Coloquei a Tupperware no balcão e peguei outro sanduíche.

— Posso ter um momento para comer, por favor? Estou exausta e faminta. Salvar o mundo deixa as pessoas assim.

Dei outra mordida, vendo Logan cruzar os braços e se encostar na parede da cozinha, de frente para a ilha. Seus olhos estavam preocupados. Eu tinha certeza de que havia algo que ele ainda não havia me contado.

Parecendo incomodado e prestes a soltar fumaça pelos seus ouvidos, Gordon plantou seus pés no chão em uma postura agressiva.

— Depois de tudo o que aconteceu com os magos e seu pai, achei que você seria mais inteligente. Porém, continua arriscando sua vida! As bruxas não brincam com isso. Você não estava pensando direito. Quando é que vai aprender? Deveria ter pedido reforços. Deveria ter pedido ajuda em vez de lidar com uma Fenda por conta própria.

Faris abaixou seu copo e encarou meu avô com o rosto enrugado de irritação.

— E o que eu sou? A vassoura dela? Ela estava segura. Eu estava lá. Sammy nunca esteve em perigo. Caso encerrado, velho.

Uma sombra caiu sobre o rosto de Gordon.

— Nem começa, demônio — ameaçou. — Samantha é a única família que me resta. Foi um erro torná-lo o familiar dela. Vejo isso agora. Felizmente, é um fácil de *corrigir*.

Ah, Deus. Dei outra mordida no meu sanduíche, observando o drama se desenrolar. Pena que Poe não estava aqui. Ele teria adorado isso.

— Eu a trouxe para casa viva e inteira, não trouxe? — A voz de Faris subiu perigosamente. — Admito que ela estava um pouco machucada, mas não era nada que não pudesse ser resolvido. E, como você pode ver, Sammy está bem agora. O que mais você quer?

Uma camiseta para dormir teria sido legal.

— Olha, isso não é culpa de Faris. Quando os reforços chegassem, eu já teria virado filé mignon de demônio e milhares de entidades teriam atravessado.

Do outro lado da ilha da cozinha, meu avô encarou Farissael.

— A culpa é *dele*. Como seu familiar, é trabalho dele cuidar de você. Seu *único* trabalho. Qual é o sentido de se ter um familiar se ele não consegue fazer algo tão simples quanto proteger sua bruxa?!

O demônio se levantou de seu banco.

— Você quer saber o que é simples? Vou lhe mostrar algo simples, seu bruxo velho fraco e insuportável.

Gordon não deu atenção à ameaça de Faris, mantendo seus olhos ainda em mim.

— Ele deveria protegê-la. Não jogá-la aos lobos!

— Nenhum lobo estava envolvido — disse a entidade intermediária com um tom levemente divertido. — Juro.

Suspirei.

— Cala a boca, Faris. Sente-se e beba seu gin como um bom demônio. Não está ajudando.

Esperei meu familiar se sentar, então, lancei um olhar para Logan. Seu rosto bonito estava franzido. Ele estava quieto. Muito quieto. E eu não gostava nada disso.

Voltei minha atenção para meu avô, aliviada ao vê-lo com a boca fechada.

— Olha, o que eu fiz foi salvar todo mundo. Ou eu tentava fazer alguma coisa ou milhares de demônios estariam aqui, fazendo um banquete com humanos e mestiços. Eu não podia deixar isso acontecer, portanto, fiz o que tinha que fazer.

Embora não estivesse na descrição do meu trabalho, sentia a obrigação de proteger minha cidade fazendo uso de qualquer meio que possuísse. Se isso significava queimar toda a minha energia para fechar um portal do Submundo, então, que assim fosse.

Com movimentos rígidos, vovô vasculhou um dos armários superiores, tirou uma grande garrafa de seu gin e se serviu de uma porção generosa enquanto Faris fazia uma careta de desgosto.

— Nem sempre cabe a você salvar o mundo — disse, tomando um gole. — Precisa deixar um pouco para os outros.

— Eu liguei, mas o Super-Homem estava de férias.

Faris riu, recebendo, em troca, uma careta do meu avô.

— Acho que vou ver Charlotte. — Gordon abaixou o copo. Manchas vermelhas marcavam seu rosto. Ele apertou o roupão. — Pelo menos, *ela* gosta de mim.

Fantástico.

— Vovô... não diga isso. Você sabe como eu fico quando estou cansada. Sinto muito. Eu não devia ter dito isso.

Eu era uma boba.

O velho bruxo levantou a mão na minha direção, então, saiu da cozinha. Segundos depois, a porta da frente se fechou.

— Ele sabe que ainda está de roupão? — questionou Faris, parecendo levemente impressionado.

Senti uma pontada de culpa. Às vezes, minha boca levava a melhor sobre mim. Contudo, meu avô não merecia isso. Eu pediria desculpas mais tarde, quando ele se acalmasse.

Minha cabeça latejava. Percebi que esse era um sinal do meu corpo que dizia que eu devia me hidratar. Agarrando um copo, enchi-o com água filtrada da torneira. Depois de tomar dois goles gigantes, meus olhos encontraram os do nascido-anjo.

— Você disse que queria falar comigo sobre alguma coisa? — Pela expressão em seu rosto, eu soube que ele não ia me convidar para sair. Que pena. Teria sido divertido. — O que foi, Logan? Parece que você tem algo a dizer.

O nascido-anjo era do tipo sombrio e silencioso. Mesmo assim, geralmente falava mais que isso.

— Sim — disse Faris, olhando para seu copo. — Junte-se à festa, escoteiro. Só não crie esperanças de dançar comigo. Eu só danço com as damas.

Os olhos escuros de Logan encontraram os meus.

— Eu soube da morte de Sarek. Estava na cena do crime com uma equipe quando ouvi os GHOSTS falando sobre uma bruxa e seu namorado demônio.

Faris se animou, seus lábios se curvando em um sorriso que mostrava seus dentes perfeitos.

— Eles disseram que eu sou o namorado dela? Sério? — Seu sorriso se alargou.

— Faris, não comece — avisei, querendo jogar minha água na cabeça dele para esfriar seu ego inflamado.

Os olhos de Logan dispararam para o demônio. Sua expressão ficou azeda e um brilho perigoso surgiu em seus olhos. Eu não tinha certeza se achava fofo ele se opor abertamente à ideia de as pessoas considerarem Faris meu namorado, ou se isso era apenas uma demonstração de dominação masculina. De qualquer forma, eu não pertencia a ninguém.

O nascido-anjo hesitou. Seu olhar afiado varreu a cozinha antes de retornar para mim.

— Eles me disseram que você perguntou sobre um livro.

Levantei minhas sobrancelhas.

— Está me dizendo que os oficiais simplesmente lhe contaram, fácil assim?

Os GHOSTS não tinham sido muito cooperativos comigo. Porém, eu era apenas uma bruxa das Trevas. Logan era o chefe da Casa de Miguel. Ele era praticamente a realeza aos olhos de nossa comunidade... Talvez essa fosse outra razão que o motivasse a não querer ser visto com gente como eu.

Um pequeno sorriso curvou os lábios do nascido-anjo.

— Posso ser persuasivo.

*Aposto que sim.*

— Sim, há um livro. Quer dizer, *havia* um. Ele já era. Pelo que pude perceber, a obra era a única coisa que estava faltando no cofre. Os

assassinos foram até lá para pegar o livro e mataram o feérico por conta dele.

Logan se afastou da parede e se aproximou de mim. Rugas vincavam sua testa.

— O Conselho Cinzento não mencionou nada sobre um livro.

Olhei para o nascido-anjo com curiosidade. Ele também não sabia. Muito interessante.

— Bem, é porque eles não querem que nós saibamos a respeito. Qualquer um de nós, aparentemente.

Se Logan também estava no escuro sobre o livro misterioso, apenas confirmava minhas suspeitas de que a obra se tratava de algo sombrio, poderoso ou extremamente maligno. Eu estava apostando na última opção.

A respiração do nascido-anjo se acelerou.

— Se o objeto ficava guardado naquele cofre, é uma má notícia.

— Provavelmente — respondi. — Todavia, ainda preciso encontrá-lo.

E pode acreditar que encontraria.

— Para quê? — expressou Faris. — Quem se importa em descobrir por que levaram aquela droga de livro? Não é problema seu. Deixe que eles lidem com isso.

— Se eu o encontrar — eu disse —, poderei encontrar aqueles que mataram Sarek. É para isso que a Corte me paga. Eles me deram este caso. — *E àquele desgraçado do Raynor também.* — O livro é a chave. E eu vou encontrá-lo.

Descobrir quem era o assassino de Sarek era minha prioridade, mas havia outra coisa que me incomodava. Uma vibração de inquietação percorreu meu peito ao pensar na Fenda. Por que o Véu não se curara?

Fitei Logan novamente.

— Já ouviu falar de uma Fenda que não fechou antes? Sabe se isso já aconteceu?

O nascido-anjo passou uma mão pela sua barba por fazer, pensativo.

— Nunca. Na minha experiência, o Véu sempre conseguiu se reparar. Foi projetado para isso, assim como a pele. Se você abrir um corte, uma casca se forma e o cobre. Não se regenerar não faz sentido nenhum.

— Contudo, foi o que aconteceu e há uma razão por trás disso. — Um arrepio percorreu minha espinha ao pensar nos corpos humanos fritos no parque. — Se eu não o tivesse fechado... teria permanecido aberto.

E teria sido o inferno na terra, bem no meio da cidade de Nova York.

— Por que você não pergunta ao demônio aqui? — Logan gesticulou em direção a Faris. — Tenho certeza de que *ele* sabe por que isso aconteceu.

O olhar do familiar se tornou assassino.

— Por quê? Só porque sou um demônio, devo saber tudo o que está acontecendo em minha terra natal? Você sabe tudo o que está acontecendo neste mundo?

Logan sorriu.

— Na verdade, sim — disse ele, imitando o olhar de raiva da entidade intermediária.

— Não soube sobre nenhuma nova Fenda. — Faris ergueu os braços. — Como eu poderia quando estou preso aqui com bruxos senis demais até para se lembrar de se vestir? — Ele apontou para os próprios olhos. — Esses bebês estão traumatizados para o resto da vida.

Sim, ele era um bebê.

— Faris — eu disse. — Na sua sábia opinião demoníaca... o que precisaria acontecer para uma Fenda se abrir indefinidamente?

O demônio se inclinou para trás, cruzando os braços.

— Nada. Não é possível deixá-las abertas indefinidamente.

Tá. Realmente não estava ajudando. Eu fiquei pensativa.

— Se não para sempre, que tal por mais tempo? Tipo, algumas horas ou até mesmo um dia?

— É preciso uma enorme quantidade de energia e força para cortar o Véu do lado do Submundo — respondeu a entidade. — Seria necessário um esforço enorme apenas para manter uma Fenda aberta por algumas horas. Nunca ouvi falar de uma que ficasse aberta por tanto tempo.

A tensão apertou meu peito.

— Para começo de conversa, como elas são abertas?

O demônio intermediário deu de ombros.

— Almas. Muitas e muitas almas mortais.

Excelente. Simplesmente ótimo.

— Tá, então, um demônio no Submundo, por razões desconhecidas, decidiu reunir energia suficiente das almas mortais para deixar esta Fenda aberta por mais tempo do que o normal. Minha cabeça dói só de pensar nisso.

— Parece que sim. — Faris ergueu uma sobrancelha. — No entanto, eles teriam que ter usado milhares de almas. Talvez milhões...

Ergui a mão.

— Obrigada. Já entendi.

Pensar em todas aquelas almas sendo sacrificadas por sua energia deixou um gosto horrível na minha boca; o que só piorou ao me lembrar de que Faris costumava negociar almas. Era como ele ganhava a vida. Meu sanduíche de ovo de repente pareceu querer voltar pela minha boca.

— De jeito nenhum — disse Logan. Seu tom era afiado pela veemência. A pele ao redor de seus olhos se apertou. — Isso não é possível.

Faris reprimiu um riso.

— Tudo é possível, escoteiro. Se você cortar uma ferida profunda o suficiente, às vezes, ela simplesmente não consegue se curar.

Droga. Eu esperava que o familiar estivesse errado. Tamborilei meus dedos no balcão, tentando assimilar tudo.

— Na mesma noite em que um membro do Conselho Cinzento levou um tiro na cabeça porque seus assassinos queriam roubar um livro, a Fenda apareceu; uma que não conseguia se fechar. Não pode ser coincidência. Não acredito em coincidências.

— Nem eu. — Logan se encostou no balcão. Sua expressão estava reflexiva.

A luz da cozinha esculpiu suas feições, fazendo-o parecer lindo demais parado ali. Ele estava tão perto que se eu quisesse, poderia apenas estender a mão, pegar um punhado de sua camisa, puxá-lo para mim e pressionar meus lábios contra os dele. Totalmente inadequado. Sim, eu estava com problemas.

— Você acha que este livro e as Fendas estão conectados? — perguntou o nascido-anjo após um momento de hesitação. Ele estivera ouvindo nossa conversa com muita atenção.

Deixe-me pensar...

— Sim, eu acho.

Sem falar que ainda tinha aquela explosão estranha que havíamos visto no parque; uma que fora capaz de jogar tanto Faris quanto eu no chão. As Fendas não explodiam ao se abrir. Se explodissem, acabariam avisando toda a comunidade paranormal sobre sua existência, o que possibilitaria que nos preparássemos e esperássemos o demônio desprezioso passar pelo portal para que o matássemos. Era como soar um alarme e dizer ao mundo inteiro que elas tinham aparecido, o que era exatamente o oposto do que as Fendas faziam. Elas eram projetadas para serem silenciosas, praticamente

imperceptíveis. Assim, permitiam que os demônios passassem sem serem detectados.

— Você disse *Fendas*. Não Fenda. Havia mais de uma?

Que Deus nos ajudasse se ainda houvesse Fendas abertas na cidade.

— Havia mais duas. Uma perto de *Washington Heights* — ele informou, fitando-me. — E outra no *Brooklyn*. Ambas permaneceram abertas por um tempo incomum. Nunca vi uma coisa assim antes.

*Que o caldeirão nos ajude.* Medo e adrenalina dispararam através de mim.

— Você disse *havia*, o que significa que... estão fechadas agora, certo?

— Elas foram fechadas antes que as coisas saíssem do controle.

Coloquei meu copo no balcão.

— Como você conseguiu fazer isso?

Esse nascido-anjo gostoso era cheio de surpresas. Eu adorava isso.

O sorriso presunçoso no rosto de Logan tornou suas feições ainda mais desejáveis.

— Com algumas pedras da lua — respondeu. Diante da minha expressão interrogativa, ele acrescentou — Elas interrompem o campo magnético do Véu. Se opõem à energia do Submundo que mantêm as Fendas abertas. Mais ou menos o que as bombas EMP fazem com qualquer coisa elétrica e magnética, impedindo-as de funcionar. As Fendas não conseguem se manter... elas entram em colapso.

— Bom. — Soltei um suspiro. — Vou ter que arrumar uma pedra dessas.

Elas teriam me poupado tempo, energia e, possivelmente, minha vida.

— Posso fazer isso acontecer. — Logan me deu um sorriso amplo, seus olhos brilhando e revelando sua rápida perspicácia, o que só aumentou sua sensualidade dez vezes. O nascido-anjo era incrivelmente gostoso.

Beleza. Eu me endireitei.

— Bem, todos podemos concordar que essas Fendas esquisitas têm algo a ver com o tal livro.

Faris esfregou as mãos, sorrindo.

— Estou pressentindo uma viagem de carro no meu futuro.

Abri um sorriso que combinava com o dele.

— Você leu minha mente.

— Uma amostra dos meus *muitos* talentos — ronronou o demônio, tamborilando as pontas dos dedos e erguendo as sobrancelhas

sugestivamente.

— Você sabe onde ele está? — perguntou Logan. Rugas se formaram em sua testa com o que Faris havia dito.

— Não — respondi, ainda sorrindo de animação. — Porém, sei de alguém que sabe.

A chuva manchava as ruas com poças negras quando chegamos à casa de Lars Woodbury. Ela caía em pingos esporádicos, transformando-se em uma garoa enevoadada de tal forma que, se ficássemos do lado de fora por tempo suficiente, nos encharcaria completamente. O vento noturno estava frio e eu estava feliz por ter trazido uma jaqueta, embora não fosse à prova d'água. Quando saí do carro de Logan e adentrei o saguão, parecia que tinha ido dar um mergulho em um dos lagos do *Central Park*. Felizmente, depois de aplicar um sigilo de secagem rápida em minhas roupas, elas ficaram quentes e secas como se eu tivesse acabado de tirá-las de uma secadora.

Logan, em sua jaqueta de couro marrom e botas combinando, não parecia incomodado com a chuva. Ele sacudiu os pingos de seu cabelo e passou os dedos por ele, parecendo um modelo de um daqueles comerciais de produtos capilares. O nascido-anjo me encarou com seus olhos castanhos emoldurados por cílios grossos e úmidos que pareciam deixar seu olhar mais selvagem. Gotas de chuva escorriam de suas têmporas até sua mandíbula, curvando-se em torno de seus lábios deliciosos e os tornando ainda mais tentadores. Droga, ele ficava ainda mais bonito molhado. A cena me fez imaginar a aparência dele ao sair do chuveiro. De preferência, comigo ao seu lado.

E Faris, bem, de alguma forma a chuva não o afetava. Literalmente. As gotas simplesmente rolavam por ele, nunca o molhando, como se houvesse uma camada de óleo o envolvendo. Suspeitei que o familiar estivesse usando algum tipo de proteção invisível, como um guarda-chuva demoníaco.

A viagem de carro de vinte minutos até o *Upper East Side* foi preenchida com tensão e um silêncio desconfortável. Depois da viagem para *New Haven*, quatro semanas atrás, cheguei a pensar que Faris e Logan finalmente tivessem colocado suas diferenças de lado e que poderiam ser um pouco cordiais, até mesmo tolerar um ao outro. Contudo, com a nova situação da Fenda, era quase como se o nascido-anjo acreditasse que o demônio estava envolvido de alguma forma. Não diretamente, é claro, mas como se soubesse algo sobre as Fendas que não estava compartilhando.

Eu não acreditava nisso. Faris nunca tinha mentido para mim. Pelo humor dele no carro, eu sabia que ele também tinha o mesmo pressentimento e que não gostava de ser acusado de algo só porque compartilhava o mesmo DNA que o resto das criaturas do Submundo.

Qualquer pontinha de confiança que eu tinha conseguido construir entre eles já era. Podia sentir a animosidade renovada de Logan em relação a Faris, como se ele tivesse acabado de descobrir o corpo de sua ex-namorada destruído pelo demônio que a atacara. Levaria tempo para consertar algo *assim*. Porém, no momento, eu tinha outros problemas. Problemas gigantes. A briga infantil entre o nascido-anjo e a entidade intermediária teria que esperar.

Lars Woodbury morava em um dos últimos andares de um luxuoso prédio de apartamentos na *5th Avenue* com vista para o *Central Park*. A estrutura em si era feita de tijolos claros com grandes janelas e varandas individuais com vista para o parque. O topo do edifício desaparecia entre as nuvens cinzentas no céu escuro.

— Não fazia ideia de que o Conselho Cinzento pagava tão bem — comentou Faris, admirando os tetos altos do saguão e as molduras decorativas com muitos detalhes em dourado e em vermelho. — Acha que há uma vaga para um demônio intermediário por lá? Eu até usaria aquelas vestes todas roídas por traças por um lugar como este.

O porteiro nos observou enquanto caminhávamos em direção a um elevador que nos esperava. O cubículo também era luxuosamente decorado com painéis de mogno e papel de parede dourado. Lars preferia viver entre os humanos ricos em vez de residir em um lugar modesto como *Mystic Quarter*, o que dizia muito sobre sua pessoa. Isso indicava que ele preferia a companhia de humanos sobre sua espécie. Eu o considerava um bruxo inseguro que ansiava pela aceitação dos outros, especialmente a dos ricos e dos poderosos. Pelo que eu me lembrava, Lars era um bruxo de meia-idade que possuía um acúmulo de peso do qual nunca conseguia se livrar. O homem era esquecível. Você poderia passar por ele na rua e nem o notar.

Com Faris à minha esquerda e Logan à minha direita, apertei o número quarenta e cinco. As portas se fecharam, então, o elevador deu um solavanco e começou a subir. Em silêncio, observei enquanto os números subiam rapidamente para os níveis mais altos.

O demônio se inclinou, sussurrando em meu ouvido:

— O escoteiro vai ser um problema.

A atenção de Logan se voltou para nós quando Faris se recostou. Eu mantive meu rosto impassível. Sabia exatamente o que o familiar queria dizer com isso. Meu plano inicial de “fazer” o bruxo falar com alguns feitiços se ele não fosse acessível logo de cara (tudo sob um disfarce de glamour, é claro) de repente não pareceu tão brilhante assim.

Eu não precisava da aprovação de Logan para fazer meu trabalho, mas também não queria assustar o nascido-anjo com um vislumbre do meu lado mais sombrio. Porque para fazer o bruxo falar, eu poderia ter que tocar naquela parte mais louca de mim, uma parte que ele ainda não conhecia.

Um mestiço tinha sido morto. Eu considerava isso justa causa para aplicar alguns feitiços e um pouco de dor, mas os nascidos-anjos eram diferentes. Eles seguiam as regras. Eu não. Contraí a mandíbula, não gostando de como estava me sentindo. Eu estava dividida entre o medo de arruinar meu novo relacionamento com um cara que eu gostava mostrando quem eu realmente era e a obrigação de descobrir quem matou o feérico e pegou aquele livro.

Porém, qual era o sentido de se estar em um relacionamento se eu não pudesse ser meu eu verdadeiro? Eu era uma bruxa das Trevas e não estava disposta a fingir ser outra pessoa, nem mesmo para ele. Se o cara não gostasse da verdadeira Samantha Beaumont, poderia sair da minha vida agora mesmo.

Emoções nublaram meus pensamentos, contudo, forcei-me a limpar minha mente e a me concentrar no trabalho. Meu instinto me dizia que Lars sabia algo sobre o livro roubado e o motivo por trás da morte do membro do Conselho, mas tirar tais informações dele não seria algo fácil. O homem não tinha conseguido um assento no Conselho Cinzento por causa de sua aparência. Ele era um político e um bruxo poderoso. Esta noite, eu teria uma prévia de sua força.

Primeiro, eu precisava de algo com o que pudesse trabalhar. Conhecer alguma informação pessoal que pudesse ser usada contra o sujeito era a melhor opção, pois causaria danos mínimos.

Virei-me para Logan.

— Você conhece Lars Woodbury?

O nascido-anjo deu de ombros.

— Já o vi algumas vezes em negócios do Conselho, mas não o conheço pessoalmente, se é isso que você está perguntando. Ele não vai saber quem eu sou.

Poxa. Lars sentiria minha aura de bruxa assim que eu cruzasse a soleira.

— Que pena — falei, sentindo uma leve tensão em meus ombros. — Ter algumas informações contra ele poderia ser útil. Acho que vou ter que inventar alguma coisa. — Faris riu, o que me fez fitá-lo. — Tem algo a dizer?

— Não, senhora — disse o demônio. Seus olhos se arregalaram dramaticamente. Ele sorriu. — Estou ansioso para saber como você vai conseguir descobrir o que quer sem fazer alguns buracos no bruxo. Um bruxo com buracos é sempre mais cooperativo. Só estou dizendo.

— Cala a boca, Faris.

As portas do elevador se abriram. Eu saí fumegando. Deveria ter vindo sozinha. Eu trabalhava melhor assim. Ter Faris me seguindo como um labrador bem treinado no trabalho era bastante cansativo, já que eu sempre tinha que me preocupar se ele sairia da linha e machucaria um humano. Porém, ter Logan ao meu lado era muito pior.

Dois era suportável. Três? Bem, três era complicado.

Caminhei por um longo corredor, com Logan e Faris me seguindo logo atrás, e fui até uma alta porta preta metálica, onde viam-se os números 4515 gravados em ouro. Uma luz amarela suave delineava a porta, lançando uma faixa dourada no chão do corredor.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram assim que vi que havia algo de errado. Todas as minhas bandeiras de alerta se ergueram.

A porta estava aberta.

Logan puxou uma lâmina da alma.

— Não acho que ele seja o tipo de cara que deixaria a porta aberta assim — disse ele, com a voz baixa.

Dei-lhe um olhar de soslaio.

— Não deixaria.

Com a respiração rápida, acessei a magia dos meus anéis de sigilo, sentindo meu coração pular com animação e apreensão.

A sombra de Faris caiu sobre mim.

— A menos que ele a tenha deixado aberta de propósito e isto seja uma armadilha — ele sussurrou, fazendo-me encontrar seu olhar. — Você não conhece o bruxo. Qualquer coisa é possível.

Merda. O demônio estava certo. De qualquer forma, eu ainda tinha que esconder meu rosto. Se soubessem que eu invadira a casa de Lars (mesmo que tecnicamente não fosse uma invasão, dado que a porta já estava aberta), teria muitas explicações a dar para a Corte das Bruxas Sombrias.

Virei a aba da minha bolsa-mensageiro para trás, vasculhei o interior e tirei um par de óculos pretos. Sigilos de glamour estavam gravados ao longo das bordas e molduras em padrões ornamentados. Se olhasse de perto, conseguiria ler as palavras BIBLIOTECÁRIA HUMANA em ambos os lados das molduras.

Faris soltou uma risada.

— O que é para você ser? Clarisse Kent? Esses óculos não enganam ninguém.

— Eu estava tentando me passar por uma bibliotecária sensual — murmurei, vendo um sorriso estranho surgir no rosto de Logan. O calor correu para minhas bochechas. — Obrigada pelo voto de confiança. E a propósito, funciona. Já fiz isso antes.

— Preciso de mais explicações. — Faris tamborilou os dedos, erguendo as sobrancelhas com prazer. — Estou recebendo *todos os tipos* de sinais confusos.

Coloquei os óculos e uma cascata de energia fluiu sobre mim assim que os aros tocaram minha pele. O sigilo de glamour flutuou ao redor e

dentro do meu corpo ao passo que minha pele se aquecia com uma onda repentina de energia e de poder.

Desviei meu olhar para Logan, notando que, agora, sua boca estava ligeiramente aberta. Sua expressão curiosa estava misturada com uma espécie de espanto persistente. Era a prova de que os óculos estavam funcionando.

— Nada mal — disse Faris. — Você pode tentar se passar pela Marilyn Monroe da próxima vez? Estou curtindo as loiras no momento.

Mais ereta do que antes, empurrei meus óculos para cima do meu nariz. O glamour não era perfeito e não duraria mais de uma hora. Mesmo assim, era o suficiente. Eu só precisava de cinco minutos. Por enquanto, o feitiço seria o bastante para impedir Lars de descobrir que eu era uma bruxa. Agora, *eu* era uma bibliotecária sensual.

— Vamos lá, rapazes.

Troquei um olhar com Logan e Faris, então, empurrei a porta com meu dedo. Ela balançou para o outro lado. Eu fiquei parada por um momento, ouvindo e enviando meus sentidos em busca de energias demoníacas. Não captei nada.

Girando a energia de meus anéis, falei:

— Vamos com calma.

Entrei e Faris e Logan me seguiram. Preparando-me, fechei a porta cuidadosamente atrás de mim, já que não queria que nenhum humano se intrometesse no meu interrogatório.

Eu não tinha ideia do que esperar. Lars poderia ter deixado a porta aberta de propósito para atrair ladrões em potencial. Talvez ele estivesse entediado e fosse assim que conseguia ter um pouco de emoção. Ainda assim, você tinha que ser louco para invadir a casa de um poderoso bruxo das Trevas, o que, conseqüentemente, significava que eu era a maluca dessa história. Eu sempre trabalhava melhor com um pouco de loucura ao meu lado. Fazer o quê.

A porta dava para um apartamento extravagante com teto e janelas de quatro metros e meio de altura. Música clássica flutuava no ar. Será que era Mozart ou Beethoven? Eu não sabia. Esse não era meu forte. Demônios, contudo, eram.

O leve cheiro de velas, misturado com outra coisa, veio até mim. Sangue. Era um aroma denso, quase sufocante. A tensão repentina nos ombros de Logan me informou que ele também captara o cheiro. Faris

estava sorrindo enquanto respirava fundo, absorvendo o odor. Aquele demônio.

Rastejei mais para dentro, com Logan e Faris me ladeando, e aguicei meus ouvidos para captar qualquer inspiração repentina antes da conjuração de um feitiço. Se Lars tentasse alguma coisa, eu estaria pronta.

O cheiro de enxofre me assaltou. Olhei ao redor, vendo cordões negros de magia demoníaca girando em torno das mãos de Faris como se fossem pulseiras pretas.

Janelas que iam do chão ao teto estavam abertas e nos davam uma vista do *Central Park*. Que rico. Fomos recebidos por pisos de madeira escura e polida enquanto caminhávamos em direção ao centro do apartamento. Sofás de couro preto ficavam sobre o maior tapete persa bordô e azul que eu já tinha visto em toda a minha vida. Além dos sofás de couro, a maioria dos móveis era ornamentada, de madeira e tinha aquele aspecto antigo encontrado em uma loja cara de antiguidades. Itens de coleção. Reunidos ao longo dos anos. Talvez até roubados. Certa vez, ouvi um boato de que um bruxo havia furtado uma das pinturas de Pablo Picasso da Galeria Nacional de Arte em *Washington* e deixado uma falsificação feita com magia em seu lugar.

Ali, nada parecia estar fora de lugar. Não consegui ver nenhum sinal de luta na sala principal, na cozinha aberta ou na sala de jantar. Ainda não havia explicação para o cheiro de sangue.

— Bem, isso é lamentável. — Faris valseou em direção a uma estante alta ao lado da lareira vazia. Ele pegou uma pequena estatueta esculpida e fez uma careta. — Por que alguém iria querer exibir algo tão horrível assim? — O demônio ergueu o objeto em minha direção. — Tem seios, mas não tenho certeza se é uma mulher.

— Coloque de volta. Pode ser amaldiçoado — retorqui.

— Claramente. — Faris devolveu a estatueta e enxugou as mãos nas calças.

Olhei para a pequena cozinha. Eu não estava sentindo nenhuma vibração bruxa além da minha, mas isso não significava que o dono do lugar não estava aqui.

— Verifiquem os quartos — falei, avistando três portas em um corredor que ficava depois da sala. — Ele pode estar usando um glamour. Estejam prontos.

Com o coração acelerado, passei pela sala de estar e fui em direção à primeira porta. Logan e Faris passaram furtivamente por mim, seguindo até as outras duas. Mantendo minha magia preparada, pronta para liberá-la caso o bruxo pulasse em mim, abri a porta, lenta e silenciosamente.

Não havia nenhum tipo de armadilha ou maldição do outro lado. Lars também não estava lá. Em vez disso, vi-me olhando para um banheiro, tão luxuoso quanto o prédio. Um banheiro preto. Uma banheira preta, um chuveiro gigante com, veja só, ladrilhos pretos e uma bancada preta dupla com pias pretas me deram boas-vindas. Era um ambiente frio, muito masculino e muito solteiro. Agora, não havia dúvidas de que nenhuma bruxa morava aqui, pois a primeira coisa que ela teria feito seria se livrar do banheiro. Eu também não iria querer usá-lo.

Saí do cômodo assim que Logan deixou o quarto ao lado.

— Nada — ele me disse.

— Nem aqui.

Estranho. A porta aberta era uma pista inconfundível. Era um convite claro para dar uma olhada. Onde estava Lars? E de quem era o sangue que eu sentia o cheiro?

— Aqui dentro — veio a voz de Faris do último quarto. — Sem pressa. Ele não vai a lugar nenhum.

Fiz uma careta e olhei para Logan, que deu de ombros. Com o pulso rápido, passei correndo pelo nascido-anjo, adentrei o quarto e parei.

— Puta merda — xinguei assim que Logan apareceu e esbarrou no meu braço.

— Droga — foi tudo que ele conseguiu dizer.

Um homem nu estava pendurado no teto. Seis correntes suspensas em ganchos de metal estavam cravadas na carne de suas costas. Um corte profundo no topo de sua cabeça abria todo o caminho até a testa, emoldurando um rosto contorcido em uma máscara de dor e de medo. Seu cabelo vermelho e ardente estava encharcado em sangue. Ele tinha sido estripado. Um grande corte perfurava seu peito. Suas entranhas eram um caos sangrentos sobre seus lençóis. As órbitas escuras e vazias eram tudo o que restava de seus olhos. Runas e sigilos pintados com sangue marcavam seus braços, pernas e até mesmo seu rosto, provavelmente tendo sido feitas com os próprios fluidos do homem. Velas acesas estavam no chão do quarto, estrategicamente posicionadas em cada ponta de uma grande estrela dentro de um círculo pintado com sangue no meio do cômodo. No centro do

círculo, estavam dois globos oculares ensanguentados, colocados acima de um único nome: Naberius. Um duque demônio do Submundo.

Fantástico.

— Sammy, quero lhe apresentar Lars Woodbury — disse Faris, parado ao lado de uma cama *king size* com um sorriso totalmente inapropriado no rosto. — Acho que posso afirmar que ele não responderá a nenhuma de suas perguntas.

Tirei meus óculos e os joguei na minha bolsa.

— Agora, sabemos qual foi o envolvimento dele em tudo isso.

— Sim — expressou Faris. — Suflê de demônio.

Se ainda houvesse alguma dúvida de que Lars estava envolvido na morte do membro do Conselho ou com o desaparecimento do livro... agora, não havia mais. Todavia, ele estar morto era um problema, pois o bruxo não só não podia responder a nenhuma das minhas perguntas como seu estado atual também adicionava um monte de outras indagações à minha lista.

Logan deu a volta com cuidado ao redor da cama e olhou para a cabeça do bruxo morto, suas belas feições torcidas em desgosto.

— Tem certeza de que é ele?

— Sim. — Seu cabelo ruivo era uma dica, mas eu também reconhecia seu rosto. Isto é, o que restava dele. Aproximei-me e me movi para o meio do quarto, tomando cuidado para não pisar no círculo de sangue ou na estrela. — Ele foi oferecido como sacrifício. A maneira como eles o colocaram em exibição assim tem um significado.

— Com certeza — concordou Faris. — Significa que ele está morto.

O nascido-anjo veio para o meu lado.

— Quem é Naberius? Nunca ouvi falar desse demônio.

— Eu já — disse Faris antes que eu pudesse responder. Ele moveu seu olhar ao longo dos ganchos que perfuravam as costas do morto. — Um sabe-tudo insuportável. O bastardo me deve cinco mil almas. — Sua boca se fechou ao ver o meu olhar. — O que foi? É verdade. Não me olhe desse jeito. Eu não sou bom. Não está no meu DNA.

Eu não queria discutir sobre aquilo com ele.

— O demônio é um duque — informei a Logan. — Poderoso. Mortal. Blá, blá, blá. Você sabe o resto.

— Então, acha que quem o matou ofereceu a alma do bruxo a esse demônio? — perguntou o nascido-anjo em um tom amargo.

Eu sabia que ele estava lutando para manter suas emoções escondidas. A morte do sujeito o incomodava. Muito.

Ajoelhei-me diante de dois olhos azuis claros com nervos carnudos ainda conectados atrás deles.

— Parece que sim.

— Por quê?

— Boa pergunta. — Eu me levantei, procurando por mais alguma pista pela sala. — Outro questionamento é: por que Lars? E por que agora? Se esses são os mesmos caras que mataram o feérico, por que eles simplesmente não atiraram nele? Por que todo esse *show*? E por que escolheram Naberius? — Olhei para o demônio intermediário, um dos globos oculares de Lars estava entre os seus dedos. — Faris?

O que diabos ele estava fazendo?

— Faris!

O familiar se encolheu. O globo ocular escorregou de seus dedos, caindo com um *plop!*

— Você não precisa gritar. Estou bem aqui — disse ele, irritado. A entidade pegou o globo ocular achatado e o colocou ao lado do outro. — Os globos oculares são um toque agradável. Dá um significado totalmente novo para “vejo-o mais tarde”.

Minhas sobrancelhas se abaixaram e meu humor azedou.

— Acho que quem fez isso é louco.

Como uma bruxa das Trevas, eu tinha visto minha cota de globos oculares e outras partes anatômicas flutuando em potes cheios de formaldeído. Contudo, eu nunca os usara em nenhum dos meus feitiços ou maldições. Esse era um nível diferente de magia negra. Eu gostava de ser má, mas não queria me tornar perversa. Havia uma linha tênue entre os dois. Depois que a atravessasse, não havia como voltar atrás.

— Porém, isso também nos diz — continuei — que esses caras são estruturados e organizados. Eles são estrategistas. Há mais de um. O grupo tomou o tempo necessário para que tudo fosse feito direito. E é óbvio que eles sabem o que estão fazendo.

Levaria muitas horas para realizar esse tipo de ritual. Contudo, bruxos matando bruxos? Não fazia sentido.

Olhei para Faris.

— Qual é a especialidade de Naberius? Pelo que ele é conhecido no Submundo? — Ergui minha mão. — Além de lhe dever algumas almas.

A entidade agarrou um canto do lençol que não estava manchado com o sangue da vítima e enxugou as mãos.

— Ele tem um talento especial para os negócios. Não é nada mau em feitiços. No Submundo, Naberius é um demônio muito útil. É para ele que você liga quando precisa de algo. E quando eu digo *algo*, quero dizer, se você está com poucas almas ou se quer sumir com o marido da demônio com quem está transando há dois meses. Ele é ótimo em remover todas as evidências que levariam até você. O cara é pau para toda obra. Se precisa muito de algo, Naberius pode fazer acontecer. E isso vale tanto para os humanos quanto para os mestiços que o convocam. Ele é o demônio a se invocar em sua hora de necessidade e desespero. — Faris fitou Lars. — Tudo por um preço, é claro.

Olhei para o bruxo morto.

— Então, eles sacrificaram Lars em troca de algo.

Farissael moveu a cabeça de um lado para o outro, ponderando.

— Sim, essa lógica parece se encaixar.

— E se continuarmos pensando assim — falei, andando de um lado para o outro na sala —, significaria que as mesmas pessoas que mataram Sarek mataram Lars. Contudo, se eles já têm o livro... por que precisariam sacrificar o bruxo?

O demônio intermediário olhou interrogativamente para a vítima da vez.

— Informações? Talvez ele soubesse algo de que queriam saber.

— Pode ser.

— Os bruxos fizeram isso — afirmou Logan depois de um momento.

— Espere aí — disse Faris enquanto fechava a distância entre ele e o nascido-anjo. — Só porque parece que um bruxo fez esse sacrifício, não significa que *tenha sido* realmente um. Lembra-se dos magos, escoteiro? — acrescentou com uma expressão zombeteira. — Ou você já esqueceu?

Com seus olhos castanhos parecendo ainda mais escuros, Logan o encarou com dureza.

— Estou apenas dizendo o que eu vejo, demônio.

Excelente. Isso de novo não.

Meus olhos se moveram entre eles. O nascido-anjo estava com os braços cruzados e um sorriso estranho nos lábios. O rosto de Faris estava retorcido com uma satisfação e confiança infundadas enquanto olhava para o outro. O demônio intermediário queria lutar.

— Chega dessa marcação de território. Podem muito bem ter sido bruxos — eu disse, antes que Logan e Faris entrassem em mais uma de suas brigas.

Meus olhos percorreram os detalhes intrincados das runas, bem como o círculo e a estrela perfeitamente desenhados. Não havia nada fora do lugar. Nem um traço. Nem uma linha tremida. Nem mesmo uma gota de sangue. A merda do círculo era perfeita e muito melhor do que qualquer outro que eu já tinha desenhado. Impressionante.

— Também podem ser lobisomens. A maioria deles não curte magia, mas eu vi uma que era habilidosa o suficiente para fazer algo dessa magnitude.

Meu pulso disparou com a lembrança da mulher de pele escura que nos mandara para um porão nojento, à espera do nosso torturador. Ela usava um pingente repelente de magia, mas também sabia manuseá-la com habilidade. A lobisomem daria conta de fazer algo assim.

Pressionei minhas mãos em meus quadris, ainda considerando as opções.

— Também podem ter sido humanos. Porém, não saberemos com certeza até descobirmos por que Lars foi sacrificado e que livro eles levaram.

Parecia que quanto mais fundo eu me aprofundava no caso, mais confusa eu ficava e mais longe estava de realmente resolver o assassinato do feérico. E, agora, também de seu colega.

Por que essas coisas sempre aconteciam comigo?

— Dois membros do Conselho Cinzento foram assassinados. Preciso reportar isso.

Faris me olhou com atenção. Eu não gostei da tensão que vi em sua mandíbula.

— Sammy querida, esqueceu que eles vão perguntar por que você estava aqui?

Certo.

— Vou contar a verdade. Que eu vim para obter informações. Isso é tudo. Informações para ajudar na minha investigação. Eles vão acreditar em mim.

O demônio intermediário fez uma careta.

— Com seu histórico, querida, não tenho tanta certeza.

Peguei meu telefone.

— A Corte sabia com quem estava lidando quando me contratou. Se eles queriam alguém que tivesse medo de sujar um pouco as mãos...

— Teriam contratado o escoteiro aqui — finalizou Faris, seu sorriso se esticando até os ouvidos.

Logan abriu a boca para protestar. Então, um estrondo veio do corredor como um trovão e sacudiu o apartamento.

Um choque de adrenalina me atravessou. Com os olhos arregalados, encarei Faris.

— Naberius? — Achei que talvez o demônio tivesse vindo buscar o corpo para usar sua pele como um novo casaco ou talvez um novo par de botas. Quem sabe? Entidades eram estranhas.

Faris balançou a cabeça, seu rosto escurecendo ao ergueu o olhar em direção à porta do quarto.

— Soou como se a porta da frente tivesse explodido. Naberius não anunciaria sua chegada assim. Ele é um duque, não um idiota.

Bem, era verdade.

As luzes piscaram e se apagaram, deixando-nos apenas com as chamas das velas que ainda estavam acesas. Droga.

Logan saltou para a porta antes que eu pudesse detê-lo e espiou.

*Pou! Pou! Pou!*

Ele cambaleou para fora da linha de fogo quando as armas dispararam. Balas cravaram-se no batente, a apenas alguns centímetros de onde sua cabeça estivera, cobrindo seu cabelo com lascas de madeira quebrada.

Com o coração martelando, pulei para o outro lado do batente da porta e me agachei, pressionando minhas costas contra a parede.

— Quem é o desgraçado que está atirando em nós? — sibilei, mantendo minha voz baixa.

Meu corpo tremeu quando a energia dos meus anéis de sigilo irrompeu dentro de mim, respondendo instintivamente ao meu pânico repentino. Era tanta energia que minha pele formigou. Cerrei os dentes enquanto me esforçava para mantê-la contida nas pontas dos meus dedos, antes que acabasse soltando-a acidentalmente. Eu não sabia muito sobre armas de fogo, mas aquele barulho definitivamente soara como uma semiautomática.

Ouvi o som de sapatos se arrastando no chão. Faris saltou em direção à parede para se agachar ao meu lado.

— Talvez sejam as mesmas pessoas que brincaram de pular corda com os intestinos de Lars.

Legal. Isso não fazia sentido. Não é como se tivéssemos interrompido o ritual deles, quer dizer, se é que eram os mesmos caras. Pelo tom de pele

acinzentado do bruxo, era possível deduzir que Lars estava morto há algum tempo. O ritual estava finalizado. Então, por que o tiroteio?

Dei uma olhada no corredor além da porta do quarto, mas só vi paredes e sombras.

— Não estou recebendo nenhuma vibração bruxa.

— Nem eu — disse o demônio intermediário. Seus olhos brilharam. — Emocionante, não é?

Meus lábios se separaram.

— Na verdade, não.

Observei Logan do outro lado do batente da porta. Seu rosto havia perdido toda a expressão, mas uma tempestade havia se formado em seus olhos. Ele se agachou na ponta dos pés, parecendo que estava prestes a fazer algo estúpido. Se o nascido-anjo se movesse, as balas rasgariam sua carne como se ele fosse feito de papel.

— Eu não sei vocês — falei, tentando ouvir o som de passos se aproximando com um feitiço preparado em minha mente —, mas não conheço nenhum bruxo que use armas. Acham que eles vão atirar em mim se eu sair?

Era uma pergunta idiota, eu sei. Ainda assim, se eu pudesse ver quem estava atirando em nós, poderia acertá-los com minha magia.

— Só há uma maneira de descobrir. — Faris pegou um travesseiro vermelho e dourado da cama. — Não atire — gritou ele, numa imitação debochada de uma voz de mulher. — Estamos saindo! — O demônio jogou o travesseiro no corredor.

Balas rasgaram o objeto, cobrindo o ar com penas brancas. Mais tiros sulcaram o chão, a parede e o teto, vindo de algum ponto fora de vista e enchendo o ar com pedaços de gesso e poeira.

Faris voltou para perto da parede.

— Isso responde à sua pergunta?

A raiva deu um nó no meu intestino. Eu não gostava de me sentir presa, mas também odiaria levar um tiro. Inspirei fundo e congelei ao som de botas pesadas raspando contra o piso de madeira. Eles estavam se aproximando. Dois sons de passos distintos se juntaram. Enrijeci ao ouvir o estalo agudo de metal contra metal. Alguém estava recarregando uma arma. Agucei minha audição, sem me mover ou ousar respirar.

Pisquei através da poeira e dos detritos.

— Quantos acha que são?

Parecia haver dois ou possivelmente três. Poderíamos pegá-los e manter um vivo para interrogá-lo.

— Cinco. Talvez seis — disse Faris.

A cabeça de Logan se virou para ele.

Merda. Isso era ruim. Seis loucos com pistolas querendo explodir nossas cabeças. Que droga. Como eu amava meu trabalho.

— Se alguém tem um plano — falei —, eu adoraria ouvir.

Para usar meus anéis de sigilo nos recém-chegados, eu tinha que estar perto deles, ou, pelo menos, tinha que *vê-los* para não acabar enfeitando acidentalmente um inocente. Contudo, o problema maior de uma bruxa era que tínhamos que conjurar nossa magia, o que exigia esforço e tempo. Uma arma disparava bem mais rápido do que eu poderia proferir meus feitiços.

No momento em que eu colocasse os pés no corredor, seria despedaçada como uma pinhata de bruxa das Trevas. E eu preferia manter *todas* as partes do meu corpo como estavam, muito obrigada.

— Não olhe para mim. Não sou um herói — disse o demônio intermediário. — A única pessoa com quem me importo sou eu mesmo. — Seu rosto estremeceu com a minha reação. — O quê? Achei que deveria ser aberto e honesto sobre meus sentimentos.

— Que ótimo, Faris. — Virei minha cabeça para o lado, sentindo meu coração bater contra minhas têmporas.

Uma súbita sensação de desconexão ondulou por mim assim que senti uma estranha dormência, como se cada última gota de poder dos meus anéis de sigilo tivesse sido arrancada de mim.

O pânico me atingiu. Encarei meu familiar.

— Você sentiu isso?

O demônio intermediário tinha uma carranca em seu rosto.

— Sim, senti. O meu também.

Logan nos observou. Seus olhos se estreitaram.

— O quê?

Meus olhos encontraram o nascido-anjo.

— Eles acabaram de usar uma proteção contra magia. Uma das fortes. Significa que não consigo usar meu poder. Nem Faris.

Sem minha magia, eu não tinha nada além de meu charme para me salvar. E eu não achava que meu sorriso adiantaria de alguma coisa. Pânico se agitou em mim, instalando-se em um lugar familiar em minha alma. Mantive meu rosto impassível, tentando não deixar transparecer meu medo.

Especialmente na frente de Logan. Era uma coisa difícil de admitir, mas sem minha magia, eu era praticamente uma humana. Droga. Era um pensamento assustador.

A percepção acendeu uma onda de fúria em mim. Esses desgraçados tinham tirado minha magia, contudo, não podiam tirar a bruxa das Trevas que vivia em mim. Eu conhecia meu poder, assim como conhecia feitiços e proteções. As proteções poderiam ser removidas de duas formas: uma era matar aquele que a havia invocado e a segunda era encontrar a própria proteção e destruí-la, ou apagando-a ou apenas traçando uma linha através dela. De qualquer forma, o encantamento protetor não ia durar.

E quando falhasse, eles estavam mortos.

— O que vamos fazer? — perguntou Logan.

Respirei fundo e abaixei minha voz.

— Precisamos encontrar a proteção e destruí-la. Também podemos matar aquele que a criou. Porém, pode ser qualquer um deles. Levaria muito tempo e não podemos arriscar.

O nascido-anjo xingou. Quando eu olhei para ele, percebi que seus olhos estavam em mim. Um lampejo de raiva iluminou sua expressão. Em sua mão, estava uma arma.

— Desde quando você anda armado?

Eu nunca tinha visto Logan com uma. Nunca. A arma tinha uma cor prateada escura e era volumosa, mas pequena o suficiente para ficar escondida em algum lugar de seu corpo. Se bem que uma lâmina da alma não ajudaria muito contra uma saraivada de balas. Tá, fazia sentido.

— Sempre carrego uma arma, assim como eu sempre carrego uma lâmina. — Os olhos do nascido-anjo estavam arregalados e selvagens. — Uma coisa é certa. Se ficarmos aqui, vamos morrer.

— O escoteiro tem razão — disse o demônio intermediário.

Logan encontrou meus olhos, calma e desafiadoramente.

— Pegue qualquer coisa que você possa usar como arma.

Faris estendeu a mão e me segurou.

Eu me desvencilhei de seu aperto.

— Idiota.

A expressão do nascido-anjo parecia perversa. Eu podia ver que ele estava prestes a fazer algo nobre e muito estúpido.

— Logan...

— Eu vou lá — disse o nascido-anjo. — Procure a proteção. Eu a cubro. Fique abaixada.

— Fique abaixada? Espere!

Em um borrão, Logan saltou para fora da porta do quarto com sua arma em punho. Eu me perguntei se sua essência de anjo o havia equipado com velocidade sobrenatural, ou, talvez, ele só tivesse assistido a muitos filmes do James Bond. Quem sabe, ambos.

O nascido-anjo era rápido, eu tinha que admitir, mas não era mais rápido que uma bala. Logan seguiu junto à parede, mantendo seu braço reto e atirando. Tiros explodiam e balas colidiam contra a parede ao lado dele. O nascido-anjo se agachou, caiu no chão e rolou à medida que as balas roçavam perto de seu corpo. Felizmente, nenhuma o tocou. Ou eles tinham uma mira muito ruim ou Logan tinha sorte. Era um milagre que ele ainda estivesse inteiro.

— Droga! — gritei, agarrando as seis velas no chão e tentando não me queimar.

Faris olhou para mim.

— Eu sei que devo apoiá-la nas suas decisões e tudo mais... mas tenho que dizer... essas... — ele gesticulou — velas não vão ajudar.

— Apenas pegue alguma coisa e encontre a merda da proteção!

Pressionei-me contra o batente da porta, escutando o som ensurdecedor de tiros quando arrisquei dar uma espiada na beirada. As sombras se estendiam pelo corredor, mas Logan não estava ali. Tudo que eu conseguia ver eram escombros e mais sombras.

— Estou vendo — gritou Faris do outro lado do batente da porta. — Na parede atrás do sofá.

— Visão noturna? — perguntei, ligeiramente impressionada e com inveja. Se minha magia estivesse funcionando, eu poderia ter arrumado um sigilo de visão noturna em três segundos.

— Como um gato — disse o demônio intermediário. Um indício de seus dentes brancos aparecia na escuridão.

Virei-me para ficar de frente para o batente da porta. Meu coração deu um salto. Eu odiava isso. Estávamos entrando literalmente às cegas e sem magia, mas eu não tinha escolha. Esses desgraçados iam nos matar. Eles iam matar Logan.

Tiros explodiam como um trovão. Era uma merda de uma zona de guerra. Os humanos vizinhos provavelmente já tinham chamado a polícia a

essa altura. Balas disparavam e se acumulavam na parede, em algum lugar perto de mim. O som das janelas quebrando no apartamento caro de Lars era quase inaudível sobre os disparos.

*Por favor, tome cuidado, Logan.*

— Espere até recarregarem — eu disse rapidamente em um tom grosso e quase imperceptível. — Então, corremos para a proteção. Quem chegar primeiro, irá destruí-la.

Assim que nos livrássemos dela, seria vingança. Veríamos se suas balas poderiam parar uma saraivada de bolas de fogo apontadas para suas cabeças.

Faris assentiu ligeiramente.

— Entendido.

Vacilei quando outra rajada de tiros fez o apartamento tremer. O tempo diminuiu. Horas pareceram passar enquanto Faris e eu permanecemos encostados na parede ao lado do batente da porta, esperando pela oportunidade única.

Então, por um momento feliz, o tiroteio parou subitamente. Meus ouvidos estavam zumbindo, mas os tiros haviam cessado. Nós só tínhamos poucos segundos, mas era tudo que eu precisava.

Estava na hora.

Reunindo minha coragem, soltei as velas porque, convenhamos, era uma ideia idiota.

Então, pulei para fora do quarto e corri pelo corredor.

C orri em direção à sala de estar com Faris ao meu lado. Sombras tomaram forma. Uma mesa. Cadeiras. Um corpo caído no chão. Um segundo a mais e eu teria tropeçado nele. A luz vinha das janelas altas, principalmente da lua. Surpreendentemente, era brilhante o suficiente para iluminar o apartamento quando você sabia o que estava procurando. Apenas um sofá estava contra a parede oposta.

Fui até ele.

Assim que pulei sobre o corpo, o tiroteio recomeçou.

Balas explodiram ao meu redor enquanto eu corria para o sofá. Curvando meus ombros e abaixando minha cabeça o melhor que pude, lancei meu olhar ao redor, procurando por Logan. Não consegui encontrá-lo, mas eu os vi.

Três deles estavam na minha linha de visão. Vestidos todos de preto e em estilo militar, estavam totalmente equipados com coletes à prova de balas. Seus rostos estavam escondidos atrás de máscaras pretas da SWAT.

Ouvi um som metálico atrás de mim e girei a cabeça a tempo de ver um homem estranho apontar uma arma automática na minha direção. Joguei o corpo para o lado, escutando uma breve explosão de tiros. Balas rasgaram as tábuas do piso ao lado das minhas botas quando comecei a gritar como uma sirene, esperando impulsionar meu movimento com a onda de adrenalina. Não funcionou.

Dois metros e meio. Eu estava quase lá. O problema era que estaria bem exposta, na linha de fogo, assim que chegasse à proteção. Eu não tinha nada além do sofá para me esconder. E ele não era de metal.

Dois metros. Agora, eu podia ver claramente a proteção, formada por três linhas onduladas dentro de um grande diamante. Ainda estava molhada, feita do sangue do seu conjurador, o que explicava porque era poderosa a ponto de afetar o poder de um demônio intermediário. A magia de sangue doía como o inferno, mas funcionava.

Um pensamento me ocorreu. Como eles sabiam que um demônio estava aqui?

Alguém gritou. Foi Logan?

Pânico me atingiu. Eu estava a um metro de distância da proteção quando algo bateu no meu ombro e me jogou para o outro lado, por cima do sofá. Caí no chão de madeira rolando e me bati contra a parede. *Aaaaiii*.

Grunhindo de esforço e usando o sofá como apoio, levantei-me.

Faris estava com as mãos ao redor da arma do homem, puxando e xingando enquanto lutava para soltá-la. Infelizmente, o sujeito era encorpado, alto e igualmente forte. Era como se a arma estivesse presa em seu punho. Normalmente, Farissael teria facilmente quebrado o pescoço do homem. Contudo, não só o demônio intermediário não podia operar sua magia como também parecia que a proteção estava afetando sua força demoníaca sobrenatural. Que droga de proteção. Eu tinha que destruí-la antes que Faris levasse um tiro.

Merda. Isso não estava indo bem. O eufemismo do ano.

— Você precisa destruir a proteção, Sammy! — gritou o familiar enquanto lutava com o homem pela arma. Seu rosto estava vermelho e contorcido pelo esforço extenuante.

*Ah, será?*

Recuei com o barulho alto de tiros e me abaixei ao lado do sofá. Pedacos de almofada choveram ao meu redor, parecendo neve. Olhando por cima da borda, pude distinguir mais dois homens armados, um atrás da ilha da cozinha e o outro encostado na parede perto da entrada.

Não consegui ver o resto do grupo. Talvez estivessem mortos.

Um movimento atrás de Faris chamou minha atenção.

Logan se jogou para frente, caiu no chão e rolou para uma posição agachada ao lado de uma cadeira de couro perto de mim. *Exibido*. Ele fazia parecer tão fácil.

O nascido-anjo ergueu a arma e atirou em direção ao homem no corredor. O som estalou como um trovão. O sujeito recuou em agonia com sangue espirrando de seu pescoço. Ele caiu de joelhos com a mão na garganta na tentativa de parar o sangramento. O homem levantou a arma e atirou em Logan. Foi um tiro no escuro, mas ele não parou. Sua mão tremia. A dor era visível em sua postura tensa, ainda assim, o maldito continuou puxando o gatilho o mais rápido que podia.

Ouvi vários cliques secos. Ou a arma havia emperrado ou ele estava sem balas, o que acabou trabalhando a favor de Logan. O homem vacilou, caiu de cara no chão e não se mexeu mais.

— Lucas! — veio a voz de outro inimigo. — Levante-se!

Vendo uma clareira, o nascido-anjo se moveu em minha direção... Ele se inclinou atrás da cadeira quando as balas atingiram o chão, estilhaçando as tábuas do piso onde sua bota estivera.

O homem saltou para a cozinha e parou ao lado de seu amigo caído.

— Lucas!

Apontando sua arma para Logan e ainda atirando, ele pressionou a outra mão contra o pescoço do colega caído. O sujeito abaixou a arma por um segundo. Embora eu não pudesse ver seu rosto, pude sentir sua raiva quando ele soltou seu amigo. Seus movimentos se tornaram rígidos com a agressividade e a promessa de vingança.

Então, ele apontou sua arma para o nascido-anjo, começando a atirar novamente. O medo apertou meu coração quando as balas voaram na direção de Logan, atingindo a cadeira e rasgando-a como se fosse feita de espuma. Isso não ia dar certo. Logan estava encurralado. Se ele se movesse, estaria morto. Porém, se também não se afastasse da cadeira logo, pereceria.

Merda.

— A qualquer hora, agora — gritou Faris com suor brotando na testa pela primeira vez. Eu não tinha ideia de que o demônio podia transpirar.

Como ninguém estava atirando em mim no momento, tomei isso como um sinal para me mover. Com meu coração batendo loucamente, empurrei o sofá para fora do meu caminho e segui em direção à proteção. O mais rápido que pude, passei a mão pelo feitiço ensanguentado, manchando-o e destruindo o diamante desenhado para interromper a conexão mágica.

O efeito foi instantâneo.

Uma sensação repentina de energia fresca e ondulante passou por mim, batendo em minha mente como mil tambores. Inclinei-me com o pico de poder. Ele se chocou contra mim. Eu gritei quando a magia da proteção de repente tomou todo o espaço dentro do meu núcleo.

Cambaleei, liberando a energia dentro de mim e forçando-a para fora. Preparando-me, deixei o poder sair, tremendo com a adrenalina. Tirando o cabelo dos meus olhos, olhei para a bagunça que antes era um encantamento protetor cuidadosamente desenhado. Senti meu pulso retumbando. Eu estava cansada, exausta, suada e tremendo, mas tinha conseguido.

A proteção já era.

Um sorriso perverso repuxou meus lábios. Minha vez, seus filhos da puta.

Cerrando os dentes, saltei sobre o sofá, avistei o homem armado que estava atirando em Logan e gritei:

— *Glacis!*

Uma onda de poder invisível passou por mim, explodindo e atingindo o homem bem no peito. Ele congelou e a arma escorregou de sua mão, caindo com um baque alto no chão duro. O sujeito caiu de lado, rígido como o tronco de uma árvore caindo.

Dobrei meus dedos em forma de arma e soprei a ponta do meu dedo indicador.

— Peguei você.

Virei-me a tempo de ver um sorriso malévolo se espalhar pelo rosto de Faris enquanto ele puxava a arma da mão do homem como se tirasse um brinquedo de uma criança pequena.

— Cochilou, perdeu.

Então, em um borrão, o demônio quebrou o pescoço do cara. O homem ficou mole e caiu no chão em um emaranhado de membros.

Quando voltei a olhar para Faris, um charuto estava em sua mão. Ele mordeu a ponta e cuspiu para um lado. Uma chama dançava em sua outra mão. A entidade deu algumas baforadas no charuto enquanto o acendia. Farissael soprou um anel de fumaça e sorriu quando me pegou olhando.

— O que foi? — ele deu de ombros, dando outra tragada. — É estranho. Senti uma liberação imensamente satisfatória quando quebrei o pescoço dele. Precisei de um charuto. Sabe o que eu quero dizer?

— Não.

Eu não queria pensar na satisfação distorcida que os demônios sentiam quando matavam humanos, mesmo que esse cara merecesse. Atravessei a sala de estar até o assassino congelado deitado no chão da cozinha.

Logan estava ao meu lado em um *flash*.

— O que fazemos com ele?

— Precisamos dele vivo — ofeguei, um pouco aliviada ao ver o nascido-anjo sem buracos em sua bela pele.

Eu me movi e parei acima do homem, abaixando-me para tirar sua máscara preta da SWAT. O que vi foi um cara jovem, talvez de dezoito ou de dezenove anos, com um rosto comum e grandes olhos castanhos.

Merda. Ele era só uma criança.

**E**u não gostava de torturar jovens que pareciam ter acabado de terminar o ensino médio, mas ele tentara ferir a mim e meus amigos. O cara queria nos matar, o que, segundo minhas regras, qualificava-o para receber uma surra.

Abri meus lábios em um sorriso largo.

— Você e eu vamos bater um papo.

— Acha que ele vai falar? — indagou Logan, enquanto enfiava a arma no coldre que eu nem tinha notado que estava em volta da sua cintura. Perguntei-me se ele tinha outra arma escondida em um coldre no tornozelo.

Meus olhos se voltaram para o atirador. Nenhuma energia mestiça ou de nascido-anjo veio dele. Não. O garoto era totalmente humano. Não era preciso ser especialista para ler o medo nos olhos dele.

— Ele vai falar.

A raiva brilhou em seu rosto. Isso ia ser divertido.

— Pergunte-o sobre o livro — veio a voz do demônio intermediário.

Virei minha cabeça. Com as pernas cruzadas na altura do joelho, Faris se sentou no que restava de um dos sofás. Seu charuto estava na mão esquerda, havia uma bebida na outra. Aparentemente, ele encontrara o armário de bebidas do apartamento. O demônio pareceu satisfeito quando uma cascata de energia negra o invadiu e seu traje mudou para roupas limpas e passadas.

— Se bem que, talvez seja melhor perguntar onde ele conseguiu essa roupa fofa.

Meu Deus, aquela entidade era irritante. Corpos estavam espalhados por toda parte. Nós quase morremos, e aqui estava ele, relaxando e apreciando a vista com uma bebida. É o que se ganha quando se transforma um demônio intermediário em seu familiar.

Logan se abaixou, pegou a arma do homem e apontou para ele.

— Vai fundo.

Puxei o poder dos meus anéis de sigilo e entoiei:

— *Confractus glaxis.*

Uma onda de energia passou por mim e se derramou sobre o jovem. Seus olhos se arregalaram, então, ele se agachou, pronto para correr. No

momento seguinte, seu corpo congelou. O cano da arma do nascido-anjo estava contra sua testa.

— Faça um só movimento — ameaçou Logan com uma expressão confusa no rosto —, e você vai decorar esta cozinha com seu cérebro.

Era errado pensar que o nascido-anjo estava muito gostoso neste exato momento?

— Pode até melhorar a decoração — comentou Faris da sala com rajadas de fumaça saindo de sua boca.

Apontei um dedo para o familiar.

— Você. Calado. — Então, voltei-me para o humano. — Você. Sente-se — pedi, vendo que ele não estava se movendo. — Não vai demorar. Eu prometo. Cinco minutos no máximo.

*E então você vai direto para a cadeia, seu lixo assassino.*

— Vai se foder — cuspiu o jovem, apesar de fazer como instruído. Seus olhos estavam arregalados e cheios de uma mistura de puro ódio e medo.

— Legal — falei. — Agora, por que não começamos com uma pergunta óbvia? Você matou Lars?

O jovem me deu um sorriso presunçoso.

— Quer saber se nós estripamos o bruxo velho? Sim, nós o matamos — acrescentou com orgulho, surpreendendo-me e me fazendo sentir um pouco mal.

Por um momento pensei que ele estava mentindo, mas então o cara continuou falando com um expressão séria:

— Fizemos um favor ao mundo. Um bruxo a menos. A magia é obra do diabo. Corrompe a alma. — Ele fez um som de nojo e cuspiu no chão, como se apenas dizer a palavra tivesse sujado sua boca. — Todo mundo sabe... bruxos são filhos do diabo, assim como todos vocês, monstros — acrescentou, olhando para Faris, que estava muito ocupado com sua bebida para se importar.

— Monstros? — Eu ri. — Como se eu nunca tivesse ouvido isso antes. E eu achando que a nova geração seria mais inteligente. — Coloquei minhas mãos nos quadris, perguntando-me quanto tempo tinha até que os policiais aparecessem e tivéssemos que correr. — Você é uma contradição ambulante. Diz que odeia bruxos, que odeia a magia, mas então, um de vocês teve que usá-la para fazer aquela proteção na parede — afirmei, apontando para a mancha vermelha. — Vocês também precisaram de

algumas habilidades mágicas poderosas para derrotar Lars. Como se não fosse o bastante, decidiram oferecê-lo como sacrifício a um demônio. O que é isso, senão magia?

O jovem cuspiu no chão de novo, como se estivesse se protegendo de alguma maldição.

— Você não sabe de nada.

— Tem razão. Não sei. — inclinei a cabeça. — Esclareça-me.

Com a mandíbula apertada, ele estreitou os olhos com raiva.

— Não tenho nada para dizer.

Frisei meus lábios.

— Hum. Eu ainda não terminei.

Acessei meus anéis de sigilo, atraindo apenas magia suficiente para que pequenas fitas de fogo dançassem em volta dos meus dedos. Levantei minha mão para ele ver as chamas amarelas e alaranjadas.

— Você pode me matar com seu fogo de bruxa — disse o jovem em um tom carregado de desafio —, mas eu vou ressuscitar. — Ele ergueu o queixo. — Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá.

Beleza. Que loucura.

Olhei para Logan. Ele deu de ombros.

— Sou um guerreiro. Não alguém versado nas Escrituras.

— Isso é da Bíblia — disse Faris com fumaça saindo de seus lábios. —

João, capítulo onze, versículo vinte e cinco.

Levantei as sobrancelhas.

— Você conhece a Bíblia?

Farissael franziu o rosto em perplexidade.

— Claro que eu *conheço* a Bíblia. Todos os demônios a conhecem.

Certo. Que burra.

— E o que exatamente isso significa?

O demônio intermediário tomou um gole de sua bebida em um gesto casual.

— Significa que ele acredita que sua fé o ressuscitará. Se você... digamos... cortar a cabeça dele, o menino voltará à vida. Bem, ao menos é isso o que *ele* acredita que vai acontecer.

Eu mexi meus dedos, deixando o fogo se enrolar em torno deles como anéis.

— Será que vai dar certo? — perguntei, imaginando se aquilo era alguma magia celestial.

Faris se recostou no sofá.

— Não faço ideia. Você vai ter que perguntar a Deus.

Fiz uma careta antes de olhar para o jovem.

— Sua fé e suas crenças são suas. Eu realmente não me importo com o que acredita. Contudo, quando suas crenças passam a afetar vidas inocentes... é aí que começamos a ter problemas.

— Vai se foder, vadia — sibilou o jovem.

Logan o acertou no rosto com sua arma, jogando-o no chão.

— Cuidado com a boca, rapaz — disse o nascido-anjo. — Não sou tão paciente quanto Samantha.

O estranho balançou para trás e nos encarou. Ele sorriu, e camadas de sangue cobriram seus dentes.

Inclinei-me mais perto, exibindo minha magia.

— Você é humano, porém, consegue ver a magia e os elementos sobrenaturais ao seu redor, certo? Vou entender seu silêncio como um sim. — Humanos que podiam sentir e ver o sobrenatural eram raros, mas, às vezes, acontecia. — Então, você é uma aberração da natureza, assim como nós.

Ele arreganhou os dentes em um rosnado.

— Não sou nem um pouco como vocês, vadia. Não sou cria do diabo. Vocês são.

— Você ofereceu Lars como sacrifício ao demônio Naberius. Por quê? — questionei, visto que o garoto parecia estar disposto a botar tudo para fora sem que eu precisasse atear fogo nele.

O jovem me encarou.

— Qual livro você tirou do cofre do Conselho Cinzento? — Tentei novamente.

Desta vez, o rapaz piscou e disse:

— Um muito velho.

Espertinho.

— O que o livro tem a ver com Naberius? Ele pertence ao demônio?

Ele cuspiu sangue no chão.

— Não.

— Que tipo de negócio um grupo de humanos criminosos tem com um demônio como Naberius? O que ele prometeu a vocês? Vida eterna? Poder?

Dinheiro? Mulheres?

— Aposto nas mulheres — veio a voz de Faris do sofá. — Para quê dinheiro, quando você pode ter as mulheres mais bonitas do mundo?

O jovem riu. O sangue escorria pelo lado de sua boca. Ele não estava me levando a sério. Agora, eu estava ficando com raiva. Coloquei minha mão em seu ombro e minha magia de fogo queimou suas roupas, lambendo sua pele.

Ele uivou de agonia enquanto caía sobre as mãos e joelhos. O ar foi tomado pelo cheiro de cabelo queimado e de gordura carbonizada. O odor subiu pelo meu nariz, trazendo de volta as memórias da minha própria carne queimando. Fogo e dor eram velhos amigos. Eu empurrei as lembranças de volta para o fundo. Isso era importante demais para deixar meus sentimentos atrapalharem.

Pressionei mais.

— Conte-me sobre o livro! O que há de tão importante nele? Por que vocês o queriam?

O jovem gritou de dor, seus braços e pernas estremeando, mas eu não o soltei. Senti Logan ficar tenso ao meu lado. Se ele fosse me impedir, teríamos um problema. Se o nascido-anjo não conseguia lidar com isso, que fosse embora. Eu precisava de respostas.

— Para quem você trabalha? — gritei. Minha magia corroía sua carne. — Por que tentaram nos matar? Responda!

O jovem caiu no chão de lado, soluçando de dor.

— Se me contar sobre o livro, a dor vai parar. Eu prometo.

Era tudo verdade. Eu não queria continuar. *Por favor, apenas me diga o que quero saber.*

Um grito estrangulado irrompeu dele.

— Vocês todos vão morrer. Sem exceção. A magia vai morrer.

— O quê? O que quer dizer com isso? — Esperei mais um momento. — Tudo bem. — Soltei meu poder e o fogo ao longo dos meus dedos desapareceu. — Não quer falar comigo? Bem, vamos ver quanto tempo seu silêncio durará quando o Conselho Cinzento aparecer. Isso não é nada comparado ao que eles vão fazer com você. Deveria ter aberto a boca e me dito a verdade — falei, questionando-me se deveria ter perguntado o nome dele. — Eu poderia ter salvado alguns dos seus dedos das mãos e dos pés. Vai ficar muito difícil para você, garoto.

O jovem rolou de joelhos.

— Eu não vou para nenhuma prisão de diabo. — Ele começou a tremer de medo... ou talvez fosse de ódio. Eu não sabia. — Não vou. Nunca. Você não pode me infectar. Minha alma é pura. O diabo não a tomará.

— Cara, você precisa parar de fumar esse crack — comentou Faris. — Confie em mim, não queremos sua alma.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, o jovem apertou com força a sua mandíbula. Espuma branca saiu de sua boca quando ele tombou. Seu corpo se debateu como se estivesse tendo uma convulsão.

Ah. Que inferno. Não.

— Droga. Segura ele!

Com as mãos, abri sua boca, meus dedos deslizando sobre uma mistura de espuma e saliva enquanto procurava o comprimido de cianeto. Procurei pelos seus dentes, sob sua língua. Nada. O idiota tinha o engolido.

— Afastem-se — ordenei. — Vou induzir o vômito.

— Agora, isso sim é entretenimento. — Alegrou-se Faris.

Respirei fundo e bati em meus anéis de sigilo... mas, então, o jovem parou de se mover. Uma única respiração escapou de seus lábios, em seguida, a luz desapareceu de seus olhos.

Ele estava morto.

A poiei-me na parede de braços cruzados enquanto observava a equipe de limpeza do Conselho Cinzento tirar fotos, categorizar a cena do crime e ensacar os corpos dos humanos mortos. O grupo era formado por mestiços, tanto homens quanto mulheres. Porém, ao contrário dos GHOSTS em seus uniformes cinzas, eles usavam trajes de proteção azul-claro e carregavam pastas médicas.

Os policiais de Nova York não vieram. Ou Lars colocara proteções poderosas à prova de som no exterior de seu apartamento ou local tinha sido projetado com paredes à prova de som de primeira linha.

Liguei para o Conselho Cinzento logo após o jovem ter se matado. Eu nunca tinha chamado o Conselho antes. Após descrever os eventos para a secretária que me atendeu, ela me colocou em espera por cerca de dois minutos. Então, voltou à linha para me dizer que uma equipe de limpeza estava a caminho e que devíamos esperar por uma membro do Conselho Cinzento chamada Irva.

A equipe de limpeza apareceu cerca de quinze minutos depois do meu telefonema. Inicialmente, fiquei impressionada. Contudo, após mais de uma hora cutucando tudo e coletando amostras, Lars ainda estava suspenso no ar por aquelas correntes, o que me deixou com um gosto amargo na boca. A coisa certa a fazer seria tirá-lo de lá. Por que eles ainda não tinham feito isso?

— Você está pensando em esperar aqui a noite toda? — Faris se encostou na parede ao meu lado. — É sábado à noite. Devíamos estar dançando, bebendo e transando. Não respirando o mesmo ar que o CSI de mestiços.

Olhei para a hora no meu telefone e o coloquei de volta na minha bolsa.

— Já passa das três da manhã. A maioria dos bares já estão fechados.

— A maioria, mas não todos. — O demônio soltou um suspiro alto. — A propósito, o que o escoteiro ainda está fazendo aqui? Já vimos o bruxo morto. O que há mais para ver?

— Aparentemente, muita coisa.

Olhei para o quarto de Lars. Eu não conseguia ver nada além de paredes e do batente despedaçado. Logan fora para lá com Irva no momento em que ela entrara em cena, meia hora atrás.

O som da conversa sussurrada vindo da sala alimentava minha raiva, deixando-me tonta com a tensão. O pior era que eu me sentia como uma idiota ali, esperando. Eu *odiava* esperar. Quanto mais tempo permanecia no apartamento, pior meu humor ficava. O que alimentava ainda mais minha irritação era que eu não tinha ideia do que eles estavam falando. *Eu* tinha chamado o Conselho Cinzento. Este era o *meu* caso. No entanto, Irva mal olhara na minha direção ao ordenar que Logan a seguisse até o quarto de Lars.

Por que a secretária me dissera para esperar pela mulher se ela não queria falar comigo ou nem mesmo reconhecer minha existência? *Olá... ainda estou bem aqui.*

— Pode me responder algo? — perguntou Faris.

Suspirei.

— O quê?

— Por que você não está com eles dentro daquele quarto? — O demônio se virou para o lado com uma mão apoiando sua cabeça. — Você sabe que estão falando sobre o que aconteceu com aquele pobre coitado.

— Eu sei.

Faris soltou um grunhido.

— E você não é a bruxa investigadora?

— Eu sou.

— Como a principal bruxa investigadora, não estaria encarregada de coletar todas as informações sobre este caso?

— Sim.

O demônio suspirou.

— Sammy, querida, o que diabos está fazendo? Você deveria estar lá com eles, disparando todas as suas perguntas. Os dois estão naquele quarto há mais de meia hora. São trinta minutos de informação que você perdeu. Quanto tempo mais vai esperar?

Eu olhei para ele, não apreciando o tom condescendente em sua voz.

— Logan me disse para esperar.

*Logan me disse para esperar? Quantos anos eu tinha, doze?*

Faris ergueu uma sobrancelha.

— E...? Você é o quê? Escrava dele? Desde quando obedece a ordens? E de um nascido-anjo, ainda por cima? Esta não é você. Seja uma adulta e vá logo.

Ele estava certo. Logan era o chefe da Casa de Miguel. Isso tinha muito peso para o Conselho Cinzento. Irva provavelmente só me via como alguém sem valor, uma *freelancer* de baixo escalão da Corte das Bruxas Sombrias. Uma ninguém.

Eu podia não ter *status* de elite ou um título chique, mas tinha sido contratada pela Corte para chegar ao fundo disto. Este era o *meu* caso. Foda-se. Eu não estava nem aí se Irva não gostava disso.

Afastei-me da parede, ignorei o sorriso largo de Faris e fui para o quarto de Lars.

— Agora sim — comentou o demônio.

— Seja bonzinho — sussurrei. — Você não está registrado, lembra?

Ele me deu um sorriso que era meio desafio, meio empolgação.

— Eu serei um anjo.

Ai, ai.

Deixando meu rosto com a expressão mais vazia que consegui, entrei no quarto. Estava do mesmo jeito que antes, exceto pelas velas que eu tinha levado comigo para a sala. Agora, com a energia de volta, ver o cômodo iluminado fazia com que tudo parecesse ainda mais horrível e maligno. O fedor de sangue e vísceras estava pior do que antes. Tive que me esforçar para não vomitar.

Uma mulher, uns três ou quatro centímetros mais alta do que eu, virou-se quando me ouviu entrar na sala. Seu manto cinza e formal balançou ao redor de seu corpo e então se acomodou. Seus olhos verdes eram brilhantes e intensos, centrados em torno de um rosto desumanamente bonito, com grandes lábios sensuais que pareciam inchados como se ela tivesse acabado de beijar alguém. Algumas mechas flutuavam em torno do coque preto que a mulher usava na nuca. Ela era escultural e linda. Suas orelhas pontudas e seu cheiro doce deixavam bem claro que Irva era uma feérica.

Feéricos eram hábeis com magia de glamour, seu próprio poder natural. Ela poderia estar em seus vinte e poucos anos ou mais perto de oitenta, embora o rosto que a mulher usava agora indicasse trinta e poucos anos.

Como eu nunca tivera que lidar com o Conselho Cinzento, não tinha ideia de que tipo de pessoa ela era. Naquele momento, contudo, eu tinha um

assento na primeira fila.

Cada um de seus dedos estava adornado com anéis vistosos e seus pulsos estavam cheios de pulseiras de ouro. Seus olhos verdes estavam emoldurados por uma expressão severamente irritada ao me ver.

Ah, legal. Nós íamos nos dar muito bem. Dei-lhe meu melhor sorriso; um que mostrava só um pouquinho dos meus dentes.

Irva era, sem dúvida, a substituta de Sarek, o que significava que ela era uma novata quando se tratava de assuntos do Conselho Cinzento e também que iria tentar se destacar agora que estava naquela posição. Eu odiava o tipo. A situação em que ela se encontrava a deixava insegura e, provavelmente, muito desagradável.

Logan pareceu levemente surpreso por eu não ter obedecido à sua ordem.

Que ele se fodesse.

Tomei a expressão irritada de Irva como sua forma de saudação.

— Sou Samantha Beaumont — disse, não lhe oferecendo um aperto de mão. Eu duvidava que ela fosse aceitar. — Sou a bruxa designada para este caso. Fui eu quem ligou.

— Eu sei — replicou a outra em um tom suave e, ao mesmo tempo, gélido. Sinistro.

Eu não tinha certeza se era o fato de ela ser linda de morrer ou o fato de estar tão perto de Logan que me incomodava mais. Talvez fosse um pouco dos dois.

— Tive um *longo* dia — comecei, enquanto adentrava o quarto, posicionando-me de costas para a cômoda que ficava em frente à cama sobre a qual o corpo de Lars ainda estava suspenso. Cruzei os braços. — Posso ouvir minha cama chamando. Sua secretária deu a entender que você queria discutir algo comigo? Se eu estiver errada, então estou de saída.

Os lábios de Irva se separaram quando Faris entrou no quarto e se apoiou na cômoda à minha esquerda, com um saco de pipoca na mão, cheirando como se ele tivesse acabado de estourá-la no micro-ondas.

O demônio jogou um punhado em sua boca.

— Por favor, continuem com o *show* — disse de boca cheia. Ele olhou para mim e piscou.

Aqui vamos nós.

Irva observou Faris por mais um momento antes de voltar a olhar para mim.

— Não vou precisar de sua ajuda. Você pode ir para casa, Samantha.  
— Ela fitou o nascido-anjo e um sorriso lento e totalmente sensual se espalhou por sua boca. — Logan me deu tudo que eu preciso.

Aposto que sim. Eu não gostava do jeito que ela estava olhando para ele. Sim, a mulher o estava despindo com os olhos, mas também havia apetite em sua expressão, como se ela mal pudesse esperar para afundar os dentes em sua carne.

Deixando tudo isso de lado, fiquei ainda mais irritada por perceber que a feérica não precisava de mim e, mesmo assim, tinha me deixado lá esperando, como uma idiota. Eles não pensaram em me dizer isso antes? Claro que não. Como eu disse, Irva estava tentando fazer seu nome. Eu poderia pensar em alguns que lhe cairiam bem.

A mulher pensava que tinha poder sobre mim. *Até parece, fada vadia.*

— Bem, isso é ótimo. Realmente incrível. — Dei uma pequena risada e olhei para o nascido-anjo. — Ele lhe contou quem eram os humanos que nos atacaram? Porque um minuto atrás... Logan não fazia a menor ideia.

Os olhos de Logan se arregalaram. Olhei de volta para Irva.

A fêmea feérica me deu um sorriso com um toque muito mais predatório.

— Sim, ele me disse quem eles eram.

Fitei o nascido-anjo, sentindo como se ele tivesse acabado de me chutar no estômago. Ondas de calor correram para o meu rosto antes que eu pudesse controlar minhas emoções. A traição era como um nó de raiva. As paredes do meu estômago estavam se contraindo com tanta força que eu tinha dificuldade para respirar.

A expressão de Logan era ilegível enquanto ele olhava para a feérica. O nascido-anjo possuía aquela informação durante todo esse tempo e não havia nos contado? Por que ele esconderia algo assim de mim? Logan estava colocando meu caso em risco de propósito? Era quase como se ele não quisesse que eu tivesse sucesso. Como se quisesse que eu fracassasse.

Quando voltei a olhar para Irva, um sorriso profundamente satisfeito se apoderou dela. Ela não desviou o olhar de mim.

— Mesmo assim... ele não precisava — acrescentou a feérica, ainda sorrindo. — Este é claramente um trabalho do movimento EAM. — Ao notar meu olhar vazio, ela explicou — o Movimento Extremista Antimagia.

Faris mastigou uma pipoca, inclinou-se e sussurrou em meu ouvido.

— Nunca ouvi falar deles. E você?

Eu não respondi. Não queria que Irva soubesse que eu também nunca tinha ouvido falar deles, mas a julgar por seu sorriso satisfeito, ela já sabia.

Irva colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— São um grupo de ódio extremista formado por humanos que se opõem a todas as coisas mágicas e paranormais.

Contraí minha mandíbula e tentei suavizar minha frustração crescente, em parte com Logan e em parte comigo mesma por nunca ter ouvido falar de tal grupo.

— O que faz vocês *dois* terem tanta certeza de que foram eles? Esta é a cidade de Nova York. Temos todos os tipos de malucos por aqui.

— São eles — ela disse como se isso respondesse minha pergunta. — Este é o *modus operandi* deles. É o que fazem. Sua assinatura é matar um ser mágico paranormal e fazer um *show* com isso.

Sorrindo sem alegria, ela agarrou um punhado do cabelo de Lars e levantou sua cabeça para garantir que eu visse o que estava apontando. Havia uma marca cortada na testa do bruxo. As letras E A M estavam esculpidas dentro de um círculo.

Droga. Eu tinha deixado isso passar. Em minha defesa, estávamos sob ataque. Ainda assim, eu queria chutar a mim mesma. Deveria ter notado aquele detalhe.

Irva soltou o cabelo do bruxo morto e olhou para mim, a raiva tornando seus olhos mais duros.

— Eles nos odeiam. Querem nos destruir. Esses pequenos humanos realmente pensam que podem matar membros do Conselho sem que retaliemos? — Ela riu. — Os humanos têm mentes tão pequenas e simples. Contudo, isso aqui é novidade — a mulher disse enquanto olhava para o rosto de Lars. — Eles parecem estar evoluindo.

Evoluindo? Ela estava falando sério? Eu não sabia o que estava me deixando mais irritada: o fato de que Logan possuía aquela informação ou o fato de que o Conselho sabia sobre esse grupo extremista humano e o mantivera em segredo.

— Por que só estou ouvindo falar deles agora? — Furiosa, descruzei os braços, querendo bater em alguma coisa.

— Eles são relativamente novos. — Os olhos de Irva se moveram do rosto de Lars, passando pelo buraco em seu estômago. A feérica nem sequer vacilou ao ver suas entranhas. Alguém poderia pensar que ela estava acostumada a ver bruxos eviscerados. — Houve alguns outros incidentes

envolvendo esse mesmo grupo. Eles atacaram um complexo de vampiros no *Queens*. Não deixaram ninguém vivo.

— Isso é terrível — eu disse, mantendo meus olhos em Irva, embora pudesse sentir o olhar de Logan em mim. — Não fiquei sabendo.

— Porém, vir atrás de membros do Conselho — continuou a feérica, como se eu não a tivesse interrompido — indica que estão mais confiantes. Seus números estão crescendo. Se espalhando, como uma doença. Dadas as condições certas, eles florescerão como um câncer.

Meu olhar caiu de volta em Logan. Sua atenção se fixou em mim enquanto ele respirava devagar, observando-me. Emoções atravessaram seu rosto.

— Massacrar vampiros ao acaso — falei com meus olhos voltados para a mulher — e, então, matar dois membros do Conselho Cinzento não faz sentido, faz?

Irva enrijeceu. Foi uma reação sutil, qualquer outra pessoa a teria deixado passar. Eu não. Ela lentamente voltou os olhos para mim, ainda de pé casualmente ao lado de Logan, mas com uma nova cautela afetando suas feições.

Também troquei de posição.

— Quero dizer... Ou algo mudou ou eles têm um novo objetivo em mente.

Uma tensão crescente percorreu a postura da feérica.

— O objetivo deles é matar a todos nós — disse ela, com a voz baixa. — Não ouviu uma palavra do que eu disse?

— Você afirmou que eles odeiam magia, mas eles são muito bons em usá-la. Não acha isso um pouco estranho para um grupo extremista que despreza nosso poder? Vai contra o que acreditam.

Irva soltou um pequeno ruído de desacordo.

— Não.

*Quem mente, o nariz cresce.*

— Tem algo a ver com o livro. — Eu sabia que estava chegando perto quando vi a raiva repentina brilhando atrás dos olhos dela. — E a julgar pela sua reação, vejo que estou certa.

— Samantha — avisou Logan. Ele fez um movimento brusco com sua cabeça em uma tentativa de me dizer que eu estava indo longe demais.

*Que pena, gato.*

A incapacidade do nascido-anjo de me apoiar me tornou ousada, imprudente e, talvez, um pouco boba.

— Então, Irva — comentei. — Fale-me sobre o livro. Você sabe de qual estou falando. Aquele que fez com que Sarek fosse morto, o que esse tal grupo antimagia pegou.

Se eu pudesse dar um Oscar de melhor atriz em um drama, eu daria para a mulher. Suas feições se moldaram em um rosto perfeito de ignorância, incluindo as sobrancelhas levantadas em surpresa. Droga. A vadia era boa.

— Livro? Que livro? — perguntou a feérica membro do Conselho. — Se tiraram um livro do cofre, receio que eu não saiba nada sobre isso.

— Uau. Ela é boa — sussurrou Faris enquanto mastigava mais pipoca.

O sorriso de Irva vacilou um pouco quando ela olhou para o demônio. Planos se formavam atrás de seus olhos à medida que sua pele pálida ficava um tom mais escura.

— Por que vocês não prenderam esse grupo EAM? — perguntei rapidamente antes que a curiosidade de Irva sobre Faris se transformasse em mais perguntas. — Eles são apenas um bando de humanos. Não deve ser uma tarefa difícil para o Conselho.

A expressão da feérica era calma, embora parecesse amarga.

— Nossos recursos estão espalhados por outros lugares. — Ela me encarou, seus olhos fixos nos meus com tal ferocidade que quase pude vê-la imaginando a si mesma apertando meu pescoço. — Depois do fiasco com os magos, o Conselho esteve ocupado limpando a *sua* bagunça.

Faris praguejou baixinho.

Minha amiga raiva veio me fazer outra visita.

— *Minha* bagunça? — Ela estava falando sério? — E de que forma aquela seria a *minha* bagunça? Não sou responsável pelos magos e pelo que eles fizeram. Foi graças a mim que finalmente os impedimos.

— Pelo que entendi, foram os demônios que salvaram a Corte das Bruxas Sombrias. Não você — disse a feérica com um pequeno sorriso satisfeito.

Quem você acha que os invocou, sua vaca de orelhas pontudas?

— Nós formamos uma equipe. Os demônios trabalharam conosco para deter os magos.

Meu coração palpitou ao pensar em quem espalharia tais mentiras depois de eu ter quase morrido tentando proteger a Corte. Olhei para Logan,

mas ele não encontrou meus olhos. Por que o nascido-anjo não dizia nada? Ele estivera lá e vira como tudo aconteceu.

Irva começou a andar pelo quarto.

— Vejamos... Você deixou os mestiços se desarmonizarem, infligiu desconfiança entre as raças quando deveria estar tentando manter todos calmos e deixou bruxos morrerem porque se recusou a contar sobre os magos.

Estava decidido. Eu a odiava.

— Isso não é verdade. Eu nem sabia sobre a existência deles até que estavam praticamente derrubando as proteções da Corte das Bruxas Sombrias.

Irva parou e me encarou. Eu tive que olhar para cima. Ela era tão alta. Eu odiava isso.

— Já se passaram semanas, mas o estrago que você fez talvez permaneça para sempre — a mulher afirmou, virando-se para ficar ao lado de Logan, seu bichinho de estimação.

Carrei os dentes, querendo cortar o sorriso de seu rosto. Eu ia enfeitiçar aquela bunda de feérica dela, dando-lhe orelhas humanas e uma bunda grande e gorda. Aposto que ela não ia gostar disso.

Então, o Conselho estava me culpando. Que lisonjeiro.

Ainda assim, a Corte das Bruxas Sombrias acreditava em mim. Disso, tirei toda a minha coragem. Eles não teriam me contratado se compartilhassem seus sentimentos. Como poderiam, quando lutamos lado a lado? Isso era mais a opinião de uma pessoa e não de todas. Ela estava tentando me culpar. Talvez, a mulher também planejasse me culpabilizar por esses assassinatos.

*Quero ver você tentar.*

Se ela achava que poderia me deter com seu pequeno discurso, não me conhecia. Na verdade, teve o efeito contrário. Isso me deu um impulso gigante para fazer o que fosse preciso para encontrar esses tais EAMs e esfregá-los na cara dela. A feérica afirmara que o Conselho Cinzento estava ocupado demais para encontrar o grupo EAM. Contudo, eu tinha a impressão de que ela simplesmente não sabia onde procurar.

— O livro que eles levaram — eu disse depois de um momento de silêncio, sentindo meu coração bater de animação e desafio — tem algo a ver com o assassinato de Lars e a forma como ele foi morto. Se você me

falar sobre o livro, posso descobrir o que eles querem e encontrá-los. Eu posso acabar com isso.

Decidi não contar a ela sobre as Fendas. Primeiro, porque eu não tinha nenhuma prova de que os dois assuntos estavam conectados. E segundo, eu não estava disposta a dar nenhuma informação de graça.

Irva balançou a cabeça, muito lentamente. As rugas nos cantos de seus olhos se aprofundaram quando ela os estreitou.

— Você não precisa mais se incomodar com isso. Como eu disse, pode ir embora.

E assim, fui dispensada.

Ela se virou para Logan.

— Peça para Valerie me ligar. Há algo que eu gostaria de saber, acho que ela pode ajudar.

— Claro — respondeu o nascido-anjo, virando os olhos na minha direção. — Samantha, posso dar uma palavrinha com você? Em particular?

— Não — eu praticamente rosnei.

Ver o choque e o lampejo de angústia que surgiu nos olhos de Logan me fez ponderar se eu estava errada sobre essa coisa toda. Tarde demais.

A angústia também passou por mim. A feérica não iria se livrar de mim tão facilmente. Eu ainda precisava de mais informações. E tinha a sensação de que ela sabia muito mais do que estava deixando transparecer.

— Você disse que eles odeiam magia, mas eram habilidosos o suficiente para produzir uma proteção poderosa e invocar um demônio — comentei. — Ou você está errada sobre isso ou o grupo está recebendo ajuda. Invocar demônios não é uma coisa fácil de se fazer. Confie em mim. A maioria dos bruxos que conheço não consegue nem invocar um demônio inferior sem perder uma parte de seu corpo.

— Amadores — riu Faris. Pedacos de pipoca manchavam a frente de sua camisa preta.

Irva pensou por um momento.

— Sim. Foi por isso que pedi ajuda acerca deste assunto. Alguém com habilidade e *experiência* em lidar com demônios.

De quem diabos ela estava falando?

— Por que você acha que eles voltaram para este apartamento depois de já terem matado Lars e realizado o ritual?

O rosto de Irva se contorceu.

— Como é que eu vou saber? — A postura dela dizia que ela estava irritada com minhas perguntas importunas e já tinha perdido a paciência comigo. *Que pena, querida.*

Minha raiva dobrou com sua falta de cooperação e sigilo.

— Eles voltaram para nos matar. Por que você acha que fizeram isso? Já tinham terminado com Lars. Será que sabiam que eu estava atrás deles? — perguntei, sabendo que era verdade assim que as palavras saíram dos meus lábios. — O grupo me quer morta porque eu sei sobre o livro? Estou certa. Não estou? Sim. Você sabe que estou. Agora, tenho um alvo na minha cabeça porque eles não querem que eu o encontre.

Porque encontrá-lo significava acabar com o que quer que isso fosse.

Vi seus lábios se pressionarem em uma linha firme e determinada.

— Você está escondendo alguma coisa — afirmei.

— Samantha, o que está fazendo? — questionou Logan, seu rosto empalidecendo e se contorcendo com algo que eu não entendia. — Você está falando com uma membro do Conselho.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Estou? Sinto muito. Achei que estava falando com uma vaca mentirosa.

Ops.

O rosto de Irva escureceu e eu juro que ela ficou cinco centímetros mais alta. Assisti ao jogo de emoções passando pelo seu rosto suave enquanto ela controlava seus sentimentos. Droga. A mulher era boa.

O som de alguém se aproximando me alcançou. Eu olhei, vendo Raynor entrar na sala com seus movimentos lentos e controlados e a cabeça erguida como se ele fosse o dono do lugar. Malark se equilibrava no ombro de seu bruxo, estalando suas mandíbulas. Raynor se moveu em direção à cama, seu olhar passando pelo cadáver de Lars.

— O que o careca desgraçado está fazendo aqui? — perguntou Faris.

Meu olhar se moveu para a feérica, minha raiva contraindo todos os músculos do meu corpo.

Irva tinha um sorriso malicioso no rosto.

— Como eu disse, contratamos alguém com experiência para trabalhar neste caso. Raynor já fez vários trabalhos para o Conselho. Vá para casa, Samantha. Você não é necessária aqui.

Pela atitude desagradável da feérica, eu tive a horrível sensação de que o Conselho não apenas sabia que o EAM estava envolvido, mas estava

encobrendo sua atividade para que pudessem cuidar disso sozinhos.

Logan me observou. Eu não tinha ideia do que ele estava pensando ou o que a expressão em seu rosto significava.

As paredes de repente pareciam muito próximas, como se o quarto fosse pequeno demais para tantas pessoas ao mesmo tempo, sem mencionar o pobre coitado morto que ainda estava pendurado no teto.

— É melhor nós irmos — falei para Faris. — Tenho tudo que preciso.

Eu sabia que não ia conseguir mais nada de Irva.

— Samantha. — Logan se adiantou. — Eu preciso falar com você.

— Acho que não.

O nascido-anjo congelou, olhando para mim com horror enquanto absorvia minhas palavras.

Eu me afastei e saí da sala, sem olhar para Logan nem para ninguém. Eu estava furiosa, portanto, poderia acabar fazendo algo estúpido e tolo como enfeitiçar as roupas de Irva. Eu só queria sair.

— Pipoca? — ofereceu Faris quando saímos do apartamento e fomos em direção ao elevador. Logan não nos seguiu.

— Não, obrigada. — Apertei o botão e esperei.

— Você percebeu que a rainha do gelo estava mentindo, certo? — O demônio pegou outro punhado de pipoca e jogou na boca.

— Eu sei.

Ficara claro que Irva não queria que eu soubesse sobre o livro que o EAM levava consigo. Por quê? Só poderia haver um motivo: porque o Conselho Cinzento não queria que ninguém soubesse que eles tinham aquele livro, para começo de conversa.

Interessante. Muito interessante.

Eu iria encontrá-lo.

**E**u não sabia quanto tempo tinha ficado na cama, recusando-me a abrir os olhos. Sabia que, assim que os abrisse, significaria que eu estava acordada e, quando estivesse acordada, teria que me levantar. Eu não queria me levantar. Queria matar alguma coisa. De preferência, algo que tivesse o rosto de Irva.

Minha cabeça doía. As imagens do corpo morto de Lars, do ritual e dos membros do EAM voltaram à minha mente como vídeos em avanço rápido, fazendo-me sentir particularmente pequena e ineficaz.

O Movimento Extremista Antimagia. Quem eram esses malucos? Por que eu nunca tinha ouvido falar deles até agora? Por que um grupo de humanos que odiava magia roubara um livro do cofre do Conselho Cinzento e depois realizara um ritual mágico para invocar um demônio? Não fazia sentido nenhum. As peças não se encaixavam. E Irva fizera questão de me manter no escuro. Eu tinha certeza de que ela sabia mais, bem como que a mulher estava disposta a deixar mais mestiços morrerem para manter seu segredo. A feérica era psicótica, mas eu daria conta dela.

Eu ainda não tinha ideia do que esse grupo EAM estava procurando, porém, agora, era minha missão descobrir. Eu estava dolorosamente consciente do trabalho que ainda tinha por fazer, mas não tinha novas pistas. Excelente.

E Raynor, bem, eu também daria conta dele. Agora, tudo fazia sentido, era por isso que ele tinha aquele olhar arrogante, como se soubesse mais do que eu sobre o caso. Provavelmente era verdade. Irva sem dúvida o contara os detalhes dos membros do EAM e sobre o livro desaparecido. Droga, o bruxo provavelmente sabia até qual era a obra que eles haviam roubado. Parte de mim pensou em perguntar a ele, mas a parte mais inteligente reforçou o fato de que o babaca nunca me diria nada. Ele queria resolver o caso tanto quanto eu. Pelo que eu sabia, Raynor almejava a glória, enquanto eu, bem, só queria o dinheiro e a garantia de que conseguiria mais trabalhos *depois* de resolver esse caso.

Soltei um longo suspiro. Eu não tinha ideia de que horas eram. Mal tinha dormido, revirando-me a noite toda e a maior parte da manhã enquanto tentava compreender tudo. Eu também estava tentando descobrir

onde Logan se encaixava naquela bagunça. Por que ele tinha agido daquela forma? Por que ficara do lado de Irva quando sabia que resolver este caso significava que eu teria comida na mesa? Por que o nascido-anjo não me contara sobre o EAM?

A raiva abriu um buraco em mim. Meus pensamentos se voltaram para os três jantares que tivemos em *Manhattan*. Ele não queria ser visto comigo. Talvez, isso também estivesse ligado ao Conselho Cinzento.

Decepcionada, contraí a mandíbula. A percepção doía. Doía como o inferno, eu admitia. Ainda assim, não ia desperdiçar meu tempo e energia com um nascido-anjo que me via como alguém inferior. Eu já passara por dificuldades suficientes na minha vida. Um coração partido não era nada. Seria preciso muito mais do que um homem para me quebrar.

Alguém pigarreou.

Sentindo a adrenalina correr em minhas veias, meus olhos se abriram e minha respiração ficou rápida. Com um feitiço em meus lábios, sentei-me em um *flash*. Meu coração retumbava, querendo sair pela boca.

Faris estava esparramado em uma cadeira com uma expressão confusa no rosto.

— Você ronca. Não é nada fofo.

— Faris! — eu rosnei, apertando meus braços ao meu redor, embora estivesse usando uma camiseta. — Que diabos você está fazendo? Achei que estávamos claros sobre a regra de que não deve mais dormir ao meu lado!

O demônio intermediário ergueu os braços em rendição simulada.

— Você nunca disse que eu não podia me sentar em uma cadeira e *assistir* enquanto dormia.

Encolhi-me por dentro.

— Ah, meu Deus. Eu vou matá-lo. Você sabe como é *bizarro* ficar vendo alguém dormir? Realmente não é legal. Não é legal, Faris.

O demônio intermediário me mostrou seus dentes.

— Mas bizarro combina tanto comigo.

— Você está morto.

— O quê? Assistir você dormir mata o tempo. Fiquei entediado. Não havia nada particularmente interessante para assistir na televisão. — Seus olhos se arregalaram. — Você, por outro lado, é muito mais interessante enquanto dorme. Sabia que o ciclo do sono humano consiste em dois períodos que são chamados de “primeiro sono” e “sono da manhã”?

Esfreguei meus olhos.

— Eu não ligo. — Isso não poderia continuar. — Faris. Não quero você aqui me vendo dormir, entendido? Nunca, nunca mais. Fui clara?

O demônio intermediário pareceu ofendido.

— Não é como se eu a tivesse despido ou algo assim. Eu nem cheguei perto das suas roupas.

— Faris!

— Tá, tá — disse ele com uma pequena risada. — Eu entendo. Chega de ver a patroa dormindo.

— Espere, quantas vezes você já fez isso?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Trinta? Um dia ou dois a mais ou a menos.

Que o caldeirão me ajude. Faris era meu familiar. Ou seja, ele ficaria preso a mim até meu último suspiro.

Soltei o ar.

— Por favor, diga-me que isso vai ficar mais fácil.

— Vai ficar mais fácil — ele repetiu e me deu um de seus famosos sorrisos que faziam as mulheres se jogarem nele.

Era inútil. Eu sabia que o demônio intermediário faria o que quisesse na hora que quisesse. Era por isso que eles nunca eram bons familiares. Não era possível controlá-los. E você não ia querer tentar.

— Saia para que eu possa me vestir.

Faris se levantou. Seu sorriso cresceu, mostrando uma faixa de dentes.

— Você gosta de omeletes? São uma ótima fonte de proteína.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Gosto.

Ele estava preocupado com minha dieta?

— Excelente. — Faris virou na soleira e desapareceu no corredor.

— Esse demônio é estranho.

Pensar nele preparando comida para mim era como tentar imaginar um tigre de avental e espátula ao fogão. Como se fosse uma deixa, meu estômago roncou, soando como o rugido de um pequeno felino na minha barriga.

Arrastando minhas pernas sobre a cama, estendi a mão para minha mesa de cabeceira e peguei meu telefone. A tela piscava com os números 14:35. O pequeno ícone de telefone exibia oito chamadas perdidas. Todas de Logan.

Embora isso tivesse suavizado um pouco meu humor, eu ainda estava com raiva dele. Afastei todos os pensamentos sobre o nascido-anjo e guardei-os para mais tarde. Eu tinha coisas mais urgentes com as que me ocupar.

Depois de um banho longo e quente, vesti uma calça *jeans* e uma camiseta preta por baixo de uma camisa preta de algodão de manga comprida. Faminta, desci as escadas em busca da minha omelete com meu longo cabelo úmido balançando nas minhas costas.

O corredor estava quente, cheirando a comida e a café. Hum.

— Não é assim que se faz omelete — ouvi meu avô discutir enquanto entrava na cozinha.

Vovô estava ao lado do fogão com as mãos nos quadris. Seu cabelo branco estava partido para a esquerda e seu rosto estava torcido, parecendo enlouquecido em seu novo roupão verde-floresta, um presente de Charlotte.

— Afaste-se, Gordon. Esta não é minha primeira omelete, meu velho. — Faris batia algo em uma tigela pequena.

O som suave de um batedor de metal atingindo as laterais da tigela de cerâmica trouxe meu olhar para ele. O demônio parecia estranho, em pé na minha cozinha, cozinhando para mim, vestido com suas calças pretas perfeitamente passadas e camisa combinando, e, ao mesmo tempo, parecia estranhamente normal e adequado, como se fazer omeletes fosse parte da sua natureza.

Faris batia ovos como um cozinheiro profissional, como se tivesse feito isso milhares de vezes antes. Quando terminou, derramou o conteúdo em uma frigideira quente, fazendo-os chiar.

Meu avô se inclinou sobre a panela.

— Tem manteiga demais. Você está tentando entupir as artérias dela? Saia. Deixa que eu faço.

Ah, merda.

— Tente me impedir, velhote — ameaçou Faris com uma espátula vermelha na mão enquanto a apontava para meu avô. — Se acha que eu não vou usar isso, está totalmente enganado.

Gordon fez uma careta.

— Me deixa em paz, demônio.

*Que o caldeirão me ajude.*

— Chega, crianças — falei, contornando a ilha da cozinha e seguindo direto para a cafeteira. — É cedo demais para brigar.

— Até parece. — Meu avô se virou e olhou para mim. — São duas e meia da tarde. Você praticamente dormiu o dia todo.

— Sim, tive uma noite ocupada. — Peguei uma caneca e me servi de um pouco de café. Senti o cheiro dos grãos. Parecia o paraíso. Tomei um gole e minhas papilas gustativas explodiram em torno do sabor suave e amargo. — Hum. Que café bom. — Enchi a caneca novamente, esquecendo por um momento onde eu estava quando a bebida desceu pela minha garganta, aliviando minha leve dor de cabeça e relaxando meus músculos.

Com a caneca em uma das mãos, peguei um dos bancos da ilha da cozinha com a outra e me sentei.

Meu avô franziu a testa.

— Ocupada como? Com algo ruim ou bom?

Tomei um gole de café, olhando para ele.

— Ruim. — Conte sobre ter encontrado o corpo de Lars e a descoberta acerca do grupo humano, o Movimento Extremista Antimagia. — Já ouviu falar deles?

— Não — respondeu meu avô com os olhos em Faris. O demônio habilmente virava minha omelete. — Ouvi falar dos Cruzados Sagrados e da Liga da Defesa Sagrada. Ambos são grupos extremistas humanos que odeiam o paranormal. Porém, eles atuavam nos anos quarenta e no final dos anos setenta. Estão todos mortos agora. — Frustrado, o mais velho se virou e deixou cair os braços finos no balcão, aparentemente desistindo de mostrar ao familiar como fazer uma omelete. — A cada poucos anos, um grupo de inimigos humanos sempre aparece. É inevitável. Enquanto uma pequena porcentagem de humanos continuar a nascer com a capacidade de ver o sobrenatural, sempre haverá pessoas que se opõem aos mestiços. Elas temem o que não entendem. Veem o que está ao seu redor, mas se recusam a aprender sobre nós, recusam-se a entrar em contato com os comitês paranormais. No fim das contas, seu medo se transforma em ódio. Então, mais um grupo surge. Normalmente, o Conselho Cinzento lida com eles.

— Ainda lidam — respondi, lembrando-me da atitude condescendente de Irva sobre o assunto. Meu nariz foi subitamente assaltado pelo cheiro delicioso de manteiga crepitante. Eu estava com tanta fome que poderia até acabar lambendo meu prato. — Irva sem-sobrenome é a substituta de Sarek, o membro do Conselho que encontramos morto no cofre. — Inclinei-me para frente, observando Faris polvilhar algumas ervas na panela. Ele parecia

saber o que estava fazendo. Quando olhei de volta para meu avô, notei que o homem estava me observando. — Acho que ela não gosta muito de mim.

Os olhos de vovô se estreitaram em suspeita.

— O que você fez?

Minha boca se abriu quando Faris riu, olhando por cima da frigideira. Tentei colocar no meu rosto o que eu esperava que fosse um olhar inocente.

— Eu? Não fiz nada. Ela simplesmente me odeia. Não sei por quê. O problema é ela, não eu.

Gordon cruzou os braços.

— O que você fez, Samantha?

Levei minha caneca de café aos lábios, tomando um gole.

— Nada.

— Samantha?

Dei de ombros, envolvendo meus dedos ao redor da caneca quente.

— Talvez eu a tenha chamado de vaca mentirosa, mas ela pediu por isso ao falar comigo como se eu devesse me curvar aos seus pés.

Meu avô deu um tapa na própria testa.

— Não tem jeito. Simplesmente não tem como. É a merda do sangue Beaumont. Todos vocês são cabeças-duras.

— Incluindo você — interrompi. — Gordon *Beaumont*.

O mais velho balançou a cabeça em silêncio.

— Preciso de uma bebida. — Ele puxou uma garrafa de líquido transparente do armário, colocando-a no balcão ao lado de um copo vazio.

Levantei uma sobrancelha.

— Talvez devesse beber vinho por um tempo. Essa coisa aí é muito forte. Acho que você vai acabar derretendo.

O bruxo abriu a tampa e se serviu de uma quantidade generosa de seu gin caseiro.

— É perfeito. O melhor lote que fiz em anos. — Ele levou o copo aos lábios, inclinou a cabeça para trás e tomou um gole.

Fiz uma careta.

— Precisa ser mais responsável com a bebida, vovô.

— Eu sou responsável. Não derramo nenhuma gota.

Que ótimo.

O velho bruxo pousou o copo e me deu um olhar firme.

— Você não pode sair por aí chamando um dos membros do nosso Conselho de vaca mentirosa, Samantha.

— Eu posso, especialmente se ela for uma.

Gordon balançou a cabeça.

— E ainda se pergunta por que a Corte das Bruxas Sombrias tem reservas sobre você.

— Um membro do Conselho Cinzento mentiu para mim. Como não poderíamos ter problemas depois disso?

Meu avô acenou com a mão.

— Isso não passa de semântica. Se você não consegue seguir ordens, se não consegue respeitar a cadeia de comando, como espera avançar na sua carreira?

— Eu não trabalho para o Conselho Cinzento.

— Samantha — disse o mais velho. — Quem você acha que manda na Corte das Bruxas Sombrias? Todos nós temos que seguir as regras. Você não precisa gostar delas, mas é necessário que as respeite.

— Não se for Irva quem estiver fazendo as regras — retruquei, sentindo minha raiva borbulhar ao me lembrar do jeito que a mulher despira Logan com os olhos.

— Jovem e ambiciosa — falou meu avô. — Você precisa ter cuidado extra ao redor de tipos como ela.

Dei de ombros.

— Eu não tenho certeza se a feérica é realmente jovem. Contudo, você acertou sobre ela ser ambiciosa. Irva não vai facilitar nada para mim.

— Não se esqueça de Raynor — comentou Faris enquanto se virava, trazendo uma omelete fumegante.

Ele colocou o prato diante de mim, posicionando um garfo e uma faca ao lado. Então, afastou-se com uma expressão de expectativa no rosto, esperando que eu experimentasse um pedaço.

Meu avô praguejou. O homem tinha a aparência de alguém que acabara de engolir uma mosca.

— Raynor, o brutamontes pomposo? Ele está trabalhando no caso com você?

— Não *comigo*, mas, sim, ele está no mesmo caso. — Peguei meu garfo, cortei a omelete e dei uma mordida. — Meu Deus, isso é bom — falei com a boca cheia antes de engolir.

Faris lançou um olhar vencedor a Gordon. Aparentemente satisfeito com a expressão azeda do meu avô, ele puxou um banquinho e se sentou ao

meu lado. Não havia dúvida de que o sorriso que curvava seus lábios era às custas de vovô.

O mais velho resmungou baixinho.

— Diga-me, por que a Corte colocaria dois bruxos no mesmo caso?

— Porque alguns dos membros acham que eu não dou conta — respondi, vendo uma pitada de preocupação cruzar sua expressão. — Só odeio que ele saiba mais do que eu — falei. Medo e antecipação apertaram minhas entranhas até que senti minha omelete ameaçando subir pela minha garganta. — Se ele resolver este caso antes de mim, estou acabada. Esta é minha última chance. Sou tão capaz quanto Raynor. Sei que consigo fazer isso.

— E você é muito mais bonita — afirmou Faris.

— Obrigada. — Suspirei. — Aposto que ele sabe qual é o livro.

— Se quer fazê-lo falar, posso fazer acontecer — encorajou o demônio. — Se quiser tirar informações dele — continuou enquanto entrelaçava os dedos no balcão —, é só deixar comigo. Eu tenho meus talentos.

— Tenho certeza de que tem, mas você não pode tocá-lo, Faris. Nós, bruxas, somos responsabilizadas por todas as ações causadas pelos nossos familiares. Além disso, não tenho ideia de onde Raynor está ou onde ele mora. Correr pela cidade tentando encontrá-lo seria uma perda de tempo. O bruxo pode saber sobre o livro ou pode estar apenas fingindo para me irritar. Vai saber.

— Que livro? — perguntou meu avô.

— O que o grupo EAM roubou do cofre — expliquei. — O mesmo que Irva não quer que eu saiba qual é. Parece que o Conselho Cinzento não deseja que ninguém saiba que eles estavam guardando a obra em um de seus preciosos cofres. Se eu soubesse qual livro os humanos levaram, estaria muito mais perto de descobrir seus planos. Poderia até resolver o caso antes de Raynor.

E, então, poderia esfregar minha vitória na cara de Tran e manter meu emprego.

— Pergunte à sua tia — falou Gordon.

Eu virei minha cabeça, fechando a boca quando percebi que estava aberta.

— Será que ouvi bem? Você acabou de me dizer... para perguntar à minha *tia*?

— Exatamente.

Sentei-me mais ereta, sentindo meu coração bater com entusiasmo.

— Minha tia Evanora? Aquela que você odeia com todo o seu ser? A que você despreza e quer ferver em seu caldeirão?

— A própria.

Inclinei-me sobre o balcão e toquei sua testa.

Meu avô fez uma careta antes de se afastar de mim.

— O que está fazendo?

— Vendo se você está com febre — respondi, fazendo Faris rir.

A rivalidade entre meu avô e minha tia era notória em nossa comunidade. Os dois estavam sempre discutindo um com o outro. Eles se odiavam. Nunca entendi por que, porém, sabia que não devia perguntar. Não era da minha conta e, provavelmente, estava relacionado a algo que acontecera muito antes de eu nascer. A única coisa que esses dois tinham em comum era o ódio aberto um pelo outro.

— Não estou com febre — resmungou meu avô. — Apenas tenho certeza de que sua *adorada* tia Evanora é amiga de uma das bruxas do Conselho Cinzento há anos. Se há um livro secreto que eles desejam manter escondido, pode apostar que aquela enrugada sabe qual é — ele informou, lançando um sorriso presunçoso a Faris.

Pulei da minha cadeira, agarrei o rosto do bruxo e beijei sua testa.

— Obrigada, vovô. Eu lhe devo uma.

— Sim, sim, sim. É o que todos dizem. — O mais velho sorriu, tomando outro gole de sua bebida.

Fiquei animada com a perspectiva de ver minha tia. Meu sorriso se alargou enquanto eu corria pelo corredor em busca de minhas botas e minha jaqueta. Parecia que eu ia finalmente conseguir alguma vantagem.

Segura essa, Raynor.

— Tia Evanora? — chamei enquanto abria a porta de sua loja e entrava.

Uma vibração de animação me atravessou. A loja da minha tia era o sonho de qualquer bruxa. Era sempre emocionante vir aqui. Uma repentina pontada fria de energia de magia negra ondulou sobre minha pele, dizendo-me que ela estava no local.

Eram apenas três e meia da tarde, mas, dentro da loja, parecia que eram onze da noite. Pesadas cortinas pretas pendiam das duas janelas da frente. A única fonte de luz vinha das seis velas espalhadas sobre um balcão na extrema direita. Suas chamas oscilaram quando fechei a porta atrás de mim, criando sombras alongadas pela sala.

A pequena loja estava cheia de prateleiras e estantes abarrotadas de objetos não identificáveis flutuando em potes, velas de todas as cores, ossos de animais, dentes humanos (melhor não perguntar), bolas de cristal, pingentes, pêndulos, caixas de giz, varinhas e centenas de livros de feitiços e magia negra. Avistei um novo grande tomo verde. Eu estava atrasada com as minhas leituras.

A loja tinha tudo que uma bruxa poderia desejar. Se precisasse de algo, era só vir à loja da minha tia. Era como uma regra.

Respirei fundo, sentindo o cheiro de tapetes velhos e mofados. Sorri.

— Deus, eu amo este lugar.

Faris foi até a prateleira mais próxima. Seu rosto estava contraído em uma expressão azeda enquanto observava o estado da loja da minha tia. O demônio arrastou um dedo ao longo de uma prateleira e esfregou a poeira.

— É desse jeito que uma bruxa das Trevas talentosa mantém sua loja de feitiçaria? — Ele balançou a mão, tentando livrar-se de uma teia de aranha.

Bebezão.

— Incrível, né? — falei, absorvendo tudo de uma vez e desejando um dia poder ter um lugar assim.

Eu poderia ter uma vida boa, sem nunca mais me preocupar em conseguir trabalho na Corte das Bruxas Sombrias; sem ter que suportar seus

olhares de raiva e de desprezo. Infelizmente, nem sempre conseguimos o que queremos.

— Não é a palavra que eu usaria — respondeu o demônio intermediário. — Tem cheiro de pot-pourri barato, incenso e truques de magia de má qualidade.

— Que esnobe. Sim, está um pouco empoeirada. E daí? Poeira nunca matou ninguém.

Suas sobrancelhas subiram.

— Eu sou um demônio, não um *troll*. Preocupo-me com minha higiene.

— Já reparei. — Revirei os olhos. — Bem, eu mataria por um lugar como este; com a poeira, as aranhas, o pot-pourri e todo o resto. Acho perfeito do jeitinho que é.

Meu olhar encontrou um grande aviso estendido na parede superior, que proclamava: FRESCO, DIRETO DO CALDEIRÃO! Estava louca para ver que delícias mágicas haviam sido entregues esta semana, mas não tinha tempo de bisbilhotar. Eu tinha um trabalho a fazer.

Faris fez um som de nojo.

— Se você adquirir uma loja assim no futuro, não espere que *eu* a limpe. Levaria anos para tirar toda a sujeira deste lugar. Eu não faço faxina.

Olhei para o demônio com raiva, embora eu não conseguisse ficar brava com ele. Percebi seu desconforto ao vê-lo escolher seu caminho com cuidado para não encostar em nada, como se estivesse correndo o risco de contrair um vírus mágico. Eu quase comecei a rir.

— Minha tia não sabe que você é meu novo familiar. Tente não irritar tia Evanora, tá? Precisamos que ela nos conte sobre o livro.

Faris me deu um sorriso forçado.

— Fique tranquila. Quanto mais rápido pudermos sair deste lugar, melhor.

Um bipe suave veio do bolso de sua calça. Parecendo levemente surpreso, o demônio estendeu a mão e tirou um celular.

Melhor nem perguntar onde ele tinha conseguido o telefone. Em vez disso, indaguei:

— Está tudo bem?

Imaginei quem estava mandando mensagens para ele. Se Farissael estivesse negociando almas humanas novamente, eu o jogaria no caldeirão fervente da minha tia. Não me importava que ele fosse meu familiar. Havia

limites para o que eu era capaz de aceitar. Negociar almas humanas estava bem além deles.

Uma expressão estranha tomou conta do demônio.

— É Cassandra. Ela está... perguntando como eu estou. — Faris digitou sua resposta rapidamente, como se mandasse mensagens de texto desde os dois anos de idade. Então, colocou o telefone de volta no bolso.

Eu o observei por um momento.

— Então, acho que as coisas estão indo bem?

O sorriso aberto no rosto do demônio intermediário fez meu coração doer.

— Estão. Acho que poderia ir vê-la no próximo fim de semana.

Um sorriso esticou meu rosto.

— Acho que ela ia gostar muito — respondi, lembrando do abraço que ela lhe dera no primeiro dia em que se conheceram.

Faris sorriu. Notei uma umidade repentina surgir em seus olhos quando ele se afastou de mim.

Eu estava feliz por ele. O demônio havia perdido uma esposa, mas ganhado uma tataraneta. Sim, ele era um pé no saco, mas valia a pena suportá-lo só para poder ver aquele sorriso. Realmente valia.

Preparando-me, atravessei a sala e fui para os fundos da loja onde eu suspeitava que minha tia estava. Ela realizava a maioria de seus feitiços atrás da cortina, onde ficava seu laboratório de magia. Um cheiro forte de madeira queimando veio daquela direção. Evanora definitivamente estava trabalhando em alguma coisa, talvez cozinhando algo.

*O que você está aprontando, tia?*

Afastei a cortina da porta, esperei Faris passar e entrei em uma pequena sala que talvez tivesse metade do tamanho de sua loja. O piso era de madeira, embora as tábuas parecessem desgastadas e secas. Prateleiras estavam encostadas na parede oposta, agrupadas com todos os tipos de livros, jarros, ervas e plantas secas.

Um caldeirão de ferro, do tamanho de uma banheira de imersão e cheio de lama fumegante, repousava no meio da sala. Uma figura estava sentada no caldeirão. Mechas de cabelo branco caíam frouxamente ao redor de seu rosto. Ombros e braços finos pendiam fracos ao lado dela. Seus olhos pequenos se perdiam nas rugas pesadas em seu rosto. Um único olho branco leitoso rolou em sua órbita até focar em mim.

Minha tia Evanora.

Puta. Merda.

— Nua em um caldeirão. Isso sim é inesperado — comentou Faris enquanto passava por mim e avançava com um sorriso duvidoso no rosto. Ele inspecionou o caldeirão e a mulher dentro dele como se ela fosse uma exibição na última convenção de bruxas.

A velha franziu a testa, as rugas ao redor de seus olhos se aprofundando, e seus lábios se moveram no que eu só podia imaginar ser um feitiço das Trevas.

Merda.

— Ah... tia Evanora — eu disse enquanto dava um passo cuidadoso para mais perto, esperando impedi-la de enfeitiçar Faris. — O que você está fazendo?

A lama cobria seus seios, graças à Deusa. Eu não queria ter que ver isso. Já tinha visto corpos velhos nus o suficiente para uma vida toda. Avistei uma pequena escada de madeira ao lado do caldeirão. Ouvira falar de banhos e purificações mágicas, embora sempre tivesse imaginado que eram realizados em uma banheira.

A bruxa ergueu o olhar para mim.

— Evanora está tomando banho de lama. Por que veio perturbar Evanora? Por que você está aqui, Samantha? — Ela virou a cabeça e encarou Faris, que havia mergulhado um dedo no caldeirão.

— Consistência interessante — disse ele enquanto esfregava os dedos. — Você já tentou fazer isso com outro bruxo junto? Devem caber umas três pessoas aqui e ainda sobrar muito espaço para se movimentar. Entende o que quero dizer?

Que o caldeirão me ajude.

Os músculos ao longo da mandíbula de tia Evanora se contraíram. Sua expressão carregava uma promessa de assassinato. Ela tinha uma aura poderosa. Se você sequer pensasse que a mulher era frágil e fraca, definitivamente se arrependeria.

— Peço desculpas por incomodá-la, tia — eu disse. Olhei na direção de Faris enquanto ele apoiava os cotovelos na beirada do caldeirão, sorrindo para a mais velha. — Vim lhe perguntar uma coisa. É importante.

Tia Evanora afastou os olhos de mim e inspecionou Faris.

— Por que você trouxe um demônio intermediário para o local de trabalho de Evanora?

Aqui vamos nós.

— Hum. É que...

Faris estendeu a mão.

— Farissael, a seu serviço.

A velha olhou para a mão do demônio como se fosse a origem de todas as pragas.

— Evanora não precisa do serviço de ninguém, especialmente de um demônio intermediário.

A entidade afastou a mão, mas não parou de sorrir.

— Já pensou em alugar seu caldeirão? Tenho três bruxas em mente que acho que adorariam — ele ergueu as sobrancelhas sugestivamente — dar um mergulho em seu caldeirão. Posso pagar até cem dólares por hora.

— Faris — avisei. — Já chega. — Eu me aproximei, agarrei seu cotovelo e o puxei para longe. — Mais um pio e eu mando você de volta para casa, entendido?

O demônio intermediário riu.

— Você precisa relaxar um pouco, Sammy, querida. Até sua tia tira um tempo para si mesma. Talvez você também devesse tentar. Não é bom para a sua pressão.

— Você é quem está fazendo minha pressão subir. — Olhei para a mais velha, respirei fundo e disse — Ele é meu novo familiar. É uma longa história. Conto um dia desses enquanto tomamos chá. Na verdade, estou aqui...

— O que aconteceu com seu corvo? — perguntou minha tia. — Ele a abandonou?

Não. Sim.

— Poe está por aí, embora eu não saiba exatamente onde.

Meu peito se apertou. De certa forma, Poe tinha sim me abandonado. Ele parecia mais feliz fazendo o que quer que estivesse fazendo em vez de estar comigo e ser meu familiar.

Evanora franziu o rosto enquanto estudava o demônio intermediário.

— O corvo era uma má escolha como familiar.

— Eu sei.

*Você fez questão de me dizer muitas e muitas vezes.*

— E este aqui não é melhor.

Excelente.

O sorriso de Faris morreu.

— Agora, escute aqui, sua velha...

— Faris — rosnei. — Você já está em perigo. Cala a boca.

O demônio intermediário apertou os lábios em uma linha fina, contudo, manteve a boca fechada.

Pigarreei.

— Tenho certeza de que ouviu falar sobre o recente assassinato de um dos membros do Conselho Cinzento, Sarek, o feérico.

— Evanora ouviu, sim — respondeu minha tia.

— E ontem à noite, Lars foi eviscerado e pendurado no teto de seu quarto. — Vi os olhos da bruxa se estreitarem. — Acredito, assim como o Conselho Cinzento, que ambos os assassinatos estão conectados. Os assassinos pertencem ao Movimento Extremista Antimagia. São um grupo de ódio composto por humanos que desprezam a magia. O curioso é que este mesmo grupo realizou um ritual, então, convocou o demônio Naberius. Ainda não descobri qual é a conexão, mas não está me cheirando bem.

Minha tia me deu um olhar firme.

— E por que você procura a ajuda de Evanora?

— Os psicopatas roubaram um livro de um dos cofres do Conselho Cinzento, o mesmo em que Sarek foi encontrado morto. Eu sei que eles levaram a obra consigo, porém, o Conselho deseja manter sua existência escondida. Eles não querem me dizer do que se trata. — Aproximei-me do caldeirão. — O livro é a chave para descobrir o que diabos esses desgraçados querem. — Respirei fundo, encarando a mais velha. — Vovô achou que talvez você soubesse qual é a obra.

Minha tia ficou em silêncio por um longo momento com seu olho bom distante. Ela apertou as mãos ao redor das bordas do caldeirão. Seus dedos tortos pingavam lama.

— Samantha, venha ajudar Evanora a sair deste caldeirão e lhe dê seu manto.

Meu pulso saltou com a emoção que ouvi em sua voz. Não gostei nada dela. O ponto positivo era que também significava que a mulher sabia sobre o livro.

Ajudei minha tia a sair do caldeirão e descer os três degraus. Em seguida, envolvi seu corpo magro com seu manto verde e disforme enquanto uma poça de lama se formava a seus pés. Sua pele, bem, ela cheirava a lama com um toque de estreme. O que diabos havia naquele caldeirão?

Seus movimentos eram lentos e seu corpo estava curvado pela idade e pela artrite. Seus joelhos estalavam enquanto Evanora se arrastava até uma pequena mesa de trabalho, deixando pegadas enlameadas no chão de madeira. Ela já tinha sido tão alta quanto eu, mas, agora, parecia ter apenas um metro e meio.

Minha tia se serviu de uma xícara de chá de uma chaleira elétrica e caiu em uma cadeira. Movi-me, parando ao lado dela.

— O que é? Diga-me. Sei que você sabe de alguma coisa. Posso ver.

Com os dedos nodosos, a bruxa ergueu a xícara e tomou um gole de chá. Seu rosto estava tenso quando ela disse:

— O livro se chama *Magicae Lucis* ou *Alvorecer da Magia*.

— *Alvorecer da Magia*? — Olhei para Faris, vendo o demônio dar de ombros. Cruzei os braços. — Nunca ouvi falar dele. Não parece tão assustador para mim. Tem certeza de que é o livro certo?

Talvez minha tia estivesse errada. O título soava como algo que eu gostaria de ler para aprofundar meu conhecimento.

A mulher descansou a xícara em sua coxa. Seu rosto estava solene e pálido.

— Evanora tem certeza.

— Tá. O que há de tão especial neste livro? Por que o Conselho Cinzento o está mantendo em segredo?

— O *Magicae Lucis* é a obra mágica mais poderosa do mundo — disse minha tia, fazendo Faris assobiar. — E também a mais temida.

O medo apertou meu estômago.

— Por que não estou gostando disso?

A bruxa balançou a cabeça.

— Deveria ter sido destruído há muito tempo. Evanora implorou ao Conselho Cinzento para queimá-lo, mas eles não deram ouvidos. — As rugas em seu rosto se aprofundaram quando ela apertou a xícara, seus dedos ficando brancos. — Tolos. Olha só o que eles fizeram. Amaldiçoaram a todos nós.

O medo passou por mim, espelhando o temor que vi se mover sobre o rosto de minha tia e rastejar na rigidez de sua postura. Evanora era a bruxa mais incrível que eu conhecia. Nada a assustava. Nada. Nem mesmo uma horda de demônios Superiores. Ela era poderosa. Perversamente inteligente. Contudo, agora, parecia morta de medo.

Do que diabos ela estava falando?

Eu engoli em seco.

— Por que esse livro é tão temido? — perguntei depois de um momento. Minha voz soou alta por causa da tensão.

O rosto da bruxa estava pálido.

— Ele fala sobre muitos assuntos, mas, principalmente, sobre a história de todas as coisas mágicas. O livro contém os aspectos mais importantes e básicos da magia. Ele fala de feitiços e rituais primitivos... de como a vida, bruxas e mestiços estão interligados à magia. — Ela contraiu a mandíbula e hesitou, lutando com algo que estava prestes a revelar.

Senti meus ombros ficarem um pouco tensos.

— O que mais? O que é?

Minha tia franziu a testa.

— A obra... dá instruções sobre como destruir a magia. Como removê-la do mundo. Para sempre.

O silêncio pairou pesadamente na sala.

— Isso é impossível — eu disse, embora minha voz não soasse muito convincente. — Nada pode remover toda a magia do mundo. Ela faz parte dele. Sempre foi assim, desde o início. Seria como remover o ar.

— Pode ser feito.

A postura de Faris enrijeceu.

— Por que nunca ouvi falar desse livro? Se esse tal de *Magicae Lucis* faz o que você diz, a comunidade demoníaca estaria atrás dele. Obras mágicas poderosas são uma mercadoria importante no Submundo, até mesmo mais do que almas. Isto é, se você tiver o livro certo.

A mandíbula da minha tia se contraiu enquanto lutava para não demonstrar seu medo e desespero, mas eu podia vê-los.

— A obra foi criada pelo clã das primeiras bruxas das Trevas, muito tempo atrás, e mantida em segredo. Os demônios nunca deveriam saber sobre sua existência ou o que ela poderia fazer. O poder das bruxas era mais forte naquela época. Sua magia de sangue era superior... não diluída com o sangue dos humanos como é o caso das bruxas de hoje.

O pânico cresceu em mim. O grupo EAM colocara as mãos em um livro que poderia remover toda a magia do mundo. Como eles haviam descoberto sobre ele ainda era um mistério. Todavia, uma coisa era certa: aqueles humanos nos odiavam. Odiavam a magia. E, agora, planejavam removê-la do mundo para sempre.

Pela crescente tensão e medo da minha tia, não havia dúvida de que a mulher acreditava que era possível. Minha tensão explodiu.

Fazia sentido que Irva não quisesse que eu soubesse sobre a obra. Como eles puderam manter algo tão perigoso em um cofre por todos esses anos? Era uma burrice das grandes.

— E quanto à magia demoníaca? — perguntei, pensando em Faris.

Na pior das hipóteses, se meu poder desaparecesse, eu poderia contar com o familiar e outros demônios. Poderia usar a magia deles caso fosse necessário.

— O livro fala da magia *deste* mundo — respondeu minha tia com seu olho bom firme. — Não do Submundo. A magia demoníaca não será afetada.

Faris soltou um assobio baixo.

— Por que não me sinto mais tranquilo?

— Você teria que entender de magia para conseguir trabalhar com a obra? — indaguei, sentindo minha adrenalina subir. — Certo? E seria complexo. Muito complexo... tipo magia negra *hardcore*.

— Sim — respondeu minha tia.

— Então, esses humanos têm algum conhecimento básico sobre o nosso poder. Eles devem ter, do contrário, não saberiam o que estão fazendo e não funcionaria.

Evanora assentiu.

— Parece que sim. Um bruxo deve ter confiança e fluência na linguagem das Artes das Trevas para utilizar plenamente a magia.

— Ou alguém os está ensinando— disse Faris, fazendo meu sangue gelar.

Ele estava certo. O grupo EAM não concordava com o uso da magia. Portanto, a pergunta era: quem os estava ensinando?

Olhei atentamente para minha tia.

— Está familiarizada com o feitiço que removeria toda a magia do mundo?

Até dizer isso soava ridículo. Porém, se houvesse alguém que o conhecia, seria ela.

A mais velha balançou a cabeça. Eu nunca a tinha visto tão derrotada. Odiava vê-la assim.

— Sabe qualquer coisa sobre ele? — tentei novamente. — Qualquer coisa mesmo? O sacrifício de Lars poderia ser parte do feitiço?

Quanto mais eu descobrisse sobre a obra e o encantamento em questão, mais perto estaria de encontrar o grupo EAM e acabar com essa loucura.

— Evanora nunca leu o livro — ela disse, seu rosto assumindo um tom sombrio. — Contudo, Evanora sabe que o feitiço requer a quebra de *três selos mágicos*. Pode ser que o sangue de um bruxo poderoso faça parte do encantamento. Talvez, seja o primeiro selo.

A lembrança da poderosa onda de energia que tinha derrubado Faris e eu no parque fez meu coração disparar. Eles haviam quebrado o primeiro selo.

— Feitiços complexos precisam de tempo para serem preparados, já que são trabalhos mágicos maiores que requerem muita energia — disse a bruxa. Seus dedos se moviam ao redor de sua xícara. — Os encantamentos contidos na obra... exigem o mais alto nível de magia. Eles devem ser realizados com um dia de intervalo. Quando todos os selos forem quebrados, o feitiço estará completo.

Minhas entranhas se apertaram quando percebi que já tínhamos perdido um dia e que a morte de Lars fora parte da quebra do primeiro selo. Olhei para Faris. Não gostei da preocupação que vi sombreando suas feições.

— Tá, então, ainda temos tempo. Um dia? Talvez mais, certo? Isso nos dá a chance de encontrar esses loucos e detê-los. Se matarmos quem lançou o feitiço, conseguiremos anulá-lo, não é? Então, essa loucura vai acabar, certo? Tia Evanora?

Matar alguns EAMs não seria um problema.

— Não. — O rosto da bruxa estava enrugado de preocupação. — Você precisa destruir o livro. Só então o feitiço será quebrado.

— Tá. Fácil.

Minha tia estendeu a mão e agarrou meu pulso, seu aperto parecia firme como ferro.

— Deve encontrar o livro e destruí-lo, Samantha — disse ela, apertando com mais força. — Entende? Nada mais importa. Você deve *queimá-lo*. Queime-o até que tudo o que reste dele sejam cinzas.

— Vou fazer isso. Eu prometo. — Olhei fixamente para seu rosto. — Tem mais alguma coisa, não tem? O que é? O que pode ser pior do que remover toda a magia do mundo?

Eu sabia que ela estava escondendo algo. Esperei pelo *grand finale*.

— Tudo que tem qualquer ligação com a magia... morrerá — falou a mais velha. — Evanora vai morrer. Você. Todas as bruxas e bruxos. Todos os vampiros e lobisomens. Todos os mestiços. Cada raça de seres mágicos será erradicada do mundo.

Ela virou seu olho branco leitoso para mim.

— Se eles conseguirem completar o feitiço... todos nós morreremos.

*C*ada raça de seres mágicos será erradicada do mundo. Se eles conseguirem completar o feitiço... todos nós morreremos.

Certo. Sem pressão. As palavras da minha tia flutuavam na minha cabeça em um *loop*. Encontre os idiotas do EAM e queime o livro, senão, todos morreremos. Parecia bastante fácil. O problema era que eu não tinha ideia de onde procurar e estava ficando sem tempo.

O primeiro selo mágico havia sido quebrado. Tínhamos dois selos restantes. Porém, o que eles eram e como eu poderia encontrá-los? Poderiam ser bruxos? Sem o livro, eu estava trabalhando às cegas.

A fúria explodiu em mim como uma poderosa tempestade. Como o Conselho Cinzento pôde ser tão descuidado? Como eles foram capazes de guardar em um de seus cofres um livro tão perigoso a ponto de acabar com todos nós? Eu queria bater na cara de Irva. Queria arrancar aquele lindo sorriso do rosto dela. Queria destruir seu glamour e mostrar ao mundo seu verdadeiro eu.

Depois de duas horas ao telefone com assistentes e secretários, tentando obter algumas respostas do Conselho Cinzento sobre o grupo EAM, mas sendo enrolada e enganada, desisti de tentar ser politicamente correta. Eu ia fazer as coisas do meu jeito. Eu mesmo iria ao Conselho Cinzento e faria com que eles me dissessem.

Chega de ser boazinha. Não me importava em não ganhar o prêmio de “Bruxa do Mês”, assim como não me importava se eu nunca mais fosse contratada pela Corte das Bruxas Sombrias, porque, se estivéssemos todos mortos, que diferença faria?

Se eu não impedisse o grupo EAM de quebrar os próximos selos, toda a magia e todas as coisas paranormais se tornariam um mito. Seria como se nunca tivéssemos existido. Eu não sabia o que o resto dos mestiços pensava, mas eu definitivamente não estava pronta para morrer.

Faris estava em silêncio desde que saímos da loja da minha tia. Seu rosto estava sério, com uma espécie de medo persistente em seus olhos. Faíscas de magia demoníaca continuavam saindo de seus dedos. Eu sabia o que se passava em sua mente. Ele estava pensando em Cassandra, sua tataraneta. Ela era uma bruxa. Se os EAM conseguissem completar o

feitiço, a mulher também morreria. Assim como eu. Assim como todos os mestiços. Ele a perderia justo agora que a encontrara.

— Você quer falar sobre isso? — perguntei, caminhando ao lado dele.

O sol estava quase se pondo. O céu estava fabulosamente iluminado em tons de rosa, de azul e de branco. O vento agitava a escuridão à frente. As ruas de *Mystic Quarter* borbulhavam de vida enquanto todos os tipos de mestiços passeavam pelo bairro, pulando de uma loja para outra e seguindo suas rotinas diárias. Um grupo de vampiros chegava da *Wicked Way*, provavelmente vindo do metrô depois de terminarem seus trabalhos em algum lugar da cidade. A comunidade paranormal não tinha ideia de que um grupo de humanos psicóticos estava tentando destruí-la.

Faris me fitou com desconfiança, hesitando. Metade do seu rosto estava ensombrado pelo pôr do sol.

— Falar de quê?

— Sobre o que o está incomodando.

A entidade forçou um sorriso.

— Nada está me incomodando, Sammy, querida. Tenho fé em suas habilidades. Tenho certeza de que encontrará o livro e o destruirá.

— Você não parece convencido.

Faris abriu um sorriso brilhante.

— Melhor assim?

— Não seja bobo. Sei que está pensando em Cassandra. Eu também estaria. Não quero morrer. Não quero que minha tia, meu avô, Charlotte ou qualquer outro mestiço morra.

— Exceto os humanos desgraçados que arquitetaram este plano.

— Sim, exceto eles.

— E o escoteiro? — perguntou Faris quando recomeçamos a subir a rua.

Fiz uma careta.

— O que tem ele?

— Bem, para começar, você não acha estranho que esse feitiço do “fim de toda a magia” não faça menção à morte dos nascidos-anjos? Apenas os magicamente infectados perecerão, não os mortais com essência de anjo em suas veias.

— Onde você quer chegar?

— Acho estranho que esse feitiço não os inclua.

Eu parei.

— Por quê? Acha que eles estão envolvidos? Não se esqueça que foram as primeiras bruxas que inventaram esse encantamento idiota. Além disso, o que os nascidos-anjos ganhariam com toda essa história?

O demônio se virou, encarando-me.

— Tudo.

Lancei um olhar para ele.

— Explique.

— Bem, sem mestiços, a vida seria mais fácil para a raça deles, não acha? Eles nunca teriam que se preocupar com um vampiro maluco rasgando a garganta de uma criança ou com um lobisomem nervoso estripando uma velha senhora. A vida seria mais simples. Melhor. Os nascidos-anjos só teriam que tomar cuidado com os demônios inferiores que passam pelas Fendas de vez em quando.

Balancei minha cabeça.

— Não. Eles podem ser um bando de babacas pomposos, mas não são insensíveis.

— Fale por você.

— Sei que eles não gostam de demônios e que foram criados com o único propósito de vigiar os humanos e protegê-los, mas eu não sou um demônio.

Faris riu.

— Você tem essência demoníaca em suas veias, o que, aos olhos deles, faz de você uma de nós.

— Os nascidos-anjos não querem que a magia desapareça. Eles querem impedir.

— Tem certeza?

Não. Sim. Talvez.

— Você está errado. — Comecei a subir a rua e Faris voltou a andar ao meu lado. — Sei que está chateado — falei. — *Eu* estou chateada. Na verdade, estou furiosa. Contudo, não vamos nos desviar. Os inimigos não são os nascidos-anjos, mas, sim, o grupo EAM. Eles começaram essa bagunça e eu vou acabar com ela.

— Onde vamos procurar? — perguntou o demônio intermediário. — Espionei quando você estava conversando com o Conselho mais cedo... Nem adianta me olhar com esse ar de julgamento, você sabe que eu faço isso o tempo todo. De qualquer forma, eles não pareciam dispostos a ajudar.

— Não estavam. — Aumentei meu ritmo, sentindo meu coração batendo forte em meus ouvidos ao passo que um rosnado surgia em meus lábios. — É por isso que você e eu vamos visitá-los.

Farissael me deu um sorriso genuíno.

— Gostei. Vai envolver dor? Estou pensando em... mutilação com uma mistura de açoitamento e tortura. Por favor, diga que sim.

Dei-lhe um sorriso.

— Veremos.

Imaginei-me arrancando os dentes perfeitamente brancos de Irva, um por um. Foi incrível.

— Excelente. — O familiar sorriu e estalou os dedos.

Eu ri.

— Seu demônio psicótico.

Um frio repentino penetrou em minhas roupas, fazendo-me estremecer. Olhei para o céu. O sol havia desaparecido atrás dos prédios a oeste, cobrindo o *Mystic Quarter* com sombras. Os dias estavam mais curtos. Depois de um zumbido repentino, as luzes da rua se acenderam.

Um toque insistente veio da minha bolsa.

— Você não vai atender? — perguntou Faris.

Soltei um suspiro.

— Não. — Peguei meu telefone, desliguei e coloquei de volta na minha bolsa.

O demônio olhou para a rua à frente, com um sorriso de quem sabia o que estava acontecendo.

— Até quando você vai torturar o escoteiro assim?

Dei de ombros.

— Por quanto tempo for necessário.

— O que rolou entre vocês dois? Achei que as coisas estavam indo muito bem, considerando que ele é um escoteiro nascido-anjo pomposo e você é uma bruxa malvadinha. Já sei, você pegou o cara na cama com outra mulher, não foi? Eu sabia!

— Não. — Fitei-o. — Além disso, não é como se tivéssemos tornado nosso... nossa... seja lá o que for... não é como se fosse *oficial*, ou algo assim. Ele pode sair com outras pessoas.

— E você está bem com isso?

— Desde quando é especialista em relacionamentos?

— Eu tenho alguns milhares de anos de experiência. Pode-se dizer que isto me torna um especialista na área.

Ele tinha razão, mas eu não queria discutir Logan e meu relacionamento agora. A “morte de todas as coisas mágicas” meio que estava ocupando meu cérebro. O nascido-anjo poderia sobreviver ao feitiço, mas eu não.

— Olha, só acho que não vai dar certo. Porém, está tudo bem, de verdade. — Olhei para o demônio intermediário. — Sair com ele foi um erro. Felizmente, não fiquei investida emocionalmente o suficiente para ter um colapso. Não se preocupe. Ele também não estava tão investido, então, não há problema. Pare de me olhar assim.

— O escoteiro é um idiota pomposo, mas eu acho, de verdade, que se importa com você.

Chega. Eu parei e me virei para ele.

— Ouça. Não consigo lidar com isso tudo agora. Não posso. Eu só tenho espaço no meu cérebro para encontrar a facção idiota dos EAM e queimar aquela merda de livro. Não quero falar sobre Logan. Nem quero *pensar* nele. Então, faça-me um favor e vamos falar sobre outra coisa. Ou melhor, sobre nada.

— Sim, mestre — disse o demônio intermediário. Fitei-o com raiva. — Devo conseguir um transporte para nós, Sammy, querida? Um táxi novaiorquino bem fedido e pegajoso?

— Vamos pegar um na *Starlight Lane* — respondi. A expectativa de poder jogar o nome do livro na cara de Irva fazia minhas pernas se moverem mais rápido. — Vamos pegar trânsito a esta hora...

Subitamente, uma brilhante luz azul-esbranquiçada explodiu ao nosso redor, cegando-me. Então, um estrondo sônico atravessou as ruas, fazendo-me pular. A escuridão caiu, repentina e completa. Eu procurei meus anéis de sigilo enquanto meu coração acelerava em pânico. Sabia o que ia acontecer a seguir. Tentei me preparar, mas era tarde demais.

Mais uma vez, Faris e eu fomos arremessados violentamente ao chão, atingidos por uma força invisível. Bati no pavimento duro e rolei. A luz diminuiu e eu pisquei rapidamente, tentando livrar minha visão das manchas brancas.

Quando pude ver claramente mais uma vez, levantei-me e olhei ao redor. Todos os postes estavam apagados. Eu não conseguia ver nenhuma luz vinda dos prédios vizinhos em ambos os lados da rua. Parecia que a

explosão tinha destruído o transformador principal de *Mystic Quarter*. A única iluminação vinha do céu noturno, ajudando-me a enxergar, mesmo sendo fraca. Ainda não estávamos na escuridão completa.

Foi então que eu senti. Como uma tempestade selvagem, a energia escura rolou sobre nós, ribombou e ecoou ao nosso redor, deixando um rastro de enxofre.

Comecei a perceber o tipo de poder com o qual estávamos lidando: antigo, devastador e fatal. Um tão antigo quanto os oceanos e tão amplo quanto o céu. E o grupo EAM planejava usá-lo contra nós.

Eles haviam quebrado o segundo selo mágico.

Faris se levantou e tirou a poeira da calça.

— Isso foi meio intenso.

O som de vozes alarmadas cresceu. Com meu pulso acelerado e minha pele formigando com a magia, olhei por cima do meu ombro, vendo uma multidão de feéricos e lobisomens enquanto eles se levantavam. Alguns pareciam atordoados, outros zangados. Alguns tinham o mesmo olhar em seus rostos que eu imaginava também estar no meu: medo.

Um grupo de doze vampiros parecia nervoso. Seus olhos estavam arregalados enquanto examinavam as ruas com seus dentes longos e afiados para fora. Alguns lobisomens jovens assistiam, avaliando se era um embuste ou um problema de verdade.

Meu coração se agitou contra o meu peito.

— Faris, o segundo selo... — O resto da minha frase morreu na minha garganta com a estranha sensação no ar.

Meus ouvidos estalaram com a mudança de pressão. A brisa girou.

Eu sabia exatamente o que era.

Virei-me lentamente, seguindo meus sentidos.

A menos de dez metros de distância, ondulando no ar como uma onda de calor em um dia quente de verão, havia um trecho de líquido preto e ondulante. Com cerca de três metros de largura e quatro metros de altura, via-se um portal que levava para um mundo de escuridão e dor. Uma Fenda, uma passagem para o Submundo.

Uma névoa de fumaça preta apareceu, emoldurando as bordas do portal ondulante. Ele cintilou e rachou, irrompendo em redemoinhos negros como um turbilhão de sombras.

Uma vampira asiática sibilou de raiva ao ver a Fenda, embora seus olhos e sua postura fossem mais de medo, enquanto ela se afastava da

passagem. Eu não a culpava. Se um demônio Superior decidisse sair, poderia facilmente fazer dela sua refeição ou, talvez, um novo casaco.

Três lobisomens que pareciam estar na faculdade se moveram diante da abertura, sem camisas ou jaquetas, flexionando os músculos e suas garras. O único que estava sorrindo segurava um taco de beisebol. Dei crédito ao garoto por sua criatividade, mas não era hora de se exhibir. Isso o mataria.

Faris se aproximou de mim. Uma escuridão fria fez minha pele pinicar ao passo que cordões negros de magia pingavam de suas mãos.

— Quais são as chances de outra Fenda se abrir em menos de vinte e quatro horas? — ele perguntou, seus olhos escuros quase pretos na penumbra.

A tensão comprimiu todos os músculos do meu corpo.

— Remotas.

Senti uma forte palitação repentina de magia demoníaca se espalhando por mim, como se milhares de agulhas estivessem espetando minha pele.

Xinguei. Mais uma Fenda surgiu do outro lado da rua.

— O que diabos está acontecendo?

Meus ouvidos estalaram quando o ar mudou novamente. Instantes depois, outra Fenda surgiu, pulsando e brilhando na rua. Mais passagens rasgaram o Véu até que cinco portais haviam se materializado.

*Que o caldeirão nos ajude.*

— E quais são as chances de seis Fendas aparecerem no mesmo bairro? — perguntou a voz de Faris ao meu lado.

Eu não tinha ideia. Até onde sabia, Fendas não eram uma coisa comum. Sim, uma poderia se abrir na cidade algumas vezes por mês, mas isso era de se esperar, já que sempre havia um demônio ou outro tentando chegar ao nosso mundo. Porém, várias? Eram necessárias enormes quantidades de energia para abrir um único portal para o nosso mundo, quem dirá seis.

Contudo, agora, Fendas estavam se abrindo por todo o *Mystic Quarter*.

Fiquei apavorada.

Ainda não vira nenhum demônio passar. Talvez tivéssemos sorte e as passagens se fechassem. Quem sabe, elas fossem apenas um aviso.

Poder se agitou, crepitando no ar.

No momento seguinte, centenas de demônios atravessaram as Fendas.

O que se faz ao enfrentar um perigo iminente que certamente resultará em morte? Normalmente, a resposta certa seria fugir o mais rápido possível, contudo, adivinha o que eu fiz? Fiquei congelada como um picolé humano gigante, incapaz de me mover, incapaz de formar qualquer pensamento coerente em meu cérebro.

*Isso não pode estar acontecendo.*

Não importa quantas vezes eu dissesse isso a mim mesma, não faria com que as Fendas desaparecessem. Observei, com minha boca aberta como uma idiota, enquanto demônio após demônio saía dos portais e pulava na rua. Diabretes, carniçais, *iguras*, demônios das sombras e até alguns cães infernais arrastavam suas garras afiadas pela calçada enquanto perseguiam uma feérica encurralada.

Tentei fazer meu corpo atordoado responder, mover meus pés e liberar cada grama de magia que eu possuía sob meu comando para matar aqueles demônios, mas não consegui. Não tinha certeza se era por conta do meu pânico ou se eu estava em negação, recusando-me a acreditar no que via com meus próprios olhos.

— Sammy, querida — Faris disse. — Parece que você precisa de um abraço ou algo assim.

A multidão de mestiços estava em pânico, correndo por todos os lados. O caos se espalhava. Os gritos dos mestiços misturados com os uivos famintos e cruéis dos demônios encheram o ar como uma tempestade. Os pelos da minha nuca se arrepiaram enquanto lamentos se espalhavam pela noite, sons altos que partiam meu coração, em pânico e aterrorizados. Alguém berrou. O barulho trêmulo e violento logo se dissolveu em uma confusão estrangulada de sons.

— Sammy, se não sair dessa logo, vou lhe dar um grande beijo molhado.

Pisquei e fiz uma careta para o demônio intermediário.

— Não se você quiser manter sua boca como parte do seu corpo.

— Ah. Aí está você. Excelente. — Faris abriu as mãos. Bolas negras demoníacas surgiram em suas palmas. — Agora, prepare-se, querida. Aí vem um *igura*.

O demônio rastejou até nós como um lagarto gigante. *Iguras* eram feios, um pesadelo de escamas, peles, garras e presas onde nada parecia estar em harmonia. Vi um aglomerado de olhos negros na frente de seu crânio achatado. Sua cauda terminava em uma garra grossa que chicoteava ameaçadoramente de um lado para o outro enquanto corria.

Tá, eles eram feios e poderosos, mas não eram imunes ao fogo.

A entidade uivou e se lançou no ar com suas poderosas patas de lagarto, arremessando-se em nossa direção com uma graça assustadora e antinatural.

Acessei minha vontade, aplicando a energia em meus anéis de sigilo, e gritei:

— *Feurantis!*

Fogo disparou dos meus dedos estendidos. Eu o direcionei ao *igura*, acertando a fera no rosto e cobrindo seu corpo em um lençol de chamas amarelas e alaranjadas. Um grito de dor veio do monstro. Então, ele caiu no chão em uma pilha de carvão e cinzas enegrecidas.

— Puta merda — falei.

Sim, sou bastante articulada quando preciso enfrentar uma crise.

Faris me deu um sorriso.

— Lagarto frito. Não é ruim. Especialmente com um pouco de alho. Eu experimentei em...

— Cuidado!

Um *ghoul* corria na direção do familiar. Mesmo na penumbra, consegui vê-lo, contudo, desejei não conseguir. O demônio musculoso, humanoide, horrivelmente disforme, hediondo e imundo estava nu. Ele saltou sobre Faris em um borrão de membros grotescos, trazendo consigo o fedor de fezes.

Farissael ergueu um braço. Um jato de magia demoníaca negra irrompeu de seus dedos e disparou de sua mão estendida, atingindo o *ghoul* direto no coração. A força jogou o demônio para trás. A criatura ficou ali por um momento, envolta em um *halo* de energia negra. Ela se debateu e uivou, seus membros disformes convulsionando e chutando.

Então, Faris estalou os dedos.

O *ghoul* explodiu em uma confusão de sangue negro e tripas.

Pedaços choveram ao nosso redor, pousando como pequenas gotas molhadas na rua, na calçada e nos carros estacionados.

Fechei a boca e me abaixei, só por precaução. Nada era mais nojento do que ter resquícios de *ghoul* em sua língua. Pode confiar, eu sabia por experiência própria.

Ao meu lado, Faris xingou.

— Acho que vou ter que cancelar os planos que fiz com as duas virgens para esta noite. Você tem ideia de como é difícil encontrar virgens *de verdade* neste século?

— Posso imaginar.

Ouvi um ruído sibilante atrás de mim.

Virei-me a tempo de vislumbrar olhos negros e intensos e uma boca cheia de dentes afiados. Só seu hálito seria suficiente para fazer alguém desmaiar.

A adrenalina subiu, alimentando-me com uma explosão de poder.

— *Fulgur chordis!* — gritei, extraindo a magia dos meus anéis.

Disparos de eletricidade azul atingiram o *igura*, derrubando-o. O demônio se debateu e uivou quando cordões azuis o envolveram, queimando sua carne como ácido. O monstro se debateu mais uma vez e então explodiu em uma nuvem de vapor negro luminoso e cinzas.

Legal.

Eu me virei, vendo Faris acertar demônio após demônio com rajadas de morte negra, como se suas mãos fossem armas semiautomáticas. Tenho que admitir que ele ficava ótimo fazendo isso. O familiar fez um passinho de dança, acertando as entidades inferiores com precisão. Ele era um demônio intermediário de muitos talentos.

Um grito soou perto de mim. A voz era jovem, possivelmente de uma criança. O berro ficou mais agudo, depois, tornou-se um som estrangulado.

Corri em direção ao grito, passei por um carro estacionado e parei.

O corpo de uma jovem bruxa, talvez de quinze ou de dezesseis anos, estava no chão ao lado do veículo. Ela estava deitada em seu próprio sangue, que formava uma poça pegajosa ao seu redor. Seu rosto não passava de uma máscara sangrenta de tiras de carne rasgada. Bile subiu pela minha garganta.

Um *ghoul* pairava sobre a jovem, comendo fios do que pareciam ser seus intestinos. Ele também tinha aberto sua garganta. Seu *jeans* estava rasgado, eu podia ver os entalhes das presas do *ghoul* em sua carne. Seus lindos olhos azul-acinzentados olhavam para o nada, vidrados e mortos. A boca da bruxa estava aberta, talvez em sua última tentativa de feitiço.

Apesar de ser como eu, ela não tinha experiência em lidar com um *ghoul* e não deveria precisar ter.

Minha visão ficou vermelha.

O demônio se virou, olhando para mim com tiras de carne penduradas em sua boca.

A fúria floresceu em meu peito, assim como meu poder.

Extraindo a magia dos meus anéis, concentrei tudo em um único objetivo: obliterar o *ghoul*.

Colocando toda a minha raiva no feitiço, rosnei:

— *Feurantis!*

Duas bolas de fogo o atingiram. Ele não teve nenhuma chance. Eu não ligava.

O golpe o derrubou de cima do corpo da bruxa. O monstro colidiu com o chão, rolando como um marshmallow flamejante. O fogo preencheu a rua com um brilho de luz amarela e alaranjada. O calor me atingiu. Dei um passo para trás, observando o corpo do *ghoul* se partir ao meio e depois se desintegrar em uma pilha de cinzas.

O sangue latejava em meus ouvidos enquanto eu me virava. Um diabrete corria em direção a um lobisomem desavisado com uma lâmina escura na mão. O mestiço estava dilacerando um demônio *igura* com uma habilidade impressionante. Infelizmente, ele não notaria o diabrete até que o pequeno desgraçado o esfaqueasse no pescoço.

Raiva, quente e implacável, me encheu.

Corri em direção ao diabrete. A magia misturada com meu ódio rugia. Minha vontade transbordou e se derramou em meu corpo. Minha pele estava formigando. Eu estava queimando. Senti uma onda de força vindo dos meus anéis que se acumulava à medida que minha raiva crescia.

Quando estava a três metros do diabrete, eu a soltei.

— *Conlidam!*

O feitiço atingiu o demônio. Ele deixou cair sua lâmina, atordoado por um momento, e cambaleou. Momentos depois, o diabrete explodiu em pedaços de carne e sangue preto, cobrindo o asfalto com um caos escorregadio.

Eu nunca tinha pensado em usar um feitiço de desintegração em um demônio antes. Agora que vira o que ele podia fazer, iria usá-lo novamente. E logo.

Dei um passo e vacilei. Eu estava tonta. Respirei lentamente, equilibrando-me. Ao que tudo indicava, o último encantamento havia consumido um pouco da minha energia. Droga. Senti minha magia escapar, a força por trás de meus feitiços vacilando. Se continuasse assim, eu ficaria esgotada em breve.

— Sam! — veio a voz de Faris atrás de mim.

Virei-me.

O familiar quebrou o pescoço de um cão infernal e jogou o corpo no chão.

— Amo uma boa briga, mas se não sairmos logo daqui, não vamos conseguir. Cem para um não são chances muito boas, mesmo para um demônio foda como eu.

Merda. Eu não podia ir embora. Não quando seis Fendas estavam vomitando entidades no meu bairro.

— Sam.

— Não.

Eu tinha que fazer algo. Não abandonaria minha comunidade e meu povo.

As Fendas acabariam por fechar. Ao menos, era isso o que eu esperava. Contudo, se elas fossem parecidas com a outra, podia demorar um pouco. Até lá, eu só tinha que continuar matando qualquer coisa que saísse dos portais até que meu poder acabasse.

Decidida, corri em direção a um grupo de *ghouls*, apesar dos gritos de protesto de Faris. Estreitando os olhos, fui até o monstro mais próximo, um esquelético com quase nenhuma carne em seus ossos. Ele não passava de uma massa escura e podre, como se fosse um zumbi em um filme de terror.

— *Conlidam!* — o feitiço saiu da minha boca, arrancando mais um pedaço da minha energia e magia.

Não me importei. Joguei tudo o que tinha nele.

O *ghoul* explodiu em uma mistura de carne e ossos. Corri, sentindo pedaços frios atingirem meu rosto, porém, não me importei. Continuei correndo.

Um movimento chamou minha atenção.

Mais demônios saíam da Fenda. Dez. Vinte. Eles continuavam chegando.

— Que o caldeirão nos ajude — sussurrei.

Um *ghoul* me viu e parou. Ele se agachou e depois saltou seis metros à frente, graciosamente, aterrissando com uma precisão de gato. Eu não tinha ideia de que eles conseguiam fazer isso.

Veja o que *eu* consigo fazer.

— *Feurantis!*

As bolas gêmeas de fogo atingiram a criatura, fazendo-a cair em labaredas de fogo.

Comecei a me mover novamente.

Alguém soltou um grito de terror absoluto. Os demônios estavam loucos de sede de sangue e selvagens de fome pela força vital dos mestiços. Eles avançavam em uma onda de matança imparável, massacrando todos que tinham ficado para lutar. Os mestiços não tinham chance. Eles nunca sairiam vivos.

Minhas botas ficaram presas em algo molhado. Eu escorreguei, caindo com força. Ofegante, levantei-me e tentei não pensar no que estava grudado em mim. Era sangue, mas eu não sabia se era de mestiço ou de uma entidade. Agora, eu estava coberta com ele. Excelente.

Uma onda de náusea me atingiu. Eu estava me esforçando demais, indo rápido demais, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Não se eu quisesse viver. E sim. Viver era bom.

Lancei meu olhar sobre as cabeças de demônios e mestiços, procurando por Faris. Não consegui vê-lo através da massa agitada de monstros. O medo apertou meu coração. Se os demônios o tivessem matado, seria minha culpa.

Quando ouvi o rosnado, já era tarde demais.

A dor gelou minhas costas assim que uma sombra negra se chocou contra mim. Eu gritei e pulei para me segurar antes que meu rosto batesse no asfalto duro. Meus instintos entraram em ação.

— *Sphaeras!* — gritei, transformando meu medo e ansiedade em um escudo protetor tangível de energia dourada. O poder se elevou sobre minha cabeça, completando uma esfera enquanto minha adrenalina rugia.

O *igura* se lançou contra o feitiço mais rápido do que eu poderia acreditar que algo tão grande pudesse se mover. As paredes tremeram ao meu redor. O escudo não quebrou, mas eu sabia que só duraria mais um minuto. Minha energia e minha magia estavam gastas. O monstro havia me encurralado e, a julgar pela umidade que eu sentia escorrendo pelas minhas costas, também me pegara de jeito.

Observei a fera através do meu escudo dourado. A baba manchada de sangue escorria de sua grande boca. Seus olhos negros brilhavam com uma fúria infernal.

Naquele momento, tive certeza de duas coisas: um, minha esfera estava prestes a desmoronar, e dois, no momento em que isso acontecesse, eu viraria comida de *igura*.

Eu tinha alguns segundos antes que meu escudo protetor caísse, então, aproveitei a oportunidade para olhar ao redor.

No minuto seguinte, arrependi-me.

Corpos de mestiços enchiam as ruas, *ghouls* mastigando os cérebros de alguns deles através dos crânios rachados. O cheiro de sangue era forte e aderiu à minha pele como uma névoa espessa.

O ar mudou e estalou.

Não importava quão rápida ou inteligente eu fosse com meus encantamentos. Dada a velocidade do fluxo de demônios chegando através das Fendas, o *Mystic Quarter* seria completamente invadido em apenas algumas horas. E quando não tivessem mais mestiços para matar, os demônios se voltariam contra os humanos. O nascer do sol ainda estava a horas de distância. Não teríamos chance.

As Fendas brilharam e vomitaram mais alguns demônios, como um enxame de ratos famintos.

Minha coragem falhou. Nós nunca sobreviveríamos a isso. Eu poderia tentar fechar uma das Fendas, mas se o fizesse, seria comida por um demônio *igura* no momento em que desmaiasse com o esforço necessário para fechá-la.

Todos nós iríamos morrer.

Gritos ressoaram sobre os rosnados, sobre o som de carne sendo rasgada e todos os outros barulhos da batalha. Pareciam vozes, comandos. Definitivamente, não eram demônios.

Pisquei através do meu escudo.

Um exército de cerca de quarenta ou mais humanos invadia a rua. Eles estavam vestidos com roupas pretas semelhantes e se moviam através dos demônios como uma tempestade mortal, cortando e picando em cubos qualquer entidade desgraçada que encontrassem em seu caminho. Lâminas prateadas reluzentes pendiam de suas mãos. Nascidos-anjos.

Os demônios silvaram e recuaram para as sombras das ruas, tentando escapar do ataque. O *igura* que havia me ferido deu um salto gigante.

Um grupo de cinco nascidos-anjos se separou do grupo principal, cada um se movendo em direção a uma Fenda. Um a um, jogaram algo pequeno, redondo e brilhante em cada portal.

Um clarão repentino veio de dentro das Fendas, seguido por cinco estrondos sônicos que pareciam fogos de artifício. Caí de joelhos enquanto cobria meus ouvidos.

Assisti enquanto as cinco Fendas ondulavam e depois desapareciam.

Um nascido-anjo foi até a última passagem. Logan. Minha respiração ficou presa enquanto eu o observava jogar o que parecia ser um globo branco dentro da Fenda.

Assim como os outros, o portal foi envolto por uma luz branca brilhante. O estrondo que veio em seguida enviou um tremor ao longo do meu corpo.

Com uma ondulação final, a última Fenda desapareceu.

Sentei-me na ilha da cozinha com as mãos em volta de uma xícara do chá mágico de cura do meu avô que tinha gosto de lama. Já estava na minha segunda xícara.

Depois de um sigilo de cura rápido, ainda precisei levar sete pontos na parte inferior das costas, onde o *igura* havia me ferido. O desgraçado tinha me machucado bastante, mas não era nada que meu avô não pudesse dar um jeito.

— Acho que vai deixar uma cicatriz — Gordon dissera ao terminar.

— Não me importo — foi minha resposta.

Eu estava de mau humor. Agora, meu temperamento havia se tornado uma tempestade de granizo violenta com pedras do tamanho de bolas de golfe.

Após os nascidos-anjos terem aparecido, demorara cerca de oito minutos até que todos os demônios fossem derrotados, bem, pelo menos os que ainda estavam em *Mystic Quarter*. Se eu tivesse que adivinhar, diria que centenas ainda permaneciam pela cidade.

Logan havia enviado a mesma equipe para monitorar as ruas da cidade e proteger toda a vida humana, como era a missão dos nascidos-anjos. Eu rezava para que eles fossem bem-sucedidos. Não queria ter que imaginar crianças sendo despedaçadas em suas camas. Sequer queria pensar em humanos morrendo. Ter tantos demônios em nosso mundo em uma noite só era algo inédito, contudo, passara a ser uma realidade.

As ruas de *Mystic Quarter* tinham sido pintadas com o sangue de seu povo misturado com restos de demônios. Alguns dos corpos das entidades tinham sido queimados até virar cinzas, enquanto outros permaneciam em pilhas de entranhas e ossos espalhados. A equipe de limpeza do Conselho Cinzento já estava trabalhando duro quando eu me levantara, encontrara meu familiar e começara a mancar para casa.

Agora, Faris estava no terceiro copo de uísque. Seu cabelo estava desgrenhado e espetado em lugares estranhos, como se ele tivesse lutado contra as mechas. Só eu sabia que o que estava fazendo seu cabelo ficar arrepiado assim não era gel, mas, sim, preocupação. Seu rosto estava manchado de sangue, felizmente, não era o seu próprio. A frente de sua

camisa estava rasgada. Os quatro primeiros botões haviam desaparecido, revelando mais respingos de sangue.

Uma expressão assassina vincava seu rosto. Eu sabia que não deveria perguntar qual era o problema.

O tempo estava acabando e não estávamos mais perto de encontrar a equipe do EAM ou o livro.

Apertei meus dedos ao redor do meu copo até que mal podia senti-los.

Alguém pigarreou. Logan. Ele estava na cozinha, de costas para o balcão, olhando para mim.

Eu o ignorava.

Ainda estava brava com o nascido-anjo por ele ter ficado ao lado de Irva, contudo, estava cansada demais para discutir o assunto. O cara tinha acabado de salvar todos nós, então, decidi deixar isso passar. Ele tinha seus motivos. Logan era leal ao Conselho Cinzento. Eu era leal a *cheesecake* e a vinho.

Ainda assim, algo me incomodava.

— Como soube sobre as Fendas? — perguntei, encontrando seus olhos pela primeira vez desde que havíamos voltado.

— Nós monitoramos o Véu — respondeu o nascido-anjo, relaxando por ver que eu havia me dirigido a ele. — Verificamos buracos, anomalias e mudanças nos campos magnéticos da Terra. Quando os detectamos... localizamos as Fendas e enviamos uma equipe.

Tomei um gole do meu chá.

— E aquelas coisas que você jogou nas Fendas? Eram as famosas pedras da lua, certo?

Elas seriam úteis se eu tivesse que lidar com outro portal. Seria melhor do que usar minha magia e drenar toda a minha força vital.

— Exatamente — respondeu o nascido-anjo, sorrindo com o que vii em meu rosto. Provavelmente, restos de tripas de demônio. — Tenho algumas extras no meu carro, se você quiser.

Dei de ombros, tentando não parecer muito ávida.

— Vou pensar sobre isso.

— Pensar sobre o quê? — Meu avô entrou na cozinha usando o mesmo roupão verde-escuro que eu tinha visto antes. Ele parou ao meu lado e olhou dentro da minha xícara. — Você precisa beber mais.

— Não gosto de beber lama. Lama tem... gosto de lama.

O mais velho bufou.

— Quer melhorar? — ele bateu um dedo no balcão. — Beba seu chá. Agora, mocinha. Não me faça ficar nervoso.

— Não, não queremos que isso aconteça.

Olhei para minha xícara, tentando não vomitar com o cheiro de terra.

Um som fraco veio do bolso de Logan. Ele verificou seu telefone.

— O que foi? — perguntei, curiosa.

— Pedi para ser avisado sobre qualquer mudança repentina no Véu — respondeu o nascido-anjo com o rosto sério.

— E? — perguntou meu avô antes que eu pudesse.

— Até agora nada. — Logan suspirou e colocou o telefone de volta no bolso. — Ainda não sabemos como isso aconteceu. Seis Fendas se abrindo assim... Eu não entendo e parece que ninguém sabe me explicar.

— Eu posso — respondi antes mesmo de perceber que havia falado em voz alta. Todos os olhos se voltaram para mim. — É culpa do grupo Extremista Antimagia.

— Como? — Logan se aproximou, apoiando as mãos na ilha da cozinha.

— É simples — falei, balançando a cabeça enquanto as peças se juntavam. — Os membros do EAM estão realizando um feitiço; um muito complexo que pretende remover toda a magia do mundo. — Ao ver o nascido-anjo arregalar os olhos, soube que Irva não tinha contado tudo a ele. — Lembra-se de duas noites atrás, quando Faris e eu tropeçamos em uma Fenda? Não seria algo incomum, contudo, antes de nos depararmos com ela, vimos uma luz azul e aí fomos derrubados por uma força invisível.

Olhei para Faris, mas ele estava encarando seu copo.

Meu avô colocou as mãos nos quadris.

— Você nunca me disse isso.

— Porque eu não sabia o que significava até agora. — Respirei fundo e continuei — Aconteceu na mesma noite em que Sarek foi morto e o livro foi roubado do cofre. — O pavor apertou minhas entranhas até que pensei que acabaria vomitando o chá de lama mágico do meu avô. — Naquela mesma noite... os idiotas do EAM começaram o feitiço.

— Um encantamento que elimina toda a magia — afirmou Logan.

Pude ver os pensamentos e perguntas se formando atrás de seus olhos.

— Exatamente — respondi, vendo o rosto do meu avô cair. — Porém, há algo mais, esse feitiço não vai apenas livrar o mundo da magia... vai livrá-lo de nós também.

Gordon se engasgou.

— O que você está dizendo?

— Aqueles que estão ligados à magia — informei —, quem tem magia nas veias, na própria essência, vai morrer.

Os joelhos do meu avô se dobraram e, por um momento, horrível pensei que o velho bruxo ia desmaiar. Por algum milagre, ele permaneceu firme em seus velhos ossos.

— Foi isso que Evanora disse?

— Sim — falei. — O livro é a causa. E o Conselho Cinzento o manteve em um cofre por todo esse tempo.

Meus olhos encontraram Logan. Seu rosto estava franzido em rugas profundas. Ele permaneceu em silêncio com uma expressão severa. Seus olhos dançavam com fúria.

— Segundo minha tia, para o feitiço funcionar, três selos mágicos precisam ser quebrados. Acho que é isso que a luz azul significa. É o que acontece quando a quebra é bem-sucedida. — Suspirei. — Agora, sabemos que o segundo selo foi quebrado esta noite. — Inclinei-me para frente. — Eu acho... que cada vez que um selo se rompe... o Véu enfraquece. É por isso que mais Fendas estão se abrindo. Esses idiotas estão destruindo o Véu.

Meu avô xingou.

— Que a Deusa nos salve.

Logan contraiu a mandíbula. Seus olhos estavam em mim.

— Tem certeza?

— A lógica de Samantha faz sentido. — Faris abaixou o copo vazio sobre o balcão. — Se removerem toda a magia deste mundo, o Véu será afetado. Afinal, ele também é mantido por ela. Magia celestial, mas ainda é magia. O feitiço está removendo camadas do Véu, como se estivesse descascando uma cebola. Se eles o completarem, não apenas toda a magia morrerá, mas o Véu também.

Santa mãe de tudo o que é santo.

— Pode piorar? — perguntei, odiando o medo e o desespero na minha voz.

— Sammy, querida — falou Faris —, *sempre* pode piorar.

Afastei minha xícara.

— Dois selos já eram. Falta um. Se pudermos encontrar o grupo EAM, podemos encontrar o livro. Ainda podemos tentar perguntar ao Conselho Cinzento. Se explicarmos...

— Não é necessário — disse Logan com uma voz monótona. — Eu sei onde eles estão.

Sentei-me mais ereta.

— Você sabe? Como?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Se tivesse atendido o telefone, eu teria dito que os encontrei. É por isso que estou tentando ligar para você o dia todo.

Ops. Foi mal.

— Meu telefone estava desligado — menti, notando que meu avô me olhava com uma carranca no rosto. — Não gosto de ser incomodada enquanto estou trabalhando.

Faris riu.

Eu me sentia uma idiota, mas, pelo menos, o conhecimento que o nascido-anjo possuía era uma boa notícia.

Meu coração disparou.

— E onde eles estão? — perguntei, ousando sentir o prazer daquela pequena vitória.

Logan sorriu, sabendo que era o homem que detinha a informação que eu estava desesperada para ter.

— *Hell's Kitchen*.

Não perguntei como ele descobriu. Francamente, eu não me importava. Tudo o que queria era encontrar o livro e queimá-lo antes que todos fôssemos destruídos.

A animação me percorreu. *Hell's Kitchen* ficava a apenas dez minutos de táxi. Tudo acabaria em breve. Eu poderia finalmente ter minha vida de volta, quer dizer, o que havia sobrado dela.

*Peguei vocês, seus desgraçados.*

Empurrei meu banquinho assim que algo preto veio voando pela janela aberta da cozinha, seguido por um borrão menor de penas cinza-azulado.

Poe derrapou até parar, assim como o pombo ao lado dele.

Sorri para o corvo.

— Desde quando você viaja em dupla? — Ri, sentindo a tensão sair dos meus ombros ao ver meu amigo e familiar.

Poe soltou um pequeno grasnido.

— Desde que comecei meu novo emprego.

— Seu o quê?

O corvo apontou para o pombo com sua asa.

— Este é Bill, meu parceiro de trabalho.

— Seu *supervisor* — informou o pombo, estufando o peito. — Você ainda está em treinamento.

Bill era um pombo azul-acinzentado magnífico, com uma pitada de esmeralda no pescoço que lembrava um lenço. Embora menor que Poe, ele era bem grande para um pombo. Talvez fosse apenas uns dois centímetros mais baixo do que o familiar.

Olhei para os dois pássaros. Meu peito se apertava.

— Poe, o que está acontecendo?

O corvo abaixou a cabeça e andou pelo balcão até parar diante de mim.

— Sam, você sabe que eu a amo.

— Mas...

Poe pigarreou.

— Não quero mais ser seu familiar.

*Ai.*

O corvo mudou seu peso de uma pata para a outra.

— Não é você. Sou eu.

— Não é como se eu não tivesse ouvido isso antes — comentei, fazendo Faris rir.

O corvo balançou a cabeça.

— Nunca fui um familiar exemplar. Você sabe disso. Não sou bom em receber ordens. Eu me sentia preso. Sentia que não podia fazer o que queria, sentia que era um escravo.

Eu me encolhi por dentro.

— Entendo o seu ponto.

Ele estava tentando me matar?

— Por que acha que venho roubando coisas há tantos anos?

— Por que você gosta de joias?

— Não. Porque eu queria usá-las como minha aposentadoria. Não tenho dinheiro próprio... nunca tive. — O corvo soltou um suspiro. — Eu não aguentava mais. Queria minha independência, queria um emprego *de verdade*. Não fui feito para ser um familiar. Você precisa entender.

Abri a boca para dizer que ele tinha um emprego de verdade, mas, então, percebi que ser um familiar não era o que Poe queria. Familiares estavam à mercê de nós, bruxas.

Engoli o nó que se formara na minha garganta.

— O que precisa que eu faça?

Os olhos negros do corvo encararam os meus.

— Preciso que você me deixe ir, que faça o feitiço para quebrar nosso vínculo familiar.

Olhei para o corvo por um longo momento, tentando entender o que ele acabara de dizer. Poe nunca parecera tão feliz quanto estava agora. Além disso, no fundo, eu sempre soubera que o pássaro me deixaria um dia. Só não esperava que fosse tão cedo.

— Quero dizer... olha só, você tem outro familiar — disse Poe, virando a cabeça em direção ao demônio intermediário. — Faris é um familiar muito melhor do que eu já fui.

— Ele está certo — disse o demônio intermediário, radiante.

Agora, o motivo de Poe ter sido tão aberto à ideia de Faris ser meu “outro” familiar fazia sentido. O pássaro queria se livrar do encargo e vira a entidade como seu bode expiatório.

— Tudo bem.

Poe se animou.

— Tudo bem?

— Sim. Fique quieto para que eu possa lançar o feitiço — falei.

Poe congelou como se tivesse sido taxidermizado. A dor se expandiu dentro de mim, Esforcei-me para evitar que ela aparecesse no meu rosto. Meus olhos se fecharam e um nó voltou a surgir na minha garganta.

Focando, acessei a magia dos meus anéis, deixando-a se derramar em mim, quente e reconfortante.

— Ouça-me agora, Poebisael, demônio *Malphas* do Submundo — disse em um tom firme. — Eu, Samantha Beaumont, que o invoquei da substância astral, portando seu verdadeiro sigilo e seu nome, para trabalhar conforme minha vontade neste plano, ajudar-me com meu rito mágico, na luz do dia ou na escuridão da noite, diante daquela que sabe e daquela que vê, usando a magia e seus mistérios — Abri os olhos — liberto-o.

Minha respiração se acelerou, porém, no momento em que exalei, o fluxo de energia formigou por todo o meu núcleo e saiu pela ponta dos meus dedos.

Nossa conexão foi cortada. Poe não era mais meu familiar.

Abri meus olhos. Por um momento, fiquei um pouco sem jeito, perguntando-me se Poe ia pular de alegria. Isso teria me matado de tristeza. No entanto, o corvo apenas ficou ali, parecendo um pouco chocado.

Então, Bill pigarreou.

— Ao trabalho, Poe. É por isso que estamos aqui, lembra?

— Ah, sim. Aqui está. — Poe avançou, esticando sua perna. Havia um pequeno pedaço de pergaminho enrolado nela. — Uma mensagem da Corte das Bruxas Sombrias.

Peguei o bilhete.

— Obrigada.

— Obrigado, Sam — disse o corvo, parecendo um pouco envergonhado. — Se quer saber, eu não poderia ter pedido uma bruxa melhor. Você foi incrível. Tenho que ir agora... mas voltarei a vê-la em breve.

Meus olhos queimaram. Eu pisquei rápido.

— Aposto que vai.

Com isso, Poe, o novo mensageiro da Corte, e seu pombo supervisor decolaram, voando pela janela aberta e desaparecendo no céu noturno.

— Você está bem, Samantha? — Meu avô se materializou ao meu lado. — Sei como é difícil desfamiliarizar um familiar.

— Estou bem.

Desconfortável, remexi-me na cadeira, tentando liberar um pouco da tensão do meu corpo. Desenrolei o pergaminho, irritada com meus dedos trêmulos. Eu não queria que Logan ou mesmo Faris me vissem assim... emotiva e fraca, com meu coração partido.

— Sei que, agora, consegue ver que o pássaro nunca serviu para o serviço — continuou meu avô.

— Eu sei.

Pigarrei e alisei o bilhete no balcão em uma tentativa de esconder minhas mãos trêmulas. Então, passei a ler.

*P<sub>REZADA</sub> S<sub>RTA</sub>. Samantha Beaumont,*

*À LUZ das recentes mortes de dois membros do Conselho e dos ataques demoníacos no Mystic Quarter esta noite, não podemos, de boa-fé, aceitar a continuidade de seu emprego conosco. Por ter demonstrado ser incapaz de desempenhar suas tarefas e não conseguir encerrar uma Fenda a tempo, a Corte das Bruxas Sombrias tomou a decisão de rescindir o seu contrato por mau desempenho, com efeito imediato. Lamentamos informar que seus serviços não são mais necessários.*

*D*<sub>ESEJAMOS</sub> *sucesso em seus empreendimentos futuros.*

*A*<sub>TENCIOSAMENTE,</sub>

*Magda Ratson, Corte das Bruxas Sombrias, Sec.  
Mystic Quarter, Nova York.*

*D*<sub>ROGA.</sub> *Eu tinha acabado de ser demitida.*

Fiquei emburrada o caminho todo até *Hell's Kitchen*, uma viagem de carro de dezenove minutos no sedã BMW preto de Logan. Eu estava louca. Não, estava completamente transtornada. A Corte das Bruxas Sombrias tinha me despedido, logo quando eu estava tão perto de acabar com o EAM; quando eu finalmente tinha todas as informações sobre o caso.

Eles não podiam ter escolhido uma hora pior.

Certo, eu não estava mais trabalhando para eles, mas isso não me impedia de chutar alguns traseiros EAM. Afinal, ainda tinha que impedi-los de quebrar o último selo e completar o feitiço. Eu ainda tinha que destruir o livro. Só que, desta vez, não estava fazendo isso pela Corte ou por dinheiro; estava fazendo isso por mim, por meu avô e Charlotte, por minha tia Evanora e por todos nós, mestiços mágicos. Até os nascidos-anjos. Por que não? O Véu cairia se não os impedíssemos, o que, conseqüentemente, significava que minhas ações também ajudariam os humanos.

O rosto de Tran com um sorriso triunfante continuou brilhando em minha mente. O desgraçado estava assombrando meu subconsciente. Sem dúvida, o bruxo estava dando pulos de alegria, o que só me fazia querer socar seu nariz ainda mais do que antes.

Eu realmente queria resolver o caso. Queria provar à Corte que eu era um membro importante e inestimável de sua equipe. Contudo, parecia que eu nunca teria essa chance.

A Corte não me quer? Que se foda. Eu não ia ficar sentada e lamentar, cheia de autopiedade. Em vez disso, descobriria uma maneira de pagar as contas e colocar comida na mesa. Era o que eu sempre fazia.

Surpreendentemente, fora libertador ser demitida. Sim, minha conta bancária sofreria, mas eu não tinha mais o estresse crescente de resolver casos ou a necessidade de provar constantemente meu valor. Pensando bem, a Corte e eu nunca fomos uma boa combinação. Era como tentar forçar a tampa errada em um recipiente. Por mais que tentasse, simplesmente não funcionava. Talvez fosse para ser assim.

Desta vez, eu faria as coisas do meu jeito.

Olhei pela janela, esperando encontrar um corvo preto. Eu não sabia por que estava me torturando. Poe se fora. Sim, eu estava triste, porém, ao

mesmo tempo, estava orgulhosa dele. Ele assumira o controle de sua própria vida. Agora, era verdadeiramente independente.

Pelo menos, o pássaro tinha um emprego.

Suspirei, fazendo mais uma careta até que senti que minhas sobranceiras iam alcançar minha boca.

Uma mão quente de repente cobriu a minha. Instintivamente, afastei o braço. Assim que vi o olhar de Logan, arrependi-me. Seu aperto no volante se intensificou, os músculos de sua mandíbula se contraíram.

Excelente. *Muito bem, Samantha. Olha só o que você fez.*

Meu rosto queimou. Eu não sabia por que tinha feito isso, afinal, não estava mais brava com o nascido-anjo. Como eu poderia, quando ele arriscara sua vida por mim? Logan descobrira a localização do EAM e quisera compartilhá-la comigo, mas eu era tão teimosa e irritada que me recusara a atender suas ligações.

O que minha teimosia provava? Que eu era uma idiota. Se tivesse atendido o telefone, poderíamos ter impedido o grupo de quebrar o segundo selo e ter salvado vidas.

Quando lancei um olhar para o nascido-anjo, peguei Faris me observando. Excelente. Ele vira o que acabara de acontecer e, para piorar, podia apostar que Logan também sabia que o demônio presenciara toda a cena. Que excelente passeio de carro. Eu queria bater minha cabeça contra a janela. Talvez isso tirasse a burrice de dentro de mim.

O que diabos havia de errado comigo? Era como se eu estivesse arriscando tudo de propósito; arriscando que quer que ainda houvesse entre nós. Como se estivesse encontrando desculpas para não estar com ele.

A única explicação lógica era que... eu estava com medo. Estava com medo de *perdê-lo*. Droga. Eu já tinha me apaixonado pelo cara. Péssimo *timing*.

Pensei em estender a mão para tocar a dele, mas isso seria bobo e falso. Eu já tinha me afastado, agora, tinha que lidar com as consequências.

Olha só para mim. Uma bruxa das Trevas com medo do amor. Que patético.

Olhei pela janela, tentando me concentrar na situação crítica com o EAM, mas meus pensamentos estavam confusos e indisciplinados.

O jeito fechado de Faris era no mínimo perturbador. Eu tinha me acostumado tanto com seu eu falastrão e com suas palhaçadas que o ver com o rosto enrugado de preocupação só me fazia sentir ainda pior. Tentara

fazer algo de bom para o demônio, porém, agora, eu me perguntava se organizar o reencontro entre ele e sua tataraneta tinha sido a coisa certa a fazer. Talvez, tivesse sido melhor se ele não a conhecesse, especialmente após toda essa confusão com o *Magicae Lucis*. O demônio intermediário amava sua tataraneta com uma intensidade feroz. Eu tinha a sensação de que se ele alcançasse o grupo EAM antes de nós, não haveria mais nada para fazermos.

Remexi-me no banco, tentando livrar-me da dor aguda nas costas, mas não funcionou. O chá de lama do meu avô tinha ajudado e rejuvenescido meu corpo, mas eu estava mais cansada do que deveria. Estava começando a sentir os efeitos de dois dias seguidos lutando contra demônios e, ao fazer isso, drenando minha magia e energia.

Pensei em minha tia, mergulhada em seu caldeirão quente. Um banho de lama parecia muito bom agora.

Logan parou no meio-fio da *10th Avenue* na esquina da *West 52nd Street* e desligou o motor. O relógio em seu painel mostrava meia-noite.

— Onde? — perguntei, sentindo um pouco da tensão deixar o ar entre nós.

O nascido-anjo abaixou a cabeça e apontou pelo para-brisa.

— Naquele prédio marrom do outro lado da rua.

Eu sabia que não deveria perguntar como ele conseguira essa informação.

— Eles estão lá agora?

Eu estava muito ciente de que ele estava evitando meus olhos.

— Sim. Tenho três agentes vigiando o prédio. Eles estão lá. Saem em turnos para buscar suprimentos.

— Quantos são? — Faris perguntou.

— Cerca de uma dúzia.

— Uma dúzia, armados até os dentes — respondeu o demônio intermediário. — Parece divertido. — Ouvi o estalar característico de nós dos dedos.

Virei-me para fitá-lo. O familiar estava sorrindo, mas não de um jeito bom.

— Lembre-se por que estamos aqui. Conversamos sobre isso. Eu só preciso do livro.

O sorriso de Faris se tornou diabólico.

— Eu sei, Sammy, querida. — Seus lábios se torceram em um rosnado silencioso enquanto seus olhos escuros varriam a rua para cima e para baixo.

— Como vamos fazer? — Logan olhou para mim.

A adrenalina martelava pelo meu corpo, fazendo minha pulsação acelerar.

— Apenas me deem cobertura para que eu chegue até o livro. Nada mais importa. Quando o destruímos, o EAM não terá nada. Todos nós poderemos ir para casa dormir.

Eu ia queimar aquela obra de merda para que ninguém pudesse tentar livrar o mundo da magia ou fazer qualquer coisa igualmente maligna.

Logan digitou algo em seu telefone e depois o enfiou no bolso.

— Pronto. — Nossos olhos se encontraram e uma pitada de desconforto manchou suas feições.

Fiquei tentada a agarrar seu rosto e beijá-lo. Sim, situações desesperadas me deixavam um pouco instável. Ignorei o pensamento, pois não tinha certeza se seria bem-vindo.

— Vamos lá — falei, descendo do veículo.

Em vez de atravessar a rua, o nascido-anjo foi para a parte de trás de seu carro. Ele abriu o porta-malas e tirou um colete preto.

— Aqui — disse, trazendo-o para mim. — É um colete à prova de balas. Vista.

Fiz uma careta. Mais uma vez, ele estava me dando ordens. Eu não era a filha do cara. E se eu fosse sua esposa, teria dado um soco na boca dele. Cruzei os braços.

— Não vou vestir isso. Não sei onde esteve. Além disso, eu tenho a magia do meu lado. Não preciso dessa coisa.

— Ah, sua magia é capaz de parar balas? — O tom de Logan era duro. Ele estava com raiva. — Porque, da última vez que precisamos, seu poder desapareceu. — Ele empurrou o colete contra meu peito. — Vista. O. Colete.

Eu me mantive firme.

— Não me diga o que fazer.

Sim, eu estava sendo infantil. Não conseguia evitar.

Faris soltou um suspiro exasperado.

— Você deveria ouvir o escoteiro, Sammy, querida. Coloque este lindo colete. Seja uma bruxa boazinha.

Dei-lhe um olhar duro.

— Desde quando você concorda com ele?

— Desde que sua vida está em perigo, minha bruxinha.

Com o temperamento em chamas, puxei o colete das mãos de Logan e o deslizei sobre minha cabeça. Coloquei as alças laterais tão firmemente quanto possível. Era como se eu estivesse usando um colete salva-vidas, só que sem a água e o barco.

— Estou ridícula. Meus seios sumiram.

O pior é que ele estava me apertando.

Logan ficou olhando para mim com uma sugestão de sorriso nos cantos de seus lábios.

— Tente não levar um tiro na cabeça — falou.

Eu o encarei.

Depois que o nascido-anjo vestiu seu colete, atravessamos a rua. Quando chegamos à entrada do prédio de tijolos marrons, fomos recebidos por três estranhos. Três agentes nascidos-anjos.

Os dois homens tinham trinta e poucos anos, ambos eram magros e do tipo atlético, altos e de ombros largos. Um era negro, de olhos escuros e intensos, e o outro era branco, com um cabelo ruivo e curto. Os dois estavam vestidos com roupas pretas, sob jaquetas pretas curtas cheias de bolsos.

A mulher era baixa, loira e musculosa. Seu cabelo comprido estava puxado para trás em uma trança francesa. A nascida-anjo me deu um sorriso. Fiquei surpresa com a facilidade com que um sorriso apareceu no meu rosto em resposta.

Os três usavam os mesmos coletes à prova de balas. Pelo menos, estávamos unidos nesta nova moda *faux pas*.

Logan apontou para os agentes.

— Este é Vince — ele gesticulou para o nascido-anjo negro. — Liam e Naomi. Estes são Samantha e Faris.

— Oi — cumprimentei, sem saber mais o que dizer. A falta de resposta deles não me fez sentir melhor, mas eu não estava aqui para fazer amigos.

— Ninguém saiu na última meia hora — Vince disse a Logan. Sua voz era profunda e agradável.

— Eles ainda estão no porão? — perguntou Logan.

— Sim — respondeu Naomi. Fiquei surpresa com o quão gutural seu tom era para uma mulher tão pequena.

Logan lançou seu olhar sobre a rua, então, tirou uma arma do coldre em sua cintura.

— Vamos pegar aquele livro para Samantha.

Logan foi até a entrada da frente, abriu a porta de vidro e entrou rapidamente seguido por Vince, Liam e Naomi.

— Parece que temos nossa cavalaria celestial — eu disse, virando-me para encarar Faris. Meu sorriso caiu. — Você está vestindo um colete?

Como ele conseguiu um? Eu não tinha visto um extra no porta-malas do nascido-anjo.

A entidade me deu um sorriso, enrolando os dedos ao redor da parte superior do ombro de seu colete antes de deixá-la ricochetear de volta, como se fossem suspensórios.

— Eu não ia ser o único a ficar de fora. — Ele piscou. — Somos uma equipe. E esta equipe usa coletes.

O demônio intermediário com certeza tinha esquecido de tomar seus remédios.

— Vamos logo — insisti, vendo Logan segurando a porta para nós.

Deslizei pela passagem com meu coração acelerado, preparando-me mentalmente para o que estávamos prestes a enfrentar: uma zona de guerra completa, isto é, se fosse algo parecido com o apartamento de Lars.

Como eu sempre acabo neste tipo de confusão?

Mal notei o *foyer* mal iluminado enquanto corríamos em direção às escadas do porão. O ar cheirava levemente a fumaça de cigarro e a alvejante.

Vince abriu a porta do porão e colocou um dedo nos lábios. Então, puxou uma arma de prata e entrou, seguido por Liam, Naomi e Logan.

Os passos dos nascidos-anjos pelas escadas de concreto eram irritantemente silenciosos, como gatos. Cheguei até a pensar que, de alguma forma, eles tinham dominado o feitiço de levitação.

Eu, bem, não me destacava em matéria de furtividade, motivo pelo qual minhas botas soavam alto nos degraus. O barulho fez com que Vince se virasse na minha direção. Dei-lhe um olhar de “o que foi”, já que se eu tivesse falado em voz alta, teria o tirado do sério. Se eu soubesse no que estava me metendo, teria trazido minhas pantufas de sapo.

Chegando ao fundo, minhas botas bateram no chão em um eco. Cabeças se viraram, fitando-me. Até Faris me deu um olhar como se eu estivesse arruinando sua festa do colete.

Foda-se.

Tirei minhas botas, coloquei-as no chão e lancei um olhar para Vince. O homem estava sorrindo de volta para mim. Eu era uma bruxa das Trevas. Se pudesse andar descalça pelo resto da minha vida, eu o faria.

Com os dedos dos pés balançando e uma maldição sombria na ponta da língua, fui em frente. Agora, minhas passadas não soavam ao caminhar pelo o chão frio e duro que seguia por um corredor escuro iluminado apenas por pequenas luzes vermelhas de emergência instaladas no alto das paredes. O ar estava frio, espesso e cheirava a mofo. Eu não podia sentir nenhuma magia negra ou qualquer proteção, mas isso não significava que não havia nenhuma.

Viramos uma esquina e Vince levantou a mão. Eu me sobressaltei, mas, então, todos paramos. O nascido-anjo se colocou contra a parede. Meu coração deu um salto quando ele pulou em um dos cantos. Ouvi o som surdo e pesado de um punho fechado se chocando contra carne. Houve um grito estrangulado e depois o som de algo pesado sendo puxado como um grande saco de ração de cachorro. Em seguida, mais nada.

Vince reapareceu e fez sinal com os dedos para que o seguíssemos.

Quando ultrapassei a borda da parede, notei que um homem estava caído no chão. Seus olhos estavam fechados e seus pulsos amarrados com uma gravata preta. Ele era um membro do EAM.

Estávamos nos movendo novamente.

Chegamos a uma porta amarelo-claro que eu tinha certeza que, algum dia, tinha sido branca. Vince testou a maçaneta, girou-a e empurrou a porta apenas o suficiente para espiar lá dentro. Ele encontrou os olhos de Logan e assentiu antes de abrir um pouco mais e gesticular para Liam e Naomi seguirem em frente.

Segui Logan e os outros enquanto entrávamos, Faris logo atrás de mim, enquanto Vince ficava parado na porta.

O demônio me deu um sorriso vulpino; um que despertou algo dentro de mim. Alguma parte selvagem, imprudente e primitiva de mim sempre amara o perigo de um trabalho como este. Viciada em adrenalina? Talvez. Contudo, eu sabia que um dia me cansaria. Um dia eu iria querer uma vida pacífica e sem perigo; uma que não me levasse a uma morte prematura.

Senti o cheiro de mofo e bolor de coisas velhas há muito abandonadas, bem como alguns vestígios de fumaça de cigarro e de suor. Luzes de halogênio zumbiam no teto baixo. A sala era grande e cheia de cubículos e

cadeiras azuis individuais, como se no passado tivesse sido o centro de operações de uma empresa de telemarketing. Em um porão como este, não podia ter sido nada além de um negócio obscuro, sem dúvida.

Prateleiras e estantes de arquivos cobriam as paredes. Um cômodo sem janelas era algo deprimente. Eu nunca poderia trabalhar aqui. Um sofá e algumas cadeiras estavam em um canto ao lado de uma mesa de centro cheia de revistas e caixas de comida chinesa para viagem. Mais livros e caixas se apertavam nas prateleiras. Os cubículos estavam cheios de cadernos, pastas, canecas de café, alguns porta-retratos e algumas plantas mortas.

À nossa frente, havia portas que levavam a outro corredor.

Vozes abafadas vinham de trás de uma dessas salas. O ritmo das vozes aumentou. Eles estavam discutindo.

Meu estômago se revirou e minha pulsação acelerou. Dei um passo cuidadoso para frente, enviando meus sentidos de bruxa. Os cabelos da minha nuca imediatamente se arrepiaram.

Eu senti.

Uma fina nuvem de magia pairava sobre toda a sala. A energia escura assobiava e escorria pelo ar, como se puro poder e magia tivessem sido extraídos e transformados em uma névoa invisível. Era poderoso, sombrio e antigo.

Eu não tinha dúvida do que se tratava.

*Olá, Magicae Lucis.*

Eu sorri. O livro estava aqui.

**M**eu coração estava pulando rápido. Olhei para Logan, seus olhos em mim enquanto eu sussurrava:

— Está aqui.

O nascido-anjo me deu um aceno firme de cabeça.

— Depressa — ele sussurrou de volta. — Pegue e vamos. Eu lhe dou cobertura. — Logan se virou para encarar as vozes crescentes.

Apertei os lábios. Fácil para ele dizer. Eu não tinha ideia de como era o livro ou onde poderia estar nesta grande sala espaçosa, coberta por uma confusão de papéis e objetos esquecidos. Tudo o que sabia era que a obra devia ser velha e que sua lombada provavelmente estava descascando.

Meus pés descalços grudaram em algo no chão frio. Eu nem quis saber o que era. Fui nas pontas dos pés até o cubículo mais próximo. Minhas mãos se moveram sobre papéis, tentando ver o que estava escondido embaixo.

— ...não — disse uma voz, severamente. — Ele proibiu.

— E por que temos que obedecer? — retrucou outra pessoa.

Inclinei minha cabeça para ouvir melhor.

— Ele pode matá-lo — respondeu a mesma voz severa.

A outra pessoa riu.

— Ele pode. Eu sou facilmente substituível, assim como você. Minha morte seria apenas um breve momento, pois serei ressuscitado.

Não isso de novo. Que gente louca.

Fui até o próximo cubículo e comecei outra busca.

— Não vou contestar o código — disse a outra voz, um pouco mais alta e irritada. Ele falou algo mais, mas eu não consegui entender.

— Informe os outros — pediu alguém. — Vou providenciar um corpo apropriado. Devemos garantir que a morte seja de máximo aproveitamento.

Caramba.

Liam atravessou a sala, seus pés em silêncio enquanto se dirigia para o outro lado e se encostava na parede ao lado do corredor. Uma grande arma se encontrava em sua mão, apontada para a porta.

Meus músculos do ombro e pescoço ficaram rígidos com a tensão. Eles estavam preparando as últimas peças do feitiço. O grupo ia quebrar o

último selo.

*Livro. Livro. Livro. Onde está você, seu livro idiota?!*

Virei minha cabeça, procurando. Eu podia sentir a pulsação da magia, mas não conseguia identificar de onde estava vindo.

As vozes ficaram mais altas.

Se eles saíssem daquela sala, uma guerra começaria e eu estaria bem no meio dela.

— Vou ajudá-la a procurar deste lado — sussurrou Faris, gesticulando para a direita.

Assenti e continuei procurando.

Não havia tempo para fazer um feitiço de rastreamento e, sem um pedaço tangível do próprio livro, não funcionaria.

Não encontrei nada no cubículo além de um amontoado de papéis e uma velha caneca de café com mofo no fundo. Eca.

Continuei me movendo. Pulei para o próximo cubículo. Nada.

Então, o próximo. Novamente, nada.

Olhei para Faris, vendo-o dar de ombros. Sem sorte também.

Restavam seis cubículos. Tinha que estar em um deles. Ou, quem sabe, estivesse atrás daquela porta para onde Liam olhava.

Assim que desviei o olhar do nascido-anjo, eu o vi.

Descansando no parapeito do cubículo mais próximo de Liam, estava um livro encadernado em couro preto.

O couro brilhava como se fosse novo e nunca tivesse sido usado. Provavelmente, a magia dentro da obra a mantinha assim. Mesmo à distância, eu conseguia distinguir letras vermelhas, embora não conseguisse lê-las. Mas não importava. Eu sabia que as letras soletrariam *Magicae Lucis*.

Eu havia encontrado o livro. Tudo acabaria em breve. Era só atear fogo nele.

Sorrindo, com meu feitiço pronto, levantei meus dedos dos pés e segui até lá.

Uma arma disparou.

Joguei-me no chão, rolando sob o cubículo mais próximo. Respirei fundo, reunindo toda a força de vontade que conseguia e joguei a cabeça para trás. O som não vinha dos escritórios. Tinha vindo da entrada principal.

Cinco homens em roupas escuras entraram correndo, seus rostos determinados e seus lábios se movendo em maldições.

Senti uma pulsação de poder agitar o ar assim que meus olhos encontraram o homem careca que apontava o uma bola de magia azul para Logan.

Raynor. O que diabos ele estava fazendo?

Logan, reconhecendo-o, começou a gritar com Raynor e seu grupo de bruxos.

Bem, isso *não* saiu como planejado.

A porta do escritório se abriu e uma onda de comparsas do EAM apareceu com suas armas em punho. Eles atacaram, um deles passando a poucos metros de mim sem nunca diminuir a velocidade ou notar minha presença.

Balas atingiram meu cubículo e eu me encolhi, achatando-me até que meus lábios roçaram o chão frio e nojento.

Se eu sobrevivesse, mataria Raynor.

O som de balas e tiros rasgou a sala como uma tempestade, deixando meus ouvidos zumbindo. Sob o ataque, eu mal podia ouvir meus pensamentos.

Logan...

Com cuidado, levantei a cabeça e olhei para trás.

*Flashes* de luz azul e amarela ondulavam pelo ar como fogos de artifício. Enquanto isso, o nascido-anjo estava disparando contra um dos membros do EAM. Pelo pouco que eu conseguia ver do chão, parecia ser uma mulher. A humana disparava quase tão rápido quanto Logan. Ela tinha o treinamento e a disciplina necessária para esse tipo de combate. Suas balas atingiam a parede e os móveis ao redor, rasgando gesso e *drywall* e quase abrindo buracos no nascido-anjo.

Vi Naomi cambaleando para um lado. Obviamente, ela tinha sido atingida. Quando a agente se abaixou sob um cubículo caído, eu a perdi de vista.

Raynor jogou bolas de fogo azuis contra os integrantes do EAM do outro lado da sala. As armas dos humanos explodiam, mirando nele. Talvez eles me fizessem um favor e matassem aquele bruxo estúpido.

Uma bola de fogo atingiu um dos membros do EAM, levantando-o no ar e o jogando contra o teto. Ele caiu esparramado no chão. A arma voou de seus dedos. Seus olhos estavam arregalados e sem vida.

Enquanto todos estavam ocupados tentando se matar, voltei minha atenção ao trabalho que ainda tinha a fazer.

Virei a cabeça e vi Faris agachado sob o cubículo à minha direita. Ele acenou para mim.

— O livro! — gritei, apontando.

O demônio assentiu e levantou as mãos. Sua boca se moveu no que eu consegui identificar como um “o quê”, embora eu não pudesse ouvi-lo sobre a explosão de poder de fogo e magia.

— Lá! Bem ali! O livro! — Tentei novamente.

Faris fez um sinal positivo. Ele olhou para os dois lados de seu cubículo, como se estivesse prestes a atravessar a rua e rastejou até mim, sorrindo enquanto se jogava no chão e se ajoelhava ao meu lado com o queixo apoiado nas mãos.

Droga. Isso estava dando errado bem rápido.

Era difícil ouvir qualquer coisa sobre o impacto das armas e gritos de dor.

— Você não tem ideia do que acabei de dizer, tem? — gritei.

— O quê? — ele perguntou novamente. — Não consigo ouvir.

Claramente. Respirei fundo e tentei novamente.

— O. Livro. — enunciei lentamente.

Esperei para ver se as palavras seriam compreendidas desta vez.

— O livro. Entendi — disse o demônio intermediário.

Movi minha mão e apontei para o cubículo duas fileiras à nossa frente.

— O livro — repeti. — Lá. Está lá.

Faris sorriu.

— O livro — falou ele.

Ai, ai.

— Me dê cobertura — pedi, sem ter certeza de que o familiar entenderia. De qualquer forma, eu não tinha tempo para brincar de charadas.

— Tudo bem — respondeu Faris, feliz por finalmente estarmos fazendo algum progresso.

Certo. A adrenalina correu pelas minhas veias. Eu me apoiei em minhas mãos e joelhos, preparando-me para pular para a próxima fileira de cubículos. Faris fez o mesmo ao meu lado.

Cerrei meus dentes, respirei fundo e saltei para frente.

Meus joelhos escorregaram no chão quando bati de cabeça na parede do painel inferior do cubículo. Ai. Eu precisava melhorar minhas decolagens.

Virei-me quando algo se chocou contra as minhas costas, jogando-me para frente novamente. Mãos fortes me agarraram e me puxaram de joelhos.

Pisquei, vendo que estava cara a cara com o demônio intermediário.

— Eu lhe disse para cuidar de mim. Não me quebrar inteira!

— Calculei mal a distância e minhas habilidades de salto — respondeu Faris. — Eu me empolguei um pouco.

Rastejei para frente. Cuidadosamente, levantei-me e olhei por cima da parede modular do cubículo. A poeira nublava minha visão. Quando, por fim, clareou, eu o vi.

O *Magicae Lucis* estava exatamente no mesmo lugar, implorando para que eu o pegasse.

Pode deixar.

Cerca de seis metros me separavam do livro. Meu coração disparou.

*Você é meu.*

Algo passou por mim, então, um bruxo apareceu, saltando sobre cadeiras e cubículos derrubados. Suas mãos estavam estendidas, magia pingava delas.

Sangue espirrou de sua perna quando a primeira bala o atingiu. Ele vacilou, cambaleando. Tiros soaram, em seguida, sangue jorrou de seu peito. Suas pernas vacilaram e ele caiu em uma cadeira vazia. A parte superior do corpo do bruxo era uma massa de sangue e carne rasgada. Uma expressão estava estampada em seu rosto.

Afastei meu olhar quando a última luz desapareceu de seus olhos. Senti pena dele, contudo, logo lembrei que muitos outros morreriam se eu não pusesse as mãos naquela obra maldita.

Poeira e detritos caíam ao meu redor como neve. As lâmpadas halógenas explodiam como pequenas detonações, causando chuvas de vidro em pó. Fui para o próximo cubículo e atirei-me para a frente, Faris seguindo rapidamente atrás de mim.

Três metros. Quase lá.

A luz amarela explodiu ao meu redor, inundando minha visão. Fiz menção de me mexer, mas o demônio me jogou no chão no momento em que uma rajada de vento quase me derrubou. Ondas de vapor surgiram de

onde um feitiço atingiu o concreto frio. Baforadas de fumaça amarela começaram a espumar. Merda. Poderia ter sido eu.

Quando a luz diminuiu, percebi que o tiroteio havia parado. Meus ouvidos zumbiam, mas eu podia ouvir vozes. Logan. Ele estava gritando ordens para se retirar. Levantei-me lentamente, usando o cubículo como escudo.

Enquanto meus olhos se ajustavam à luz, notei duas coisas: primeiro, os membros do EAM estavam no chão, mortos; e segundo, o *Magicae Lucis* não estava mais lá.

— **S** eu careca idiota! — uivei, sentindo minha raiva queimar tanto que eu não conseguia nem enxergar direito. — O que diabos você estava pensando? Eles estavam no jeito. Tínhamos tudo sob controle.

— Não foi o que me pareceu — respondeu o grande bruxo com os braços cruzados.

Fiquei surpresa em ver que o brutamontes conseguia se movimentar com todos aqueles músculos. Os quatro bruxos restantes estavam atrás dele como uma parede igualmente musculosa. Onde diabos Raynor encontrara tantas cópias de si mesmo? Na academia de fisiculturismo bruxa?

Um rosnado feroz me escapou. Fiquei cara a cara com ele, levantando-me na ponta dos meus pés.

— Eu *tinha* o livro. Era só estender a mão e pegá-lo. Eu o perdi por sua causa.

A mandíbula de Raynor se contraiu.

— Não sei do que está falando.

*Já chega.* Eu o empurrei com força no peito e ele cambaleou para trás, surpreso.

— Seu bruxo estúpido.

O rosto dele se contraiu em pura fúria ao passo que magia azul dançava em seus dedos.

— Você não deveria ter feito isso.

— O que vai fazer a respeito? — Acessei meus anéis. Magia dourada girou em torno de meus dedos.

Raynor contraiu a mandíbula. Eu o encarei. Nunca tinha acessado minha magia para usar sobre ele antes, mas agora o bruxo estava pedindo.

O brutamontes soltou uma risada triste.

— Não tenho prazer em matar meninhas bruxas — disse e seus *minions* riram. — Contudo, você está tornando isso bem tentador.

Dei um passo na sua direção. Minha raiva, medo e exasperação se misturavam em uma combinação tóxica. Eu estava perdendo o controle.

— Menininha bruxa, hein? — quase rosnei. — Bem, que tal eu começar fritando suas bolas... porque... convenhamos... elas são muito feias. E se você não as usa para procriar... para que servem?

Faris riu.

— *Touché*. Eu preciso de uma bebida. — O demônio intermediário se virou na mesma hora, lançando um olhar pela sala como se achasse que poderia encontrar uma garrafa de algo delicioso escondida nessa bagunça.

Senti mãos em meus braços.

— Calma, Sam — disse Logan.

Relaxe um pouco ao ouvir a preocupação em seu tom enquanto ele me puxava para trás lentamente. Percebi que eles haviam coberto o rosto do bruxo morto com a jaqueta de alguém.

Eu estava tão perto. Se pudesse ter me aproximado para pegar a obra alguns segundos antes, nada disso teria acontecido.

— É tudo culpa dele — falei para Logan, meu corpo tremendo de adrenalina e raiva reprimidas. — Eu já poderia ter destruído o livro uma hora dessas. Ele ferrou com todo mundo. Agora, nunca teremos uma segunda chance.

— Vocês ferraram a si mesmos — disse Raynor com aquele olhar arrogante de novo. — Você nem está neste caso. Eu deveria prendê-la.

Faris riu novamente.

— Você realmente não sabe quando calar a boca.

Raynor encarou o demônio intermediário.

Logan entrou na minha linha de visão.

— Do que ele está falando? Você não está mais neste caso?

Excelente. Mais humilhação.

— Não. — Não adiantaria mentir. — Não estou.

— Viu? — riu Raynor, seu Malark familiar guinchando junto.

Antes que a noite acabasse, eu ia esmagar aquele inseto e dar de comer a Poe.

Logan se inclinou para mais perto.

— O que aconteceu?

— Não importa.

A Corte das Bruxas Sombrias e eu finalmente havíamos nos divorciado. Estranhamente, eu sabia que era o melhor para nós duas. Não adiantava tentar forçar algo que não era pra ser.

— Encare a realidade, Samantha — disse Raynor enquanto limpava alguns detritos de sua jaqueta de couro. — Você não tem o que é preciso. Seja uma boa bruxinha e vá mexer seu caldeirão. Deixe os casos para os bruxos de verdade. — Ele riu.

Todos os seus capangas riram juntos, casuais e ofensivos. Eles nem pareciam se importar que um deles tinha acabado de morrer e ainda estava esparramado no chão.

Imaginei o topo da cabeça de Raynor explodindo. Foi uma excelente visão.

Eu sorri.

— Ria o quanto quiser, mas a verdade é que, se não tivesse sido tão burro, o caso estaria finalizado. Infelizmente, você, sendo o grande idiota que é, apareceu e deixou o EAM levar o livro. Agora, vamos todos morrer.

Raynor me deu um sorriso forçado.

— A equipe de limpeza do Conselho está a caminho. Aceite meu conselho e vá embora. Você não quer estar aqui quando eles chegarem.

— Por que não? Eles vão me matar com água sanitária? — Imaginei-me chutando a cara dele. — Não tenho nada a esconder. Não vou embora até que você me dê algumas respostas diretas. — Eu duvidava que ele fosse cooperar, mas valia a pena tentar. O bruxo descobrira onde o grupo EAM estava escondido. Eu precisava saber como.

Esfreguei minhas têmporas. A dor de cabeça latejante era a maneira do meu corpo me dizer que eu estava me forçando além dos meus limites.

Vince estava sentado em uma cadeira, seu ego ferido por ter sido atordoado por um bruxo e ter perdido a batalha. Naomi tinha apertado o cinto em volta da coxa para estancar o sangramento de sua perna. Ela estava pálida. A nascida-anjo havia perdido muito sangue. Se eles não conseguissem a ajuda de que ela precisava logo, a mulher não sobreviveria. Liam estava ao seu lado com as mãos ao lado do corpo, os dedos se contraindo em antecipação. Ele parecia querer lutar com um dos bruxos. Gostei do cara.

Apertei os olhos, tentando ignorar a dor que latejava atrás das minhas sobrelhas e dos meus olhos.

— Como você encontrou este lugar?

Um sigilo antidor resolveria o problema, mas eu não queria que Raynor e os outros bruxos percebessem meu estado. A maioria tinha sido ferido e estava sangrando. Nenhum deles tivera tempo de curar suas feridas. Eu faria o mesmo.

O brutamontes me fitou. Seu rosto estava sem emoção.

— Não vou compartilhar nenhuma informação com uma não-membro da Corte.

Meu sangue ferveu como um caldeirão quente.

— O livro. Como você sabia onde encontrá-lo?

O grande bruxo deu de ombros.

— Você está desperdiçando saliva. Eu não sei nada sobre isso.

— Chega de mentiras! — gritei e bati os pés no chão. Sim, eu estava sendo um pouco dramática, mas o fim do mundo se aproximando fazia isso com uma pessoa. — Eu sei sobre o *Magicae Lucis* — afirmei, vendo a surpresa aparecer em seu rosto. O arquear de suas sobrancelhas indicou que ele sabia sobre a obra o tempo todo. — Sim, pois é. Também sei que a gangue EAM está planejando fazer um feitiço para destruir o mundo mágico. Se morrermos — falei, apontando o dedo na cara dele —, é por sua causa. Eu deveria fritar sua bunda pelo que você fez.

O rosto de Raynor escureceu, e eu juro que ele pareceu crescer alguns centímetros para cima e para os lados.

— Não sei como ficou sabendo sobre o livro, mas é melhor calar sua boca se sabe o que é bom para você, bruxinha.

O besouro sibilou para mim.

— Cale a boca — disse Malark, seus olhos brilhando com uma energia demoníaca azul.

— Cale a boca você, seu pequeno escaravelho — rosnei.

— Sou um besouro — corrigiu o familiar.

— Não para mim. — Olhei para Raynor. — Por que devo ficar de boca fechada? — desafiei. — Não quer que o mundo inteiro saiba que você fez merda? Que descubram que tinha o livro a centímetros de você e o perdeu? Imagino que não, afinal, se soubessem, *você* seria o único sem um emprego.

Os olhos do bruxo se estreitaram. A luz fraca do quarto lançava sombras escuras sobre seu rosto, aprofundando as linhas ao redor de seus olhos e boca.

— Você foi demitida porque não conseguiu lidar com uma Fenda e deixou que centenas de demônios entrassem em nossa cidade.

Então, era disso que se tratava.

— Eu consigo lidar com uma Fenda e alguns demônios. Não conheço nenhuma bruxa que consiga lidar com *seis* ao mesmo tempo. Você consegue? — Quando ele não respondeu, olhei para seu grupo de bruxos. — Qualquer um de vocês? Não. Porque isso é loucura, certo? — Andei pela sala. — Quer saber o que é ainda *mais* louco? O EAM. Enquanto eles estão trabalhando naquele feitiço que “não existe” no livro que “você nunca

ouviu falar”, estão, ao mesmo tempo, enfraquecendo o Véu. Os idiotas estão abrindo buracos e deixando os demônios entrarem. Sequer acho que eles sabem que estão fazendo isso. Contudo, está acontecendo. E só vai piorar.

Pronto. Deixei que absorvessem a nova informação. Os capangas do brutamontes me olharam como se eu fosse louca. Dois até riram de mim.

— O Véu está morrendo — falei. — Vai entrar em colapso. É só uma questão de tempo.

— Ouviram isso? — disse um dos bruxos. Ele era o menor da equipe de Raynor, mas ainda muito grande. Seu estômago era inchado como se ele tivesse engolido uma bola de basquete. — Sei que você disse que ela não era normal, mas está ouvindo isso? Ela é louca.

Não sou normal? Eu sou completamente normal. Além disso, tinha certeza absoluta sobre o que eu dissera. Por mais que tivesse minhas dúvidas antes, agora, sabia que havia uma conexão entre as Fendas, o grupo EAM e seu feitiço.

— O que você anda cozinhando aí no seu caldeirão? — Riu o mesmo bruxo. Ele juntou os dedos em um gesto de “fumar maconha” e começou a encenar. O homem balançou a cabeça e murmurou algo baixinho, o que fez os outros dois bruxos rirem ainda mais.

Droga. Isso era simplesmente ótimo. Estávamos cercados por cadáveres e esses três estavam dando uma merda de uma festa.

— É porque ela vem recebendo conselhos daquele ali — disse o outro bruxo, mais alto, de nariz grande e queixo fraco, gesticulando em direção a Faris.

— Como é? — O demônio saltou de volta para nós do local de onde eu não fazia ideia de que ele estava. Seus olhos brilharam com malícia.

Ihhh.

O bruxo de queixo fraco o fitou.

— Eu disse...

— Ouvi o que você disse, seu aspirante a Harry Potter — retrucou Faris, observando os três capangas como se estivesse escolhendo qual deles ele estava prestes a golpear com sua magia demoníaca. — E eu aqui pensando que os bruxos eram os mais espertos das raças mestiças. Você caiu em um caldeirão quando era bebê? A mamãe bateu muito forte na sua cabeça com a vassoura?

Queixo-fraco perdeu o sorriso.

— Você não me assusta, demônio. Eu poderia matá-lo com apenas um estalar de dedos.

Faris sacudiu o corpo.

— Uau. Estou morrendo de medo, acho que vou sujar as minhas calças de mil dólares. Viu? Este sou eu tremendo, caso você não tenha percebido.

Foi realmente difícil não rir. Eu estava tão cansada que tive medo de começar a gargalhar, contudo, não pegaria bem. *Isso* sim me faria parecer louca.

— Faris, deixa pra lá. Ele não vale a pena — falei, tentando me livrar das risadas de nervosismo.

O demônio intermediário sorriu.

— Mas eu acabei de começar a me divertir com os Três Patetas. A última vez que tive uma briga boa com alguém de sua raça foi com quatro bruxas voluptuosas... Ah, amei esse dia. Havia um ringue de luta feito com chantili, morangos e aquelas amoras que adoro.

Sorri com a repugnância que surgiu no rosto dos homens ao pensarem no demônio intermediário transando com quatro bruxas. Suas expressões incomodadas eram uma visão gloriosa.

— Você pode brincar com os bruxos da próxima vez. Prometo — afirmei. — Neste momento, temos problemas maiores.

Faris fez beicinho.

— Que pena. Eu estava prestes a contar a eles sobre meus encontros com suas mães uma vez por mês.

Olhei para Raynor. O bruxo estava rígido e quieto, seus olhos duros e seu rosto firme em concentração. Até Malark estava imóvel, apoiado no ombro de seu mestre como um broche grande e feio. Eu o vi fazer a conexão e ligar os pontos. Também notei um pouco de medo quando ele percebeu que o que eu estava dizendo era verdade. Eu o desprezava, porém, o brutamontes poderia ser útil. Ele tinha a reputação de ser um bruxo muito capaz e provara isso esta noite ao encontrar o esconderijo do EAM.

— Samantha tem razão — disse Logan, quebrando o incômodo e pesado silêncio. Ele era tão alto quanto Raynor, mas não tão musculoso. No entanto, o nascido-anjo tinha infinitamente mais confiança, conhecimento bruto e força. — O Véu é mágico. Magia celestial. Não achei que fosse possível, mas depois de ver com meus próprios olhos, percebi que ele não vai aguentar. E quando sumir... milhares de demônios estarão livres sobre

este mundo. Não conseguiremos detê-los. Se o feitiço dos EAM não matarem vocês, os demônios vão. Pode contar com isso.

Raynor lançou a Faris um olhar acusador.

A entidade estampou uma expressão perplexa no rosto.

— Não olhe para mim, grandão. Eu não estou envolvido nisso. Acontece que gosto das coisas do jeito que são. Não vou desistir do meu banho de esponja semanal com minhas bruxas — acrescentou com uma piscadela.

Que o caldeirão nos ajude.

Ouvi um gemido atrás de nós. O rosto de Naomi estava pálido de dor e seus olhos quentes de febre. Isso me preocupou.

— Preciso tirá-la daqui — disse Logan.

A preocupação estampada em seu rosto bonito aqueceu meu coração. Eu podia ver que ele estava dividido. Parte do nascido-anjo queria ficar comigo, mas a outra parte sabia que não podia. Naomi era sua responsabilidade. Se ela morresse, seria culpa dele. Essa culpa o consumiria pelo resto de sua vida.

— Pode ir. Eu vou ficar bem. Dou conta — afirmei, olhando para Raynor e para os outros bruxos. Suas expressões graves estavam cheias de confiança. — Faris está comigo. Seria burrice da parte deles tentar qualquer coisa.

— Sim — disse o demônio intermediário, fazendo um *show* de sua magia, que de repente se materializou como fogo negro dançando em suas palmas. — Ousem, vadias.

Logan abriu a boca como se fosse dizer algo para mim, mas, então, virou-se e caminhou até Naomi. Não pude evitar minha surpresa quando ele a pegou com facilidade, embalou-a em seus braços com mais delicadeza do que um homem do seu tamanho deveria ser capaz de fazer e saiu. Seria possível que o cara ficasse ainda mais tentador para mim depois disso?

Observei até Liam e Vince desaparecerem atrás da porta e me virei para encarar os bruxos.

Raynor não disse nada por um longo tempo.

— O que você quer de mim? — ele perguntou e enfiou as mãos nos bolsos da frente.

O gesto foi casual, um que eu nunca o vira fazer antes. Diante de sua reação, seus capangas pareceram ter acabado de perder suas varinhas

mágicas. Uau. Será que eu estava finalmente conseguindo alcançar aquele grande cérebro dele?

Agora, estávamos chegando a algum lugar.

— Conte-me como encontrou este lugar — falei.

Se ele tinha uma maneira de rastrear o livro, eu queria saber qual era.

Malark estalou suas mandíbulas para mim. Por um momento, pensei que Raynor não falaria.

— Irva me disse — respondeu o grande bruxo. — Vim assim que soube.

— Como ela sabia?

Ele balançou sua cabeça.

— Não sei. Essa é a verdade.

Eu acreditei nele.

— Não acha estranho que ela *soubesse*? — indaguei, vendo seu rosto se franzir. — A mulher sabia onde a obra estava. Como?

— Um feitiço de rastreamento — disse Faris lendo minha mente.

Sim, eu tinha pensado nisso também.

— Tenho a sensação de que essa tal de Irva sabe muito mais sobre o livro do que está deixando transparecer. Ela não está lhe contando toda a verdade.

— Por que a feérica faria isso? — questionou Raynor com um tom defensivo, embora eu pudesse ver um brilho de frustração em seus olhos e nas rugas em sua testa.

— Porque eles ainda estão tentando proteger suas próprias bundas, afinal, não deveriam ter mantido o livro no cofre do Conselho. Ela está lhe dando pequenas quantidades de informação e esperando que você encontre a obra sem ter que revelar muito. Se não estivéssemos tão sem tempo, seria compreensível. Porém, temos apenas algumas horas antes que esses idiotas terminem o feitiço e quebrem o último selo. Se você tem um jeito de fazê-la falar, faça.

Seus olhos se arregalaram. Ele estava começando a acreditar em mim.

Raynor me encarou.

— O que você vai fazer?

Soltei um suspiro.

— Vou tentar encontrar o livro eu mesma. Se nós dois estivermos procurando por ele, temos uma chance melhor de encontrá-lo. Quanto mais, melhor, certo?

— Me dê seu telefone — disse o bruxo grande, com a mão estendida.

— Por quê?

— Apenas me dê.

Peguei meu telefone e o entreguei ao sujeito. Observei enquanto seus dedos se moviam pela tela, digitando algo.

Ele me devolveu o telefone.

— Esse é o meu número. Ligue-me se encontrar alguma coisa ou se precisar da minha ajuda. Vou fazer o mesmo do lado de cá.

Isso sim era surpreendente.

— Tá, combinado.

O grande bruxo olhou ao redor da sala e então fixou os olhos em mim novamente.

— É melhor você ir antes que a equipe de limpeza chegue aqui. Irva estará com eles. Ela pode decidir prendê-la — acrescentou com um sorriso.

Certo.

— Vamos, Faris — eu disse, virando-me e abrindo caminho entre os escombros em direção à saída. — Raynor — chamei e me virei. — Se você encontrar o livro antes de mim, certifique-se de queimá-lo. Nada mais importa. Apenas queime-o.

Eu não estava nem aí para quem o encontrasse primeiro. O que importava era que o destruíssemos.

O brutamontes assentiu, assim como Malark.

— Combinado.

Encarei o grande bruxo por um segundo, então, virei-me e saí. Para salvar o mundo, eu teria que trabalhar com alguém que eu odiava.

Contudo, o engraçado era que eu não tinha tanta certeza de que o odiava. Não mais.

A cordei com o toque suave de alguém me sacudindo.

— O que foi? — resmunguei. Minha voz estava áspera e minha boca pastosa.

Faris estava ao lado da minha mesa de trabalho com uma xícara de algo fumegante em suas mãos.

— Você está roncando e tem baba escorrendo no seu queixo.

Excelente. Sentei-me na cadeira e limpei o queixo. Sim, tinha baba. Eu era uma bruxa das Trevas babona.

— Quanto tempo eu dormi? — Esfreguei os olhos, tentando clarear minha visão.

— Três horas.

Soltei um gemido e esfreguei a parte inferior das costas. Músculos que eu nem sabia que existiam estavam doendo. Olhei desconfiada para a caneca fumegante em sua mão. Se fosse mais um dos chás de lama curativos do meu avô, eu ia vomitar.

— Deveria se deitar um pouco, só que, dessa vez, na cama. Com certeza ela é mais confortável do que essa cadeira de madeira dura. Tem que ser.

— Não. — Eu me levantei e me espreguicei. — Já dormi bastante.

Na verdade, não tinha não. Contudo, havia um mundo que eu precisava salvar e um livro mágico maligno que precisava queimar. Minha vida estava uma merda. Se eu sobrevivesse ao “fim dos dias”, reservaria uma viagem de três meses para Maui.

— Logan ligou? — perguntei, pegando meu telefone ao lado de uma pilha de papéis na minha mesa de trabalho. Rolei a tela. Sem chamadas.

— Não ouvi seu telefone tocar. — Faris colocou a caneca na mesa. — Descobriu alguma coisa com sua pesquisa? — Ele pegou um dos volumes de *Como Aprimorar seu Boneco Vudu* e começou a folheá-lo com as sobranceiras erguidas.

Coloquei meu telefone de volta na mesa.

— Não. Estou quebrando a cabeça com isso, tentando encontrar uma forma de fazer um feitiço localizador ou de rastreamento sem ter um pedaço do livro.

— E?

— E nada — respondi, frustrada. Parte de mim queria arrancar os cabelos. — Eu estou pesquisando há horas, e é sempre a mesma coisa. É óbvio. Para um feitiço localizador funcionar, preciso de um pedaço *tangível* do que estou procurando. É assim que funciona. Geralmente, posso encontrar uma criança desaparecida com algo bem simples, como uma das roupas dela, um brinquedo ou algo que tenha seu DNA. Se eu não tiver mais nada, posso até rastreá-la usando o sangue de um dos pais. Todavia, isso... é um livro. Não está vivo. Se não consigo ter uma parte física dele, preciso de outra coisa. Algo ligado à obra. Para que funcione, preciso de algo que se relacione com ela de alguma forma.

— Como o quê?

— Como um pedaço de uma das folhas do livro, uma parte da capa de couro ou mesmo o fio usado para encadernar as páginas. Sem uma dessas coisas, é inútil. Não consigo evocar algo do nada.

As coisas não estavam indo bem. O pânico me preencheu quando percebi que estávamos ficando sem tempo e que eu não estava nem perto de encontrar o livro.

A casa de repente pareceu muito silenciosa.

— Cadê meu avô?

Faris virou outra página do volume que lia.

— Saiu com Charlotte. Já faz algumas horas. Disse que ia perguntar a alguns dos “antigos” sobre a obra que estamos procurando. — O demônio intermediário soltou um riso. — Ele deveria estar perguntando para si mesmo.

— Que péssimo, Faris.

Eu queria que o familiar começasse a levar as coisas mais a sério. Afinal, sabia o que ele perderia se o último selo fosse quebrado.

Faris fechou o livro.

— Eu sei. — Preocupação profunda apareceu em seu rosto.

— Você falou com Cassandra?

Ele assentiu e desviou o olhar, seus dedos apertando a borda da mesa.

— Liguei para ela mais cedo. Conversamos um pouco... só conversamos. Afirmei que a veria em breve. — Os músculos de sua mandíbula ficaram tensos. Sua postura estava rígida de emoção.

Eu sabia que ele estava sofrendo e que não poderia dizer a verdade à mulher. Isso só a faria entrar em pânico. As pessoas faziam loucuras quando

acreditavam que o fim do mundo estava chegando. Era melhor manter algo assim em segredo, por enquanto.

Pelo que eu sabia sobre o demônio intermediário, ele era tudo ou nada. Quando Farissael amava alguém, seu amor era profundo e eterno. Cassandra tinha sorte de ter um tataravô como ele.

O pavor voltou a pesar como uma pedra na boca do meu estômago.

— Espero que Raynor tenha mais sorte do que eu. O bruxo é um idiota, mas se há alguém que pode encontrar o EAM e destruir o livro, é ele.

Eu sabia, sem dúvida, que o Conselho Cinzento tinha como fazer um feitiço de rastreamento para encontrar a obra. Irva devia ter como fazer um. Era a melhor explicação para Raynor ter ido parar em *Hell's Kitchen*. Ainda assim, era estranho que o bruxo só tivesse aparecido no apartamento de Lars *depois* da minha ligação ao Conselho. Isso poderia significar que Irva ou quem quer que estivesse fazendo o feitiço não era muito habilidoso, ou que eles não tinham uma boa noção de magia. Também era possível que qualquer ligação que os conectasse ao livro fosse muito fraca.

Fui até a estante do meu avô.

— Tem que ter alguma coisa aqui. Talvez eu tenha deixado passar alguma informação. Quem sabe, eu tenha olhado para a situação do jeito errado.

— Que tal perguntar para aquela sua tia idosa, Elanora? — sugeriu Faris. — Não quero ter que vê-la nua novamente, mas estou disposto a sacrificar ser assombrado pela visão se ela souber de alguma coisa.

Peguei um livro chamado *Como Treinar Seu Familiar, Volume 3*.

— É *Evanora*. E não. Ela teria me dito se soubesse como rastrear o livro.

Tracei meus dedos sobre a lombada. Eu deveria ter lido a bendita obra há algum tempo.

— Parece que você está ficando sem ideias — disse o demônio intermediário, olhando para o livro que eu segurava com uma expressão de medo.

Coloquei-o de volta na prateleira antes que Faris tivesse um ataque cardíaco.

— Não sei o que fazer — eu disse, odiando a pitada de desespero na minha voz. — Não sei o que devo procurar. Se eu não conseguir rastreá-lo... o que acontecerá? O que mais posso fazer?

— Você tem que se esforçar mais — disse uma voz familiar.

Vire-me, vendo Logan.

— Você acabou de dizer *se esforçar mais*?

Tá falando sério?

O nascido-anjo entrou na sala com a simplicidade graciosa de um talento natural aperfeiçoado pelo treinamento. A graça de um guerreiro, de um assassino.

— Não sabe o que está em jogo aqui? — ele questionou.

Dei-lhe um sorriso falso.

— Não. Achei que era tudo arco-íris e borboletas. Faris e eu estávamos prestes a sair e beber para comemorar o “fim dos tempos”. Quer se juntar a nós?

Logan estava vestindo roupas diferentes, um par de *jeans* escuros e uma camisa escura. O leve cheiro de sabonete vindo dele me disse que ele tinha tomado banho. Eu não tinha. Estivera ocupada tentando descobrir maneiras de localizar o livro, motivo pelo qual ainda cheirava a vestiário masculino.

Logan olhou para mim como se eu fosse louca. Isso só adicionou mais combustível à minha fúria. Eu quase soltei um rosnado, não parecendo nada com uma dama. Ainda bem que eu não era uma.

— Acho que vou descer e pegar uma bebida para mim, dar a vocês dois um pouco de... espaço. Parece que estão precisando — disse Faris com um sorriso no rosto. Ele passou por Logan e murmurou — *Você está morto*.

Com um salto a mais em seu passo, o demônio desapareceu, descendo as escadas para o nível inferior. Juro que o ouvi rir durante todo o caminho.

O nascido-anjo olhou para mim.

— Qual é o seu problema? Você tem agido de uma forma tão estranha ultimamente.

Apontei para mim mesma com ironia.

— *Eu* tenho agido estranho?

— Sim.

— *Sim?*

Logan respirou e assentiu.

— Está vendo só? O que deu em você? Em um minuto, as coisas estão indo bem... pelo menos é o que eu pensava... e, no minuto seguinte, você ignora todas as minhas ligações. Sem falar que fica me lançando esses “olhares de raiva”.

— Meus olhares de *raiva*. — Tá decidido. Eu ia matar ele.

— Você está fazendo isso agora.

Fitei-o com o rosto em chamas.

— Não sei... por que não me conta? Parece que você tem todas as respostas.

Logan soltou um suspiro exasperado e esfregou o rosto com as mãos.

— Não tenho tempo para isso.

— Certo. Porque tudo o que tenho feito é cochilar e passear com Faris. Não fui eu quem tomou banho e se vestiu como se estivesse saindo para um encontro.

O nascido-anjo estreitou os olhos, sua expressão se contorcendo em choque e surpresa.

— Você está brava porque eu tomei banho?

Não. Sim.

— Você está agindo como se eu não estivesse me esforçando ao máximo para tentar encontrar um jeito de localizar o livro. *Eu* não tomei banho. *Eu* teria *adorado* tomar um bom banho quente, ficar toda ensaboada e com um cheiro bom... talvez até passar condicionador no cabelo e depilar as pernas, mas não. Tenho que abraçar meu Sasquatch interior porque há um mundo que precisa ser salvo. De pernas peludas, aqui vou eu.

Sim, eu realmente estava *enlouquecendo*.

Ele franziu a testa.

— Você está sendo irracional.

Ah, ele *não* disse isso.

— Estou? — Minha raiva aumentou. Todas as emoções de antes caíram sobre mim como uma rocha. Antes que eu tivesse a chance de pensar no que estava fazendo, acessei meus anéis e rosnei — *Vento!*

Logan foi atingido por uma rajada de ar. O nascido-anjo disparou pela sala, batendo na parede e caindo no chão.

— Ops — falei. — Irracional o suficiente para você?

Tá, talvez eu não devesse ter feito isso, mas aquele idiota realmente me irritou. E eu nem tinha atingido ele com *tanta* força. Não mesmo.

Logan ficou de pé, esfregando a parte de trás de sua cabeça enquanto seus ombros se moviam em risadas.

— Eu mereci — confessou com um sorriso genuíno, o que me surpreendeu.

— Acho que você bateu a cabeça com força demais.

Soltei um suspiro, liberando um pouco da minha magia. Meu cabelo caiu sobre meus ombros enquanto meu poder diminuía junto com meu surto de raiva. Ainda assim, mantive-o lá, no meu núcleo, só por precaução.

Logan fechou a distância entre nós. O nascido-anjo deslizou um braço em volta de mim e me puxou contra ele. Eu me vi permitindo, abaixando minhas defesas por um momento. O conforto dos braços fortes de um homem ao meu redor, a sensação de estar protegida... era bom. Muito bom.

— Desculpe pelo que eu falei — disse Logan. Sua voz era um murmúrio profundo. Seus olhos escuros penetravam nos meus. Meu estômago vibrou. Ele se inclinou para mais perto. — Eu estava furioso. Tenho que admitir. Porque... senti que você estava se afastando de mim — falou. Uma luz fraca brilhava em seus olhos. — E isso me assustou demais. Eu não sabia o que fazer. Estou uma bagunça. Não sei como lhe dizer o que sinto. — Sua voz era sincera. Suas palavras soavam verdadeiras.

Eu podia ver a emoção em seu rosto. Ele não conseguiria fingir algo assim. O cara se importava comigo. Se importava *muito*.

Minha bolha de raiva estourou e depois derreteu. Meus braços penderam frouxamente. Não consegui desviar o olhar da intensidade em seus olhos.

As mãos de Logan se moveram pela minha lombar e pararam. Ele hesitou.

— Achei que tínhamos algo. Algo verdadeiro. Eu estava errado?

Meu coração deu um salto com sua proximidade, com a honestidade em sua voz e com as emoções que brincavam em seu rosto. Eu não queria ter que fingir sobre o que eu estava sentindo. Estava cansada de dar desculpas. Por que não ser honesta sobre o que me incomodava? Por que me sentir culpada? Por que ter medo da reação dele? Por que nós, mulheres, sempre dizemos que está tudo bem quando não está?

Eu ia me abrir e dizer tudo.

— Você não estava errado — falei, por fim.

— Então... qual é o problema? — sussurrou Logan, seus dedos traçando o meio das minhas costas.

— O problema é que você tem vergonha de ser visto comigo. É isso — confessei, levemente envergonhada do que tinha acabado de dizer.

O nascido-anjo estreitou os olhos.

— Do que está falando?

Parecia que eu ia ter que soletrar para ele.

— Os restaurantes humanos — respondi com minha voz subindo. — Você me levou àqueles três restaurantes em *Manhattan*. Nunca me levou a nenhum lugar aqui em *Mystic Quarter*. Temos restaurantes tão chiques quanto os deles, mas não. Você não queria que seus amigos nascidos-anjos soubessem sobre nós. Por que está sorrindo? Para com isso. Para agora.

— Você fica muito bonita quando está brava. Seus olhos escuros se destacam. É muito tentador.

Ondas de calor correram para o meu rosto. Eu tive que me esforçar muito, muito mesmo, para não sorrir. Eu ia acertá-lo novamente com minha magia.

Logan não parou de sorrir.

— Levei você a esses três restaurantes porque são os *melhores* da cidade. Melhores do que qualquer coisa em *Mystic Quarter*. Só queria dar o melhor para você... para a minha bruxa. — Seus olhos desceram para meus lábios. — Você entendeu tudo errado. Já contei aos meus pais sobre você. Minha mãe está esperando para podermos jantar juntos em breve. Ela está muito animada em conhecê-la.

— Contou? Ela está? — Eu não sabia o que dizer. — Você e eu — continuei, desejando poder lançar um feitiço para acabar com o rubor em minhas bochechas. — Nunca iria funcionar. Você é o chefe da Casa de Miguel. Tem responsabilidades e pessoas para cuidar; pessoas que dependem de você.

— Você também.

— Você sempre soube que eu era uma Bruxa das Trevas. E, acredite, não sou nenhum anjo.

Logan deu de ombros.

— Foi o que me atraiu em você em primeiro lugar.

— O quê? O fato de eu não ser um anjo?

— Não. — O nascido-anjo se aproximou. Havia um brilho perverso em seus olhos, o tipo de brilho que era uma mistura de desejo e de loucura. — O fato de que poderia ser uma pessoa má... mas não é.

Sua voz estava ficando mais baixa?

— Eu não me importo que você seja tão gostoso. Ainda estou furiosa.

Logan brincou com a barra da minha camisa, então, suas mãos se moveram para baixo e seguraram minha bunda.

— Pertencemos um ao outro. Eu sei disso e você também.

Era melhor ele parar com isso.

— Você é um idiota insuportável — falei. — Sempre acha que sabe mais que todos. Você é um maníaco por controle. Nunca funcionaria entre nós.

Respirei fundo, sentindo seu cheiro, uma mistura de almíscar e loção pós-barba. Hum.

— Isso é tudo? — A expressão de Logan se transformou em um sorriso amplo, fazendo seu rosto passar de “bonito” para “lindo de morrer”.

— O que quer dizer com “isso é tudo”? — indaguei, muito consciente de suas mãos sobre minha bunda.

— É isso que realmente a está incomodando?

— Sim.

Admitir meus sentimentos em voz alta parecia idiota. Eu estava errada. Não era a primeira vez e duvidava seriamente que seria a última.

Ele me puxou para mais perto até que meus seios estavam pressionados contra seu peito rígido. Seus braços ao meu redor se apertaram por um instante e depois relaxaram.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Se você for embora agora — falei —, pode ser que eu o mate.

Seu olhar era inebriante.

— Não me importa que sejamos tão diferentes. Funciona pra mim. Eu nunca serei capaz de lançar um feitiço ou entender como a magia funciona, mas não me importo que você possa fazer algo que eu não posso.

— Bom saber.

A sensação de suas mãos em mim era boa. Seus olhos continham paixão, desejo. Senti-me mover meus braços para cima para deslizar ao redor de sua cintura. A sensação de estar naquela posição era ótima. Natural.

Seus lábios se separaram e ele respirou meu perfume, seus olhos se arregalando enquanto passavam pelo meu rosto, pela minha boca.

— Se não me beijar logo — eu disse, lembrando como eram bons os beijos dele —, vou ter que enfeitiçá-lo de novo. Não será minha culpa se você acabar nu.

A respiração de Logan ficou rápida. Suas mãos se apertaram ao meu redor. Senti seu desejo e sua necessidade nelas. Ele se inclinou e beijou um canto da minha boca. Em seguida, do outro lado, puxando suavemente meus lábios.

*Ah, Deus, o que ele está fazendo?* Seus beijos me fizeram desejar mais.

Minha pele formigava onde seus dedos tocavam minhas costas. No momento seguinte, o nascido-anjo cobriu minha boca com a dele. Logan deslizou uma língua hesitante entre meus lábios e minha respiração se acelerou. Ele tinha um leve gosto de café.

Soltei um pequeno gemido e enrolei meus dedos em sua nuca, puxando-o para mais perto. Era insano fazer algo assim em um momento como esse, mas nós dois precisávamos de um lembrete de que estávamos aqui um pelo outro. Que toda a dificuldade ia valer a pena.

Ele soltou um som surpreso, seu beijo ficando mais agressivo. Uma pontada de desejo foi diretamente ao meu núcleo e enviou uma onda de calor através de mim, alarmante e instigante.

Uma parte perversa de mim queria arrancar suas roupas, para sentir seu corpo firme contra minha pele. Talvez tivéssemos tempo...

— Ah! Sinto muito. Estou interrompendo algo?

Eu me afastei, feliz por não ter cedido às emoções e tirado as roupas, mas triste por nosso beijo ter sido interrompido.

Faris entrou no cômodo, espirrando bebida pelo chão todo. Ele olhou de mim para Logan, em seguida, seu rosto se abriu em um grande sorriso.

— Você está prestes a ter um momento de prazer, Sammy? Que bruxa de sorte. Você sabe... o melhor sexo é o que vem depois de uma briga.

O comentário me deixou sóbria.

— Não seja ridículo — eu disse, embora ele não estivesse errado.

Afastei-me de Logan. Se sobrevivéssemos, haveria muito tempo para recuperar o atraso.

Se sobrevivéssemos...

— Como está Naomi? — perguntei, querendo distrair meus pensamentos. Meu coração ainda batia forte no peito por causa do que Logan e eu estávamos fazendo há alguns minutos.

— Ela vai ficar bem — disse o nascido-anjo, deslocando seu peso, enquanto seu rosto corava. — Vai precisar descansar um pouco, mas não corre mais perigo.

— Que bom. — Eu assenti. — Isso é ótimo. — Olhei ao redor da sala, vendo a bagunça de livros e pergaminhos no chão que eu fiz na pressa. — Ainda não estou nem perto de encontrar aquela merda de livro. — O pavor estava voltando para mim aos trancos e barrancos.

— Você não pode fazer um feitiço de localização como o que fez para encontrar o demônio Maior Vargal? — perguntou Logan, seus olhos

castanhos preocupados e sua postura mudando para uma apreensão desconfortável.

Com movimentos rígidos, caminhei até minha mesa.

— Eu precisaria de um pedaço do objeto ou da pessoa que estou tentando rastrear para que o feitiço funcionasse. Porém, não tenho nada da obra. Não tenho nada. — Soltei um longo suspiro. — Se eu tivesse...

— O quê?

Eu ri, sentindo-me tola com a ideia.

— Bem, se eu tivesse alguma coisa que pertenceu a uma das primeiras bruxas que escreveram a droga do livro, conseguiria fazer o feitiço.

— Bem, isso é fácil de arranjar — disse Faris.

Nós dois nos viramos para olhá-lo.

Eu franzi a testa.

— Como assim?

Se ele ia dizer alguma bobagem ou se isso fosse uma piada, eu ia estrangulá-lo.

— Ossos funcionariam, minha pequena Sammy? — perguntou o demônio com um sorriso pairando sobre suas feições.

Meus lábios se separaram.

— Sim, funcionariam.

— Bom. — Faris tomou um gole de sua bebida, estalou os lábios e disse — Porque eu sei onde as velhas estão enterradas.

Nada como cavar uma cova de mil anos para fazer você apreciar as pequenas coisas da vida, como... ter higiene. E não estar morta.

Agora eu poderia adicionar “coveira” à minha lista de conquistas como uma bruxa das Trevas. Ou será que se chamava “violação de túmulo”?

Acontece que o local onde as bruxas tinham sido enterradas ficava bem aqui, no estado de Nova York, no norte do condado de *Westchester*, na vila de *Sleepy Hollow*. Sim, *Sleepy Hollow*. Coincidência? Acho que não.

Eu nunca tinha visitado a cidade de *Sleepy Hollow* antes. Eu estava tão empolgada que teria saltado do carro para empurrá-lo se isso significasse que chegaríamos mais rápido. Visitar o local era um sonho se tornando realidade. Como uma bruxa das Trevas, eu não poderia ter pedido por um ambiente mais sobrenatural, embora não estivéssemos aqui como turistas e não tivéssemos tempo para passear pela cidade adequadamente. Não, tínhamos que ir direto para o cemitério.

O dia estava se pondo. O pôr do sol dourado dava lugar ao crepúsculo enquanto seguíamos no carro de Logan. Fizemos uma viagem de uma hora e meia ao norte até chegar à pitoresca vila. Meu rosto estava praticamente colado na janela de vidro enquanto eu tentava ver tudo de uma vez e desejava ter outro par de olhos, só para não perder nada.

O caminho serpenteava entre árvores grossas e altas e colinas ondulantes. As propriedades eram espaçosas, a maioria cercada com portões, aninhadas em um ambiente rural. Era bem bonito.

A lenda do Cavaleiro Sem Cabeça perseguindo o Ichabod Crane me veio à mente, deixando minha pele arrepiada. A versão cinematográfica do conto de Tim Burton era uma das minhas favoritas. Embora alguns pensassem que se tratava apenas de uma história fictícia inventada por Irving, todos sabíamos de onde vinham as histórias e lendas: da vida *real*. Sim. Irving se assustara ao visitar a cidade, o que lhe dera inspiração para escrever seu conto. Ele conseguia *ver* o sobrenatural. Isso o apavorava, mas também o deixara famoso. Se não fosse o caso, por que mais o homem teria sido enterrado aqui, no cemitério da cidade? Porque era tudo verdade.

Um pilar de pedra de três metros pairava sobre nós quando chegamos à entrada principal do cemitério, protegida por um grosso portão de ferro. A

placa que dizia “Cemitério *Sleepy Hollow*” estava entalhada em pedra à esquerda do portão.

Logan dirigiu seu BMW até a entrada e estacionou. Assim que o carro parou de se mover, abri a porta e saí.

— Está trancado — eu disse enquanto caminhava até o portão, vendo a fechadura e o buraco da chave.

Não fiquei surpresa. A maioria dos cemitérios fechava depois de escurecer, não porque os funcionários terminassem o trabalho, mas por causa do que permanecia lá quando o sol se punha. Seria tolo de sua parte perambular entre as covas depois de escurecer.

Cemitérios eram terrenos férteis para demônios, fantasmas, almas perdidas e aqueles que não estavam tão mortos assim, especialmente *ghouls*. *Ghouls* se banqueteavam com a carne dos mortos. Sempre havia um ou dois em um cemitério. E em um cemitério deste tamanho, cara, provavelmente havia centenas deles.

Era por isso que os humanos faziam muros ao redor desses tipos de construções. A intenção não era impedir que os humanos entrassem, mas, sim, que os *ghouls* saíssem. Felizmente, a raça demoníaca tinha a inteligência de uma pedra, então, uma parede geralmente era suficiente para impedi-los. Geralmente.

— Querendo desistir? — perguntou Faris, perto de mim, assim que Logan parou do outro lado.

— Me dê um segundo.

Tirei uma caneta da minha bolsa e, ao lado do buraco da fechadura, desenhei o sigilo de “desbloqueio”, que parecia uma chave de cabeça para baixo dentro de uma estrela de cinco pontas. Pronunciei o feitiço. Houve uma onda de energia e depois um clique e o som de metal deslizando. Puxei o portão.

— Abre-te Sésamo — falei com um sorriso.

— Aqui — ouvi Logan dizer, e me virei. Duas pás balançavam em suas mãos. Ele apontou uma para Faris. — Pegue uma.

O demônio fez uma careta.

— O que acha que eu sou? Um ajudante? Você já viu esses dedinhos bem cuidados? Já reparou como minha pele é macia? — Ele estendeu as mãos. — Isso é porque eu não covo. Nunca. Apenas fico por perto, sendo lindo.

— Se nós dois cavarmos, vai ser muito mais rápido, *Faris* — disse o nascido-anjo, esforçando-se para chamá-lo pelo nome. — E não vou pedir para Samantha cavar. É trabalho de homem.

Eu não tinha certeza se deveria me sentir insultada ou lisonjeada. Optei por lisonjeada.

O rosto de *Faris* se abriu em um sorriso.

— *Eu* não sou um *homem*, escoteiro.

— Pelo amor de Deus. — Peguei a pá. — Eu cavo.

A única vez que eu tinha usado uma fora para bater em um gnomo de jardim que tentara comer o gato do meu vizinho.

— Excelente. — O demônio se endireitou e passou pelos portões.

Parte de mim queria bater na cabeça dele com a pá, infelizmente, a entidade já estava fora do meu alcance. Eu o pegaria mais tarde.

Com o objeto na mão, segui *Faris* e *Logan* por uma pista de concreto ladeada por árvores e arbustos, que levava ao interior do cemitério. Era de longe o maior cemitério que eu já tinha visto. Colinas ondulantes se estendiam até onde a vista alcançava em uma floresta de placas, lápides, túmulos simples, grandes templos, obeliscos e estátuas gigantescas de anjos e outros seres celestiais.

— Este lugar é enorme — eu disse, olhando para tudo.

— Noventa hectares — informou o demônio intermediário.

Virei-me, fitando-o.

— Nada mal, *Faris*. Estou impressionada.

Ele sorriu, radiante.

— Sou tão incrível que até eu fico impressionado.

Eu ri. *Logan* riu. Começamos bem.

Continuamos no caminho por mais cinco minutos, a luz diminuindo lentamente. O lugar era um labirinto. Se você tivesse o azar de ficar preso aqui à noite, nunca sairia.

— Para onde, *Sherlock*? — perguntei com os olhos fixos em uma lápide que possuía o rosto assustador de um bebê esculpido no granito.

*Faris* manteve o olhar fixo à frente.

— Descendo a encosta seguinte à direita. As velhas bruxas não estão, tecnicamente, enterradas neste cemitério. Ele nem existia naquela época. Elas estão nos arredores. Não é longe.

*Logan* me lançou um olhar com suas sobrancelhas baixas e céticas.

Dei de ombros. Eu sabia o que ele estava pensando, que talvez isso fosse uma grande perda de tempo. Estávamos todos sob muito estresse, mas eu tinha que confiar que Faris sabia para onde estávamos indo. Encontrar os ossos das bruxas era nossa última esperança de encontrar o livro. Elas tinham que estar aqui.

— Não se preocupe, escoteiro — falou o demônio após um momento de silêncio. — Sei para onde estou indo.

Eu tinha certeza de que a entidade tinha olhos nas costas.

— Como sabe onde elas estão enterradas? Mesmo sendo bruxa, eu não sei.

— Minha falecida esposa — respondeu o demônio intermediário. Quase tropecei. — Ela adorava contar histórias e eu adorava ouvi-las.

Esprei para saber mais sobre Demelza, mas ele não continuou.

Depois de dez minutos subindo e descendo outra colina, arrastando minha pá pesada atrás de mim, Faris desviou do caminho, atravessou uma brecha entre as árvores e parou.

— Aqui. É aqui que elas estão.

Parei ao lado dele. Eu estava esperando ver um *ghoul* ou um fantasma perdido pelos arredores, contudo, não estava preparada para o que vi.

— Alguém esteve aqui — falei, olhando para o buraco retangular de dois metros de profundidade na terra.

Posicionada na cabeceira da sepultura, que agora era um buraco, havia uma lápide feita de mármore preto. Letras haviam sido inscritas em ouro, ainda brilhando apesar do passar do tempo. Magia. Abaixo de um pentagrama dourado estavam as palavras: AQUI JAZ MARIGOLD BLACK. UMA DE TRÊS.

— Sim — respondeu Faris. — Parece que quem fez isso teve a mesma ideia.

— É assim que eles estão rastreando o livro.

Irva. Eu sabia que era ela. Acho que a feérica não era tão burra, afinal. Ainda assim, eu a odiava.

Logan ficou parado, calmo e firme, a ponta de sua pá na terra com as mãos cruzadas sobre o cabo. Ele espiou o buraco.

— Parece que levaram todos os ossos. Não deixaram nada para trás. Nem mesmo um pedaço de peça de roupa. Nada.

— Ainda bem que mais bruxas estão enterradas ao lado desta. — Faris se moveu para a esquerda e bateu o sapato contra outra lápide preta.

Duas covas idênticas se encontravam entre trechos de grama alta e ervas daninhas. A inscrição na mais próxima proclamava: AQUI JAZ ASTRID BLACK. DUAS DE TRÊS. E a última: AQUI JAZ BATHILDA BLACK. TRÊS DE TRÊS.

— Eram irmãs — eu disse, expressando meus pensamentos em voz alta.

O Poder do Três, e tudo mais. Interessante. Eu sabia tudo a respeito. Ele era um poder coletivo entre bruxas, principalmente entre irmãs bruxas ou bruxas que compartilhassem a mesma linhagem, uma prima, uma filha, você entendeu. Dizem que é o tipo mais forte de magia que já existiu e existirá neste mundo. A magia do Poder do Três permite que as bruxas usem seu laço para tomar seus poderes individuais e usá-los em conjunto. Não era de admirar que essas três bruxas fossem poderosas.

Também era interessante para mim porque era semelhante ao que eu conseguia fazer com minha magia, mas sem a necessidade de ter irmãs.

— Sim — respondeu Faris movendo-se para inspecionar a última lápide. Ele se ajoelhou ao lado dela e puxou a grama que a cobria. — E bruxas das Trevas muito poderosas.

Balancei minha cabeça.

— O que deu nelas para criar um livro tão perigoso?

— Isso, Sammy, querida, nunca saberemos. Talvez simplesmente porque *podiam*. O mundo era muito diferente naquela época, especialmente para bruxas ou qualquer mulher.

Eu ainda acreditava que havia uma razão real para elas terem criado um livro como aquele, um que poderia remover a magia do mundo. Porém, como Faris dissera, as respostas tinham sido enterradas junto com elas.

Olhei para os túmulos. Os pelos na minha nuca se eriçaram de tensão. Cavar uma cova é tão assustador e nojento quanto parece. Bem, talvez pior. A ideia de perturbar ossos fez meus próprios ossos estremecerem, mas não tínhamos escolha.

— Vou começar — disse Logan, movendo-se ao meu lado enquanto ficava de pé sobre o túmulo de Astrid Black. Ele enfiou sua pá no solo. — Você pode preparar o feitiço de rastreamento enquanto eu cavo. — Com a bota, o nascido-anjo bateu na pá e começou a cavar. Após o terceiro movimento, Logan olhou para Faris. — E o que você vai fazer enquanto eu cavo?

Os olhos do demônio brilharam no crepúsculo.

— Ficarei aqui, torcendo por você.

Simplesmente ótimo.

Depois de meia hora de escavação, Logan não me deixou usar a pá nenhuma vez. Ele continuou dizendo não e insistindo que eu fizesse o feitiço, para deixá-lo pronto. O nascido-anjo alegara que esse era o seu trabalho e que o meu era fazer minha magia. Eu sabia que ele estava apenas sendo galante e viril, porém, gostei. E daí? Julgue-me. Vindo dele, era honesto e real, o que fazia meus sentimentos pelo cara aumentarem.

O nascido-anjo tirou a jaqueta e ficou apenas com uma camiseta, os músculos das costas, ombros e braços se avolumando enquanto cavava. O suor a fazia grudar em seu corpo em todos aqueles lugares adoráveis. Não reclamei. Era uma vista excepcional. Eu poderia me sentar lá por horas assistindo enquanto ele cavava, mas havia aquele detalhe de salvar o mundo e tudo mais.

Faris, bem, ele fez exatamente o que disse que faria. O demônio intermediário sentou-se na lápide de Bathilda Black, batendo palmas e torcendo por Logan.

— Isso aí, garoto — aplaudiu. — Você consegue. Isso aí. Use os músculos das pernas. Não suas costas. Do jeito correto.

Juro que Logan estava prestes a bater na cabeça dele com a pá quando Faris disse:

— Você esqueceu de cavar ali. Bem ali.

De repente, o nascido-anjo gritou:

— Encontrei alguma coisa.

A animação me percorreu. Levantei-me com um salto e olhei para o buraco gigante que o homem conseguira cavar em cerca de trinta minutos. Era estranho que isso me deixasse excitada?

— Tem uma lanterna no bolso da minha jaqueta — informou Logan.

Corri para pegá-la, quando voltei, entreguei-a a ele.

O nascido-anjo largou a pá, pegou a lanterna e apontou para um ponto dentro da cova.

Lá, descansando no fundo do buraco estavam os restos mortais da bruxa Astrid Black.

**E**u já tinha visto minha cota de cadáveres e ossos antes, mas não foi isso que me deixou em choque por um segundo. Até a parte do “queixo caído” não me impressionava mais.

Por alguma razão, eu pensei que talvez a magia a tivesse preservado de alguma forma, mantendo-a bonita, como a Bela Adormecida em um sono encantado ou algo irracional desse tipo, mas não.

Uma caveira pálida e branca estava no fundo da cova cercada por terra escura. Parecia um crânio normal, com ossos, órbitas oculares e cavidades nasais. Pude até ver o início da mandíbula e dos dentes. Um emaranhado de tecido escuro aparecia na terra, logo abaixo do crânio, onde seu pescoço estaria. Sua bata, talvez?

Faris surgiu ao meu lado.

— Ela está sorrindo para nós? Acho que está. Definitivamente está mostrando alguns dentes.

— Claro que está — retruquei, um pouco aborrecida. — Ela não tem pele nem lábios.

— Certo. — O demônio intermediário riu. Parte de mim quis dar um empurrãozinho nele. — Fico feliz em ser seu familiar, Sammy — disse. Olhei para ele, surpresa. — A vida tem sido deliciosamente divertida nessas últimas semanas. Eu não fiquei entediado nenhuma vez, o que é dizer muito.

Senti um sorriso desleixado aparecer em meus lábios.

— Fico feliz que você pense assim.

— Quero dizer — continuou o demônio intermediário —, você nunca fica aí sentada esperando a vida chegar até você. Em vez disso, agarra-a pelas bolas e ainda aperta.

— Ótima imagem mental, obrigada.

Faris endireitou os ombros.

— Foi um prazer.

Meus olhos encontraram os de Logan, que estava nos observando com uma expressão confusa.

— Só preciso do crânio — falei. — Se você puder pegar para mim... seria ótimo.

Então, poderíamos começar.

O nascido-anjo assentiu silenciosamente, ajoelhando-se dentro da cova.

— Acha que é amaldiçoado? — indagou Faris.

— Espere! — gritei, estendendo a mão e quase caindo no túmulo. As pontas das minhas botas ficaram penduradas na beirada do buraco.

Logan congelou, com os olhos arregalados e sua mão direita a um centímetro do crânio da bruxa.

Alarmado, meu coração disparou enquanto eu me equilibrava.

— Não toque... *não* toque em nenhum dos ossos.

Merda. Por que eu não tinha pensado nisso? Logan poderia morrer simplesmente por tocar o crânio.

Para nós, bruxas, os túmulos eram preciosos e, por isso, deviam ser respeitados. Violar uma sepultura era estritamente proibido em nossa comunidade. Você simplesmente não podia fazer algo assim. Havia feitiços associados a eles, sem mencionar que os ossos de Astrid provavelmente eram amaldiçoados. Se os tocasse, teria uma morte muito dolorosa ou poderia ficar preso no corpo em decomposição da bruxa. Encantador.

Havia tantas histórias e regras sobre esse tipo de coisa que você teria que estar louco para violar o túmulo de alguém de nossa espécie, especialmente uma das “primeiras bruxas”. Acho que isso significava que eu era louca.

Respirei fundo e pulei na cova, tomando cuidado para não pisar em nenhum dos restos mortais, e fui em direção ao crânio. Era um espaço bastante apertado.

— O que está acontecendo? Você está me assustando um pouco — disse Logan enquanto se levantava, o medo não transparecendo em sua voz baixa e controlada.

Olhei para o crânio. O osso branco brilhava ao luar.

— Os ossos podem ser amaldiçoados.

— O quê? — O nascido-anjo pulou para trás. — Eu quase toquei!

Mordi meu lábio inferior.

— Eu sei. Desculpa. Foi mal.

Faris riu de cima.

— Você é tão fofa quando fica envergonhada. Adorável.

Eu gelei. Logan poderia ter sido morto. Onde eu estava com a cabeça? Falhei em meu papel de bruxa das Trevas. Eu não estava pensando direito.

Se eu estragasse tudo, estaríamos todos mortos. Limpei minha testa com as costas da minha mão, fortalecendo meu foco.

— E agora? — perguntou o nascido-anjo. Ele estava inquieto e tenso, seus olhos brilhando com incerteza.

— Vou fazer um feitiço de detecção de maldição. Se os ossos forem amaldiçoados, saberemos em um minuto.

Logan suspirou.

— E se forem? O que acontece?

— Então... — Engoli em seco. — Não poderemos usá-los.

Logan praguejou e disse algo baixinho que não consegui entender. Ele poderia ficar com raiva o quanto quisesse, mas isso não nos ajudaria. Felizmente, a imagem mental do nascido-anjo escavando com seus músculos belos à mostra ficaria em minha mente.

Uma mistura nauseante de pavor e medo sacudiu meus joelhos. Respirei fundo e me segurei para não vomitar. *Por favor, não sejam amaldiçoados.*

Eu acessei a magia em meus anéis. Com o maxilar cerrado, posicionei minhas mãos sobre os ossos de Astrid Black e disse:

— Mostre o feitiço que eu isolei. Revele a maldição da qual não preciso mais. Por favor, liberte-me de sua lei. Revele-o como meu coração deseja. Eu pronuncio essas palavras, então, que assim seja.

Senti a energia dos meus anéis fluir de mim como uma brisa, instalando-se ao redor do túmulo, sobre os ossos, a terra e em cada pequena fenda até que toda a área estivesse imersa no feitiço junto comigo e Logan. Observei enquanto o feitiço se estendia sobre ele. Ele se encolheu um pouco, mas se recuperou rapidamente.

Mantive minhas mãos estendidas. Esperei, olhando para o crânio e não vendo nenhuma mudança nele. Se houvesse uma maldição, os ossos teriam brilhado em uma luz vermelha ou até amarela, revelando-a.

Nada. Não havia absolutamente nada.

*Graças ao caldeirão.* Soltei um longo suspiro.

— Não há nada. Nenhuma maldição. Está tudo bem.

Logan olhou para o crânio como se fosse uma granada prestes a explodir.

— Tem certeza? Quer dizer... essas bruxas eram poderosas. Eu não gostaria que meus ossos fossem perturbados se eu fosse uma delas.

— Pegue, escoteiro. Se você morrer, teremos certeza — disse Faris, seu rosto agradável iluminado por um sorriso.

O rosto de Logan se abriu em um sorriso tenso.

— Talvez a maldição não o afete, já que você é um demônio. Por que não pega? Você não fez nada desde que chegamos aqui. Faça alguma coisa, venha aqui e pegue.

Faris deu de ombros.

— Você está mais perto.

Eu não tinha tempo para isso. Abaixei-me, enfiei os dedos nas órbitas dos olhos e arranquei o crânio da terra. Tá, foi um pouco exagerado, mas funcionou.

Segurei o crânio de Astrid em minhas mãos por um momento, o osso frio contra minha pele, imaginando quem ela era e como era. Também me perguntei se a bruxa tinha previsto o inferno que ela criaria com seu livro.

Limpei um pouco da terra que o cobria.

— Prazer em conhecê-la, Astrid Black — falei, sentindo que deveria demonstrar algum respeito. — Não fique brava, mas eu preciso pegar seu crânio emprestado. Se sobrevivermos esta noite, trarei você de volta. Prometo.

Uma mão pendeu no meu campo de visão.

— Você é estranha, Sammy, querida. Suba.

Peguei a mão de Faris. O demônio me puxou da cova facilmente.

Corri para o meu local designado na grama, que era um círculo que eu havia traçado com um galho enquanto fazia o feitiço de rastreamento, e coloquei o crânio no chão. Sentei-me de joelhos diante do círculo. Concentrando-me no feitiço, peguei o mesmo galho de árvore que usei para fazê-lo e desenhei o sigilo de rastreamento no meio dele: uma meia-lua com o número seis pendurado na borda.

Olhei para cima, encontrando Faris e Logan de pé com os braços cruzados, parecendo perturbadoramente semelhantes, mas diferentes ao mesmo tempo. Estranho.

Em seguida, tirei uma pequena adaga da minha bolsa, peguei o crânio de Astrid novamente e gravei o sigilo de receptor em um ponto. Usando a mesma faca, cortei a parte interna da palma da minha mão. Estremecendo, espremi um pouco do meu sangue sobre o crânio até que ele ficou coberto com uma camada grossa. O feitiço precisava do sangue da bruxa invocadora, pois ele era o combustível para dar partida no motor da magia.

Coloquei o crânio ensanguentado no meio do círculo e acessei minha magia.

— *Ut sphaeram* — eu disse, ligando o osso ao meu sangue. Uma onda de energia quente fluiu por mim. Estava funcionando.

— Cadê seu amuleto? — questionou Logan. Olhei para cima e vi que Faris havia desaparecido. — Você usou um amuleto da última vez.

Levantei minhas sobrelanceiras em aborrecimento, balançando minha cabeça.

— Não preciso de um desta vez. Eu tenho um crânio. Ele é o receptor e vai me ajudar a encontrar o *Magicae Lucis*.

— O quê?

— Shhh. Melhor não conversarmos. Eu preciso me concentrar. Não posso estragar tudo. — Mudei meu peso sobre os joelhos, preparando-me para o passo mais difícil.

— Desculpe. — Logan fechou a boca com força, seus olhos escuros apertados enquanto franzia a testa.

Respirei fundo novamente para acalmar minha mente. O próximo passo ia doer, mas eu tinha que seguir em frente. Um movimento atrás do nascido-anjo chamou minha atenção.

Faris segurava um manto preto comido por insetos até o peito. O demônio estava dançando ao redor das sepulturas, girando e se inclinando como em uma dança de salão.

Ele me pegou olhando.

— O que foi? Cedo demais?

Eu não tinha nada a dizer sobre aquilo.

Voltando minha atenção à tarefa, estendi o braço e coloquei ambas as mãos ao redor do crânio de Astrid.

— *Monile sanguine ligaveris* — entoei, canalizando a energia do sigilo esculpido no solo e em mim. O poder subiu pelo meu corpo e eu tremi, segurando-o ali por um momento. Com as mãos ainda em volta do osso, lancei minha energia e gritei — *Dominus invenire sanguinis! Invenies eum Magicae Lucis!*

Uma onda de energia quente me atingiu, pressionando contra meu núcleo. Estremeci quando o poder do sigilo me inundou, queimando e esaldando enquanto eu o sentia pegar um pequeno pedaço da minha aura, assim como todos os feitiços de rastreamento faziam. Era o preço que eu tinha que pagar por ele.

Carrei os dentes. Uma onda brilhante vermelho-translúcido surgiu do símbolo no chão e contornou o círculo para finalmente alcançar meus joelhos. Observei enquanto ela continuava a se espalhar pela minha perna até o meu braço e meus dedos, parando, finalmente, no crânio.

Encolhi-me quando outra torrente de energia surgiu em mim, maior desta vez, com uma força que me fez tremer. Então, a energia explodiu em existência. Ela bateu contra mim e eu gemi, sendo empurrada para trás pelo enorme poder. Gritei. Não pude evitar. A dor era insuportável. Balancei para o lado, lutando para respirar até que senti o feitiço sair do meu corpo.

Pelo menos eu ainda estava na mesma posição e não de bunda como da última vez que invoquei fiz aquele tipo de encantamento. *Arrasei na posição.*

— E? — veio a voz de Logan ansiosamente. Ele deu um passo cuidadoso para mais perto. — Funcionou? Por favor, diga que funcionou. Funcionou?

Engoli em seco, meu coração batendo contra minha caixa torácica como um animal querendo sair.

— Sim — respondi, sabendo que tinha feito os passos perfeitamente.

Meu corpo doía como se eu tivesse deitado no chão e deixado um trator passar por cima de mim algumas vezes. Porém, tudo valia a pena se o feitiço tivesse funcionado.

— *Como* podemos ter certeza? — Logan mudou seu peso, seu rosto preocupado. — O amuleto *mostrou* o caminho da última vez que você fez um feitiço assim, como um GPS mágico. Sem um amuleto...

— Você é surdo? — Faris apareceu ao lado dele. O manto de Astrid havia desaparecido. Eu esperava que ele o tivesse colocado de volta. — Ela acabou de dizer que sim. Está dizendo que não confia nas habilidades da minha bruxa?

Logan o ignorou, seus olhos em mim. Eu sabia que ele estava preocupado. Estávamos ficando sem tempo. Se não conseguíssemos localizar o livro, estaríamos ferrados.

Com o crânio de Astrid ainda envolto em minhas mãos, eu o trouxe para mais perto. Então, virei-me, ainda de joelhos, e apontei-o para o sul, em direção à entrada do cemitério. Por um momento, nada aconteceu. Então, uma enxurrada de luz amarela fluiu de ambas as órbitas oculares do crânio.

— *Aí está.* — Olhei para Logan e sorri. — *Está funcionando.*

Eu consegui. Vai funcionar! Se eu pudesse dar um abraço de parabéns em mim mesma enquanto ainda segurava o crânio de Astrid, daria.

Lentamente, fiquei em pé...

Então, uma luz branco-azulada explodiu ao nosso redor, cegando-me por um segundo, seguida por um estrondo ensurdecedor como um trovão. Quase deixei cair o crânio.

O último selo havia sido quebrado.

Era tarde demais.

**E** stávamos correndo.

Bem, eu estava *tentando* correr, mas minha corrida parecia mais uma mistura de uma idosa com um zumbi. Eu parecia uma idiota. Tente correr enquanto segura uma caveira na sua frente, direcionando-a para leste e oeste, norte e sul, o tempo todo certificando-se de que a luz laranja nunca desapareça das órbitas oculares. Você entendeu.

O fato de eu estar correndo era um milagre. Eu deveria estar morta. Senti o último selo se erguer e quebrar, assim como Logan e Faris. Todos vimos a luz e sentimos o estrondo sônico que se seguiu, assim como nas duas últimas vezes. Eu sabia, sem dúvida, que o feitiço estava completo. Estava feito.

Contudo, eu ainda estava respirando.

Eu não sabia muito sobre o *Magicae Lucis*, ninguém sabia, ou mesmo sobre o feitiço que livraria o mundo da magia. Era um encantamento complicado. Talvez demorasse um pouco para remover *toda* a magia e todos os seres mágicos. Estou falando de centenas de milhares de criaturas sobrenaturais. Talvez até milhões.

O estranho era que, após a clara quebra do último selo, embora eu ainda estivesse muito viva, algo *havia* mudado.

Eu sentia uma espécie de perda. Uma perda de conexão. Era como se algo estivesse faltando dentro de mim, como se uma parte de mim tivesse desaparecido.

Senti essa parte me deixar, como a névoa da minha respiração, e desaparecer no nada; como se a corda que estava amarrada naquele poço de magia estivesse escorregando para longe de mim, fora de alcance. Senti que ainda podia ver a corda, mas não importa o quanto eu tentasse agarrá-la, ela se movia mais adiante. Então, eu soube que eventualmente a corda seria cortada e, depois, desapareceria completamente.

Ainda assim, eu tinha que aguentar. Eu precisava. Só mais um pouco.

Faris tinha sentido isso com certeza. O fato de ele estar quieto era toda a prova de que eu precisava. Se Logan sentira uma mudança em mim, não dera sinais.

Eu era uma bruxa. Sem magia, o que eu seria? Humana? Menos que humana? Acho que isso não importaria se o feitiço finalmente tivesse seguido seu curso e todos nós, seres mágicos, chegássemos ao nosso fim prematuro.

Eu não queria pensar sobre a morte, como eu morreria ou quando. Será que haveria dor ou todos nós, mágicos e paranormais, simplesmente desapareceríamos da existência como uma nuvem de fumaça?

Era um pensamento preocupante. Eu tinha muito mais para viver, muito mais para oferecer. Eu amava a vida. Não estava pronta para abrir mão dela. De jeito nenhum.

Ao mesmo tempo, eu sentia. A magia estava morrendo. Não havia como negar. Eu sabia com certeza que, se não tivéssemos nos apressado para completar o feitiço de rastreamento, talvez não me restasse magia suficiente para executá-lo, muito menos usá-lo como um dispositivo de rastreamento para encontrar o livro.

O poder que sustentava o feitiço de rastreamento enfraquecia com o tempo, o brilho diminuindo a cada minuto que passava. Quando a magia parasse de funcionar, estaríamos todos condenados. Contudo, eu não estava pronta para desistir. Talvez ainda houvesse tempo. Eu tinha que acreditar.

A viagem de *Manhattan* a *Sleepy Hollow*, que nos levara uma hora e meia na vinda, levou apenas cinquenta minutos na volta, graças à velocidade assustadora com que Logan dirigia. Eu tinha certeza de que o nascido-anjo iria causar um acidente e matar a todos nós.

Não aconteceu. Ele não era apenas um guerreiro nascido-anjo lindo com habilidades de caça a demônios. Aparentemente, também era habilidoso em corridas de carros.

E eu não queria ter aquela experiência nunca mais.

O crânio de Astrid nos levou de volta para a cidade. Até um parque industrial no *Brooklyn*, para ser exata. Quando a luz laranja suave do crânio se intensificou e cresceu em um brilho áspero que consumiu todo o carro, eu soube que estávamos perto.

Deixamos o veículo e corremos pela *Metropolitan Avenue*, passando por parques industriais cheios de caminhões, cercas de arame e mais caminhões. Todas as construções pareciam iguais, eram prédios quadrados de dois ou três andares sem janelas ou jardins. Eles eram apenas cercados por estacionamentos de concreto e cascalho.

A avenida era iluminada esporadicamente. O brilho do crânio de Astrid apontava para o leste, para longe da luz e para, é claro, uma área totalmente apagada.

De repente, a iluminação alaranjada do feitiço piscou e se apagou.

Ah, não.

— Mas que merda!

Parei sem precisar dizer mais nada, pois Logan e Faris pararam no momento que eu.

— O que foi? — Faris se inclinou sobre mim.

Balancei o crânio.

— Não sei. Simplesmente se apagou. Ah... espera aí. Está voltando.

Um brilho alaranjado saiu das órbitas oculares, embora, agora, continuasse a piscar. Isso me deixou nervosa.

— Parece que seu feitiço está acabando — comentou Faris.

— Diga algo que eu não saiba.

Era mais provável que fosse minha magia.

Um grito veio de algum lugar distante atrás de nós, longe e quase inaudível com o som alto do tráfego vindo da avenida movimentada. Talvez eu estivesse ouvindo coisas.

Continuei. A cada passo, meus pulmões queimavam como se o ar que eu respirava fosse tóxico e queimasse minha garganta.

Eu já mencionei que eu odiava correr?

Não somente eu era péssima em corrida e parecia uma senhora de setenta anos com articulações rígidas, mas também não ajudava que tivesse dois homens estupidamente em forma correndo ao meu lado. Logan parecia um corredor experiente e Faris, bem, acho que o desgraçado estava flutuando, na verdade. Pior, eu sabia que eles estavam ajustando sua velocidade à minha, para que eu conseguisse acompanhar. Isso me fez sentir *tão* melhor.

Gritos irromperam ao nosso redor. Ouvi o estrondo de metal em um eco alto, seguido pela explosão de vidro. Estremeci e me virei, procurando pela avenida. Quatro carros estavam parados no meio da rua, a esmo, com suas frentes amassadas e a fumaça subindo dos capôs. Um pequeno sedã branco estava tombado de lado.

Pedestres corriam para o local da colisão. Um homem puxou a motorista do carro branco. Ela estava gritando histericamente, acenando com os braços e apontando para algo ao lado da estrada.

— O que está acontecendo? — perguntou Logan, o cansaço da corrida nem mesmo perceptível no tom uniforme de sua voz.

— Talvez ela não tenha seguro. — Faris estava ao meu lado.

A gritaria aumentou. Desta vez, não era só a mulher. Todos os humanos envolvidos no acidente estavam gritando, xingando e fugindo.

Por um segundo, pensei que era porque os carros estavam pegando fogo e iriam explodir (eu culpo muitos filmes de *Hollywood* por essa imagem mental), mas, então, eu vi uma forma escura se arrastar sobre o teto de um dos carros. Era do tamanho de um cachorro médio, suas escamas vermelhas brilhando à luz dos postes. Outro se juntou a ele. Depois, outro. E outro.

O medo lambeu minha espinha. Demônios *yeehnu*.

Porém, era muito pior.

Uma mancha ondulante como água negra brilhava no ar, a um metro e meio da colisão. O ar estalava e uma horda de *ghouls*, demônios *yeehnu*, diabretes e demônios das sombras se espalhava a partir da Fenda. Eles corriam, rápidos como animais, em um borrão de rostos e membros retorcidos e salientes. Suas bocas estavam cheias de dentes afiados e seus olhos eram pretos ou vermelhos.

Contei trinta antes de perder a conta. Alguns corriam em direção aos humanos gritando enquanto os outros desapareciam na rua escura.

Fiquei horrorizada quando mais uma Fenda brilhou e surgiu a trinta metros de nós. Ela mal se formou antes que outra massa retorcida de demônios inferiores saísse em busca de seu banquete de humanos. Então, outra se abriu.

Meu coração pulou no meu peito. Quase deixei cair o crânio de Astrid quando a maior Fenda que eu já vi brilhou diante de mim. Tinha pelo menos trinta metros de comprimento, o tamanho de cerca de dez portais comuns combinados.

*Ghouls* e diabretes soltavam uivos de fúria enquanto surgiam da passagem gigante, a luz dos postes da rua brilhando em seus dentes, garras e olhos horríveis, famintos e encovados.

Estava começando. O Véu estava sumindo.

Pior, os humanos conseguiam *ver* o sobrenatural. Eles viam seus pesadelos se tornando realidade antes de rasgarem suas gargantas. Era o inferno.

O medo pesou sobre mim.

— O Véu está morrendo. Está entrando em colapso por todos os lugares — eu disse. — Olha. Fendas. Demônios. Vão matar todas essas pessoas.

Senti-me avançar, então, um aperto forte me puxou para trás.

— Não há nada que possamos fazer por eles — afirmou Logan, seu aperto duro como ferro. A dor marcava sua expressão.

— Tem razão — concordou Faris. — Se não chegarmos ao livro logo e o destruímos, só vai piorar. Isso aqui — ele gesticulou com as mãos — vai parecer um piquenique de igreja.

— Vamos continuar. Vamos! — Logan me puxou para continuar correndo.

Segui em frente, alimentada pelo medo e pela adrenalina. Eu nunca tinha corrido tanto na minha vida. Cada segundo desperdiçado era um segundo mais próximo do fim do nosso mundo.

O crânio nos levou a um grande estacionamento. À nossa frente, estava um edifício gigantesco com portas vermelhas individuais. Unidades de armazenamento. Movi minhas pernas mais rápido, meus músculos da coxa queimando em protesto enquanto eu corria pela rua com Faris e Logan ao meu lado.

Atravessamos o estacionamento. Eu estava exausta e meus pés latejavam de dor. Eu podia sentir bolhas gigantes se formando na parte de trás dos meus calcanhares e sob os dedos. Minhas botas eram confortáveis, mas não eram feitas para corridas noturnas pela cidade.

Outro tipo de dor perdurava também, uma que ia até o meu núcleo... uma náusea. Um brilho de suor se espalhou por toda a minha pele. Eu o senti escorrer pelas minhas costas. A pior febre que eu já havia tido começou. Eu estava tonta e me sentia como se tivesse uma gripe muito forte. Nada bom.

— Qual é o problema? — perguntou Faris, sua voz soando como se estivesse sentado em uma cadeira e não correndo quilômetros pela rua.

*Que raiva.*

— Nada — menti, sabendo que algo estava errado.

Eu estava... doente. Eu estava morrendo.

— Estamos chegando?

Desacelerei. O crânio de Astrid consumiu minha visão quando o puxei para cima e tentei não tropeçar enquanto olhava para ele e corria ao mesmo tempo.

— Acho que sim — arquejei e enxuguei o suor dos olhos. — A luz. É mais forte aqui.

Protestos distantes ondularam no ar junto com gritos agudos de dor. Eu me sentia péssima. O som de sirenes percorria as ruas como fantasmas. Eu não tinha certeza se a ajuda que elas prometiam serviria para alguma coisa.

— Qual deles? — perguntou Logan.

Olhei de volta para o crânio e meus lábios se separaram.

— Merda.

— O que há de errado?

— A luz se apagou.

Balancei-o como se fosse uma lanterna cuja bateria estava acabando. Balancei de novo e senti uma onda de alívio quando o brilho alaranjado reapareceu, saindo das órbitas. Um brilho bem fraco. Em poucos segundos, a magia estaria acabada. Então, eu estaria na lama até o pescoço.

Seguindo a luz vinda do crânio, eu o movi para a direita.

— Aquela porta — falei, apontando. — A última à direita. Espere.

Com o crânio de Astrid sob meu braço esquerdo, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Raynor com nossa localização antes de colocá-lo de volta no bolso. Eu não sabia onde o bruxo estava, mas se ele estivesse aqui, já teria me mandado uma mensagem. Mesmo que sua magia estivesse diminuindo como a minha, precisávamos de toda a ajuda que conseguíssemos.

Estávamos nos movendo novamente, embora meus pés protestassem. Estavam entorpecidos, molhados e escorregadios de sangue. Minha visão turvou. A grande porta de armazenamento de metal vermelho entrou no nosso campo de visão. Quase lá...

— Abaixese! — gritou Logan, puxando-me para baixo com ele e esmagando meu corpo com o seu.

A respiração me escapou quando bati no chão duro com o crânio de Astrid milagrosamente ainda em minhas mãos. Faris pousou ao meu lado.

Armas rugiram ao nosso redor, os tiros atingindo o chão perto de mim como uma tempestade de granizo de metal. Se ficássemos aqui, estaríamos mortos.

Logan puxou sua arma e meus ouvidos assobiaram quando ele disparou. Os sons de tiros pararam por um momento.

— Bom, pelo menos sabemos que estamos no lugar certo — disse Faris. Seus olhos se estreitaram. — Você não parece bem, querida.

Eu queria responder, mas meus lábios não pareciam querer funcionar. Eu estava tão cansada. Parte de mim só queria deitar e tirar uma soneca.

— Vamos lá, Sammy! — disse Faris. Senti suas mãos fortes me puxarem para cima.

Pisquei através da minha visão turva e vi quatro membros do grupo EAM no chão, deitados em poças de sangue.

Uma das portas de metal vermelho na frente da instalação começou a rolar para cima, como a de uma garagem. Através da abertura, surgiram mais seis membros do EAM. Armas grandes e de aparência poderosa estavam penduradas em suas mãos enquanto corriam em nossa direção.

Nada bom.

— Leve Sam para dentro! — uivou Logan enquanto recarregava. Seu rosto estava determinado, mas seus olhos estavam arregalados de medo.

Ele correu para a linha de fogo. O nascido-anjo avançava com velocidade sobrenatural, a agilidade presenteada pelos anjos. Então, deslizou sobre a tampa de um carro estacionado sem esforço, como manobras que eu tinha visto serem realizadas por dublês em filmes de ação. Porém, isso não era um filme. Era a vida real. Ele estava louco. Seria morto.

— Vamos, querida — pediu Faris e corremos em direção à porta vermelha.

Um membro do EAM saltou das sombras, sua arma apontada para mim.

Cambaleei para o lado, fora da linha de fogo quando a arma disparou duas vezes e as balas passaram por mim com um silvo.

Eu estava fraca, mas ainda não estava morta.

Acessei meus anéis de sigilo e gritei:

— *Vento!*

Força cinética pura chicoteou, invisível, pelo ar e atingiu o membro do EAM no peito. Ele foi jogado pelo estacionamento com violência, bateu na parede do prédio de armazenamento com um estrondo horrível e caiu no chão.

Minha cabeça latejou e meus músculos convulsionaram, curvando meu corpo com o preço do feitiço. Dei um passo para me equilibrar e vomitei. Havia sangue no meu vômito. Olhei para a mancha vermelha no chão, vendo-a, mas não querendo. Meus joelhos fraquejaram. Se Faris não tivesse me segurado, eu teria caído de cara no chão.

— Ainda não é hora de descansar — disse o demônio intermediário, arrastando-me com ele. — Você vai ficar bem. Você está bem.

Eu não tinha certeza se ele estava tentando convencer a mim ou a si mesmo.

Chegamos à abertura. Apoiei-me na parede para recuperar o fôlego, sentindo como se fosse vomitar de novo. Descansei dois segundos inteiros até que Faris agarrou meu braço e me puxou para dentro com ele.

Manquei para frente, pensando em Logan, com meus ouvidos ainda assobiando por causa dos tiros. Não encontramos mais nenhum membro do EAM. Talvez estivessem todos lá fora atirando no nascido-anjo. Afastei o pensamento enquanto cambaleava mais para dentro da instalação.

Luzes de halogênio piscavam acima enquanto eu andava ao redor do que pareciam ser caminhões gigantes de remoção de neve, brilhando e fedendo a tinta fresca. A instalação era enorme, mas tínhamos andado talvez algumas centenas de metros antes que eu sentisse.

O ar ficou mais frio, o cheiro de enxofre sufocante surgindo quando senti um calafrio cobrir minha pele. Energia escura e maligna pulsava ao nosso redor, lenta e espessa, como o coração pulsante de uma fera gigante.

Estava vindo de algum lugar bem à frente.

— Por aqui — disse a Faris enquanto cambaleava para frente.

Eu nem precisava mais do crânio de Astrid, apenas precisava seguir o frio pulsar da energia vinda do *Magicae Lucis*.

Passamos juntos pelo prédio e chegamos ao fundo, onde uma única porta de saída nos recebeu.

— Lá fora — eu disse. — Está lá fora.

Faris foi em direção à porta de metal. Ela se abriu e eu entrei.

Emergimos em um vasto pátio de concreto, elevado a alguns centímetros do chão. Toda a área era cercada por altas sebes e árvores. O vento farfalhava ao meu redor. O luar prateado, mais brilhante do que eu pensava ser possível, dava a tudo uma beleza sinistra e surreal. Pena que era o fim do mundo e tudo mais. Caso contrário, eu poderia querer ficar por ali um pouco e apreciar a vista.

Uma brisa trouxe um cheiro de sangue e uma nuvem de energia atingiu meu rosto. Um corpo jazia no pátio, no centro de um círculo de sangue. Havia sangue por toda parte. Sigilos e runas estavam inscritos ao redor do círculo e do corpo. Velas negras queimavam em cinco pontos centrais.

Sua garganta estava escancarada. Ela estava nua e coberta por uma crosta marrom-escura de sangue seco. Várias marcas de facadas podiam ser vistas seu peito e coxas.

A náusea me atingiu. Fechei os olhos por um segundo, engolindo minha vontade de vomitar. Eu a conhecia. Era Irva.

Um livro preto encadernado em couro estava ao lado do círculo. O *Magicae Lucis*.

Meus olhos se moveram para a única figura vestida de preto ao lado da feérica morta. Cerrei os dentes, agarrei-me a qualquer magia que me restava e marchei para confrontar o membro do EAM.

A figura se virou e me encarou enquanto eu me aproximava.

Eu congelei.

Olhos azuis estreitos se fixaram em mim sob a sombra de seu capuz.

Não era um membro do EAM.

Era meu pai.

**D**esta vez, deixei cair o crânio de Astrid.

— Você! — gritei. As emoções se erguendo em mim me deram a força que eu precisava para lutar contra minha náusea. — Está por trás disso? Você está ajudando esses idiotas do movimento antimagia?

Meu pai sorriu para mim, seus olhos arregalados com um brilho de loucura. Sangue escorria de seu nariz. Quando ele falou, vi que uma camada de sangue cobria seus dentes.

— Ah, minha filha. Que bom que você veio.

Ele veio em minha direção com os braços abertos e acolhedores, como se quisesse me abraçar. Sua longa capa preta rodopiava dramaticamente em seus calcanhares.

— Fique longe de mim — avisei. Faris deu um passo ao meu lado para mostrar solidariedade. — A última vez que me tocou, você me jogou em uma fogueira.

Meu pai parou, mas seu sorriso se estendeu até os ouvidos, fazendo-o parecer o personagem Coringa, da DC Comics.

Faris retrucou.

— Você não é muito paternal. Está mais para traidor; mais para desgraçado doente prestes a levar um chute na bunda.

Embora eu tivesse visto o bruxo há apenas quatro semanas, ele parecia diferente, mais velho. Seus olhos estavam afundados em seu crânio, suas maçãs do rosto rígidas e seu rosto magro com rugas como as de um bruxo muito mais velho. Seus ombros, outrora largos, agora estavam finos. Eu conseguia ver os ossos protuberantes pela sua capa. Ele mal era reconhecível. O feitiço tinha cobrado um preço alto. Provavelmente, esta tinha sido a única vantagem dessa merda de encantamento.

As imagens daquela noite, dezessete anos atrás, voltaram em uma corrida violenta, seguida do cheiro da minha pele queimada e da dor. Eu nunca conseguiria esquecer uma dor assim, não importa o quanto tentasse.

Olhei para minhas mãos, para as cicatrizes, as únicas lembranças dele. Um ódio, tão profundo que era primordial, veio à tona.

— Fiquei me perguntando onde você estava se escondendo — falei, fechando os dedos em punhos. Senti o gosto de sangue na boca. — Eu sabia

que se enfiaria em algum covil de babacas. Só nunca imaginei que seria com humanos que querem *acabar* com a magia no mundo. — Olhei para o ritual e para o corpo morto de Irva. — Você fez isso. Você completou o feitiço. — Minha pressão subiu. — Por que ela? Por que matou Irva? Ela não era uma bruxa.

O sorriso do meu pai era feio.

— O feitiço exigia o sangue de três mestiços poderosos. Não importava quais. — Seus olhos se voltaram para a mulher. — Ela estava chegando perto demais, enfiando seu nariz de feérica onde não deveria. — Ele riu. — A maldita sangrou como um porco. Baldes de sangue.

Eu sabia que, em algum lugar, havia outro mestiço morto que ele havia assassinado, estripado e deixado em exposição para quebrar o segundo selo, mas não havia tempo para perguntar sobre isso.

— Os EAM são fanáticos — pressionei. — São loucos. Loucos o suficiente para cometer suicídio e não serem capturados por seus inimigos. Você os ajudou. Escolheu-os sobre o seu próprio povo. Por quê? Por que fez isso por esses humanos?

— Por eles? — riu meu pai, seus olhos brilhando com uma alegria maníaca. — Não fiz isso por eles. Eu fiz isso por mim.

— Falou como um verdadeiro psicopata — murmurou Faris. — É sempre sobre si mesmos, não é?

Outra onda de náusea e fraqueza me atingiu. Cerrei meus dentes para lutar contra ela.

— Então, você os enganou. Nenhuma grande surpresa aí. Porém, você é um bruxo. — Dei um passo à frente, sem nunca perder o livro de vista. — Vai morrer! Já até parece doente. Por acaso você perdeu a cabeça?!

Meu pai jogou a cabeça para trás e soltou uma risada que era, ao mesmo tempo, inquietante e sinistra, porque ele parecia satisfeito por ter orquestrado tudo; deliciado por ter trazido o fim da magia. O fim de todos nós.

— Basta olhar para ele, Sammy — disse Faris. — O bruxo perdeu os miolos. Ele está maluco.

Meu pai olhou para mim, seus olhos brilhando de febre.

— Eu *nunca* vou morrer. — Ele tossiu e cuspiu o sangue da boca, mas a maior parte permaneceu nos lábios, escorrendo pelo queixo. — Você era a criança amaldiçoada. Dei as costas para à Deusa porque ela me amaldiçoou com você. Eu havia orado por um menino. Quero um menino, eu pedi a ela.

— Ele balançou sua cabeça. — A Deusa não quis me ouvir. Nunca ouviu. Em vez disso, ela me deu você. Eu tentei matá-la.

— Lembro-me dessa parte.

Seu sorriso vacilou.

— Fiz um acordo com um demônio. Uma transferência. Eu lhe daria sua alma em troca de poder. Sim, estava tudo acertado. Eu só precisava que você morresse. Sua morte me fortaleceria e me daria mais poder do que qualquer outro bruxo jamais teve, mas Gordon interferiu. Ele me parou antes que eu pudesse acabar com sua existência.

— Gordon sempre arrasa. — Alegrou-se Faris.

Meu pai balançou a cabeça.

— Fui escravizado pelo demônio por anos depois que não consegui lhe dar a sua alma. — Sua expressão ficou nublada. — Contudo, tudo isso ficou no passado. Não importa. A magia de um bruxo é fraca. Nunca foi o suficiente, mas, agora, tenho algo melhor. Maior. — Ele começou a rir mais, fazendo-me querer chutá-lo na cara com a minha bota.

Calculei a distância entre mim e o livro. Cinco metros, no máximo. Infelizmente, meu pai estava no meio do caminho.

Totalmente delirante, ele cuspiu várias palavras que poderiam ter sido uma maldição das Trevas de algum tipo, mas sua loucura era grande demais para permitir que ele a concentrasse em um feitiço. O bruxo tinha enlouquecido.

Meu pai começou a andar de um lado para o outro, jogando as mãos no ar.

— Poder. Magia. Força. Tudo serve a um único propósito: dar ao seu possuidor um espectro mais amplo de escolhas, permitindo-o que faça o que quiser. Porém, para que serve o poder se você não vive para sempre? Para que ele serve se você não tiver a vida eterna? — Seu rosto se contorceu em um sorriso que mais parecia um rosnado. — E agora eu tenho.

— O que você tem é uma quantidade gigante de burrice. — Balancei minha cabeça.

— Serei o bruxo mais poderoso do mundo. Sem nenhuma outra magia para competir comigo. Serei um *deus*.

Inferno.

— Então, é disso que se trata. *Você*. Graças ao caldeirão, herdei minha inteligência da mãe. Este seu plano idiota não vai funcionar. O Véu está desmoronando por causa do feitiço que você fez e, quando isso acontecer,

estará tudo acabado para todos nós. Mestiços, nascidos-anjos, humanos. Todos. Não haverá mais ninguém para você governar com seus poderes. Apenas demônios. Então, eles provavelmente vão devorá-lo, isto é, se você não morrer antes disso.

— Vou ressuscitar — retrucou o homem.

Pude ver quando, de repente, seus olhos incandesceram com uma febre maníaca que mostrava que ele realmente acreditava naquilo.

O bruxo estava maluco.

— Achou mesmo que completar esse feitiço o tornaria eterno? Não torna. Vai matá-lo.

Claramente, ele estava demente. Eu não sabia como tinha ficado assim, talvez fossem todos aqueles anos como escravo de um demônio que tivessem ferrado com sua mente. Eu não me importava. O bruxo era uma ameaça. Ele era cruel.

— Você é um psicopata — continuei. — Sem coração. Vazio. Não se importa com ninguém além de você mesmo. É como dizem... as pessoas não mudam. Uma vez um desgraçado infeliz... sempre um desgraçado infeliz.

Já chega. Estava na hora de fazer o que eu estava aqui para fazer.

Meus olhos se travaram no livro. Comecei a me mover.

O chão tremeu.

O concreto se ergueu ao redor dos meus pés. Recuei vários passos e observei enquanto pedaços do pátio balançavam e se soltavam. O pátio retumbou, então, uma Fenda que parecia líquido negro ondulante apareceu acima dele. Ela se alargou até que eu estava frente a frente com uma mão com garras do tamanho da minha cabeça. A mão se estendeu e agarrou a borda do pátio, seguida por outra. Os chifres vieram em seguida, acompanhados por um focinho monstruoso e uma boca cheia de dentes que poderia me engolir inteira. Algo grande, com um peito cavernoso e ressonante, rosou das profundezas da Fenda. Olhos vermelhos e ardentes me encontraram. O demônio berrou e se arrastou ainda mais para fora.

Uma esfera branca passou pela minha cabeça e atingiu o portal, que irrompeu em uma explosão de luz brilhante. Tive que desviar o olhar. Quando abri os olhos, a passagem havia sumido, assim como o demônio chifrudo gigante.

— Desculpe o atraso — disse Logan enquanto corria para perto de mim. — O que eu perdi?

Eu precisava colocar minhas mãos naquelas pedras da lua.

Com o nascido-anjo a salvo e a Fenda fechada, fui em direção ao livro, tentando não olhar para o cadáver de Irva. Por um momento, pensei que meu pai iria intervir, mas, quando olhei para trás, ele estava ajoelhado no mesmo lugar do pátio, sorrindo com sangue escorrendo pela boca e queixo.

Ele levantou os braços no ar como se estivesse em oração e cantou:

— Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.

Isso de novo não.

Algo feio cintilou em seus olhos. Então, ele puxou uma faca de debaixo de sua capa e cortou seu pulso.

Que diabos?

— Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá — repetiu. — E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.

Ele cortou o outro pulso.

Se o bruxo queria morrer, a escolha era dele. Eu não iria impedi-lo.

Eu vim aqui pelo livro, não para salvar a vida de um homem que eu não acreditava que merecesse viver.

— Você precisa se apressar, Sammy — falou Faris, o rosto tenso enquanto apontava para algum lugar à esquerda.

Inclinei-me e olhei para além das sebes. Enxames de demônios se reuniam nos estacionamentos, formando uma onda titânica que esmagava qualquer humano em seu caminho e era acompanhada por gritos de desespero e pedidos de ajuda.

A bile subiu na minha garganta enquanto eu me arrastava para frente. Um tremor nauseante de poder sombrio me atingiu como uma sensação alarmante da presença de algo antigo e poderoso.

Se eu tocasse o livro, tinha a sensação de que me perderia nele. Como meu pai.

Sim, achei que tocá-lo não seria uma boa ideia, mas eu não precisava.

— Está na hora de torrar você — sussurrei.

Ergui as mãos, forcei minha vontade até o fim e gritei:

— *Feurantis!*

Um jato de fogo rugiu das minhas mãos e atingiu o *Magicae Lucis*.

O livro se ergueu no ar quando uma espessa capa de chamas amarelas e alaranjadas rolou sobre ele até que se tornasse uma bola de fogo. A obra

caiu no chão enquanto as labaredas a lambiam e subiam como um tronco em chamas.

O esforço do feitiço foi gigante. Cambaleei e balancei no local, sentindo a escuridão rastejando ao longo das bordas da minha mente.

— Peguei você. — Faris estava lá. Ele me segurou com seus braços fortes enquanto nós dois observávamos o livro queimar.

— Você conseguiu, Sammy — disse o demônio intermediário. — Agora, está tudo acabado.

Tentei sorrir, mas mal conseguia manter os olhos abertos. Eu tinha que ficar acordada. Tinha que ver e testemunhar os últimos segundos daquele livro. Então, eu iria dormir por um mês.

Assisti enquanto as chamas morriam lentamente, esperando ver um livro carbonizado ou apenas uma pilha de cinzas. Porém, quando a última das chamas vacilou e se dissipou, a obra brilhou ao luar, o couro tão liso e perfeito quanto antes. Não havia sequer uma marca de queimadura ou mesmo um arranhão.

Olhei, doente de pavor enquanto uma torrente de medo crescia no fundo do meu ser.

Não funcionou. Minha magia não funcionou.

— Não é possível queimar o *Magicae Lucis* — riu meu pai, baixo, confiante e preguiçoso. — Por que você acha que o Conselho o escondeu em seu cofre? Não foi porque eles queriam preservar um pedaço da história, mas, sim, porque não conseguiram queimá-lo. Não pode ser destruído. Não se pode matar algo que é eterno, algo que não pode morrer! — Ele riu de novo e de novo, uma risada que nunca poderia ter vindo de pulmões comuns, mortais. Então, sua risada se transformou em um gargarejo e o homem começou a tossir sangue.

Minha raiva explodiu quando olhei para o livro. Meus olhos se estreitaram.

— *Feurantis!*

Estendi as mãos...

E nada aconteceu.

A umidade escorria do meu nariz. Senti mais gosto de sangue na boca. Com coração pulando, meu corpo tremeu e eu deixei a agonia do último suspiro de magia dos meus anéis de sigilo rolar por mim.

Senti Faris me encarando, mas não consegui olhar para ele.

— Eu... não consigo. Não tenho mais nada — falei, sentindo as lágrimas arderem enquanto lamentava a perda da minha magia.

— Deixe-me tentar. — O demônio me soltou.

Ele pairou sobre o livro. Seu rosto estava feio de ódio. Eu nunca tinha visto o ódio em Faris daquela forma, tão cru. Em um borrão de membros e escuridão, o familiar estendeu as mãos em violentos golpes de magia demoníaca. Fios negros de escuridão bateram no livro repetidamente até que a testa de Faris começou a suar.

O demônio intermediário recuou. Ondulações de vapor e o cheiro de couro queimado subiram no ar, começando a engrossar e se juntar em densos tentáculos de magia negra. Línguas de chamas negras se seguiram um momento depois.

Prendendo a respiração, observei enquanto o fogo negro recuava.

O livro estava ileso. Perfeito. Era como se *Magicae Lucis* estivesse rindo de nós.

Assim como meu pai.

— Você não pode matar o que não pode morrer! — ele uivou em risada.

O ar brilhou perto dele. Outra Fenda estava prestes a se abrir.

Caí de joelhos, ondas de desespero me atingindo uma atrás da outra, até que senti como se estivesse me afogando. Caí de lado, oprimida pela dor, fadiga e a sensação de fracasso.

Eu falhei. Estava tudo acabado.

Senti uma presença. Olhei para cima e encontrei Logan olhando para o livro. No momento seguinte, ele puxou uma lâmina de prata reluzente, uma lâmina de alma, e cortou o velho livro com ela... ou, pelo menos, tentou. A cada golpe, a ponta de sua lâmina ricocheteava. A obra era impenetrável, como se fosse feita de aço.

Frustrado, ele sacou a arma e começou a atirar. Achei que ele merecia pontos por originalidade. O nascido-anjo até ficava bem bonito daquele jeito. Infelizmente, o *Magicae Lucis* simplesmente quicava com a pressão das balas. Elas não deixavam nem um arranhão.

— Que tipo de livro é esse? — perguntou ele, com o rosto confuso.

— Um bem filho da puta — rosnou Faris com as mãos na cabeça, parecendo que ia arrancar os cabelos ou chorar.

O ar estalou e chiou como uma tempestade elétrica. Pisquei quando vinte Fendas surgiram. Não, quarenta, eu contei. Sessenta e três... oitenta e dois...

Era como se a atmosfera do mundo estivesse cheia de buracos negros, como queijo suíço. As passagens estavam se abrindo em todos os lugares, atormentando a Terra com seus demônios até que, muito em breve, haveria apenas uma Fenda gigante e nada além de morte e sangue.

Tinha acabado. Nós perdemos.

— Sua magia nunca foi especial. Você nunca foi especial — debochou meu pai, sua voz fraca e seu rosto pálido ficando mais esbranquiçado. O sangue escorria de seus pulsos e se acumulava no pátio ao redor dele. — Como poderia pegar a magia de alguém emprestado quando não resta mais ninguém com ela no mundo? Na Terra?

Então, eu entendi. É claro!

Rangendo os dentes, apoiei-me em minhas mãos e joelhos e me levantei. A adrenalina pulsava, a doce e gloriosa. Minha mente clareou. Eu consegui me concentrar.

Senti como se esta fosse a minha missão na vida. Meu verdadeiro propósito. Meu destino. Como se eu finalmente entendesse por que eu tinha esse poder; por qual razão eu tinha nascido diferente.

A magia dos meus anéis já era, mas não naquela reserva especial. Não naquela habilidade que me fazia diferente.

Para destruir o livro, eu sabia que precisava de um poço de magia, algo forte o suficiente, algo grandioso com o poder de destruir o que parecia indestrutível. Eu precisava de um poder equivalente ao do universo.

Precisava do poder da Terra.

A Terra *era* magia. Havia magia nas árvores, nas flores, no ar e nos mares. Estava em toda parte em uma quantidade colossal.

Saí do pátio, parando em um pequeno pedaço de grama. Caí de joelhos e cavei minhas mãos e dedos na terra até que ficaram cobertos.

Fechei os olhos e acessei aquele poço de magia, o núcleo de poder dentro de mim.

Então, invoquei a magia da Terra.

Trovões rugiram. O ar zumbiu com energia bruta, pulsando através das nuvens. Meu cabelo e roupas se levantaram ao meu redor. Pude sentir o poder no solo, na grama, nas árvores, nos lagos e nos oceanos. Pude sentir a água rolando pelo rio Hudson, o ar soprando as nuvens de chuva no céu. Eu pude sentir o fogo das velas, bem como o relâmpago saltando de nuvem em nuvem acima de nós e esperando para ser liberado.

Todos os quatro elementos, interagindo, movendo-se, energia cintilando.

Eu os dobrei à minha vontade.

Com uma explosão de força, puxei os elementos mágicos da Terra e os combinei com os meus. Energia estalou contra minha pele, a energia dos elementos, formigando como gelo, como picadas de agulha.

Minhas costas arquearam quando o poder me inundou, doloroso, inebriante e abundante. Tremi assim que um deslizamento gigante daquele poder me atravessou.

Abri os olhos e o soltei.

Uma explosão de luz branca, amarela, azul e verde saiu do meu peito e atingiu o livro.

A obra foi lançada ao ar. Ela girou como um pião, cada vez mais rápido; a luz explodindo das páginas e fazendo com que parecesse uma estrela brilhante em miniatura. Houve uma vibração repentina no ar,

enquanto o *Magicae Lucis* se dobrava sobre si mesmo, repetidamente, até ficar tão pequeno quanto um dado. Em seguida, com um estalo final, o livro desapareceu.

A pressão no ar flutuou, sumindo. Olhei para as Fendas, vendo-as, uma a uma, brilhar e, depois, se dissolver.

Acabou.

Olhei para cima, encontrando Logan olhando para mim. Sua expressão parecia quase doente de medo. Faris estava ao lado dele, também olhando para mim, embora parecesse impressionado.

— Acha que conseguiu? — gritou meu pai, sua voz quase soando como a de outra pessoa. — Você fracassou. Todos vocês fracassaram. O *Magicae Lucis* é para sempre! Finalmente o baile de máscaras chegará ao fim!

Obviamente, ele perdera o *show*.

Vacilei, minhas pálpebras tão pesadas que mal conseguia mantê-las abertas. Eu não queria desmaiar de exaustão. Eu tinha acabado de salvar a todos nós, mas aquela soneca estava me chamando...

Depois do que acontecera, eu ficaria feliz em dormir.

Uma grande e grossa mão negra atravessou a Fenda que se materializou ao lado de meu pai. Então, um homem bestial, de dois metros e meio de altura, em um terno vermelho e dois chifres de touro apareceu.

Por um momento, o bruxo pareceu acordar de sua loucura.

— Ainda não é hora. Não acabou!

Com um poderoso movimento de seu braço, o demônio com chifres envolveu uma grande mão em volta do pescoço do homem. Houve um grito de surpresa, depois, pânico assim que a entidade levantou meu pai no ar. Com o bruxo chorando e pendurado nas suas garras, o demônio voltou para o portal brilhante e desapareceu. A Fenda cintilou, em seguida, fechou-se.

— Apenas para sua informação, Sammy — Faris comentou. — *Aquele* era Naberius.

Tá. Eu imaginava que ele fosse maior.

Então, por razões óbvias, eu desmaiei.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Faris pela terceira vez.

— Tenho — respondi, sabendo que era a coisa certa. Sabia disso em meu âmago, em cada fibra do meu ser de bruxa, do cabelo aos dedos dos pés.

— De verdade *mesmo*?

Soltei um suspiro.

— Foi o que eu disse.

Ele estava particularmente irritante esta tarde. Mais do que o normal. Meu coração se apertou. Eu ia sentir falta disso.

— Só estou confirmando — respondeu. O demônio intermediário olhou para o chão por um momento, emoções brincando em sua mandíbula e sua testa. Ele parecia confortavelmente atraente com suas calças pretas e camisa combinando. Seu cabelo escuro estava arrumado naquela mistura perfeita de sofisticação moderna. Seus olhos brilhavam com antecipação e possibilidades. — Porque se você fizer... não vai poder voltar atrás. Quando disser o feitiço... é isso. Não tem control-Z.

Eu podia sentir o riso em sua voz, mas não era suficiente para esconder o nervosismo que também via nele. Farissael estava nervoso. Talvez, até um pouco assustado.

Apertei os lábios para esconder meu sorriso.

— Vai calar a boca para eu continuar ou você planeja me importunar até a morte? — Com as mãos nos quadris, bati os dedos dos pés no piso de madeira da minha área de trabalho no terceiro andar.

Fazia duas semanas que *Magicae Lucis* havia sido destruído e, embora as Fendas tivessem deixado entrar milhares de demônios, a comunidade paranormal (tanto mestiços quanto nascidos-anjos) se unira e lutara contra as entidades até o pôr do sol. Os demônios que não foram mortos foram destruídos pelo sol nascente ou correram de volta para sua terra natal.

Na semana seguinte, eu também devolvera o crânio de Astrid de volta ao túmulo, como prometido. Com a ajuda de Logan, nós o cobrimos novamente, assim como o túmulo de sua irmã, embora nunca tenhamos

encontrado seus restos mortais. Se o Conselho Cinzento sabia onde estavam, não disseram nada.

Para agradecer a Astrid (porque eu não queria que o fantasma dela viesse me assombrar pelo resto da minha vida), plantei três arbustos de hortênsia Annabelle, um ao lado de cada túmulo. Elas não floresceriam este ano, mas teriam flores brancas espetaculares no próximo verão, dando um pouco de luz às irmãs.

No dia seguinte à destruição de *Magicae Lucis*, Raynor telefonara. Na noite em que mandei uma mensagem para ele com nossa localização, o bruxo estava do outro lado da cidade, no local onde o segundo ritual havia sido realizado, procurando por pistas. Ele descobrira o corpo de um vampiro velho e poderoso, embora seu nome eu não conseguisse lembrar. Assim como os outros dois, o vampiro foi eviscerado, esculpido com runas e sigilos e oferecido como sacrifício.

O bruxo grandalhão me mandara uma mensagem três dias atrás, oferecendo-me um emprego se eu precisasse. Contudo, ele trabalhava para a Corte das Bruxas Sombrias, o que significava que, se eu aceitasse sua oferta, para mim, seria como se eu ainda estivesse trabalhando para a Corte. E eu havia prometido a mim mesma que nunca mais trabalharia para eles, nunca mais.

Mandei uma mensagem para Raynor, agradecendo-o por pensar em mim, então, educadamente, recusei sua oferta. Não é como se o grande bruxo fosse ter dificuldades para encontrar outra pessoa.

Agora, com o Véu totalmente restaurado, a vida havia voltado ao normal, o que quer que “normal” fosse. Meu normal? Era o que eu fizesse dele. O que, no momento, era lidar com Faris.

Olhei para cima e encontrei os olhos escuros do demônio intermediário. Sim, ele era alto *assim*. Meu estômago vibrou, não de nervosismo, mas de uma parte mais profunda da minha alma; a parte que sentiria demais a falta dele.

Endireitei-me e empurrei o sentimento de volta para o fundo. Abri a boca.

— Tá, agora...

— Tem certeza de que vai ficar bem? — ele perguntou, deslocando seu peso e esfregando a testa.

— Eu já disse que sim — respondi.

Faris passou os braços em volta de si mesmo.

— As pessoas dizem coisas que não querem dizer o tempo todo. Não conseguem evitar. Mentirosos patológicos de nascença. É patético. Você não sabe mais em quem confiar.

— Faris — rosnei para não rir. — Escuta. Fica *quieto*. Estou falando sério. Cala essa sua boca por dois minutinhos para que eu possa continuar com o feitiço, tá?

Sua expressão ficou astuta.

— Sim, mestre — disse ele. Eu fiz uma careta. — Faça o que quiser comigo.

Ai, ai.

Soltei um longo suspiro e me concentrei. Buscando dentro do meu núcleo, acessei a magia dos meus anéis, deixando-a se derramar em mim, quente e reconfortante.

— Posso dizer uma coisa? — interrompeu o demônio com um dedo no ar. — Só uma coisinha. Prometo.

Fechei a boca e revirei os olhos.

— Diga.

Houve um momento de silêncio, então, ele disse:

— Foi um prazer.

— Shhh — falei.

O som da voz do demônio, carregando camadas de emoção, tornava isso muito mais difícil do que deveria ser.

Pigarreei.

— Ouça-me agora, Farissael, demônio intermediário do Submundo — recitei. — Eu, Samantha Beaumont, que o invoquei da substância astral, portando seu verdadeiro sigilo e seu nome, para trabalhar conforme minha vontade neste plano, ajudar-me com meu rito mágico, na luz do dia ou na escuridão da noite, diante daquela que sabe e daquela que vê, usando a magia e seus mistérios — Sorri para ele — liberto-o.

A magia me atravessou, formigando por todo o meu núcleo, do topo da minha cabeça até os dedos dos pés, em seguida, me deixou.

Nossa conexão foi cortada. Eu senti como se a corda invisível que nos amarrava todo esse tempo tivesse sido arrebentada. Faris não era mais meu familiar. Na verdade, eu não tinha mais familiar. Estava sozinha.

Faris tocou seu corpo como se estivesse se certificando de que ele ainda estava lá e não estava faltando nenhuma parte. E quero dizer *todas* as partes. Ele me pegou olhando e sorriu.

— Então, é isso? Eu não sou mais seu familiar?

Assenti, minha garganta se apertando um pouco.

— É isso.

Fiquei surpresa com o quanto tinha me apegado ao demônio intermediário. Nós havíamos nos tornado muito mais do que amigos. Ele fazia parte da minha família e eu realmente sentiria falta dele.

Faris ficou quieto enquanto me observava, seu rosto era uma cascata de emoções. Quando seus olhos ficaram úmidos, puxei meu olhar para a porta, meus próprios olhos queimando.

— Vamos, Cassandra está esperando por você.

Piscando rápido, sai do cômodo e descii as escadas para o primeiro andar. Bruxas das Trevas não choravam. Principalmente não na frente de demônios intermediários. Eu era mais forte que isso... não era?

Atravessei o corredor e abri a porta. Uma jovem mais ou menos da minha idade, com uma cascata de cabelos castanhos claros e grandes olhos azuis, estava inclinada na lateral de um Subaru Outback branco estacionado no meio-fio, em frente à minha casa. Seu casaco de cashmere cinza se encaixava perfeitamente em seu corpo esbelto, o lenço cinza em volta do pescoço balançando com uma brisa fresca. Ela parecia elegante e sofisticada. Acho que era de família.

Agarrada à sua mão, estava uma criança. Talvez ele tivesse três anos. Um garotinho. Ele era lindo e tinha os olhos azuis de sua mãe, mas seu cabelo era castanho-escuro, quase preto, exatamente do mesmo tom do de Faris.

Cassandra faria do demônio seu familiar. Já havíamos combinado tudo por telefone. Em segredo, é claro. Como eu nunca registrara Faris como meu familiar, tecnicamente, ele tinha permissão para escolher outra bruxa. Quando contei ao demônio esta manhã, ele ficou surpreso, porém, também vi a alegria surgir em seu rosto; vi como seus olhos se iluminaram, do jeito que sempre faziam quando ele estava feliz com alguma coisa. Também senti alívio vindo dele, como se essa “transferência familiar” fosse algo que ele queria desde o dia em que conhecera Cassandra, mas não sabia como pedir.

Como seu familiar, o demônio estaria com sua família de verdade. Ele os protegeria e cuidaria deles pelo resto de suas vidas.

Era a coisa certa a se fazer. Fiquei feliz em fazê-la.

Faris estava agradecido e verdadeiramente feliz, o que eram emoções estranhas vindas de um demônio intermediário do Submundo. A princípio,

acreditei que o havia mudado de alguma forma; que com meus *extraordinários* poderes de bruxa, eu o havia transformado em um demônio melhor. Eu estava errada. Faris não havia mudado, não realmente.

O demônio intermediário saiu pela porta da frente e ficou na plataforma. Ele se iluminou ao ver Cassandra e sorriu para ela, do jeito que um pai sorriria para sua filha. Meus olhos queimaram um pouco mais quando a entidade acenou para o garotinho.

*Não vou chorar. Não vou chorar.*

O demônio intermediário se virou e olhou para mim.

— Então, acho que isso é um adeus.

— Não se torne um estranho — falei. Era meu jeito de dizer que ia sentir mais falta dele do que ele imaginava.

Faris ficou ali por um longo momento, sem dizer nada.

— Vou sentir sua falta, minha bruxinha — disse ele, por fim, com olhos arregalados e brilhantes. — Quando Gordon me disse pela primeira vez que, para me salvar de uma vida de tortura sem fim, eu tinha que me tornar seu familiar... Tenho que admitir... Não fiquei contente com a ideia de ser acorrentado, nem mesmo que fosse a você, minha bruxinha. Porém, imagine só minha surpresa quando percebi como eu era *bom* nisso. *Eu sou um sonho de familiar de bruxa.*

— Ah, por favor...

— Sou verdadeiramente proficiente em todas as coisas que familiares precisam ser. Contudo, meu talento extraordinário à parte — continuou o demônio intermediário —, gostei muito de ser seu bichinho de estimação... não foi tão ruim assim.

Eu ri.

— Cassandra vai ter um prato cheio com você.

— Mas não se preocupe — acrescentou com um sorriso travesso estampado no rosto. — Você não pode se livrar de um demônio intermediário tão facilmente. Quando menos esperar, eu volto.

— Sim, tenho certeza de que sim — respondi, ainda melancólica.

Agarrei a maçaneta da porta, querendo ter algo a fazer além de parecer esquisita. Eu odiava despedidas.

— Adeus, Sammy, querida — disse Faris. Ele começou a descer os degraus, parou e, então, virou-se. — Diga ao escoteiro... que se ele não a tratar bem... vai se ver comigo, entendido?

Eu ri.

— Direi.

Faris me deu um de seus famosos sorrisos e desceu o resto dos degraus. Ele se moveu em direção a Cassandra, então, ajoelhou-se com os braços abertos. Um sorriso iluminou o rosto do menino. Ele se soltou da mãe e correu para Faris. O demônio intermediário o agarrou e o puxou para um abraço.

Tá, agora as lágrimas caíram. Lágrimas grandes e quentes caíram dos meus olhos como se eu tivesse aberto uma torneira dentro da minha cabeça.

Eu me virei antes que minhas lágrimas silenciosas se tornassem soluços profundos e altos. Ninguém queria ver isso, especialmente minha vizinha intrometida, Vera. Eu estava surpresa por não ter visto aquele cabelo ruivo dela até agora ou percebido aquele nariz excepcionalmente grande metido em fresta.

Com a mão na maçaneta, comecei a fechar a porta da minha casa...

Um bater de asas foi meu único aviso. Afastei-me quando Poe saltou pelo espaço entre o batente e a porta.

— Entrando! — ele gritou, passando pelo corredor e desaparecendo na cozinha.

Fechei a porta, enxuguei as lágrimas com as mãos e fui cumprimentar meu amigo.

— O que está fazendo aqui, Poe? — perguntei ao chegar à cozinha.

O corvo estava bicando o pedaço de torrada de manteiga de amendoim que deixei no balcão da ilha. Já estava fria. Acho que ele não se importava.

Poe engoliu um pedaço.

— Tenho uma mensagem para você — respondeu com manteiga de amendoim espalhada pelo bico. — Aqui. — Ele esticou a perna. Um pequeno pergaminho pendia dela.

— De quem é? — Puxei o bilhete. Era pesado. Eu podia sentir algo duro por dentro, como um fino pedaço de metal. — Se a Corte das Bruxas Sombrias acha que vou voltar a trabalhar para eles depois que me demitiram, *realmente* não me conhecem.

Uma onda de angústia passou por mim. A ousadia daqueles bruxos em pensar que poderiam simplesmente me enganar assim era revoltante. Bem, eles teriam uma surpresa gigante. A ideia de mostrar o dedo do meio a Tran me confortou um pouco.

— É da sua tia — disse o corvo enquanto voltava a bicar a torrada. — Ei? Essa manteiga de amendoim é orgânica?

— Da minha tia? Sim, é. Só compro orgânica.

— Legal — respondeu o pássaro, engolindo. — Sim, a carta é de Evanora. Eu não trabalho apenas para a Corte. É ruim para os negócios. Meus serviços de mensageiro também servem qualquer bruxa que precise. Tem uma mensagem para enviar? Eu sou seu corvo. — Ele bicou a torrada novamente. — Foi o Faris que eu vi segurando uma criança?

Um sorriso curvou as bordas dos meus lábios.

— Sim. Aquela é a família dele. Sua verdadeira família. Ele foi morar com eles.

— Por quê? — o pássaro lutou com um pedaço de torrada.

— Ele não é mais meu familiar.

Poe congelou. Seu pedaço de torrada caiu.

— Isto é minha culpa, não é?

— Claro que não. Não tem nada a ver com você. Faris nunca foi feito para ser meu familiar. Meu avô só fez isso para salvar sua vida. Agora, sendo livre, ele tem a opção de escolher sua bruxa.

O corvo abaixou a cabeça.

— Sinto muito, Sam. Isso é péssimo. Você está sozinha pela primeira vez desde... sempre.

Dei uma risadinha.

— Não estou sozinha. Eu tenho meu avô, minha tia e Logan. Nem todas as bruxas têm familiares. Você sabe disso. Além disso, eu fiquei feliz por ele, assim como fiquei feliz em fazer o mesmo por você. Vocês dois merecem mais.

Poe sorriu da única maneira que um pássaro poderia sorrir.

— Tá... você pode ler a mensagem agora? Estou morrendo de curiosidade para saber o que diz.

Abri o bilhete e uma chave caiu no balcão com um tinido alto.

O corvo inclinou a cabeça.

— Ela lhe deu uma chave? Chave do quê?

Levantei o objeto.

— Não faço ideia.

Com a chave ainda em minhas mãos, alisei o pergaminho no balcão. Olhei para os rabiscos que reconheci como sendo a caligrafia da minha tia.

QUANDO VOCÊ LER ISSO, *Evanora* estará a caminho da Escócia. O clã de bruxas das Trevas, *Irmãs do Chapéu Pontudo*, convidou-a para ficar com elas. *Evanora* não sabe se ou quando voltará. *Evanora* é velha. Está na hora de fazer uma mudança. Uma para *Evanora*. Uma para *Samantha*.

*Evanora* decidiu lhe dar sua loja. Agora, é sua. Há uma cópia da escritura de transferência na gaveta de cima da recepção.

*Que o caldeirão a mantenha em segurança.*

*Sua tia, Evanora.*

MEU CORAÇÃO RETUMBOU. Olhei para cima.

— Ela está me dando sua loja. Eu não acredito.

— Tá brincando. Sério? — Poe pulou e olhou para a carta. — A velha bruxa fez isso mesmo. — Ele olhou para mim. — Você sempre quis ter uma loja só sua, não é?

Um sorriso apareceu em meus lábios.

— Sim, eu... Eu só... não consigo acreditar que esteja acontecendo. — O pensamento de entrar na loja da minha tia... *minha loja...* fez minhas entranhas vibrarem de emoção. Minha loja. Minha própria loja de bruxaria, de pequenos horrores e de delícias mágicas. Era bom demais para ser verdade. — Isso é verdade? Será que é verdade?

— Parece que sim. — Poe agitou suas penas. — Diz aqui que há uma escritura de transferência na recepção, o que significa que foi feito legalmente. Ela transferiu o comércio para você. A loja é sua, Sam. — Sua cabeça se ergueu um instante antes que o toque da campainha da frente ecoasse pela casa. — Talvez Faris tenha mudado de ideia? — comentou, dando de ombros.

— Não. Ele já está longe. Pode acreditar.

Passei os olhos pela carta novamente, para o caso de ter lido errado. Não. Estava lá. Claro como o dia. Escrito em negrito.

Minha tia me deixou sua loja...

— Você vai atender a porta? Ou quer que eu atenda? — Riu o pássaro. — Não me importo de atender, mas tem um preço.

— Hum? Ah, claro. A porta. Eu atendo!

Meio tonta, corri pelo corredor, meus pés descalços batendo contra a madeira, e abri a porta da frente.

— Uau. Você parece feliz em me ver. Meu ego agradece. — O rosto de Logan se abriu em um grande sorriso.

— Não. Quer dizer, sim, estou feliz em vê-lo, mas não é por isso que estou sorrindo.

Um vinco se formou em seu rosto.

— Estou confuso. Eu pensei...

Agarrei seu braço, arrastei-o para dentro e estalei meus lábios nos dele. Eu lhe dei um beijo rápido e ousado. Então, afastei-me. Seu rosnado baixo de irritação por eu ter interrompido o beijo enviou um pico de desejo através de mim.

— Hum, isso foi bom.

Logan me deu um sorriso confuso.

— Não sei o que deu em você... mas eu estou gostando.

— Estou indo! Tenho mais mensagens para entregar! Oi, Logan. Tchau, Logan. — Poe passou voando por nós e saiu pela porta da frente. Com uma batida forte de suas asas, o corvo subiu no ar e desapareceu no quarteirão.

— Poe voltou? — perguntou o nascido-anjo com seus lábios vermelhos.

— Não, ele estava aqui apenas para entregar uma mensagem.

O rosto de Logan endureceu.

— Não me diga que a Corte das Bruxas Sombrias está querendo que você volte a trabalhar para eles. — Ele soltou um suspiro. — Posso falar com eles se quiser. Deixar tudo bem claro, de uma vez por todas.

Ele ficava tão gato quando queria lutar minhas batalhas por mim. Contudo, eu poderia lidar com meus próprios problemas.

Balancei minha cabeça e empurrei a porta da frente com o quadril, fechando-a.

— Minha tia me mandou uma mensagem.

— Evanora — disse o nascido-anjo.

— Sim. Bem — respirei fundo e continuei —, ela me deixou sua loja. É minha. Toda minha.

— Sério? — Um sorriso pairou sobre suas feições. Seu olhar ficou mais intenso. — Isso é ótimo. Lembro que disse que queria abrir uma loja como a dela um dia. Estou feliz por você.

O fato de que o cara realmente tinha *prestado atenção* no que eu dizia o tornou um zilhão de vezes mais tentador, ou seja, basicamente, irresistível.

Senti que eu estava prestes a fazer algo ousado.

Observei como ele mudou seu peso, seu corpo forte e atlético, seus ombros largos e aquelas coxas musculosas escondidas atrás de um par de *jeans* justos se movendo deliciosamente. O nascido-anjo me pegou olhando, e um sorriso satisfeito apareceu em seu rosto. Ele sabia que eu gostava do que via.

— O que foi? — perguntei, o calor correndo para o meu rosto.

O resto das minhas palavras foram cortadas quando Logan me puxou em sua direção. Braços fortes envolveram minha cintura e a parte inferior das costas. Respirei profundamente, sentido o aroma de couro, de sabonete e de almíscar masculino relaxando meu corpo contra o dele.

— Você é independente agora — disse ele com sua voz profunda e rouca.

— Eu sou.

Deus, isso era incrível. Eu era independente de verdade. Não precisaria mais me preocupar com dinheiro ou como colocar comida na mesa, pois tinha um negócio. Ainda assim, possuir uma loja significava que eu teria uma pilha de outras preocupações. Contudo, nada tiraria essa sensação de liberdade, porque, de certa forma, era exatamente isso.

Eu estava finalmente livre.

A expressão no seu rosto sugeria malícia.

— Acho isso incrivelmente sensual. Muito excitante — ele disse, a riqueza de sua voz no meu ouvido me enviando arrepios.

Meu sorriso cresceu. Eu o abracei, não querendo soltá-lo. Nunca mais.

Embora eu estivesse em meus vinte e poucos anos, sentia-me mais como uma bruxa de meia-idade. Bem, pelo menos, meu corpo se sentia assim. Eu estava cansada, mas pronta para uma nova aventura... uma que não tivesse a ver com salvar o mundo.

Eu precisava de uma mudança. E, agora, tinha uma.

Era quase como se minha tia soubesse; como se tivesse sentido que eu estava desesperada por uma nova aventura em minha vida. Em sua mensagem, a bruxa escrevera que estava cedendo a loja para mim porque *ela* precisava de uma mudança, mas eu tinha a sensação de que tinha sido tudo por mim.

*Obrigada, tia Evanora.*

Afastei-me do nosso abraço e entrelacei meus dedos com os dele. Seu aperto era quente e as pontas dos dedos eram ligeiramente ásperas, as mãos

de um guerreiro. Ele respirava devagar, seus olhos passeando pelo meu rosto.

— Temos a casa só para nós — eu disse. — Faris saiu com Cassandra e meu avô saiu com Charlotte.

— Estou gostando disso — respondeu o nascido-anjo. Seu sorriso diminuiu e ele apertou meus dedos levemente.

— Estou com vontade de comemorar, sabe? Comemorar um novo começo. Uma nova aventura.

— Estou aqui — disse Logan. — O que você quiser, estou nessa com você.

Ele se inclinou para frente e seus lábios encontraram os meus, ofertando tanto uma promessa quanto um desejo enquanto enviava deliciosos arrepios por todo o meu corpo.

O nascido-anjo interrompeu o beijo, nossas mãos ainda conectadas, e sorriu para mim.

— Sou todo seu.

Apertei suas mãos.

— Homem esperto. Se você tivesse dito algo diferente... eu teria que o enfeitiçar — avisei, fazendo-o rir.

Ele me amava. Eu simplesmente sabia.

Era hora de começar minha nova vida; uma como dona de uma loja; uma vida ao lado de Logan.

Pela primeira vez, me senti contente, completa.

Manda ver, vida. Estou pronta.



**Uma caçadora com um segredo. Uma série de mortes misteriosas. E um gato familiar siamês desbocado. O que mais poderia dar errado?**

Meu nome é Rowyn Sinclair e sou uma caçadora. Eu sou a melhor no que eu faço, e o que eu faço não é muito agradável. Eles me convocam se um demônio passa para o nosso lado do Véu, ou se um lobisomem se tornar selvagem e mata um inocente.

Nem tudo são flores, e o pagamento geralmente é uma porcaria. Mas eu faço o que for preciso para encher minha barriga e colocar um teto sobre minha cabeça. Quando o Conselho, o grupo de anjos que me rejeitou anos atrás, me oferece um emprego, não tenho escolha a não ser aceitar.

Tudo teria ido bem se o Conselho não tivesse me forçado a trabalhar no caso com Jax — o anjo guerreiro misterioso e diabolicamente atraente.

Mas algo não cheira bem. Literalmente. Quanto mais fundo eu cavo, pior fica. Afinal, esses assassinatos não são o que parecem. São muito, muito piores...

MAIS LIVROS DE KIM RICHARDSON

SOMBRA E LUZ

[Caçada Sombria](#)

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada, Livro # 1](#)

[Elemental, Livro # 2](#)

[Horizonte, Livro # 3](#)

[Submundo, Livro # 4](#)

[Seirs, Livro # 5](#)

[Mortal, Livro # 6](#)

[Cefeiros, Livro # 7](#)

[Selos, Livro # 8](#)

REINOS DIVIDIDOS

[Donzela de Aço, Livro # 1](#)

Rainha das Bruxas, Livro # 2

Magia de Sangue, Livro # 3

## SOBRE A AUTORA

Kim Richardson é uma autora *bestseller* do *USA Today* e vencedora de prêmios com seus livros de fantasia, fantasia urbana e literatura juvenil. Ela mora no leste do Canadá com seu marido, dois cachorros e um gato idoso. Os livros de Kim estão disponíveis em edições físicas e traduções estão disponíveis em mais de sete idiomas.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

[www.kimrichardsonbooks.com](http://www.kimrichardsonbooks.com)

# Table of Contents

[Title page](#)

[Copyright](#)

[Contents](#)

[Title page](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Caçada Sombria](#)

[Mais Livros De Kim Richardson](#)

[Sobre A Autora](#)